



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
INSTITUTO DE HUMANIDADES, ARTES E CIÊNCIAS
PROGRAMA MULTIDISCIPLINAR DE PÓS-GRADUAÇÃO
EM CULTURA E SOCIEDADE**

DILA REIS MENDES

**O CHÃO E AS ÁGUAS
MEMÓRIAS DE UMA CIDADE SERTANEJA**



**SALVADOR
2020**



DILA REIS MENDES

O CHÃO E AS ÁGUAS
MEMÓRIAS DE UMA CIDADE SERTANEJA

Texto apresentado ao Programa Multidisciplinar de Pós-graduação em Cultura e Sociedade, Instituto de Humanidades, Artes e Ciências Professor Milton Santos, Universidade Federal da Bahia, como requisito para obtenção do grau de Mestre.

Orientador: Milton Araújo Moura

Coorientadora: Lídia Maria Pires Soares Cardel

Salvador

2020

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Universidade Federal da Bahia (UFBA)
Sistema Universitário de Bibliotecas (SIBI)
Biblioteca da Faculdade de Arquitetura (BIB/FAU)

M538

Reis Mendes, Dila.

O chão e as águas [manuscrito] : memórias de uma cidade sertaneja /
Dila Reis Mendes. – Salvador, 2020.

306 p. : il. ; 30 cm.

Cópia de computador (*printout(s)*).

Dissertação – Universidade Federal da Bahia, Instituto de Humanidades,
Artes e Ciências Professor Milton Santos, Programa Multidisciplinar de Pós-
Graduação em Cultura e Sociedade, Mestrado em Cultura e Sociedade. 2020.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Lídia Maria Pires Soares Cardel.

1. Memória coletiva - Canudos (BA). 2. História oral. 3. Canudos (BA) -
História. 4. Identidade social - Canudos (BA). I. Cardel, Lídia Maria Pires
Soares. II. Universidade Federal da Bahia. Instituto de Humanidades, Artes e
Ciências Professor Milton Santos. III. Título.

CDU: 94(813.8)



Ata da Reunião da Apresentação Oral da Dissertação de **DILA REIS MENDES**

Intitulada: “**O CHÃO E AS ÁGUAS: MEMÓRIAS DE UMA CIDADE SERTANEJA**”.

Aos 08 (oito) dias do mês de setembro de dois mil e vinte, por meio de webconferência, foi instalada a Banca Examinadora da Apresentação da dissertação intitulada: “**O CHÃO E AS ÁGUAS: MEMÓRIAS DE UMA CIDADE SERTANEJA**”. Após a abertura da sessão, foi composta a Banca Examinadora formada pelos professores: **Prof. Dr. Milton Araújo Moura** – Orientador - e pela examinadora externa: **Profa. Dra. Lídia Maria Pires Soares Cardel** e interno do Programa Multidisciplinar de Pós-Graduação em Cultura e Sociedade: **Prof. Dr. Leandro de Paula Santos**. Conforme o Regimento Interno do Programa Multidisciplinar de Pós-Graduação em Cultura e Sociedade foi dado o prazo de trinta minutos para que o/a mestrando/a fizesse a exposição do seu trabalho e trinta minutos para que os membros da Banca realizassem a arguição. Primeiro falou a avaliadora externa, **Profa. Dra. Lídia Maria Pires Soares Cardel**. Após a examinadora externa, fez suas arguições o **Prof. Dr. Leandro de Paula Santos**, avaliador interno. Depois que os membros da Banca falaram, foi dado um prazo de trinta minutos para que o/a mestrando/a fizesse a sua réplica. Concluída a exposição, arguição e réplica, a Banca Examinadora se reuniu e considerou a Dissertação de **DILA REIS MENDES** como APROVADA. Nada mais havendo a tratar, eu, **Prof. Dr. Milton Araújo Moura** – Orientador lavrei a presente ata que será por mim assinada, pelos demais membros da Banca e pela Mestranda. Salvador, 08 de setembro de 2020.

Prof. Dr. Milton Araújo Moura

Profa. Dra. Lídia Maria Pires Soares Cardel

Prof. Dr. Leandro de Paula Santos

Mestranda **DILA REIS MENDES**



A Francisco Albeci Mendes,
meu pai.
Por me ensinar os caminhos para o sertão
e para as águas.

AGRADECIMENTOS

Eu queria agradecer
De um jeito diferente
Inspirada na escrita
De um povo tão valente
Que tanto me ensinou
E que também inspirou
Esse texto irreverente.

Eu nem sei se é permitido
Agradecer desse jeito
Então eu peço licença
E convoco o meu direito
De trazer com liberdade
E com menos formalidade
Aquilo que mora no peito.

É de praxe começar
Agradecendo a família
Então não posso deixar
De dizer a tia Emília
Que tudo que hoje tenho
Foi por todo o seu empenho
De me tomar como filha

Minha mãe vem logo ao lado
Deste agradecimento
Mulher forte e valente
Me ensinou o seu talento
De se refazer na vida
E de transformar ferida
Em amadurecimento.

Tem também uma pessoa
De quem preciso falar
Ania Reis, o nome dela
Uma prima singular
Que me inspira todo dia
E domina com maestria
A arte de analisar.

Também preciso falar
Sobre um ser especial
Pois há pouca coisa mais forte
Que o amor de um animal
Julieta, minha querida
Nossa triste despedida
Não foi um ponto final.

Agradeço, então, a todos
Da minha família amada
Ilma, Maíra e Ildo
São partes da minha estrada
Que agora cresce um pouquinho
Com a chegada de um sobrinho
Pra alegrar minha jornada.

Mas família também é feita
Das pessoas que escolhemos
Para construir a vida
Com todo o amor que temos
Minha companheira Maria
É afeto e poesia
No caminho que tecemos.

Obrigada pelo apoio
Sempre firme e consistente
É até difícil achar
Palavra que represente
Toda a minha gratidão
Pois que fique a vastidão
Desse belo amor valente

E a família não se encerra
Em mera biologia
Ela é feita de afeto,
Escolha e sabedoria
Por isso, Família Castro
Obrigada por ser meu lastro
Sem vocês, eu nada seria.

Os Castro ainda me deram
Um presente inestimável
Tiago, meu grande amigo,
Você é incomparável!
Sempre está de prontidão
Em qualquer situação
Desta vida incansável.

Na verdade, eu tenho é sorte
Por tão lindas amizades
Pessoas que lutam comigo
Contra as adversidades
Dos novos aos mais antigos,
Obrigada, meus amigos!
Por tantas afinidades.

Edilvan, Mandy e Ygor,
Rafael, Bernas e Amanda.
Amigos muito queridos
Que deixam a vida branda
Por buscarem sempre cuidar
E também acompanhar
Os passos dessa mestranda!

Tem também uma amiga
Que tanto me ajudou
Julia Cruz, o nome dela
Muita coisa me mostrou
Sempre leve e cuidadosa,
Alegre e meticulosa
Até norma me ensinou!

Helena é outra pessoa
Que não pode faltar aqui
Deixou saudade no peito
Quando partiu pra Madri
Mas onde quer que estejamos
Com frequência partilhamos
Histórias de lá e daqui.

O amigo Henrique Cartaxo
Não posso deixar de citar
Amigo dos mais antigos
Cineasta espetacular
De pronto me ajudou
E um lindo vídeo montou
Pra que eu pudesse mostrar

A cidade de Canudos
Pra toda a academia
Mas eu, na verdade, espero
Que essa parte da Bahia
Se espalhe pra outros lugares
Emocionando os olhares
Com sua força e poesia.

Muito obrigada, Canudos
Por todo o acolhimento
Toda a gente dessa terra
Me acolheu sem julgamento
Me contaram suas histórias,
Partilharam as memórias
De coragem e enfrentamento.

Agradeço, primeiramente
Ao amigo João Batista
Pessoa de muita coragem
Um grande conselheirista!
Me mostrou toda a cidade
Com responsabilidade
Um verdadeiro ativista!

E claro, não posso esquecer
De um amigo precioso
Zé Américo é seu nome
Um poeta talentoso!
Ele escreve com beleza
Fala firme e com leveza
De seu povo generoso

Tem também Dalila Mouta
Amiga do coração

Me abriu a sua casa
E me mostrou o sertão
Obrigada, minha querida
Pois saiba que nessa vida
Terei sempre gratidão!

Eu também quero falar
Da minha psicanalista
Que me guia há tantos anos
Num trabalho escafandrista
De entender o inconsciente
Na corrente e na nascente
Clareando a minha vista.

Sigo, assim, com mais coragem
Junto do fundamental
A escuta é um exercício
Com muito potencial
Olga, muito obrigada!
As vitórias dessa estrada
São suas, também, afinal.

É claro que vou falar
Da minha orientadora
Lídia, minha querida
Você é inspiradora!
Com tamanha competência,
Doçura e inteligência
Foi uma grande mentora!

Os membros da minha banca
Também foram essenciais
Expuseram com leveza
Conceitos primordiais

Com cuidado e simpatia
Coisas que na academia
Não são tão habituais.

Muito obrigada, Milton,
Pelo aceite cordial
Obrigada, Elyane,
Pela base crucial
Leandro, tenha a certeza
Que a sua delicadeza
É coisa fundamental!

Por fim, não posso esquecer
Da minha grande inspiração
Do homem que me ensinou
Sobre as águas e o sertão
Sempre ouço, em cada trilha,
“Toca o barco, minha filha!”
Meu pai, meu mar, meu chão.

Agora, deitada de novo nas traseiras da casa, eu volto a olhar essa estrela onde meu pai habita. Lá onde ele se inventa de estar com sua amada. E em meus olhos deixo aguar uma tristeza. A lágrima transgride a ordem paterna. Nesse desfoco, a estrela se converte e, barco e o céu se desdobra em mar. Me chega a voz de meu pai me ordenando que seque os olhos. Tarde de mais. Já a água é todas as águas e eu vou me deitando na capulana onde as primeiras mãos me seguraram a existência.

Mia Couto (2016, p. 34)



RESUMO

Este é um trabalho que se debruça sobre as memórias dos habitantes de Canudos, no sertão da Bahia, e busca entender de que modo eles se relacionam com os eventos da inundação e do afloramento das ruínas da cidade. A pesquisa partiu da hipótese de que os tecidos urbanos inundados, quando reaparecem, provocam memórias, afetos, lembranças e, diante disso, se propôs a investigar e observar os inúmeros caminhos que se abrem a partir desse transbordar. Trata-se de uma investigação multidisciplinar, que primeiro explicita alguns caminhos pelos quais navegam as memórias (pelos caminhos individuais, sociais e psicanalíticos; pelos espaços e pelas vozes); depois apresenta a cidade de Canudos, palco deste estudo, considerando a sua polifonia e sua relevância histórica; e, por fim, revela as memórias dos canudenses entrevistados, reforçando a importância da oralidade, dos processos de identificação e, sobretudo, da escuta e observação aos caminhos percorridos.

Palavras-chave: Memória. Sertão. Cidades inundadas. Canudos. Oralidade.

ABSTRACT

The present work focuses on the memories of the inhabitants of Canudos, in Bahia's Sertão, and seeks to understand their relationship to the town's flooding and the reappearance of its ruins. The starting point of the research was the hypothesis that when the town's previously flooded urban fabric reappears, it triggers memories, affections, and recollections. In view of that, this research set out to investigate and observe the innumerable paths that are brought to the surface by the overflowing waters. This is a multidisciplinary investigation, which first lays out some of the paths through which memories navigate (i.e., through individual, social and psychoanalytical paths; through spaces and voices); then, it presents the city of Canudos, the locus of the study, considering its polyphony and its historical relevance; and, finally, it reveals the memories of the canudenses (citizens of Canudos) interviewed in the course of this work, reinforcing the importance of orality, of identification processes and, above all, of listening and observing the paths taken.

Keywords: Memory. Sertão. Flooded cities. Canudos. Orality.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

| | | |
|------------------|---|-----|
| Figura 01 | Lembranças enevoadas | 33 |
| Figura 02 | <i>Plan Voisin</i> para Paris, 1925, por Le Corbusier | 55 |
| Figura 03 | Projeto para o Rio de Janeiro, por Le Corbusier, 1929 | 55 |
| Figura 04 | Isto é o sertão..... | 67 |
| Figura 05 | Conselheiro | 82 |
| Mapa 01 | Localização de Canudos no Estado da Bahia | 97 |
| Figura 06 | A chegada do sertão..... | 98 |
| Figura 07 | Canudos | 98 |
| Figura 08 | Foto Pierre Verger ©Fundação Pierre Verger | 107 |
| Figura 09 | Foto Pierre Verger ©Fundação Pierre Verger | 108 |
| Figura 10 | Foto Pierre Verger ©Fundação Pierre Verger | 109 |
| Figura 11 | Foto Pierre Verger ©Fundação Pierre Verger | 110 |
| Figura 12 | Parque Estadual..... | 114 |
| Figura 13 | Museu Histórico de Canudos | 114 |
| Figura 14 | Companhia Teatral de Canudos..... | 115 |
| Figura 15 | Chapada dos Equívocos | 115 |
| Figura 16 | O chão e as águas | 117 |
| Figura 17 | Trilha sertaneja..... | 119 |
| Figura 18 | Caminhos | 119 |
| Figura 19 | Explosão de águas..... | 122 |
| Figura 20 | Évem chuva..... | 122 |
| Figura 21 | Observar e imaginar..... | 127 |
| Figura 22 | O que dizem os caminhos?..... | 130 |
| Figura 23 | Abrir os olhos para o inusitado | 131 |
| Figura 24 | Texturas | 131 |
| Figura 25 | Ao rés do chão..... | 133 |
| Figura 26 | Tá vendo aquelas nuvens ali?..... | 133 |
| Figura 27 | Ruínas no chão | 135 |
| Figura 28 | Ruínas nas águas..... | 135 |

| | | |
|------------------|--|-----|
| Figura 29 | Depois da chuva..... | 138 |
| Figura 30 | Águas espelhadas do açude | 138 |
| Figura 31 | Resíduos de mundo | 142 |
| Figura 31 | Bricolagem..... | 142 |
| Figura 33 | Pela janela do DNOCS..... | 154 |
| Figura 34 | A inundação..... | 154 |
| Figura 35 | Cidade a florada | 160 |
| Figura 36 | Por do sol em Canudos..... | 167 |
| Figura 37 | Juazeiro, Juazeiro, me arresponda por favor..... | 167 |
| Figura 38 | Antônio..... | 172 |
| Figura 39 | Guardião da cidade | 172 |

LISTA TABELAS

| | | |
|------------------|---|-----|
| Tabela 01 | Consumos esperados e consumos observados — Açude Cocorobó, 2019–2020 | 146 |
|------------------|---|-----|

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

| | |
|--------|---|
| ANA | Agência Nacional de Águas |
| CHESF | Companhia Elétrica do São Francisco |
| DNOCS | Departamento Nacional de Obras Contra as Secas |
| EDUFBA | Editora da Universidade Federal da Bahia |
| FLICAN | Feira Literária de Canudos |
| IBGE | Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística |
| IFOCS | Inspetoria Federal de Obras Contra as Secas |
| IPMC | Instituto Popular Memorial de Canudos |
| UFBA | Universidade Federal da Bahia |
| UNEB | Universidade do Estado da Bahia |

SUMÁRIO

| | |
|--|------------|
| PRIMEIROS MERGULHOS | 20 |
| 1. INTRODUÇÃO | 26 |
| 2. POR ONDE NAVEGAM AS MEMÓRIAS | 34 |
| 2.1 PELO INDIVIDUAL, PELO SOCIAL, PELA PSICANÁLISE | 35 |
| 2.2 PELAS CIDADES | 48 |
| 2.3 PELAS VOZES..... | 61 |
| 3. CANUDOS | 68 |
| 3.1 CAMINHOS PRELIMINARES E APROFUNDAMENTOS | 69 |
| 3.2 ANTÔNIO CONSELHEIRO | 82 |
| 3.3 AS VÁRIAS CANUDOS..... | 97 |
| 4. O CHÃO E AS ÁGUAS | 118 |
| 4.1 OS CAMINHOS..... | 119 |
| 4.1.1 Trilhas Metodológicas..... | 119 |
| 4.1.2 Ao rés do chão..... | 133 |
| 4.2 A INUNDAÇÃO | 144 |
| 4.3 O AFLORAMENTO..... | 161 |
| 4.3.1 Identidade e processos de identificação | 162 |
| 4.3.2 O conselheirismo | 169 |
| 4.3.3 As ruínas | 179 |
| 4.3.4 Aquilo que não se apaga jamais | 186 |
| CONCLUSÃO | 192 |
| REFERÊNCIAS | 195 |
| APÊNDICE A - ENTREVISTA JOÃO BATISTA | 203 |
| APÊNDICE B - ENTREVISTA “L” | 212 |
| APÊNDICE C - ENTREVISTA “B” | 231 |
| APÊNDICE D - ENTREVISTA “J” | 236 |
| APÊNDICE E - ENTREVISTA “M” | 268 |
| APÊNDICE F - ENTREVISTA “D” | 272 |
| APÊNDICE G - ENTREVISTA “Z” | 285 |
| APÊNDICE H - ENTREVISTA “K” | 297 |



PRIMEIROS MERGULHOS

PRIMEIROS MERGULHOS

Fazer um mergulho no campo acadêmico não é uma tarefa fácil. E, para mim, não funciona fazê-lo de um modo puramente pragmático. Durante o período letivo do mestrado, assisti a vários colegas falarem de seus projetos de pesquisa e, muitas vezes, a mesma pergunta me inquietou: “mas o que te move?” Senti falta de saber dos processos subjetivos, aqueles que ultrapassam as técnicas acadêmicas, os caminhos metodológicos e os fundamentos lógicos de cada projeto. É claro que tudo isso é substancial para o desenvolvimento bem-sucedido de uma pesquisa acadêmica que, inclusive, pode ser desenvolvida sem a estampa da subjetividade de seus autores.

Mas neste trabalho, a minha subjetividade é marca constante e assumida. A ordem íntima e afetiva que me move primordialmente promoveu um envolvimento profundo com o campo e seus sujeitos, o que me levou a uma escrita bastante pessoal, muitas vezes na primeira pessoa do singular, e me levou também a escrever os agradecimentos em forma de cordel, bem como a criar ilustrações¹ inspirada nas xilogravuras — elementos tão presentes e marcantes no campo que experimentei.

Escrever é, em muitas medidas, revelar-se. No fazer acadêmico, revelamo-nos também para o outro: para os professores, para os colegas, para a banca. Nesse processo, às vezes sem nem perceber, mergulhamos num inconsciente desconhecido, de costas para aquilo que nos olha e nos aponta possibilidades, como o fazem os psicanalistas. Geralmente, debaixo dessas águas, está o que nos move, nos mais variados níveis de profundidade. E é por esse mergulho que começo a minha escrita: por aquilo que me move primordialmente, e que encontrei submerso em minhas próprias águas.

O meu pai nasceu no sertão. Na década de 70, migrou do Ceará até a Bahia, para tornar-se pescador de águas salgadas. Desde muito pequena, aprendi com ele que o tempo não precisava ser contado em horas, e sim em águas — “Te encontro depois da maré baixa, filha”, ele me dizia. A imagem do sertão, portanto, nasceu em mim na

¹ Todas as ilustrações presentes na chamada das seções deste trabalho são de minha autoria.

própria figura de meu pai, assim: inundada de mar. Na medida em que fui crescendo, fui descobrindo outros referenciais de sertanidade, revelados essencialmente na ausência de água, no solo craquelado, nos esqueletos de animais entre cactos, na pobreza, na brutalidade; e aquele sertão-mar desenhado na minha infância ganhou outras figurações.

Mas antes de me aprofundar na relação entre as águas e os sertões, trago um outro caminho que se une a esses elementos: a minha formação na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, aonde entrei me imaginando arquiteta e saí me descobrindo urbanista. Apesar das incalculáveis possibilidades criativas que o projeto de uma edificação abarca, fui mais atraída pela organização urbana que o ultrapassa. Nessa trajetória, trabalhei alguns anos, ainda na graduação, com pesquisas sobre urbanismo contemporâneo, apreensão das cidades e, já formada, pude experimentar a parte prática da profissão ao trabalhar com projetos urbanísticos em zonas de fragilidade social.

E assim, ao vislumbrar o esboço de uma pesquisa acadêmica, me percebi imersa em três grandes elementos, alicerces da minha subjetividade: o sertão, as águas e as cidades. Ao unir esses três elementos, cheguei num primeiro desenho da minha pesquisa — o estudo das cidades inundadas por barragens no sertão. Com esse horizonte à frente, se iniciou o processo de aprofundamento e de delineamento da pesquisa, desde a busca de discussões pertinentes para o campo acadêmico até a escolha de um recorte que coubesse no tempo de um mestrado.

Comecei, então, as investigações sobre as tantas cidades que desapareceram debaixo de águas represadas. Na primeira versão do meu projeto de pesquisa, propus estudar duas delas, uma no Ceará e outra na Bahia², movida pela subjetividade de estabelecer uma aproximação com os caminhos migratórios do meu pai. Mas, diante do curto tempo de execução de um mestrado, foi preciso recortar um pouco mais e, nesse processo, a minha orientadora me propôs: “Porque não Canudos?”. Eu havia lido *Os Sertões*, de Euclides da Cunha, dois anos antes de ingressar no mestrado e havia,

² Primeiramente, pensei em estudar a cidade de Jaguaribara, no Ceará, inundada pelo Açude Castanhão em 1995, e também as cidades de Casa Nova, Remanso, Pilão Arcado e Sento Sé, na Bahia, submersas pela Barragem de Sobradinho em 1970.

também, pesquisado um pouco sobre a inundação da cidade pelo açude Cocorobó no final da década de 60.

A obra clássica de Euclides da Cunha certamente despertou meu interesse e curiosidade pela história de Canudos mas, ao mesmo tempo, me causou algum estranhamento diante do determinismo e positivismo presentes ao longo da narrativa. Além disso, a vastidão de produções (livros, filmes, documentários, artigos, teses, dissertações, etc.) sobre a cidade e sua história me provocou alguma hesitação, pois tanto já foi dito sobre o assunto, e sob tantas perspectivas, que eu não sabia nem por onde começar. No entanto, abracei a proposta e, devagar, fui mergulhando nas pesquisas: li artigos, retomei as notas que escrevi nas margens do meu exemplar de *Os Sertões*, assisti a documentários, entre outras investigações.

Essa fase de aprofundamentos, dúvidas e definições sobre a minha pesquisa aconteceu no segundo semestre de 2018, momento político extremamente difícil e delicado no Brasil, marcado pelo crescimento do conservadorismo, discursos de ódio e o consequente adoecimento de uma parte da população — e me incluo nessa estatística — frente a uma campanha eleitoral bastante desoladora. Nesse cenário devastador, Canudos se afirmou para mim enquanto símbolo de luta e resistência a uma ordem vigente que quis impor a sua verdade à base de balas de canhão. Ao me dar conta disso, já não tive mais dúvidas: essa cidade seria um palco significativo para os estudos sobre afloramentos que eu pretendia fazer.

Então, da junção de um sertão que me acompanha desde a infância, de um urbanismo que se construiu na minha trajetória profissional e acadêmica e de um encantamento que foi crescendo com as pesquisas sobre Canudos e tudo o que essa cidade representa, nasceu esta pesquisa. Ao longo de seu desenvolvimento, aprofundei os estudos sobre a figura de Antônio Conselheiro, sobre a saga conselheirista, sobre a construção e evolução do arraial de Belo Monte³ e a sua destruição pelo exército brasileiro em 5 de outubro de 1897. Depois pesquisei sobre a reconstrução da cidade

³ Antônio Conselheiro atribuiu o nome de Belo Monte ao arraial que construiu; Canudos foi o nome dado pelos invasores (BOVO, 2007).

pelos sobreviventes da guerra e sobre o fato de que, algumas décadas depois, ela foi inundada pelas águas represadas do açude Cocoróbó em 1969⁴.

Nesse momento da pesquisa, retomei as investigações sobre as outras cidades sertanejas inundadas por barragens e me chamou a atenção o fato de que várias delas reaparecem, periodicamente, com as grandes secas. Percebi, também, uma quantidade notável de reportagens sobre esse evento e o quanto isso, aparentemente, mobilizava os antigos moradores das cidades inundadas. De acordo com muitas das matérias publicadas⁵, as pessoas costumavam visitar o local das ruínas, na tentativa de lembrar e identificar possíveis territórios afetivos: a igreja onde casaram, o campo onde jogaram bola, os alicerces da própria casa ou da casa dos vizinhos, as ruas por onde andaram⁶.

Diante disso, surgiu o seguinte questionamento: até que ponto as cidades inundadas deixam de existir? É certo que os tecidos urbanos submersos já não são habitados e que estão submetidos à deterioração pelo tempo e pelas águas e, ali, já não há mais espaço para algumas dinâmicas de uma cidade usual, como as relações de vizinhança, expansão territorial, evolução urbanística, etc. Mas, ao contrário da sua submersão — que é um processo político determinado pelas políticas públicas — o seu afloramento é algo que acontece à revelia de qualquer determinação. É quase como se essas cidades, num ato de resistência, gritassem: *ainda estou aqui*.

As hipóteses de que as cidades inundadas não se extinguem completamente e que as suas emersões provocam memórias e dialogam com os sujeitos ao seu redor foram um importante motor para esta pesquisa, pois mobilizaram as minhas

⁴ Diante do prenúncio da inundação pelas águas do açude no final da década de 60, alguns habitantes da segunda Canudos foram, aos poucos, se deslocando para um povoado chamado Cocoróbó, localizada a poucos quilômetros da cidade ameaçada. Somente em 1985, o povoado passou a se chamar Canudos, e assim o é até hoje.

⁵ Ao digitar “cidades inundadas no sertão” no mecanismo de pesquisa do Google, é possível encontrar inúmeras reportagens sobre várias cidades sertanejas inundadas por águas represadas.

⁶ No caso de Canudos, atualmente só é possível ver as ruínas da Segunda Igreja de Santo Antônio, construída pelos sobreviventes da Guerra. Há alguns anos atrás, já foi possível ver os alicerces da Igreja de Santo Antônio, erguida por Conselheiro e seus seguidores e também o muro do cemitério da segunda Canudos.

buscas, as minhas investigações e me fizeram caminhar em direção a uma cidade sertaneja potente. Essa caminhada promoveu encontros com o outro e com as minhas próprias subjetividades, abrindo espaço para descobrir as entrelinhas, as denúncias, o submerso, o controverso — elementos que se revelarão, como as cidades também o fazem, nas linhas a seguir.



1. INTRODUÇÃO

1. INTRODUÇÃO

Este é um trabalho sobre memória. Por um tempo, cheguei a pensar se tratar de um trabalho sobre cidades, sobre Canudos, sobre o sertão, ou mesmo sobre as águas, e embora esses elementos se façam marcantes e presentes no desenrolar destas linhas, o fio que os costura é, certamente, a memória. A começar pelas minhas: aquelas lembranças mais caras das histórias do meu pai sobre o mar e o sertão — e por isso frequentemente me coloco na primeira pessoa do singular nesta dissertação —, seguidas da memória dos sertanejos canudenses que se dispuseram a me contar as suas histórias e lembranças.

Esta dissertação, afinal, se propõe a **trabalhar com as memórias dos habitantes de Canudos, buscando compreender de que modo eles se relacionam com os eventos de inundação e afloramento das ruínas da cidade, bem como perceber quais caminhos se abrem a partir dessas lembranças.** Para tanto, trabalhamos aqui com as noções de **memória, cidade, oralidade e identidade**, evidenciando os aspectos objetivos, subjetivos e simbólicos que transbordam desses termos; e apresentamos a história de Canudos, visto que isso se configura enquanto contextualização importante para o entendimento mais amplo das memórias e dos relatos de seus habitantes. A memória, aliás, mais que um fio, é uma trama complexa, entremeada pelos fios da história, do tempo, da linguagem e dos espaços, que serão desenlaçados nos parágrafos seguintes.

A **primeira seção** deste trabalho, intitulada “**Por onde navegam as memórias**”, se propõe, portanto, a acompanhar o movimento das memórias pelos sujeitos, pelos espaços e pelas vozes que ecoam de ambos. Na primeira parte, discutimos as dimensões individuais, sociais e psicanalíticas da memória, a fim de entender sua relação com os sujeitos e os grupos sociais nos quais eles estão inseridos. Para tanto, apresentamos a discussão clássica dos pensamentos sobre a memória articulada pelo filósofo francês Henri Bergson (1999) e pelo seu ex-aluno, o sociólogo Maurice Halbwachs (1990); acrescida das perspectivas de Sigmund Freud, contemporâneo de Bergson e Halbwachs, e que também trouxe contribuições essenciais e inovadoras para o debate em questão.

Passo pelo debate entre Bergson (1999) e Halbwachs (1990) com certa brevidade, destacando dois trabalhos que já o aprofunda com maestria, são eles: a obra, também clássica, *Memória e sociedade: lembrança de velhos*, da psicóloga Eclea Bosi (1979); e o livro de Fernanda Vidal (2015)⁷, intitulado *Saudades sim, tristeza não: psicologia, memória social e deslocamentos forçados*. O diálogo entre Bergson (1999) e Halbwachs (1990) é costurado não só pelas contribuições de Bosi (1979) e Vidal (2015), mas também por apontamentos da perspectiva psicanalítica.

Paciente de divã há mais de 13 anos, o espaço que o olhar psicanalítico ganhou neste trabalho aconteceu quase à revelia da minha vontade, quase como se tivesse um corpo próprio a reclamar um lugar nestas linhas. Este trabalho, afinal, nasce primeiramente de mim, das minhas subjetividades, da elaboração dos meus lutos, do encontro com as minhas próprias memórias. Faz sentido, portanto, abrir espaço para o que primeiro aflora em mim, para que seja possível observar o que aflora no outro. A psicanálise nos lembra que aquilo que esquecemos não permanece apagado e inócuo, e que a fala é um meio de simbolização e ressignificação de um passado que tem efeitos significativos e sintomáticos sobre o presente.

Já na segunda parte, entramos com a discussão sobre memória e espaço ou, mais notadamente, memória e cidade. Não fosse a minha afinidade pessoal e profissional com o campo do urbanismo, talvez nem tivesse notado a questão das cidades inundadas no cenário sertanejo — talvez meu olhar tivesse se voltado para outras demandas. Mas, uma vez debruçada sobre a questão urbana, percebi a relevância de propor uma discussão sobre o modo como as memórias se processam no espaço das cidades. Essa discussão é costurada pelo texto do filósofo Paul Ricoeur (2016, p. 20–21, tradução nossa) intitulado *Arquitetura e narrativa* (tradução nossa)⁸, no qual o autor discorre sobre as noções de tempo, narrativa, espaço e memória, entrelaçando a “espacialidade da narrativa e a temporalidade do fazer arquitetônico [...]”.

⁷ O livro publicado pela Edufba é fruto de sua dissertação de mestrado, defendida em 2012 no Programa de Pós Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal da Bahia.

⁸ No original: *Architecture et narrativité*.

Nesse debate, avançamos para a apreensão dos sentidos e dos significados que atribuímos aos espaços e às cidades, e também para a atenção aos rastros visíveis (da ordem da materialidade) e invisíveis (da ordem da memória) que transbordam da relação sujeito-cidade. Esses rastros resistem aos apagamentos e às inundações por meio, justamente, da memória e da narrativa, o que nos leva para a terceira e última parte dessa seção, aquela que trata da relação da memória com as vozes e narrativas dos sujeitos que lembram, bem como da relação desses sujeitos com aqueles que os escutam.

Ao tratarmos das teorizações sobre memória, pode-se perceber que muitas vezes se faz presente a voz — quando lembramos de algo, ocasionalmente o contamos ou relatamos a alguém. E sobre o encontro entre o sujeito que lembra (narrador) e o sujeito que escuta se debruça essa seção secundária, desenvolvida a partir de um diálogo com o linguista e estudioso dos fenômenos da voz Paul Zumthor (2005, 2007), com o ensaio *O narrador* do filósofo Walter Benjamin (1994) e a obra cinematográfica brasileira *Narradores de Javé* (2003) dirigida por Eliane Caffé, que trata de uma cidade no sertão baiano em vias de ser inundada por uma barragem.

E assim fechamos a discussão teórica sobre memória a partir dessas três grandes frentes: as dimensões individuais, sociais e psicanalíticas da memória; a relação da memória com os espaços e as cidades e a relação da memória com a expressão narrativa e a voz. São frentes importantes para o desenvolvimento e compreensão desta pesquisa, que trabalha essencialmente com a memória dos habitantes de Canudos a partir do evento da inundação e do afloramento de suas ruínas.

A **segunda seção** se chama, portanto, “**Canudos**”. Trabalhar com essa cidade é um mergulho profundo, que parece infinito — e talvez seja mesmo. Canudos é uma cidade gigante. Ou melhor, Canudos é uma cidade de gigantes. Foi preciso tempo e dedicação para conseguir fazê-la caber em uma dissertação sem se perder completamente em sua giganteza. Essa foi a seção apresentada na qualificação pois, uma vez que decidi trabalhar com essa cidade, demorei para conseguir deslocá-la do lugar de protagonismo para o lugar de horizonte — no fim das contas, demorei para perceber que o meu trabalho não era sobre Canudos, e sim sobre memória.

Mas não foi possível trabalhar com uma cidade com a bagagem histórica e simbólica de Canudos e não lhe dedicar uma contextualização significativa. Até porque a história e as lutas dessa cidade seguem marcando significativamente a memória e a identidade de seus habitantes — os sujeitos a quem dediquei a minha escuta. Essa seção, portanto, se evidencia como uma base importante para a apresentação e debate dos relatos orais, apresentados na seção seguinte. Há uma extensa produção narrativa sobre Canudos e, à vista disso, não pretendo fazer aqui um trabalho meramente catalográfico, dissociado do meu olhar e experiência sobre o lugar. Tampouco procuro estabelecer um postulado sobre os acontecimentos que o circundam, mas sim abraçar e debater as narrativas diversas e, tantas vezes, contraditórias que compõem a história da cidade.

Para tanto, apresento Canudos nessa seção, primeiramente, a partir do entrelace de três narrativas distintas e caras ao modo como a cidade e sua história afloraram em mim: a literatura de Euclides da Cunha (2011) em *Os Sertões*, meu primeiro olhar mais profundo sobre Canudos, um olhar inclusive despretenso, que se deu muito antes de supô-la como um possível sujeito de estudo; a cinematografia de Antônio Olavo, no seu documentário *Paixão e Guerra no Sertão de Canudos* (1993), que me foi apresentado já num momento crucial de recortes e definições desta pesquisa; e, por fim, o artigo científico de minha orientadora Lídia Cardel (2016), intitulado *Canudos: a “essência” do sertão baiano*, leitura sugerida também num momento de dúvidas e decisões importantes acerca da cidade a ser estudada.

Depois, na segunda parte da seção, apresento a história de Antônio Conselheiro, outro gigante. Não existe Canudos sem Antônio Conselheiro. Ele está nas estátuas, nos nomes das ruas, nos museus, na memória, na identidade do povo canudense, no movimento conselheirista. O conselheirismo não é somente uma marca identitária, mas também uma posição epistemológica: ao estudar Canudos, é preciso se posicionar em relação às matrizes discursivas euclidianas ou conselheiristas; a primeira baseada na narrativa de Euclides da Cunha em *Os Sertões* e a segunda fundada em uma

espécie de revisão da primeira, tendo como um dos grandes nomes o historiador José Calasans.⁹

Antônio Conselheiro, portanto, demandou um espaço nesta dissertação. A sua história é complexa, ambígua, multifacetada — assim como a história de Canudos, que será delineada na terceira e última parte dessa seção. Assim como a história do Conselheiro, a história de Canudos será apresentada seguindo uma linha cronológica — do arraial de Belo Monte, construído por Antônio e seus seguidores, depois a segunda Canudos, construída pelos sobreviventes da guerra e, enfim, a terceira e atual Canudos, constituída após a inundação da segunda — sempre costurada pelas três narrativas basilares do meu olhar sobre a cidade, apresentadas na primeira parte dessa seção.

A **terceira e última seção**, que levou o título da dissertação — “**O chão e as águas**” — fala dos caminhos, das buscas e dos encontros. Caminhei, afinal, pelo chão e pelas águas do sertão, em busca, primeiramente, de uma cidade inundada, e o que encontrei transbordou as minhas hipóteses iniciais e ampliou os meus horizontes. A primeira parte dessa seção fala, então, dos próprios caminhos, das trilhas metodológicas. Pode parecer estranho apresentar a metodologia na última seção, mas ela de fato foi se desenhando de modo confuso ao longo do desenvolvimento da pesquisa e só ganhou contornos mais nítidos depois do meu último campo.

Achei, portanto, que sobre essa questão cabia uma explanação mais detalhada e apresentada a posteriori, consoante com o meu próprio processo de investigação. Apresento, na primeira parte dessa seção, a importância do caminhar, do intuir, do imaginar e do observar em diálogo com as teorias do antropólogo britânico Tim Ingold (2012, 2015, 2016, 2017), essenciais para uma compreensão mais ampla dos processos metodológicos coincidentes com a minha pesquisa.

Em seguida, apresento com mais detalhes os próprios caminhos: a descrição das três viagens de campo que compuseram o desenvolvimento e as investigações deste trabalho: a primeira em dezembro de 2018, a segunda em maio de 2019 e a terceira

⁹ O debate entre as narrativas euclidianas e conselheiristas é extenso e complexo, e não é objetivo deste trabalho se debruçar sobre ele. Para aprofundá-lo, ver FREITAS (2016).

e última em novembro/dezembro de 2019. É possível perceber, por meio dessas descrições, a evolução das decisões metodológicas desde os primeiros movimentos mais erráticos até as definições, realização e processamento das entrevistas.

Ingold (2012, 2015, 2016, 2017) se fez essencial para a compreensão dos processos metodológicos, pois com ele aprendi e validei a importância de olhar para além das cidades inundadas, além do próprio caminho e de deixar entrar o inusitado, as entrelinhas, aquilo que transborda. Nesse sentido, o antropólogo até dialoga com a afirmação de Michel de Certeau (1998), que diz:

A caminhada afirma, lança suspeita, arrisca, transgride, respeita etc., as trajetórias que ‘fala’. Todas as modalidades entram aí em jogo, mudando a cada passo, e repartidas em proporções, em sucessões, e com intensidades que variam conforme os momentos, os percursos, os caminhantes. Indefinida diversidade dessas operações enunciadoras. Não seria possível reduzi-las ao seu traçado gráfico. (CERTEAU, 1998, p. 179)

A citação de Michel de Certeau acima toca num ponto preciso que justifica a minha escolha de desenvolver este trabalho no campo da multidisciplinaridade: por muito tempo, a minha formação em arquitetura e urbanismo me conduziu ao desenvolvimento e à apreensão dos traçados gráficos — cartografias, planos, croquis, plantas baixas etc. Não pretendo aqui diminuir a sua importância, apenas pontuar que, nessa busca, a tradução gráfica não parecia contemplar os caminhos, as entrelinhas e os encontros que foram se desenhando nesta pesquisa.

Para entendê-los melhor, precisei da antropologia de Tim Ingold (2012, 2015, 2016, 2017), da poética de Italo Calvino (1990), da filosofia de Michel de Certeau (1998) e, sobretudo, da memória e das vozes dos canudenses que encontrei nessa caminhada. E com a junção dessas vozes com o meu olhar sobre o chão e as águas do sertão, eu encerro este trabalho, dividindo-o entre a **inundação** e o **afloramento** da cidade, eventos que mobilizaram a minha investigação desde o princípio de tudo.

A questão da inundação de Canudos primeiramente se desenhou enquanto questionamento sobre o quanto da cidade se perde embaixo d’água — no campo do urbanismo, a tendência é imaginar as cidades inundadas enquanto espaços que já não existem em suas dinâmicas territoriais e sociais, por exemplo. Nessa seção

secundária, trago, a partir da memória e dos relatos dos canudenses, as dimensões simbólicas desse tecido urbano inundado, os impactos causados pela construção do açude Cocorobó e os elementos — reais e simbólicos — que, inevitavelmente, foram afogados pelas águas do rio Vaza-Barris.

Todo tecido urbano, afinal, representa uma ideia. Ao ser queimado, bombardeado e inundado, fica claro que a intenção não é apenas destruir o espaço físico ou materialidade que lhe concerne, mas sim sepultar tudo aquilo que ele representa. Porém, não é possível apagar as ideias e as memórias. Por isso, partimos para a parte final deste trabalho, que cuidará justamente daquilo que não é possível inundar e que, real e simbolicamente, sobrevive ao tempo e às águas.

Descobri, ao investigar o afloramento das ruínas de Canudos, que há muita coisa que nem o fogo da guerra nem as águas do açude puderam apagar. E sobre isso me debruço, nas linhas finais deste trabalho, por meio dos relatos de pessoas potentes, que dizem tanto de si e do mundo. Com elas aprendi que as cidades, afinal, são muito mais do que a sua própria geografia e carregam em si complexidades, fragmentos, sociabilidades. São espaços às vezes atemporais, castelos de areia-e-pedra, que se constroem, destroem e reconstroem novamente, seja num território físico, seja nas memórias daqueles que as experimentam. E é dentro dessa poética e desse movimento que apreendi Canudos: uma cidade que segue se fazendo presente no seu transbordar.



2. POR ONDE NAVEGAM AS MEMÓRIAS

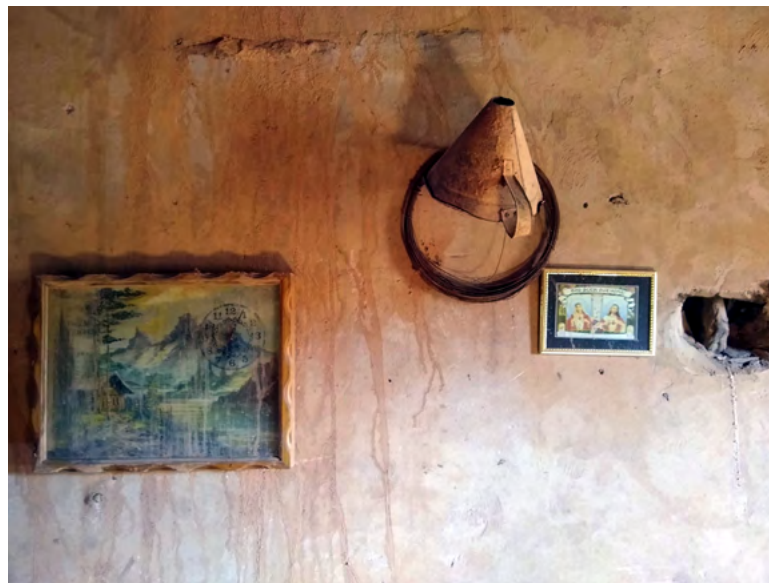
2. POR ONDE NAVEGAM AS MEMÓRIAS

A lembrança da vida da gente se guarda em trechos diversos, cada um com seu signo e sentimento, uns com os outros acho que nem não misturam. Contar seguido, alinhavado, só mesmo sendo as coisas de rasa importância. De cada vivimento que eu real tive, de alegria forte ou pesar, cada vez daquela hoje vejo que eu era como se fosse diferente pessoa.

Guimarães Rosa (1976, p. 77–78)

As memórias navegam por muitos campos. Essa seção se propõe a acompanhar essa navegação por três lugares essenciais para este trabalho: pelos sujeitos que lembram, pelos espaços que os rodeiam e pelas vozes que ecoam de ambos. Para tanto, apresentamos, primeiramente, uma discussão sobre as dimensões individuais, sociais e psicanalíticas nas quais trabalha a memória; em seguida partimos para compreender como a memória navega pelos espaços, com um olhar especial para as cidades, compreendendo-as como um dos lugares de referência das nossas lembranças. Por fim, concluímos a seção demarcando a presença da voz e da narrativa como meios fundamentais pelos quais, muitas vezes, registramos e demarcamos nossas memórias no mundo.

Figura 01 — Lembranças enevoadas



Fotografia: Dila Reis, 2019

2.1 PELO INDIVIDUAL, PELO SOCIAL, PELA PSICANÁLISE

Aprofundar as noções sobre memória é essencial para compreender os processos de ação e subjetivação que compõem a trajetória daqueles que, direta ou indiretamente¹⁰, participaram do naufrágio da cidade de Canudos. Escutar as lembranças e as vozes desses sujeitos é uma maneira de contemplar uma porção de passado submerso em águas ora profundas, ora rasas, e também de perceber as dimensões individuais, coletivas e subjetivas nas quais trabalha a própria memória.

Curiosamente, o verbo *lembrar-se* em francês é *se souvenir* ou, buscando a sua etimologia, *sous-venir*, que carrega a ideia do movimento “vir de baixo”, vir à tona o que estava submerso (BOSI, 1979) e, diante disso, não pude deixar de notar a analogia quase poética com as próprias cidades submersas, reveladas e submergidas pelo conjunto seca-águas.

Pela memória, o passado não só vem à tona das águas presentes, misturando-se com as percepções imediatas, como também empurra, “desloca” estas últimas, ocupando o espaço todo da consciência. A memória aparece como força subjetiva ao mesmo tempo profunda e ativa, latente e penetrante, oculta e invasora. (BOSI, 1979, p. 9).

Ainda que, na perspectiva psicanalítica, a consciência não se configure como um “espaço todo” passível de ser ocupado por algo¹¹, dentro de uma perspectiva poética, o passado, simbolizado pelas ruínas submersas, habita um lugar quase oculto, fora do nosso campo visual e perceptivo, e move-se do fundo das águas que o encobre até misturar-se com as “águas presentes” retratadas acima por Bosi (1979), revelando-se nessa espécie de dança espaço-temporal. E precisamente nesse ponto reside uma contribuição importante de Henri Bergson (1999) para o desenvolvimento deste trabalho: o entendimento das “relações entre a conservação do passado e a sua articulação com o presente, a confluência de memória e percepção.” (BOSI, 1979, p. 12).

¹⁰ Aqui me refiro também às gerações posteriores — aqueles que escutaram e que hoje produzem narrativas sobre o processo de inundação da cidade.

¹¹ Abordaremos essa questão mais adiante.

Nas primeiras linhas de sua obra *Matéria e Memória: ensaios sobre a relação do corpo com o espírito*, publicada em 1896, o autor critica as perspectivas idealistas e realistas — ambas as teses “igualmente excessivas” (BERGSON, 1999, p. 1) — nas quais se centravam os debates sobre a matéria e o espírito, representados pela percepção e pela memória, respectivamente. Desse modo, ele traz grandes contribuições para os estudos da memória ao deslocar o caráter especulativo da percepção e tratá-lo como elemento ligado à ação e à dimensão corporal que a memória abraça.¹²

A partir de um aprofundamento teórico mais preciso entre memória e percepção, o filósofo Bergson (1999) propôs duas formas distintas (e conflitantes entre si) de conservação do passado e sua consequente atuação no presente. A primeira delas é ligada ao espírito e concerne às lembranças puras, autênticas — é o próprio ressurgimento do passado e “registraria, sob forma de *imagens lembranças*, todos os acontecimentos de nossa vida cotidiana à medida que se desenrolam; ela não negligenciaria nenhum detalhe; atribuiria a cada fato, a cada gesto, seu lugar e sua data.” (BERGSON, 1999, p. 88, grifo nosso). Já a segunda, trata de uma memória dos mecanismos motores, estreitamente ligada à ação, “uma espécie de hábito, produzido a partir da repetição [...]” (VIDAL, 2015, p. 51), entendida como *memória-hábito*. Sobre ela, Bergson nos diz:

A bem da verdade, ela já não nos representa nosso passado, ela o encena; e, se ela merece ainda o nome de memória, já não é porque conserve imagens antigas, mas porque prolonga seu efeito útil até o momento presente. (BERGSON, 1999, p. 89).

Até aqui, já é possível pontuar duas críticas essenciais sobre essa distinção entre *imagens-lembranças* e *memória-hábito* proposta por Bergson. A primeira delas, destacada por Vidal (2015) e apontada pelo também filósofo francês Paul Ricoeur (apud VIDAL, 2015), entende que o autor acaba por retomar o dualismo entre corpo e espírito que ele mesmo buscava superar. E a segunda, também proposta por Vidal (2015), diz respeito ao caráter problemático dessas classificações que se antagonizam

¹² Para uma discussão mais aprofundada acerca das teorias de Bergson (1999), ver BOSI (1979) e VIDAL (2015).

no tocante à ação e representação, transmitindo, assim, a ideia de que para lembrar, é preciso não agir.

Além da teorização sobre os tipos de memória e suas articulações com os tempos passado e presente, uma das abordagens fundamentais da teoria bergsoniana reside na contraposição aos esquemas mecanicistas sobre a memória, entendendo as lembranças como algo espontâneo e conservado no tempo e no espaço: “A lembrança espontânea é imediatamente perfeita; o tempo não poderá acrescentar nada à sua imagem sem desnaturá-la; ela conservará para a memória seu lugar e sua data.” (BERGSON, 1999, p. 91). E para explicar os processos dessa conservação, o filósofo francês vai trazer a noção de inconsciente, criticando o racionalismo da psicologia clássica, que desconsidera tudo aquilo que está fora da consciência.

Não se pode negar aquilo que não vemos: não é porque um objeto está fora do nosso campo de visão que ele não existe e, para Bergson, a matéria não percebida ou não imaginada se cria justamente no estado mental inconsciente — e aqui se encontra outra contribuição valiosa do filósofo para o desenvolvimento desta pesquisa. Vale destacar que essa contribuição não se sustenta na consonância com aquilo que ele nos traz, mas justamente na divergência com a ideia de uma função bruta e imaculada da percepção proposta por ele. Nesse ponto, nos aproximamos da teoria psicanalítica de Sigmund Freud que, diferente da teoria bergsoniana, não compreende a percepção como um “simples reflexo da realidade efetiva.” (GARCIA MENENDEZ, 2006, p. 26).

A noção de percepção encontra-se bastante fragmentada e por vezes contraditórias ao longo da obra de Freud. No entanto, assim como na obra de seu contemporâneo Bergson (1999), é possível perceber um enfrentamento aos debates filosóficos da época. No caso de Freud, suas primeiras concepções sobre a percepção são embebidas de um empirismo próprio das práticas clínicas que ele experienciava enquanto neurologista e, nesse contexto, o vínculo entre percepção e representação se apresenta de modo mais conservador em sua teoria, supondo a precedência de uma sobre a outra, ou mesmo uma oposição entre memória e percepção.¹³

¹³ Refiro-me aqui especialmente às obras *Sobre a Concepção das Afasias*, de 1891; *Projeto de uma psicologia científica*, de 1895 e *Carta 52 a Fliess*, de 1896 (COELHO JUNIOR, 1999).

Já a partir de 1900, nas obras *A Interpretação dos Sonhos* (1900) e *Suplemento Metapsicológico à Teoria dos Sonhos* (1917), Freud passa a reconhecer nas construções psíquicas a função do desejo (libido) e da fantasia enquanto moduladores do processo perceptivo, de modo a abalar a suposição de uma representação verdadeira da realidade. Ou seja, aquilo que evocamos na forma de lembrança — ou mesmo aquilo que esquecemos, mas que produz efeitos — passa a ser mediado pelo desejo e, portanto, deixa de ser um reflexo fiel daquilo que percebemos da realidade externa (COELHO JUNIOR, 1999).

Apesar das ambiguidades e fragmentações presentes ao longo das teorizações freudianas sobre a percepção¹⁴, pode-se dizer que ela não é concebida de modo imediato, intuitivo e objetivista, ou mesmo descritivo de uma função corporal, como propõe a teoria bergsoniana. Pelo contrário, ela pode ser compreendida como um complexo processo de elaboração psíquica, no qual o inconsciente ocupa um lugar central. Enquanto para Bergson (1999) o inconsciente é representado por aquilo que não percebemos, ou seja, os objetos não captados pela consciência, para Freud esses conceitos (consciência/inconsciente) não se anulam e o inconsciente não se configura como um depósito, um adjetivo ou um fato mental individualizado, mas sim como uma espécie de instância inapreensível, com leis de funcionamento, ligado a um sistema de trocas simbólicas.

Em suma, das concepções bergsonianas, ressalto a integração da memória ao esquema perceptivo; o destaque da memória na sua relação com a consciência, bem como a própria noção de inconsciente, ainda que limitada; e o entendimento de que as representações e percepções são influenciadas por experiências pregressas. Entretanto, acredito que a perspectiva psicanalítica encabeçada por Freud se faz mais expressiva ao extrapolar a teoria das representações psíquicas, revelando novos horizontes nas noções sobre o inconsciente e questionando a própria realidade daquilo que lembramos e estabelecendo a dimensão da realidade psíquica do sujeito.

¹⁴ Para aprofundar sobre o desenvolvimento da noção de percepção ao longo da obra de Freud ver Coelho Junior (1999).

Numa discussão sobre memória, contudo, é preciso ir além da dimensão individual e acessar também a dimensão social que atua no processo de recordar, e assim o faz a teoria psicossocial do sociólogo francês da escola durkheimiana Maurice Halbwachs (1990). Ex-aluno de Bergson, Halbwachs compreende o indivíduo como um ente social e, portanto, diverge do seu professor ao defender que as lembranças não são apenas reflexos das imagens exteriores pois se misturam a outros homens e grupos que nos cercam (VIDAL, 2015). Ele, por sua vez, não irá se debruçar sobre a memória propriamente dita, mas sobre o que chamamos de “quadros sociais da memória”.

Para Halbwachs (1990), as lembranças não podem existir sem que seja considerada sua relação com o meio no qual vive o sujeito, ou seja, não existe uma memória puramente individual — somos seres sociais e nossa memória depende das relações sociais e afetivas que construímos com as pessoas ou grupos de referência nos quais estamos inseridos:

É difícil encontrar lembranças que nos levem a um momento em que nossas sensações fossem apenas o reflexo dos objetos exteriores, no qual não misturávamos nenhuma das imagens, nenhum dos pensamentos que nos prendiam aos homens e aos grupos que nos rodeavam. Se não nos recordamos de nossa primeira infância, é, com efeito, porque nossas impressões não se podem relacionar com esteio nenhum, enquanto não somos ainda um ente social. (HALBWACHS, 1990, p. 38).

Vale ressaltar que a atuação dos grupos de referência sobre os indivíduos não se dá apenas por meio de uma presença física, mas sim por um tipo de interação que inspira revisão de pensamentos e que fornece imagens para as próprias lembranças. Schmidt e Mahfoud (1993, p. 190) nos dirão que “O outro, através de seu depoimento, apoia, complementa, torna mais exato o trabalho da memória.” A lembrança, portanto, decorre de um processo coletivo, estabelecida dentro de uma comunidade afetiva com a qual o indivíduo se identifica, se reconhece e se reconstrói. Nesse panorama, Maurice Halbwachs (1990) elabora a sua teoria sobre a memória social, entendendo-a, segundo a socióloga Myrian Santos (2013, p. 57), não como “uma expressão do que aconteceu no passado, mas uma construção coletiva do passado, realizada pelos indivíduos de determinada coletividade.”

Halbwachs (1990) vai, então, categorizar dois tipos de memória aparentemente opostos entre si: a memória histórica¹⁵ e a memória coletiva. A primeira, muito mais ampla que a segunda, diz respeito ao imaginário social, aos grandes marcos e às referências sociais (as noções de tempo e de períodos históricos, por exemplo), que ocupam um lugar na memória da nação, mas que não são memórias pessoais, e sim “emprestadas”. Segundo o autor, trata-se de uma bagagem de lembranças históricas que podemos ampliar através da leitura ou mesmo na troca de conversas com o grupo social no qual estamos inseridos (HALBWACHS, 1990).

Já a segunda, a memória coletiva, se apoia na memória histórica — uma vez que toda história individual faz parte da história em geral — e se apresenta num quadro mais contínuo e delimitado pelo tempo da vida do indivíduo. Ela está intimamente relacionada ao grupo de referência que nos cerca e que é responsável por influenciar a construção de tudo o que lembramos. Ao comparar as duas memórias, o autor vai nos dizer que

A memória coletiva, ao contrário [da memória histórica], é o grupo visto de dentro, e durante um período que não ultrapassa a duração média da vida humana, que lhe é, frequentemente, bem inferior. Ela apresenta ao grupo um quadro de si mesmo que, sem dúvida, se desenrola no tempo, já que se trata de seu passado, mas de tal maneira que ele se reconhece dentro dessas imagens sucessivas. (HALBWACHS, 1990, p. 88).

É possível ver com clareza na história de Canudos a imagem descrita acima pelo sociólogo francês. As narrativas sobre a Guerra de Canudos são contadas e recontadas até hoje pelos moradores da cidade (mais de 100 anos depois) com um vigor e emoção quase estranhos ao fato de se tratar de narradores que não vivenciaram a guerra em si. Cada indivíduo que reconta os fatos passados o faz dentro de uma linearidade que pode ser comum a todos (e própria da memória histórica), transbordando em cada narrativa vestígios de sua subjetividade e de sua história, mas sem perder de vista a referência do grupo. Evidencia-se, portanto, esse reconhecimento nas imagens

¹⁵ O autor irá se referir muitas vezes à “memória histórica” como “história” e dirá que a primeira expressão “não foi escolhida com muita felicidade, pois associa dois termos que se opõem em mais de um ponto.” (HALBWACHS, 1990, p. 80).

sucessivas, referido por Maurice Halbwachs (1990), fato que reforça tanto a formação de um imaginário coletivo quanto a construção da identidade do próprio grupo.

No fim das contas, Augustin e Augustin (2012, p. 121) sintetizam que, para Halbwachs, “a memória fundamenta-se no passado vivido e não no passado apreendido a partir da história escrita.” e, nesse sentido, a memória coletiva ocupa um lugar essencial nos processos históricos, pois quando os grupos sociais redefinem e reinventam o passado através das narrativas, acabam por salvaguardar alguns acontecimentos que poderiam se perder no decurso do tempo e da história. Ainda que nenhuma das duas memórias categorizadas por Halbwachs possa reivindicar uma verdade absoluta sobre o passado (SCHMIDT e MAHFOUD, 1993) — e tampouco defendemos essa verdade, como abordaremos pouco mais à frente — não podemos desconsiderar a importância da permanência da memória, ainda que reconstruída, no presente.

Assim, o sociólogo estabelece algumas divergências consistentes à teoria de Bergson (1999) e, dentre elas, está a prevalência do social sobre o individual, fundada na elaboração de que a memória individual depende da memória coletiva. Para Halbwachs (1990), a memória, de um modo geral, é “articulada e modificada conforme a posição que os indivíduos ocupam e suas relações nos grupos sociais aos quais pertencem.” (AUGUSTIN e AUGUSTIN, 2012, p. 121). Desse modo, ele compreende que o passado, na verdade, não está no indivíduo, mas sim na sociedade.

Sem dúvidas percebemos o valor dos laços familiares, profissionais, escolares, etc., na conformação da memória coletiva. Sobre isso, Bosi (1979), ao analisar em sua obra a lembrança dos velhos, percebe que algumas delas, em especial as mais antigas — referidas, sobretudo, à primeira infância — foram reproduzidas por eles a partir do que contaram e recontaram os seus pais, avós e outros familiares. Ela reforça, portanto, o “[...] lastro comunitário de que nos servimos para constituir o que é mais individual [...]” (BOSI, 1979, p. 331) e, à vista disso, afirma que

É preciso reconhecer que muitas das nossas lembranças, ou mesmo de nossas idéias, não são originais: foram inspiradas nas conversas com os outros. Com o correr do tempo, elas passam a ter uma *história* dentro da gente, acompanham nossa vida e são enriquecidas por experiências e embates. (BOSI, 1979, p. 331).

Contudo, a despeito do enfoque ao social atribuído por Halbwachs representar um ideal absolutamente relevante (e até mesmo inaugural em sua época) para os estudos sobre a memória, é imprescindível pontuar que o autor acaba por não desenvolver de que modo os seres sociais atuam sobre as lembranças. Embora seja reconhecida uma posição individual da memória em sua teoria, ela se dá de forma passiva, secundária e pouco criativa (VIDAL, 2015). Acredito ser problemático desconsiderar o papel da sociedade na produção da memória individual e igualmente discutível ignorar o olhar peculiar de uma memória pessoal, afinal, “[...] se toda memória fosse coletiva, bastaria uma testemunha para a cultura inteira [...]” (PORTELLI apud VIDAL, 2015, p. 59). Em suma, Vidal (2015) nos aponta que

Assim, ao dizer que assumimos que os indivíduos participam da construção da memória, ora de maneira mais ativa, ora mais passiva, ora mais criticamente, ora aderindo à ideologia dominante, ora subvertendo às ideias hegemônicas, ora curvando-se às estereotípias, não queremos negar à memória o seu caráter social, mas reconhecer que **este social não é uma entidade homogênea** construída por outros seres que não estes mesmos humanos. (VIDAL, 2015, p. 60, grifo nosso).

Bosi (1979), nesse quesito, ao questionar a fidelidade da memória individual sobre a social, responde e encerra:

Sim, enquanto a percepção original obrigar o sujeito a conter as distorções em certos limites porque ele viu o fenômeno. Mas o *quando*, o *como*, entram na órbita de outras motivações. Se a memória grupal pode sofrer os preconceitos e tendências do grupo, sempre é possível um confronto e uma correção dos relatos individuais e a história salva-se de espelhar apenas os interesses e distorções de cada um. A memória pode percorrer um longo caminho de volta, remando contra a corrente do tempo. (BOSI, 1979, p. 341– 342, grifo do autor).

Outro ponto importante de divergência entre Halbwachs (1990, p. 77) e a teoria bergsoniana é a relativização que o sociólogo faz de uma suposta pureza da memória ou uma conservação integral e autônoma das imagens do passado, como se elas fossem páginas impressas em livros “que poderíamos abrir, ainda que não os abrissemos mais.” Ele vai dizer que essas imagens não se conservam “em alguma galeria subterrânea de nosso pensamento”, mas sim na sociedade, “[...] onde estão

todas as indicações necessárias para reconstruir tais partes de nosso passado [...]” (HALBWACHS, 1990, p. 77).

Nesse quesito, Bosi (1979) estabelece um ponto de interseção entre o caráter reconstruído das lembranças e o traço social da memória através de uma citação de um trecho da obra *Infância*, de Graciliano Ramos, que diz:

A primeira coisa que guardei na memória foi um vaso de louça vidrada cheio de pitombas escondido atrás de uma porta. Talvez nem me recorde do vaso: é possível que a imagem, brilhante e esguia, permaneça por eu a ter comunicado a pessoas que a confirmaram. Assim, não conservo a lembrança de uma alfaia esquisita, mas a reprodução dela, corroborada por indivíduos que lhe fixaram o conteúdo e a forma. (RAMOS apud BOSI, 1979, p. 330).

Sobre o trecho acima, a autora dirá que as lembranças remotas vão ganhando corpo a partir da narrativa de um outro responsável por dar forma ao objeto (o vaso de louça, no caso acima) e por reafirmar a sua existência para aquele que lembra, ou acredita lembrar (BOSI, 1979). Além disso, esse outro não é único: a lembrança do sujeito vai sendo ressignificada por vários outros olhares, ganhando, assim, mais formas e conotações, passando a ser, segundo ela, “[...] um fruto inesgotável da memória.” (BOSI, 1979, p. 330). Assim, embora as imagens que (re)construímos ao longo do tempo se reforcem no esteio social da memória, chegamos, em alguns momentos, a confundir a sua origem: muitas vezes não percebemos a influência externa na formulação de nossas lembranças e apenas a incorporamos em nosso repertório, acreditando na ideia de que elas nasceram autênticas em alguma parte da nossa mente — um processo que, segundo Bosi (1979), não acontece no consciente.

A ideia bergsoniana de uma sobrevivência fidedigna do passado também é refutada por Freud que, diferente de Halbwachs, não vai confrontar essa hipótese a partir de uma teoria psicossocial, mas sim a partir de uma extensa e complexa formulação sobre o inconsciente e suas funções e atuações no sujeito. Em linhas gerais, Freud compreende que no inconsciente se processam tanto os traços inacessíveis para o sujeito quanto as associações articuladas pela fantasia e pelo desejo, através de elos simbólicos. Desse modo, ele estabelece um meio termo entre a natureza ficcional da lembrança e a sua impressão autêntica, original (BASTOS, 1999).

O fato de os traços serem inacessíveis, contudo, não significa que sejam fragmentos perdidos de impressões originais ou fiéis da realidade, mas sim resultado de uma operação simbólica de defesa em relação aos pensamentos, aos afetos e aos desejos que se processam no inconsciente e que a psicanálise compreende como recalque. Na perspectiva psicanalítica, é devido ao processo de recalque que esquecemos de grande parte da nossa infância, e não pela falta de esteio social, como propõe Halbwachs (1990).

Não é intenção deste trabalho se debruçar sobre o conceito psicanalítico de inconsciente, mas sim pontuar que ele, assim como a memória, opera de modo relacional, ou seja, como um lugar construído e modificado na relação com o outro (FERRARINI e MAGALHÃES, 2014) e, assim, estabelecemos um diálogo entre a psicanálise freudiana e a teoria da memória social:

A interposição do próximo não é da ordem do exemplo, não visa simplesmente ilustrar o funcionamento do aparelho neurônico. Ela mostra que a construção da memória não se confunde com a de um instrumento a serviço de trocas inter-humanas subsequentes. A memória já se constitui dentro de um universo que a precede, a saber: a ordem simbólica. (BASTOS, 1999, p. 8).

Por isso, compreender as noções psicanalíticas sobre a memória apenas no âmbito individual é um tanto reducionista, afinal, nela o sujeito se constitui essencialmente na relação com o *Outro*¹⁶ por meio da linguagem. O homem, portanto, em sua natureza linguística, está inserido simbolicamente numa ordem maior que o antecede, ou seja, as próprias ordens culturais e sociais (NUNES e MAURANO, 2015). Sobre isso, Nunes e Maurano (2015) vão nos dizer que

[...] apesar de todos os elementos significativos ordenados na família e na sociedade, o que possibilita o sujeito é justo que eles não sejam meramente incorporados como estímulos ou fatores sociais de determinação. O que chega a ele é um conjunto de marcas materiais e simbólicas (significantes) que suscitarão um ato de resposta que se chama sujeito. (NUNES e MAURANO, 2015, p. 225).

¹⁶ Refiro-me aqui ao conceito lacaniano de Outro (Grande Outro) que, em linhas gerais, se trata de um lugar simbólico, da ordem da linguagem, que antecede, inaugura e determina o sujeito. “Qual é esse outro que fala no sujeito, e de que o sujeito não é nem mestre, nem semelhante, qual é o outro que fala nele? Tudo está aí.” (LACAN apud SOUZA, 2014, p. 62).

Desse modo, percebe-se que a teoria psicanalítica compreende o sujeito que lembra dentro de uma ordem social, cultural e libidinal que o movimenta, enquanto a teoria psicossocial de Halbwachs (1990) entende-o dentro de ordens sociais e culturais que o determinam. Essa determinação é tida por Bosi (1979) como radical, pois não se trata apenas de um condicionamento externo, e sim de um trabalho, veiculado também pela linguagem, que acontece “[...] já no interior da lembrança, no cerne da imagem evocada [...]” (BOSI, 1979, p. 22) e que se relaciona intimamente com o desenvolvimento da primazia do social sobre o individual proposta por Halbwachs. E embora seja valiosa a pertinência dos quadros sociais e das instituições nos processos que envolvem a lembrança, nos aproximamos deles enquanto estruturas que mobilizam o sujeito, ao invés de determiná-los.

Em síntese, reforço a contribuição de Bergson (1999) que, ao deslocar o caráter especulativo da memória e desenvolvê-lo à luz dos elementos de ação da matéria e do espírito, acabou por confrontar as abordagens mecanicistas vigentes em sua época e por inaugurar uma nova perspectiva nos estudos sobre a memória. Da sua teoria me afasto mormente de dois pontos¹⁷, são eles: a defesa de uma conservação total do passado e a oposição entre inconsciente e consciente, entendendo o primeiro enquanto depósito mecânico daquilo que a consciência não processa.

Já sobre a teoria de Halbwachs (1990) ressalto o olhar inaugural e essencial para o viés sociológico da memória, destacando a influência do lastro comunitário e das relações sociais na construção das lembranças e desenvolvendo noções profundas sobre a memória coletiva. A partir disso, ele questiona a tal sobrevivência fiel do passado, pois defende a ideia de que todo processo de lembrar está intimamente fincado na sociedade que nos influencia, estabelecendo, assim, outra crítica direta à teoria bergsoniana. Contudo, Eclea Bosi (1979, p. 333) nos diz que “Por muito que deva à memória coletiva é o indivíduo que recorda.” e, nesse aspecto, Halbwachs não desenvolve sobre o modo como os seres sociais operam sobre as lembranças, colocando-os numa posição passiva e secundária, da qual discordo.

¹⁷ Outras críticas já foram apontadas ao longo desta seção.

Entretanto, tanto Bergson (1999) quanto Halbwachs (1990) trabalham, cada um ao seu modo, com a articulação da memória com os tempos passado e presente. Bergson ajudou a repensar laços que ligam o ato de lembrar à consciência atual e Halbwachs buscou entender de que modo o passado se reformula no presente a partir das interações sociais. A memória, de fato, costura a dimensão do tempo de modo não linear — ao mesmo tempo que ela cuida do passado, ela existe no presente e contempla o futuro. Segundo Vidal (2015, p. 68), ela percorre um caminho que se assemelha a uma tapeçaria: “[...] terá áreas de maior e menor densidade, regiões em que as significações se aproximam e outras em que se afastam, vivências relembradas com cuidado, enquanto outras passam com rapidez.”

Costurar essa discussão com alguns apontamentos psicanalíticos se respalda na ampliação sobre as noções de memória e o modo como ela se constrói no sujeito, sobretudo a partir da dimensão simbólica e ativa do inconsciente. O sujeito psicanalítico, fundado nas ordens sociais, culturais e libidinais que o antecedem, revela-se, dentre outras coisas, na sua constante relação com o Outro e com aquilo que lhe é extrínseco. Ao compreender que a dimensão mais íntima do sujeito lhe é exterior, Lacan cria o neologismo *êxtimo*¹⁸, que demarca a posição paradoxal do sujeito e abre espaço para entendê-lo em sua complexidade e *extimidade*.

No fim das contas, é nesse sujeito complexo e multifacetado que se processam as memórias. A filosofia e a sociologia ajudam a entender essa relação em suas dimensões dinâmicas e relacionais, enquanto a psicanálise se debruça sobre a profundidade do constante convite ao real que figura o ato de lembrar. Afinal, como nos diz Bosi (1979),

Para localizar uma lembrança não basta um fio de Ariadne; é preciso desenrolar fios de meadas diversas, pois ela é um ponto de encontro de vários caminhos, é um ponto complexo de convergência dos muitos planos do nosso passado. Como transmitiríamos a nossos filhos o que foi a outra cidade, soterrada embaixo da atual, se não

¹⁸ Trata-se de um termo significativo na psicanálise lacaniana, embora só tenha aparecido, de fato, em duas obras de Lacan - o *Seminário 7: a ética da psicanálise* de 1960 e o *Seminário 16: de um Outro ao outro* de 1969 (SEGANFREDO e CHATELARD, 2014).

existem mais as velhas casas, as árvores, os muros e os rios de outrora? (BOSI, 1979, p. 335).

E é justamente sobre essa questão que nos debruçamos nesta pesquisa, só que, no nosso caso, é o próprio rio que pesa sobre uma cidade que outrora existiu enquanto espaço físico, mas que sobrevive na memória e nas narrativas daqueles que buscam encontrá-la. O afloramento das cidades submersas que despontam nas paisagens sertanejas, afinal, não provoca apenas lembranças, saudades e afetos, mas também reconstruções de novos territórios subjetivos ainda pouco absorvidos pela memória histórica e pelas narrativas oficiais. De modo geral, busca-se muito sobre as descrições de um lugar real ou de lembranças mais próximas de uma suposta nitidez e quase se esquece de considerar os infinitos — e preciosos — territórios reinventados a partir da memória.

2.2 PELAS CIDADES

Além das dimensões individuais e coletivas da memória já abordadas na seção secundária anterior, construiremos também uma discussão entre memória e espaço — bem como outras noções que daí transbordam — com o propósito de alcançar, a partir desse debate, o campo da arquitetura e do urbanismo, percebendo as cidades, em especial, enquanto lugares onde nossas lembranças se situam. O próprio Halbwachs (1990, p. 143) dirá, em um dado momento da sua obra *A Memória Coletiva*, que o passado se conserva “[...] no meio material que nos cerca.” e que “[...] não há memória coletiva que não se desenvolva num quadro espacial.”

Mas antes de adentrarmos na discussão propriamente dita, abro um parêntese breve para tratar das noções transbordantes mencionadas acima, que permearão este trabalho como um todo, são elas: as noções de espaço, lugar e território. Tais conceitos promovem debates fecundos e multidisciplinares, partindo essencialmente do campo da geografia, mas alcançando com profundidade os campos da sociologia, antropologia, história, arquitetura, urbanismo, entre outros. Por se tratar de conceitos absolutamente complexos, sobre os quais são dedicados teses e dissertações inteiras, apenas demarcaremos aqui algumas distinções essenciais, a título de esclarecimento a respeito do uso desses termos ao longo deste trabalho.

Durante muito tempo houve um predomínio das dimensões físicas e materiais acerca das formulações sobre o conceito de espaço, e ainda há quem associe imediatamente o termo “espacial” a imagens físicas e geométricas ou, segundo o geógrafo e urbanista norte-americano Edward Soja (1993, p. 101), a “[...] algo externo ao contexto social e à ação social [...]”. Estamos diante de um termo que manifesta múltiplas e contínuas possibilidades teóricas, e aqui ficamos com a síntese de Soja (1993, p. 101) que, ao criticar as generalizações físicas sobre o termo, diz que “O espaço em si pode ser primordialmente dado, mas a organização e o sentido do espaço são produto da translação, da transformação e da experiência sociais.” Sobre o alcance social e ideológico do espaço, o geógrafo traz uma valiosa crítica de Henri Lefebvre à análise materialista da espacialidade:

O espaço não é um objeto científico afastado da ideologia e da política; sempre foi político e estratégico. Se o espaço tem uma aparência de neutralidade e indiferença em relação a seus conteúdos e, desse modo, parece ser 'puramente formal', a epítome da abstração racional, é precisamente por ter sido ocupado e usado e por já ter sido foco de processos passados cujos vestígios nem sempre são evidentes na paisagem. [...] O espaço é político e ideológico. É um produto literalmente repleto de ideologias. (LEFEBVRE apud SOJA, 1993, p. 102).

O espaço, portanto, é compreendido em sua concepção material, social, ideológica, subjetiva e se revela em uma dimensão complexa e englobante, podendo até mesmo incluir noções de lugar, região, habitat, paisagem, território, etc. Nesse sentido, a noção de lugar se insere de modo complementar, caracterizada pela atribuição de sentidos, símbolos e valores que as presenças dão ao espaço — esse último, portanto, vai se transformando em lugar na medida em que é ocupado e (re) significado. Enfim, os lugares, segundo Frémont (apud CABRAL, 2007, p. 148), “formam a trama elementar do espaço.”

Já a noção de território compreende, essencialmente, a dimensão de poder, o que não quer dizer que dimensões como a cultura, a economia ou mesmo a própria matéria não estejam contempladas em outros planos. Vale ressaltar que, quando falamos de poder, não nos referimos meramente à sua projeção espacial (refletidas nas fronteiras e nas malhas espaciais, por exemplo) ou ao poder estatal — equívocos aparentemente comuns ao se lidar com as conceituações sobre território. Tratamos, sim, do poder em seu caráter multidimensional, presente em diversos níveis espaciais e que emana da coletividade. Marcelo Lopes de Souza (2009), em seu artigo intitulado *Território da divergência (e da confusão)*, compara o território a um “campo de força” e diz que ele é

[...] obviamente, um aspecto, uma dimensão do espaço social, e ele depende, de várias maneiras, da dimensão material do espaço; mas ele é, *em si mesmo*, intangível, assim como também o poder é impalpável, como relação social que é. O poder é uma relação social (ou, antes, uma dimensão das relações sociais), e o território é a expressão espacial disso. (SOUZA, 2009, p. 66, grifo do autor).

Fecho aqui o parêntese desse breve esclarecimento sobre os termos *espaço*, *lugar* e *território* e reforço que mais importante do que a distinção entre essas noções

é a relação dialética que elas promovem entre si e entre outras concepções. Por exemplo, o filósofo francês Paul Ricoeur (2016), em seu artigo intitulado *Arquitetura e narratividade* (tradução nossa)¹⁹ e publicado na revista *Urbanisme 303* em 1998, aprofunda a discussão entre memória e espaço, fazendo uma costura brilhante entre as noções de tempo, narrativa, espaço e memória ao propor “[...] um paralelismo estreito entre arquitetura e narratividade, no sentido em que a arquitetura está para o espaço assim como a narrativa está para o tempo, a saber, uma operação ‘configurante’ [...]” (RICOEUR, 2016, p. 20, tradução nossa). A partir desse paralelo, o autor acaba por

[...] entrelaçar o tempo e o espaço através do *construir* e do *narrar*. É este o horizonte dessa investigação: enredar a espacialidade da narrativa e a temporalidade do fazer arquitetônico pelo intercâmbio, por assim dizer, do espaço-tempo nessas duas direções. (RICOEUR, 2016, p. 20–21, tradução nossa, grifo do autor).

Nessa perspectiva, Ricoeur (2016) ultrapassa as frações universais e geométricas do tempo e do espaço, respectivamente, incluindo a noção de experimentação em ambos os termos, e atribuindo-lhes um caráter misto ou o que ele irá chamar de “duplo enraizamento” (RICOEUR, 2016, p. 21, tradução nossa), costurado pela dimensão da memória. Ao desenvolver essas relações, o filósofo propõe a ideia de que a arquitetura e o urbanismo operam a *tríplice mimese* no espaço, do mesmo modo que a narrativa opera em relação ao tempo.²⁰

A *mimese I*, ou a *prefiguração*, diz respeito às conversações da vida cotidiana antes de tomar forma literária, ou seja, à qualidade narrativa da experiência humana. Analogamente, Ricoeur compreende uma necessidade vital de habitar que antecede o ato de construir e que diz respeito à função original da arquitetura: delimitar o espaço a ser habitado com paredes e teto, estabelecer limites entre o interior e exterior, esboçar funções e apropriações do espaço, bem como atribuir qualidades que proporcionem

¹⁹ No original: *Architecture et narrativité*.

²⁰ Em sua obra *Tempo e Narrativa*, Paul Ricoeur (2016) desenvolve a ideia de *tríplice mimese*, elaborada a partir da reinterpretação da tríade aristotélica *muthos-mimesis-catharsis*, em *A Poética*; e da noção de aporia do tempo em *Confissões*, de Santo Agostinho — trata-se de uma discussão orientada dentro de uma articulação entre tempo e narrativa. No artigo *Arquitetura e narratividade*, Ricoeur (2016) retoma esses três tópicos, dessa vez propondo uma mediação análoga entre tempo e espaço.

um melhor habitar. O filósofo francês estabelece, ainda, que o construir não diz respeito somente às casas e paredes, mas também aos caminhos, às rotas, ruas e praças — o habitar, afinal, também é feito de ritmos e de movimentos e o lugar pode ser, também, um intervalo a percorrer. Desse modo, ele alcança o campo do urbanismo através de uma compreensão importantíssima da cidade enquanto dialética do abrigo e do deslocamento (RICOEUR, 2016).

Já a *mimese II*, compreendida como *configuração*, trata do tempo verdadeiramente narrado e construído, a saber, o momento em que “[...] o ato de narrar se liberta do contexto da vida cotidiana e penetra a esfera da literatura.” (RICOEUR, 2016, p. 23, tradução nossa). No contexto do espaço, podemos dizer, a partir da dimensão temporal e narrativa presente nos projetos arquitetônicos e urbanísticos, que os projetos têm potência de configuração e os espaços ocupados têm potência de expressão. Uma obra arquitetônica, inscrita num espaço e numa temporalidade, não só fala sobre si como se relaciona com outras obras ao redor, constituindo uma “[...] mensagem polifônica oferecida a uma leitura ao mesmo tempo englobante e analítica.” (RICOEUR, 2016, p. 25, tradução nossa). Sobre essas associações, Luís Umbelino (2011) resume:

Tal como uma nova personagem numa história que já começou e promete desenvolvimentos inesperados, o modo como cada nova construção se inscreve, nomeadamente, na cidade *continuará necessariamente a narrar*, então, diferentes maneiras de significar o antigo e o novo, o simbólico e o funcional, o emotivo e o económico, o familiar e o político. (UMBELINO, 2011, p. 156, grifo do autor).

Finalmente, a terceira e última categoria literária, nomeada por Paul Ricoeur (2016) como *refiguração (mimese III)*, trata justamente do encontro entre o leitor e a obra literária e as infinitas possibilidades de sentido e compreensão que nascem desse encontro. Do mesmo modo que podemos interpretar e reinterpretar um texto a partir das nossas próprias subjetividades, também podemos ler e reler nossos lugares de vida a partir da nossa maneira de habitar (RICOEUR, 2016). O filósofo fala, ainda, de um abismo que se estabelece entre a racionalidade de um projeto e a receptividade do espaço projetado pelo público, de modo que se faz necessário ir além da dimensão da necessidade que envolve o ato de habitar, e considerar a dimensão das expectativas.

Assim, “[...] o tempo narrado e o espaço construído trocam seus significados.” (RICOEUR, 2016, p. 27, tradução nossa) e é possível interpretar que as cidades se revelam num complexo enlace entre narrativa, temporalidade e memória e se abrem em páginas a serem lidas — e narradas — por aqueles que nelas habitam ou as visitam. Nesse sentido, Umbelino (2011) traz uma síntese valiosa ao dizer que

O gesto de compreensão de si e de orientação de si ganham força na releitura incessante do livro que é a cidade; nele se ensaiam múltiplas formas de misturar o passado, o presente e o futuro [...] de conjugar o que é diferente [...] de fazer jogar a dialéctica do *socius* e do próximo, de juntar a vida e a morte [...], de preservar o antigo sem rejeitar o novo, de tolerar a diferença, de cuidar do que terá um fim. (UMBELINO, 2011, p. 159, grifo do autor).

A arquitetura e o urbanismo, portanto, se reforçam enquanto potências narrativas e temporais na medida em que carregam um passado que já não existe mais; um presente que ainda permanece nas materialidades e subjetividades; e um futuro englobado nas expectativas que provocam nos sujeitos; e, assim, deixam rastros visíveis e invisíveis que se conformam tanto como textos a serem lidos quanto como discursos a serem apreendidos e interpretados. A cidade, nesse sentido, se revela em sua expressão de linguagem (a mesma linguagem que veicula as lembranças), afinal ela “[...] fala a seus habitantes, falamos nossa cidade, a cidade em que nos encontramos, habitando-a simplesmente, percorrendo-a, olhando-a.” (BARTHES apud BARROS, 2007, p. 40).

Os rastros visíveis são aqui compreendidos como a própria materialidade das cidades (as ruas, edificações, muros, monumentos, etc.) enquanto os invisíveis são justamente aqueles da ordem da memória — as lembranças, as relações, as imagens evocadas, as reminiscências, o imaginário. Visíveis ou invisíveis, ambos os rastros provocam diálogos que nascem da interação entre sujeitos e cidades, e que são desenvolvidos a partir de variadas visões de mundo — quando vivenciamos, interpretamos e dialogamos com uma cidade, nós estamos, no fim das contas, atribuindo-lhe sentido e significado.

A cidade é, então, esse lugar complexo mediado pelas interações com seus sujeitos, pelas lembranças, pelos afetos, pela temporalidade ou, como nos resume Claude Lévi-Strauss (1986, p. 113), “[...] a cidade é coisa humana por excelência,

está mesclada por toda uma gama de sentimentos e por isto está sujeita a medos, desejos, interesses e contradições, próprio a tudo aquilo que é humano.” E as nossas lembranças, por sua vez, vão constituindo cenários nessa cidade, montados a partir dos símbolos e narrativas que vamos construindo ao longo do tempo e que se ressignificam ainda que a cidade se altere.

Esses símbolos e narrativas transbordam de cada elemento da cidade e se misturam à subjetividade de cada indivíduo, ou seja, as formas que as cidades materializam não são autônomas, tampouco se encerram na proposta de seus arquitetos e urbanistas: elas são habitadas e apreendidas, ou mesmo *refiguradas*, como nos propõe Ricoeur (2016), por aqueles que a experimentam. Italo Calvino (1990, p. 17), com sua literatura e sua poética em *As Cidades Invisíveis*, dialoga com Ricoeur (e, por que não dizer, com a psicanálise também?) quando afirma que “Os olhos não veem coisas mas figuras de coisas que significam outras coisas.” O olhar, segundo ele,

[...] percorre as ruas como se fossem páginas escritas: a cidade diz tudo o que você deve pensar, faz você repetir o discurso, e, enquanto você acredita estar visitando [a cidade de] Tamara, não faz nada além de registrar os nomes com os quais ela define a si própria e todas as suas partes. Como é realmente a cidade sob esse carregado invólucro de símbolos, o que contém e o que esconde, ao se sair de Tamara é impossível saber. (CALVINO, 1990, p. 18).

Quando Ricoeur (2016) reforça a potência narrativa dos espaços e sugere a possibilidade de uma leitura plural da cidade e da arquitetura, podemos compreender, por consequência, que elas têm algo a dizer. Ora, se elas têm algo a dizer, não deveríamos então preservar a sua materialidade, a sua voz? Segundo Bosi (1979, p. 363), “As pedras da cidade, enquanto permanecem, sustentam a memória.” A arquiteta e urbanista Sandra Mara Ortigosa (2009, p. 3), ao interpretar o filósofo Gaston Bachelard (1978), diz que a memória, sempre associada à imaginação, “[...] persiste nas pedras, solidificando imagens, identidades e signos.” e tem função primordial no espaço. Bachelard (1978) coloca:

Aqui o espaço é tudo, porque o tempo não mais anima a memória. A memória — coisa estranha! — não registra a duração concreta, a duração no sentido bergsoniano. Não se podem reviver as durações abolidas. Só se pode pensá-las na linha de um tempo abstrato privado

de toda densidade. É pelo espaço, é no espaço que encontramos os belos fósseis de uma duração concretizados em longos estágios. (BACHELARD, 1978, p. 203).

As dimensões de intimidade e de utopia das lembranças conferem valor e sentido ao espaço — o quarto, a casa da infância, as ruas, a igreja, o açude, as praças que relembramos ganham forma a partir de nossos devaneios, próprios da ordem simbólica da memória, já discutida anteriormente. Assim, os espaços vão sendo transformados em lugar e a expressão onírica e subjetiva da memória se revela como elemento importante a ser considerado na preservação da arquitetura e dos tecidos urbanos. Segundo a arquiteta e urbanista Isadora Cavalcanti (2012):

É pela observação do viver humano que opera de modo a transformar o espaço em lugar que podemos compreender como a memória se efetiva no espaço — a saber, quando o homem significa esse espaço, ao se apropriar dele para a vida. Assim que a constituição de memórias lhe permitirá estabelecer vínculos, de modo a configurar um espaço que lhe é familiar. De maneira que são as vivências do homem inscritas no espaço que passarão a constituir a memória do lugar. (CAVALCANTI, I., 2012, p. 20).

Voltemos, então, ao abismo entre a racionalidade do projeto arquitetônico e urbanístico e a receptividade do público proposto por Paul Ricoeur (2016) e mencionado no início desta discussão. Embora possamos considerar que esse abismo não é recente e tampouco deixou de existir, foi no início do século XX com o Movimento Moderno na arquitetura e urbanismo que ele ganhou grandes proporções que reverberam até os dias de hoje. Sandra Mara Ortigosa (2009, p. 4) afirma que “[...] a herança moderna é marcada por um rastro de intervenções com características homogeneizadoras, que rechaçam qualquer perspectiva de continuidade histórica.”

O modernismo na arquitetura e no urbanismo se caracteriza essencialmente pela ruptura com os estilos tradicionais anteriores, criando novos valores mais voltados para a volumetria e espacialidade: no campo da arquitetura, limpam-se as fachadas de qualquer adorno que se referisse aos estilos precedentes, os ângulos retos e os planos limpos ganham força e espaço e o funcionalismo supera a estética autossuficiente; já no campo do urbanismo, o racionalismo funcionalista se traduz nas setorizações, nos traçados reguladores, bem como nos grandes planos de avenidas e viadutos a serem

inseridos no meio de bairros inteiros, ignorando convenientemente as preexistências e pautando-se nos ideais de progresso.

Em 1928, na cidade suíça La Sarraz, acontece o primeiro Congresso Internacional de Arquitetura Moderna (CIAM), que define a ordem funcional do urbanismo a partir de três funções-chave da vida coletiva: habitação, trabalho e lazer. Um pouco mais tarde, em 1933, o CIAM IV realizado em Atenas (e considerado por muitos como um dos mais significativos do ponto de vista urbanístico) trata do tema “a cidade funcional” e elabora a Carta de Atenas, um manifesto urbanístico que reforça, dentre outras coisas, as ideias de setorização urbana e planejamento racional²¹, e que desconsidera as vivências e a apropriação dos espaços pelas pessoas.

Os dois primeiros CIAMs do pós-guerra²² se debruçaram sobre a temática da reconstrução das cidades bombardeadas, sob a tônica da “cidade funcional”, advogada principalmente por Le Corbusier, Walter Gropius e Sigfried Giedion — a “tábula rasa” modernista finalmente se concretiza em alguns lugares e a construção em massa de conjuntos habitacionais ganha espaço em várias cidades europeias. Mas foi justamente dentro desses dois congressos que surgiram algumas críticas, ainda tímidas, aos espaços estandardizados e homogeneizadores propagados pelo funcionalismo racionalista e agora concretizados no contexto do pós-guerra. As críticas foram ganhando corpo e os congressos subsequentes passaram a manifestar uma preocupação crescente com os aspectos sociais e identitários das cidades.

Em 1951, o CIAM VIII, realizado na Inglaterra, por exemplo, traz como tema *O coração da cidade: por uma vida mais humana da comunidade*; seguido pelo CIAM IX, que introduz as discussões sobre o habitat. O décimo e último dos Congressos, o CIAM X, realizado em 1955 na cidade de Dubrovnik, foi organizado por um grupo de jovens

²¹ O arquiteto e urbanista suíço Le Corbusier, presença influente nos primeiros congressos, ilustra bem esse tipo de urbanismo a partir de seus planos, como o *Plan Voisin*, apresentado em 1925 como proposta de reconstrução do centro de Paris; ou o esquema da *Ville Radieuse*, apresentado no CIAM III na Bélgica em 1930, um projeto de cidade ideal (metrópole do futuro) que nunca foi concretizada; ou mesmo os desenhos que o arquiteto fez para as cidades de São Paulo e Rio de Janeiro na ocasião de sua viagem à América Latina em 1929.

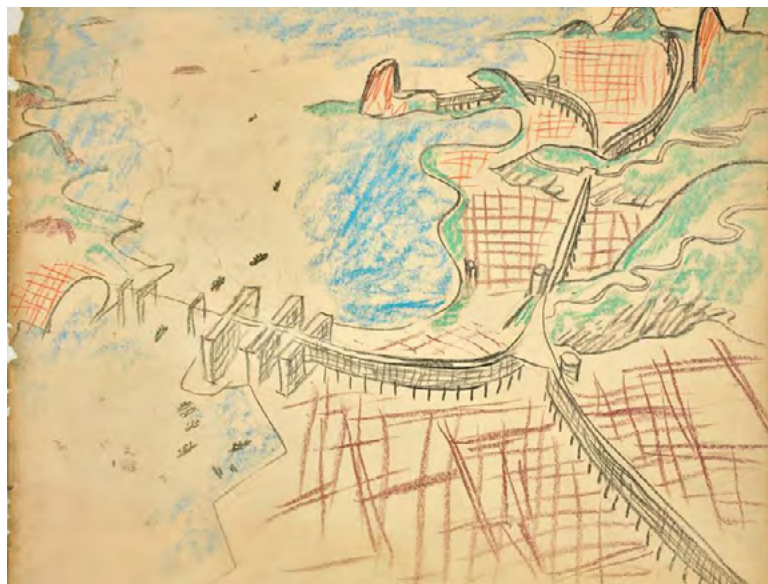
²² O CIAM VI foi o primeiro a ser realizado depois da Segunda Guerra Mundial e aconteceu em 1947 na cidade de Bridgewater, no Reino Unido, seguido pelo CIAM VII, realizado em 1949 na cidade histórica de Bérghamo, na Itália.

Figura 02 — *Plan Voisin* para Paris, 1925, por Le Corbusier



Fonte: Fundação Le Corbusier ([http:// fondationlecorbusier.fr](http://fondationlecorbusier.fr))

Figura 03 — Projeto para o Rio de Janeiro, por Le Corbusier, 1929



Fonte: Fundação Le Corbusier ([http:// fondationlecorbusier.fr](http://fondationlecorbusier.fr))

arquitetos conhecido como Team X, responsável por elaborar críticas contundentes à “cidade funcional” propagada pela Carta de Atenas, estabelecendo uma oposição mais sólida e crescente às concepções uniformizantes da arquitetura e do urbanismo modernistas.

É importante pontuar aqui que, ainda no século XIX, o arquiteto austríaco Camilo Sitte (1889) já criticava os espaços monótonos produzidos pela modernidade e defendia o entendimento das vivências comunitárias para a elaboração de projetos arquitetônicos e urbanísticos. Essa filosofia se encontra descrita em seu livro *A Construção das Cidades Segundo Seus Princípios Artísticos* (1889), rechaçado pelo Movimento Moderno do início do século XX e retomado somente décadas depois, especialmente a partir dos anos 60, quando a oposição ao urbanismo vigente ganha fôlego com as críticas da jornalista Jane Jacobs e dos arquitetos Robert Venturi, Kenneth Frampton, Aldo Rossi, entre outros.²³

Em 1961, Jane Jacobs (2009) publica *Morte e Vida das Grandes Cidades*, uma obra de grande importância e repercussão, considerada por muitos como uma das maiores críticas ao urbanismo modernista. A partir das suas próprias observações e da sua vivência na Hudson Street em Nova Iorque, a autora elabora uma análise detalhada dos espaços ordenados e desumanizados da modernidade (tido por ela como “espiritualmente mortos”) e defende a criação de espaços significativos e capazes de promover movimento e vitalidade para as cidades:

Se o espaço puder ser apreendido num relance, como um bom cartaz, e se cada um de seus segmentos for igual aos outros e transmitir a mesma sensação em todos os lugares, o parque será pouco estimulante para usos e estados de espírito diversificados. Nem haverá motivo para frequentá-lo várias vezes. (JACOBS, 2009, p. 113).

Em sua obra, a autora defende um planejamento urbano que observe e dialogue com a vivência das pessoas nos espaços e com as ordens espontâneas que os estruturam, em oposição às proposições devastadoras tão características do planejamento modernista. Nesse momento, a participação da comunidade em prol da

²³ Para uma explanação mais aprofundada da atuação crítica desses (e de outros) arquitetos, ver ORTEGOSA (2009).

defesa dos seus lugares ganha fôlego, e cresce a atenção para promoção de espaços permeáveis, espontâneos e vivos. No contexto das críticas contundentes e pulsantes contra o planejamento urbano moderno,

A questão da permanência dos elementos arquitetônicos e dos traçados urbanos, o interesse pelo simbólico e pelo arquetípico, como aspectos de fundamental importância para a memória coletiva e subjetiva, adquirem centralidade, expressando-se politicamente na cidade pelos movimentos sociais engajados na luta pela preservação de lugares significativos. (ORTEGOSA, 2009, p. 4).

O subjetivo, o simbólico e o arquetípico que transbordam das cidades dialogam diretamente com a expressão onírica da memória da qual nos fala Bachelard (1978). É por meio desse diálogo que se funda a importância da preservação dos lugares significativos, e não apenas daquilo que é oficializado como patrimônio. O fazer arquitetônico e urbanístico deve tratar não somente da leitura, mas também da escuta dos espaços, pois a ausência dessa escuta pode tanto criar espaços novos e distantes das necessidades reais de seus usuários quanto devastar espaços preexistentes dotados de importância e significado.

Eclea Bosi (1979), através das lembranças dos velhos, consegue reconstruir inúmeros espaços da cidade de São Paulo — os teatros, os cinemas, os ambientes de trabalho, as fábricas, as ruas, becos e avenidas por onde andaram os bêbados e os manifestantes, os quintais das casas da infância, as salas de jantar que abrigaram feriados e celebrações importantes, as praças e parques onde brincaram as crianças, as sombras onde descansaram os enamorados. Segundo ela,

O planejamento funcional combate esses recantos. Na sua preocupação contra os espaços inúteis, elimina as reentrâncias onde os párias se escondem do vento noturno, os batentes profundos das janelas dos ministérios onde os mendigos dormem. (BOSI, 1979, p. 363).

As intervenções homogeneizadoras tão características do Movimento Moderno não merecem a crítica apenas por terem gerado ambientes monótonos e padronizados, mas, sobretudo, por negarem radicalmente a preexistência e, sob a ordem arrogante de um suposto progresso, destruírem desde pequenos espaços até cidades inteiras. E foi justamente sob o ideal da modernidade e do desenvolvimento que diversas cidades ao longo do país (e especialmente no Nordeste), ignoradas em sua preexistência,

começaram a desaparecer debaixo das águas silenciadoras do progresso. Mas a cidade, ainda segundo Bosi (1979),

[...] conserva seus terrenos baldios, seus desvãos, o abrigo imemorial das pontes onde se pode estar quando se é estrangeiro e desgarrado. [...] As pedras da cidade, enquanto permanecem, sustentam a memória. [...] À resistência muda das coisas, à teimosia das pedras, une-se a rebeldia da memória que as repõe em seu lugar antigo. (BOSI, 1979, p. 363–371).

As pedras, os muros, os bancos das praças, as esquinas, os troncos riscados com nomes de casais são recantos, ou mesmo lugares de referência, que adquirem importância justamente a partir do momento em que nos relacionamos com eles e lhes atribuímos sentido. Essa materialidade pode ser apagada, seja pelo progresso, seja pela vanguarda — as pedras são bombardeadas, as estruturas são queimadas, as ruas e as casas são inundadas. Mas não é possível apagar deliberadamente uma memória, pois ela se refaz individual e coletivamente e reconstrói, por meio da narrativa e da oralidade, novos territórios subjetivos, diversos, plurais, muitas vezes invisíveis aos olhos, mas visíveis aos afetos.

As narrativas e seus significantes, afinal, sobrevivem aos apagamentos e às inundações. Ainda que Canudos jazesse permanentemente debaixo das águas, seus territórios continuariam sendo refeitos pelo imaginário, pelas narrativas, pelas percepções e por tudo aquilo que é próprio da memória. Mas algumas pedras dessa cidade resistiram em sua materialidade física e se configuram, hoje, como um marco importante e intermitente que ora desponta das águas do açude do Cocorobó, ora se encobre em suas profundezas. O antropólogo Marc Augé (2010), em sua obra *Por uma Antropologia da Mobilidade*, chega a dizer que

De fato, o tempo das ruínas não revela a história, mas faz aqui alusão a ela. O charme das ruínas prende-se talvez ao fato daquela incerteza alusiva à aparência de uma lembrança, que reenvia cada um a si mesmo e às regiões obscuras onde a memória se perde. (AUGÉ, 2010, p. 70).

Nesse sentido, é possível estabelecer uma analogia poética entre o movimento das ruínas de Canudos e o movimento da memória: guardamos, nas águas escuras do nosso inconsciente, traços que não conseguimos processar. Aquilo que nos escapa

emerge à consciência por meio das formações inconscientes — os sonhos, os atos falhos e os sintomas, por exemplo — assim como as pedras da cidade escapam intermitentemente de suas águas encobridoras. O que se revela não é uniforme aos olhos de quem vê: os fragmentos da Canudos Velha provocam tanto as lembranças coletivas quanto as individuais, haja vista as tantas versões que permeiam as narrativas sobre a cidade.

As ruínas, enfim, não representam apenas uma mera materialidade que sobrevive ao tempo, mas representam o próprio tempo, ou melhor, a temporalidade — essa dimensão que costura o campo da memória de modo tão profundo e complexo. Elas nos remetem a uma época que já não existe em sua materialidade, mas que constitui o sujeito a partir das narrativas que lhe chegaram e nos provoca tanto uma leitura plural dos espaços quanto a compreensão de nós mesmos e do outro. E esse esforço, chamado por Paul Ricoeur (2016, p. 29, tradução nossa) de “trabalho da memória”, não é possível sem um trabalho de luto: “É preciso, então, fazer o luto de uma compreensão total e admitir aquilo que há de inextricável na leitura de nossas cidades.”

2.3 PELAS VOZES

Ao percebermos alguns caminhos pelos quais navegam as teorias da memória, já se nota que em muitos deles se faz presente a voz. As experiências vividas são reconstruídas e atualizadas no ato de contar, e não trato aqui apenas da vocalização de relatos próprios ou alheios, mas sobretudo de um entrelaçamento entre passado e presente costurados pela dimensão da oralidade. A voz, afinal, não é apenas a articulação oral de uma língua, pois ultrapassa em muitos sentidos a linguística da comunicação, alcançando lugares simbólicos entre a fala e a escuta, movendo-se em diferentes meios e dentro da própria linguagem, estabelecendo alteridades e poéticas, enfim, trata-se de um território complexo e multidisciplinar.

O autor Paul Zumthor (2005, 2007), estudioso dos fenômenos da voz, contribuiu imensamente para essa temática, compreendendo-a em suas multidimensões: a voz poética, a voz escrita, a performance, a corporeidade, o silêncio, o nomadismo, a leitura, entre outros elementos que abraçam esse campo. Aqui, observaremos o lugar simbólico ocupado pela voz, bem como sua dimensão de alteridade que o próprio autor nos traz ao entendê-la enquanto “[...] lugar simbólico que não pode ser definido de outra forma que por uma relação, uma distância, uma articulação entre o sujeito e o objeto, entre o objeto e o outro. A voz é, pois, inobjetivável.” (ZUMTHOR, 2007, p. 83).

Não pretendo aqui promover uma discussão aprofundada sobre a voz²⁴, mas sim ressaltar as dimensões de narrativa e de oralidade que dela transbordam, aproximando-as às noções de memória discutidas anteriormente. Zumthor (2005, p. 62) propicia esse transbordar não somente ao compreender que “Uma ciência da voz deveria abarcar tanto uma fonética quanto uma fonologia, chegar até uma psicologia da profundidade, uma antropologia e uma história.”, mas também ao trazer uma leitura imensamente poética nas suas interpretações sobre a voz:

A voz jaz no silêncio; às vezes ela sai dele, e é como um nascimento. Ela emerge de seu silêncio matricial. Ora, neste silêncio ela amarra os

²⁴ Para aprofundar, ver obras de Paul Zumthor (2005, 2007), em especial *Escritura e Nomadismo: entrevistas e ensaios* (2005) e *Performance, Recepção, Leitura* (2007).

laços com uma porção de realidades que escapam à nossa atenção despertada; ela assume os valores profundos que vão em seguida, em todas as suas atividades, dar cor àquilo que, por seu intermédio, é dito ou cantado. (ZUMTHOR, 2005, p. 63).

Assim como quando Eclea Bosi (1979, p. 9) diz que o passado “[...] vem à tona das águas presentes [...]” e que, nesse sentido, “A memória aparece como força subjetiva ao mesmo tempo profunda e ativa, latente e penetrante, oculta e invasora.”; a passagem citada acima, analogamente, revela a voz enquanto potência movente, que aflora de um lugar oculto, submerso e se relaciona com outras forças subjetivas exteriores, como também o fazem as ruínas de Canudos. Nesse ponto, a memória, o tempo, as vozes e as cidades se encontram num enlace poético e metafórico que norteia o desenvolvimento deste trabalho.

Outro encontro potente acontece no recorte entre a narrativa, a memória e a escuta. Entre a voz narrada e a memória, se encontra a experiência. Segundo Walter Benjamin (1994, p. 201), “O narrador retira da experiência o que ele conta: sua própria experiência ou a relatada pelos outros. E incorpora as coisas narradas à experiência de seus ouvintes.” No trabalho de campo, essa interseção acontece entre os sujeitos que narram as suas experiências (os narradores) e os sujeitos que escutam e interpretam essas experiências (os pesquisadores) — trata-se de um encontro único, pois abordamos a interação entre duas subjetividades: a do pesquisador e a do narrador. De acordo com Schmidt e Mahfoud (1993),

A elaboração da experiência pode ser entendida como um processo de diálogo entre diferentes pontos de vistas atuais e passados que, de alguma forma, estão presentes para o indivíduo. Neste campo de diálogo entre diferenças, inclui-se, também, a presença dos pesquisadores. Isto quer dizer que o narrador não é indiferente ao pesquisador como representante de um outro grupo e, portanto, sua narrativa é, inclusive, um diálogo com este grupo que o pesquisador representa. (SCHMIDT; MAHFOUD, 1993, p. 295–296).

Entre a palavra lembrada e vocalizada e a palavra escutada e interpretada, se encontra, também, a relação entre o sujeito que fala e quem o escuta. Na psicanálise, essa relação — chamada de transferência — é fundamental e balizadora da prática clínica e implica uma reatualização de afetos, de identificações e mesmo de relações que estão na história narcísica e desejante do sujeito que fala (o paciente). Segundo

Macedo e Falcão (2005, p. 1), Freud inaugura “[...] o tempo da palavra como forma de acesso por parte do homem ao desconhecido em si mesmo e o tempo da escuta que ressalta a singularidade de sentidos da palavra enunciada.”

O psicanalista escuta a dor, o sofrimento e a repetição do outro e, diferente de outras relações fora da prática clínica, a relação de transferência permite a operacionalização mediada dessa dor. Não pretendo aqui transpor o conceito de transferência para a relação que se estabelece entre os sujeitos da pesquisa e o próprio pesquisa(dor), mas apenas pontuar que foi a partir da psicanálise que pude observar (e escutar) as singularidades que também permeiam a escuta do campo: as repetições, os silêncios, os afetos, as afinidades e, sobretudo, as intersubjetividades que transbordam desses encontros.

As histórias nunca são narradas da mesma forma, pois dependem da interação com o sujeito que escuta — é a experiência lembrada pelos ouvintes que influencia e por vezes altera a narração, como sugere Benjamin (1994) na citação um pouco mais acima. Do mesmo modo, cada ouvinte irá elaborar uma interpretação muito própria sobre a narração escutada. A experiência, portanto, se desdobra em inúmeras possibilidades de narrativas e interpretações, sempre mediada pelas subjetividades da memória e da escuta. Aqui a oralidade revela sua força — muito mais importante do que uma suposta veracidade ou coerência coletiva das histórias narradas é a pluralidade narrativa que as trocas subjetivas possibilitam:

A observação do caráter plural da narrativa abre a possibilidade de escutar um depoimento pessoal como a orquestração de vozes coletivas posta em cena pelo narrador. Isto é importante não tanto porque se apreendem as relações sociais através da fala do indivíduo, mas, principalmente, porque se apreende o modo como a experiência do indivíduo é modulada, matizada, dentro daquele quadro social. (SCHMIDT; MAHFOUD, 1993, p. 295).

Reafirmo aqui que a posição da memória nessa troca entre narração e escuta não está meramente ligada à experiência como força involuntária — ela abraça as dimensões individuais, coletivas e psicanalíticas discutidas anteriormente e a oralidade, por sua vez, também responde a esse movimento. Dalva Lobo (2015), ao analisar as noções de oralidade, voz e memória a partir da obra de Mia Couto (2003

apud LOBO, 2015) *Um rio chamado tempo, uma casa chamada terra*, esclarece essa relação ao dizer que

Segundo Walter Benjamin, narrar é permitir ao outro completar o que ouviu, pois, dessa forma, perpetuam-se, por meio da comunicação oral, as memórias dos antepassados, cujas palavras e experiências tecem a vida mesma. Além disso, ao completar o que ouviu, o ouvinte torna-se, também ele, um narrador, e assim mantém-se o lastro memorial entre as gerações. Todavia, o acervo memorial faz-se também pelo esquecimento, uma estratégia da memória que permite ressignificar e preservar as experiências vividas na memória coletiva, e pelo diálogo entre o atual e o novo, por meio do qual a experiência torna-se, além de intercâmbio de saberes, uma estética do viver e do contar. (LOBO, 2015, p. 92).

O filme *Narradores de Javé* (2003), dirigido por Eliane Caffé, revela muito bem a força plural e multidimensional da oralidade e da memória ao contar a história de um povoado (Javé) que, ao se descobrir ameaçado pela construção de uma hidrelétrica, decide registrar a história do lugar a partir de suas memórias. Como quase ninguém em Javé sabia escrever, resolveram procurar o “escritor” Antônio Biá, antigo funcionário dos correios que fora expulso do vilarejo por escrever cartas com calúnias e lorotas sobre seus conterrâneos na tentativa de movimentar a agência moribunda na qual trabalhava e, com isso, manter o seu emprego.

Os habitantes de Javé lutam pela busca de fatos “científicos” que pudessem, por meio do registro escrito, conferir algum grau de patrimônio ao povoado e assim salvá-lo das águas da hidrelétrica. Inicia-se, assim, uma fantástica negociação com as memórias individuais e coletivas quando cada morador revela e defende suas versões “verídicas” (e conflitantes entre si) sobre a fundação do povoado. Nesse caminho de fala, os narradores de Javé acabam por atualizar os costumes e os saberes e por demarcar um lugar de resistência diante de um afogamento presumivelmente inevitável, e as narrativas vão se construindo artesanalmente, como nos elucidava Benjamin (1994):

A narrativa, que durante tanto tempo floresceu num meio de artesão — no campo, no mar e na cidade —, é ela própria, num certo sentido, uma forma artesanal de comunicação. Ela está interessada em transmitir o ‘puro em si’ da coisa narrada como uma informação ou um relatório. Ela mergulha a coisa na vida do narrador para em seguida retirá-la

dele. Assim se imprime na narrativa a marca do narrador, como a mão do oleiro na argila do vaso. (BENJAMIN, 1994, p.205).

Walter Benjamin (1994) retrata acima diversos aspectos que podem ser lidos nas narrativas sobre Javé (e sobre tantos povoados e cidades nordestinas) e que podem ser muito bem complementados com as teorias de Paul Zumthor (2005, 2007) sobre a voz. Primeiro, percebe-se a forma artesanal de comunicação em todos os narradores de Javé, artesãos de palavras, que imprimem nas histórias contadas a intenção de transmitir o “puro em si”, mas que acabam, no fim das contas, articulando uma “[...] relação de alteridade, que funda a palavra do sujeito.” (ZUMTHOR, 2007, p. 83).

Quase como uma colcha de retalhos, a história de Javé vai sendo tecida por tantas vozes e versões que tentam recompor um tempo passado através do imaginário individual e coletivo de seus habitantes. E nessa tessitura, podemos ler a movência da voz — elemento tão nômade quanto seus portadores — que nunca é apreendida em sua totalidade: é sempre passagem, movimento errático que navega de boca a boca, de ouvido a ouvido, transformando-se continuamente, afinal, “À narração não cabe ponto final, a predominância de vírgulas, reticências, exclamação e interrogação é uma das marcas que garantem a continuidade do contar outra vez.” (MARTINS, 2011, p. 7).

Michel de Certeau (1998, p. 188) diz que “Os relatos de lugares são bricolagens. São feitos com resíduos ou detritos de mundo.” Esses resíduos, ora materiais, ora vezes simbólicos, vão sendo traduzidos nos relatos, nas lembranças e às vezes até mesmo na materialidade das ruínas — resíduos de mundo. A voz é compreendida aqui como um grande amplificador desses resíduos que, no fim, ao juntarmos uns aos outros, parece ser possível construir novos mundos — ou mesmo reconstruir os velhos.

As águas, que para tantos sertões representam salvação, para outros pode significar o jazigo de uma vida inteira. Quais são os mortos que passam a viver debaixo delas, afinal? São os parentes idos, as memórias, as interações, as relações de vizinhança, os símbolos, os causos. Trata-se de mortes reais e simbólicas, inundadas por uma ideia questionável de progresso. Num dado momento do filme *Narradores*

de *Javé* (2003), um dos personagens, diante da inevitabilidade da inundação de sua cidade, indaga:

Num dá... Num dá pra gente viver debaixo d'água. Cê acha que nós vai viver debaixo d'água, os nossos mortos vai viver debaixo d'água? Num pode, não... **[sic]** (NARRADORES, 2003).

E no fim, o personagem Zaqueu, interpretado por Nelson Xavier, conclui a narração da saga de Javé para Souza, protagonizado por Matheus Nachtergaele. Nesse momento, a voz do narrador divide espaço com a cena da cidade parcialmente coberta pelas águas, sendo assistida por seus ex-habitantes, que veem apenas a ponta da igreja de fora, símbolo comum entre as tantas cidades nordestinas inundadas por barragens e represas:

As água subiram ligeiro. Mas teve gente que teimou até o fim. Espremidos no pé da represa, olhavam sem crer no que os olhos iam vendo. Era como estar se revirando vivo dentro da própria sepultura. **[sic]**. (NARRADORES, 2003).

O longa-metragem dirigido por Eliane Caffé acaba por retratar a história real de muitos povoados brasileiros, especialmente nordestinos, afogados em tantos sentidos pelo “progresso” das hidrelétricas e barragens²⁵. Assim como em *Javé*, na história de *Canudos* também não coube (nem caberá) ponto final. As narrativas seguem errantes, em contínua transformação e atualização, e o destino dessas duas cidades — a real e a simbólica — se tocam nos mesmos pontos cruciais: no afogamento de suas paredes e símbolos e na errância compulsória de seus corpos e vozes.

Assistir à inundação de sua cidade é, afinal, quase como assistir ao naufrágio de si próprio. Portanto, recorrer às narrativas orais daqueles que tiveram as suas cidades inundadas por barragens é, apesar de todas as contradições, disputas e conflitos, uma forma de reinscrever esses corpos nas experiências, evidenciando a voz e a memória enquanto potências da expressão narrativa. E é de lá, dessas águas-jazigo — silêncio matricial de que nos fala Zumthor (2005) — que afloram as vozes da memória.

²⁵ O longa-metragem foi filmado em uma cidade no interior da Bahia chamado Gameleira da Lapa e contou com a participação de seus habitantes como atores do filme. No filme, há uma emocionante sequência de depoimentos feito para a câmera digital dos funcionários da hidrelétrica, no qual os próprios moradores de Gameleira da Lapa atuam com ímpeto a defesa pelo direito ao seu território, ao imaginá-lo sendo inundado pelas águas da represa.



3. CANUDOS

3. CANUDOS

O senhor tolere, isto é o sertão. Uns querem que não seja: que situado sertão é por os campos-gerais a fora a dentro, eles dizem, fim de rumo, terras altas, demais do Urucuia. Toleima. Para os de Corinto e do Curvelo, então, o aqui não é dito sertão? Ah, que tem maior! Lugar sertão se divulga: é onde os pastos carecem de fechos; onde um pode torar dez, quinze léguas, sem topar com casa de morador; e onde criminoso vive seu cristo-jesus, arredado do arrocho de autoridade.

Guimarães Rosa (1976, p. 9)

Apresentaremos nesta seção o palco de estudo e observação da temática da memória discutida anteriormente: a cidade de Canudos, no interior da Bahia. Existe uma infinidade de narrativas produzidas sobre essa cidade e sua história e, diante disso, foi preciso escolher um caminho capaz de orientar o leitor ao desenho de um espaço que se revela na sua própria autonomia e, também, na relação com o outro. Nesse caminho, não pretendo estabelecer um postulado sobre os acontecimentos que marcaram Canudos e seus habitantes, e sim abraçar as tantas camadas e contradições existentes em sua história, a partir de um diálogo entre as narrativas e os personagens que se destacaram, sobretudo, no modo como o lugar nasceu em mim.

Figura 04 — Isto é o sertão



Fotografia: Dila Reis, 2019

3.1 CAMINHOS PRELIMINARES E APROFUNDAMENTOS

As três narrativas que marcaram a minha aproximação com a cidade de Canudos foram: o livro *Os Sertões*, de Euclides da Cunha (2011), publicado em 1902; o documentário de Antônio Olavo, *Paixão e Guerra no Sertão de Canudos* (1993), exibido na época das comemorações do centenário de Canudos; e o artigo *Canudos: a 'essência' do sertão baiano*, de Lídia Cardel (2016), publicado na revista *Iluminuras*. Tomar como eixo principal desta seção a costura dessas narrativas — literária, cinematográfica e científica — é uma escolha metodológica, fundamentada na forma como desejo apresentar-lhes Canudos: através do meu olhar.

Abro aqui um pequeno e curto parêntese para reafirmar a relevância do olhar e de que forma essa questão se elabora neste trabalho. “Os olhos são as janelas da alma”, nos diz a sabedoria popular. Podemos, a partir dessa frase, compreender os olhos enquanto conexão entre o dentro e o fora, ou, numa leitura mais psicanalítica, o eu e o outro (ACOSTA, 2014). Essa conexão opera a partir da visão, um sentido cujo método de funcionamento compreende uma série de dinâmicas que intrigaram desde os filósofos da Grécia Antiga até as ciências biológicas de hoje e que, em linhas gerais, envolvem o olho, a luz e o objeto olhado.

A perspectiva das ciências biológicas, porém, não se ocupa do porquê o relato de diferentes pessoas sobre um mesmo objeto varia consideravelmente. Sobre isso, Acosta (2014, p. 44) nos diz que “Não basta ver, ter o sentido da visão: é necessário dar um significado ao que se vê, e os variados relatos representam os diferentes significados que pessoas distintas dão aos mesmos fatos. O olho pode ser o mesmo, mas o olhar não.” E é sobre esse significado que me debruço, sobre o que nasce da interação subjetiva entre o meu olhar e os sujeitos olhados por mim: Canudos, sua história e sua gente.

Meu primeiro olhar mais aprofundado para a cidade de Canudos aconteceu na leitura de *Os Sertões* em 2016, quando, desassociada de um contexto acadêmico, eu ainda não fazia ideia de que iria me debruçar sobre essa cidade três anos mais tarde. À vista disso, trago para as próximas linhas o meu caminho preliminar: tanto as primeiras

(e espontâneas) reações quanto os aprofundamentos posteriores (e continuados) à leitura dessa obra densa e complexa que, como nos diz Lídia Cardel (2016, p. 167), é não somente “[...] um relato histórico de uma nação se autodescobrindo, como também um depoimento de um intelectual positivista frente à sua desilusão ideológica com relação aos ideais republicanos.”

Muitas pessoas, na época, me advertiram sobre a dificuldade de atravessar a primeira parte do livro, *A Terra*, devido a um presumível caráter enfadonho e excessivamente descritivo. Para a minha surpresa, a descrição presente nesse capítulo provocou em mim um encantamento imenso diante da poética narrativa de Euclides da Cunha (2011) que, já em suas primeiras páginas, relata o caminho para Monte Santo:

Varada a estreita faixa de cerrados, que perlongam aquele último rio, está-se em pleno *agreste*, no dizer expressivo dos matutos: arbúsculos quase sem pega sobre a terra escassa, enredados de esgalhos de onde irrompem, solitários, cereus rígidos e silentes, dando ao conjunto a aparência de uma margem de deserto. E o *facies* daquele sertão inóspito vai-se esboçando, lenta e impressionadoramente... **[sic]** (CUNHA, 2011, p. 28, grifo do autor).

O Sertão, território presente no meu imaginário desde a minha primeira infância, ocupava, no fim das contas, um lugar fantasioso, remoto, pois o meu contato essencial com esse espaço se dava, quase que unicamente, através das narrativas do meu pai. Ele, assim como tantos migrantes, jamais retornou ao seu lugar de origem — o sertão do Ceará — mas o trazia com frequência por meio de fábulas, músicas e histórias sobre a sua terra natal. Portanto, a descrição poética e detalhada de Euclides se configurou, no momento de minha leitura, quase como um complemento narrativo de um sertão-mar que já me habitava há tanto tempo:

Deste modo, por qualquer vereda, sucedem-se acidentes pouco elevados mas abruptos, pelos quais tornejam os caminhos, quando não se justapõem por muitas léguas aos leitos vazios dos ribeirões esgotados. E por mais inesperto que seja o observador — ao deixar as perspectivas majestosas, que se desdobram ao Sul, trocando-as pelos cenários emocionantes daquela natureza torturada, tem a impressão persistente de calcar o fundo recém-sublevado de um mar extinto, tendo ainda estereotipada naquelas camadas rígidas a agitação das ondas e das voragens... **[sic]** (CUNHA, 2011, p. 33).

É também verdade que, ao longo da primeira parte, já se desenharam alguns estranhamentos diante do determinismo geográfico presente numa narrativa que, apesar de conter uma poética potencialmente cativante e uma descrição muito precisa dos aspectos gerais da natureza física da caatinga, analisa o território sob a ótica do evolucionismo e trata o sertão como espaço primitivo, lugar aonde a história não chega, despido da grandeza do Sul e da opulência do litoral (CUNHA, 2011).

Na segunda parte, *O Homem*, a concepção positivista-evolucionista²⁶ de Euclides torna-se ainda mais gritante e muito incômoda, quando o autor trata da formação antropológica do brasileiro a partir da confluência da raça nativa dos indígenas, da imigração europeia e da diáspora africana e afirma, num parêntese deveras irritante²⁷, que “A mestiçagem extremada é um retrocesso.” (CUNHA, 2011, p. 113). O sertanejo é, ademais, tomado como fruto de uma seca inevitável que ora o complementa, ora insurge ferozmente contra ele e é, ainda, desenhado física e psicologicamente ao longo da obra de modo racista e cheia de oximoros:

O sertanejo é, antes de tudo, um forte. Não tem o raquitismo exaustivo dos mestiços neurastênicos do litoral. [...] É desgracioso, desengonçado, torto. Hércules-Quasímodo, reflete no aspecto a fealdade típica dos fracos. O andar sem firmeza, sem aprumo, quase gingante e sinuoso, aparenta a translação de membros desarticulados. [...] É o homem permanentemente fatigado. (CUNHA, 2011, p. 118).

Mas é na terceira e última parte de *Os Sertões*, *A Luta*, que se evidencia as hesitações do autor frente às suas próprias perspectivas e paradigmas. Nessa parte do livro, Euclides da Cunha narra as quatro expedições que compuseram a Guerra de Canudos, muito embora só tenha acompanhado a última delas como correspondente

²⁶ Alguns estudos afirmam que a influência positivista de Euclides da Cunha é anterior à publicação de *Os Sertões* e data de sua adolescência, à época da Escola Militar, onde se identificou com a doutrina através de seu professor Benjamin Constant, um dos grandes defensores do positivismo comtiano. Embora claramente haja traços positivistas em suas publicações, há quem defenda a predominância do evolucionismo de Spencer, corrente de pensamento bastante aceita entre a elite intelectual brasileira no século XIX (SOUZA; GALVÃO, 2007).

²⁷ De fato, o subcapítulo no qual o autor trata da mestiçagem enquanto um retrocesso se chama *Um parêntese irritante* (CUNHA, 2011, p. 113).

de guerra do jornal *O Estado de São Paulo*²⁸. Ao chegar no arraial, ele se deparou com uma “[...] cidade semidestruída pelos constantes bombardeios, com seus habitantes privados de água e comida devido ao cerco do Exército.” (VENTURA, 1997, p. 168).

Testemunhar o massacre ao arraial conselheirista provocou mudanças notáveis na visão do autor, dentre elas o modo como ele figura os sertanejos. Essas mudanças se constroem de modo confuso e oscilante ao longo dos capítulos, mas a potência da obra reside, dentre outros lugares, nas contradições e na própria consciência dilacerada do autor (GALVÃO apud HADDAD, 2019). Numa mesma página ele se refere ao sertanejo como portador de “rebeldia insignificante” e logo em seguida como “Anteu, indomável. [...] um titã bronzado fazendo vacilar a marcha dos exércitos.” (CUNHA, 2011. P 239–240).

Atualmente, algumas produções (artigos, reportagens, teses, dissertações, etc.) ainda trazem a ideia de que Euclides alterou “[...] profundamente sua visão sobre os sertanejos e o sertão.” (SCHWARCZ, 2019, não paginado) — de fato, é perceptível o nascimento de uma certa empatia com o sertanejo, especialmente no relato da quarta expedição. Entretanto, a nota preliminar do livro escrita após a finalização do mesmo e em caráter de denúncia à Guerra, mostra que Euclides finalizou sua obra ainda compreendendo o homem do sertão como uma sub-raça condenada ao desaparecimento:

Primeiros efeitos de variados cruzamentos, destinavam-se talvez à formação dos princípios imediatos de uma grande raça. Faltou-lhes, porém, uma situação de parada ou equilíbrio, que lhes não permite a velocidade adquirida pela marcha dos povos neste século. Retardatários hoje, amanhã se extinguirão de todo. (CUNHA, 2011, p. 15).

Por isso, acredito que a mudança profunda ocorre mesmo é na percepção do movimento do exército e da própria Guerra. O que nas primeiras páginas tinha sido descrito como um recurso urgente da nova República para “pacificar o sertão”

²⁸ Ele partiu para Canudos em agosto de 1897 com a quarta e última expedição e, todavia, não assistiu à queda final da cidade, pois, dois dias antes, no dia 03 de outubro de 1897, caiu doente e precisou se retirar do arraial. Enquanto aguardava em Salvador a autorização para partir para Canudos, ele enviava suas impressões ao jornal paulista através das linhas telegráficas instaladas nos arredores da cidade.

e sua “gente indisciplinada” (CUNHA, 2011, p. 215), aos poucos, e de modo não necessariamente linear, vai sendo transformado em um ato “covarde” e “repugnante”, “[...] tácita e explicitamente sancionado pelos chefes militares.” (CUNHA, 2011, p. 535). Euclides da Cunha acaba por admitir e denunciar a violenta carnificina ocorrida em solo sertanejo e, na mesma nota preliminar, afirma: “Aquela campanha lembra um refluxo para o passado. E foi, na significação integral da palavra, um crime. Denunciemo-lo.” (CUNHA, 2011, p. 16). E assim, no silêncio literário que se desvela diante de um progresso empurrado a balas de canhão, ele encerra:

Fechemos este livro. Canudos não se rendeu. Exemplo único em toda a História, resistiu até o esgotamento completo. Expugnado palmo a palmo, na precisão integral do termo, caiu no dia 5, ao entardecer, quando caíram os seus últimos defensores, que todos morreram. Eram quatro, apenas: um velho, dous **[sic]** homens feitos e uma criança, na frente dos quais rugiam raivosamente cinco mil soldados. Forremo-nos à tarefa de descrever os seus últimos momentos. Nem poderíamos fazê-lo. Esta página, imaginamo-la sempre profundamente emocionante e trágica; mas cerramo-la vacilante e sem brilhos. (CUNHA, 2011, p. 578).

E assim se encerra *Os Sertões*. As poucas e estarecidas palavras de Euclides transbordam as páginas e encontram, provavelmente, um leitor igualmente atônito, diante de uma imagem tão potente e tão brutal. É preciso um tempo para assimilar não só a densidade da própria obra, mas também essa consciência dilacerada do autor, que vai se esboçando à revelia daquelas certezas tão bem desenhadas nas primeiras partes do livro.

Diante disso, se faz necessário perceber o contexto histórico que abraça o autor e suas certezas e, assim, abro aqui um grande parêntese para aprofundar um pouco sobre Euclides Rodrigues Pimenta da Cunha (1866–1909): engenheiro militar, escritor, jornalista e, dentre outras coisas, repórter do jornal *O Estado de São Paulo*²⁹. O jornal contou com a assinatura do jovem escritor em uma série de 27 crônicas intituladas *Dia a Dia* e o primeiro artigo de todos, publicado em dezembro de 1888, esboçava críticas contundentes ao já debilitado regime monárquico.

²⁹ Hoje o jornal é conhecido como *Estadão* e antes da proclamação da República era chamado de *A Província de São Paulo*.

Antes de ser enviado como correspondente de guerra do jornal ao arraial conselheirista para acompanhar de perto a quarta e última expedição militar em agosto de 1897, Euclides da Cunha (1897) havia escrito dois artigos intitulados *A Nossa Vendéia*³⁰, opinando sobre a guerra já em curso. Nesses escritos, o jornalista interpreta Antônio Conselheiro e seus seguidores como fanáticos religiosos e deposita a sua fé resoluta na vitória do exército civilizador.

Trata-se de uma comparação à Guerra da Vendéia, ocorrida em 1793 na região oeste da França, inicialmente lida como uma manifestação camponesa e posteriormente compreendida como movimento de contrarrevolução à revolução francesa em curso. O movimento foi protagonizado por católicos e realistas contra os revolucionários republicanos, resultando, em 1796, na morte de aproximadamente 200 mil pessoas e na vitória da República Francesa. Os artigos do jovem jornalista são considerados textos seminais para a construção de *Os Sertões*, publicado cinco anos mais tarde, onde é possível encontrar um fragmento dessa analogia:

Malgrado os defeitos do confronto, Canudos era a nossa Vendeia. O *chouan* e as charnecas emparelham-se bem com o jagunço e as caatingas. O mesmo misticismo, gênese da mesma aspiração política; as mesmas ousadias servidas pelas mesmas astúcias, e a mesma natureza adversa, permitiam que se lembrasse aquele lendário recanto da Bretanha [...] (CUNHA, 2011, p. 240, grifo do autor).

Algumas continuidades costumam os dois trabalhos de Euclides da Cunha (artigos e livro), dentre elas a forte (e incômoda) presença de um determinismo mesológico, que trata a geografia do sertão baiano não somente como um mero cenário na história, mas, sobretudo, como uma grande aliada dos conselheiristas e responsável, dentre outras coisas, por conferir três sucessivas vitórias contra os militares republicanos³¹. Na segunda parte de *A Nossa Vendéia*, autor justifica as dificuldades do exército:

³⁰ *A Nossa Vendéia I* foi publicado no dia 14 de março de 1897 e *A Nossa Vendéia II* foi publicado em 17 de julho de 1897.

³¹ Ao participar da quarta expedição e se aproximar do palco da guerra, por exemplo, Euclides passa a observar algumas inoperâncias nas estratégias do exército, dentre elas a má gestão do abastecimento de comida para os soldados que, àquela altura, chegavam a passar fome; e a distância de 100km entre Canudos e o quartel-general em Monte Santo.

Prolongando-se para o Norte, ao atingir o morro da Favela, eixo das operações do nosso exército, os grandes acidentes de terreno derivam para leste e depois para o norte e subsequentemente para noroeste, como que estabelecendo em torno de Canudos um círculo de cumeadas, cortado pelo Vaza-Barris em Cocorobó. [...] A marcha do exército republicano opera-se nesse labirinto de montanhas. [...] Não é difícil aquilatar-se a imensa série de obstáculos que a perturba. (CUNHA, 1897, não paginado).

E complementa, determinando a adaptação da “sub-raça” sertaneja ao seu meio, fato que lhes conferia vantagem no confronto:

Vestido de couro curtido, das alparcatas sólidas ao desgracioso chapéu de abas largas e afeiçoado aos arriscados lances da vida pastoril, o jagunço traiçoeiro e ousado, rompe-os, atravessa-os, entretanto, em todos os sentidos, facilmente, zombando dos espinhos que não lhe rasgam sequer a vestimenta rústica, vingando célere como um acrobata as mais altas árvores, destramando, destro, o emaranhado dos cipoais. [...] Não há como persegui-lo no seio de uma natureza que o criou à sua imagem — bárbaro, impetuoso, abrupto. (CUNHA, 1897, não paginado).

O estranhamento causado diante do forte determinismo geográfico e racial presente em *Os Sertões* — especialmente na primeira e segunda parte, *A Terra* e *O Homem* — e também nos artigos anteriores ao livro rapidamente me levou a buscar o contexto histórico no qual as narrativas foram desenvolvidas. As duas obras dialogam com o evolucionismo de Spencer, que defendia a seleção natural darwinista aplicada aos seres humanos; e também com a sociologia evolucionista do polonês Ludwig von Gumplowicz³², que acreditava na luta de raças enquanto base dos processos históricos e na subsequente supremacia das classes dominantes.

Há, também, uma forte influência do historiador positivista francês Hippolyte Taine, que propunha uma interpretação da história a partir da trilogia meio, raça e circunstância. O esquema taineano foi seguido por Euclides ao dividir *Os Sertões* em *A Terra*, *O Homem* e *A Luta*, numa clara analogia. Nota-se, também, influência do pensamento do biólogo alemão Ernst Haeckel, que defendia a superioridade

³² O crítico literário Luiz Costa Lima (1997) disserta sobre uma possível compreensão distorcida e mal elaborada por parte de Euclides da Cunha sobre as teses de Gumplowicz. Para aprofundar esse assunto, ver a sua obra *Terra Ignota* (COSTA LIMA, 1997).

intelectual dos europeus; e do psiquiatra italiano Cesare Lombroso, que entendia os comportamentos violentos a partir de alterações estruturais do cérebro.

As correntes epistemológicas que compreendem as narrativas euclidianas tratadas aqui se caracterizam, em geral, pelo estabelecimento de leis universais aos processos históricos, assemelhando-os aos fenômenos das ciências naturais. Nesse tipo de perspectiva, o sujeito é determinado pelo meio, pela raça e pela evolução; e os acontecimentos históricos e sociais tendem a se repetir no decurso do tempo, desde que determinadas as suas causas originadoras. Como nos diz Luiz Costa Lima (2009) em artigo online publicado no *Estadão*, “Tudo era previsível: geografias, climas, homens e raças.”

É indiscutível a importância de Euclides da Cunha para o pensamento social brasileiro, haja vista inúmeros debates e produções gerados até hoje, sobretudo a partir de sua obra *Os Sertões*. Diante disso, é fundamental perceber o contexto histórico no qual a obra foi gestada, bem como os diversos deslocamentos e desdobramentos interpretativos que seguem sendo produzidos a partir dela. Sobre isso, o historiador Quentin Skinner (apud FREITAS, 2016) reforça a pertinência das circunstâncias nas quais se desenvolvem as ideias, a partir de uma metodologia bem sintetizada pelo também historiador John Pocock (apud FREITAS, 2016):

Era necessário, Skinner dizia, saber o que o autor estava fazendo: o que ele pretendia fazer (o significado para si) e o que ele tinha conseguido fazer (o significado para os outros). O ato e seu resultado haviam ocorrido em um contexto histórico, constituído em primeiro lugar pela linguagem do discurso em que o autor escrevera e fora lido. E, embora o ato de fala pudesse renovar e redirecionar essa linguagem, modificando-a, ela não deixava de estabelecer limites àquilo que o autor podia dizer, queria dizer e podia ser entendido como dizendo. (POCOCK apud FREITAS, 2016, p. 19).

Não iremos aprofundar aqui o contextualismo linguístico proposto por Skinner (apud FREITAS, 2016), apenas trazer luz à importância de compreender o momento, as intenções e as motivações de Euclides da Cunha (2011) e também as atualizações cabíveis aos seus escritos. Sabe-se que a maior parte deles, pautados nas matrizes teórico-científicas explanadas acima, foram desenvolvidos a partir da experiência *in loco* do próprio autor e também a partir de fontes orais e publicações censuradas.

Dessa junção, nasceu a obra de referência nacional *Os Sertões* — minha porta de entrada para Canudos e sua história — publicada em 1902, cinco anos após o massacre.

Fecho aqui o parêntese sobre Euclides da Cunha e sigo com outras leituras e aprofundamentos importantes que aconteceram no decorrer da minha pesquisa. Foi durante o mestrado que decidi, finalmente, trabalhar com a cidade de Canudos, num processo já relatado nas considerações iniciais deste trabalho. Como também já disse anteriormente, duas narrativas específicas marcaram essa decisão e são parte importante do meu aprofundamento com a cidade e a sua história: o artigo de Lídia Cardel (2016) e o documentário de Antônio Olavo, *Paixão e Guerra no Sertão de Canudos* (1993).

O artigo de Lídia Cardel (2016) analisa vários elementos do próprio documentário (1993) de Olavo e pontua, a partir da obra fílmica, os diversos desdobramentos que a saga conselheirista provoca no pensamento social brasileiro, desde a própria imagem e trajetória de Antônio Conselheiro, passando pela questão da identidade e do suposto isolamento do homem sertanejo, até a estrutura social do arraial de Belo Monte.

Para tanto, ela perpassa pela obra de Euclides da Cunha, *Os Sertões* (CUNHA apud CARDEL, 2016); pela temática do campesinato e movimentos migratórios; pelo evento da seca e sua articulação com a realidade social e os modos de produção; contraponto entre sertão e litoral; e as questões da fé, religiosidade e messianismo presentes no movimento canudense. Foi, portanto, uma leitura fundamental para uma compreensão mais profunda das discussões que transbordam a história de Canudos, bem como para solidificar a decisão de trabalhar com um território tão fecundo e, ao mesmo tempo, tão carregado de discursos contraditórios e paradoxais.

Já o documentário de Antônio Olavo, vencedor do Sol de Ouro e do X Rio Cine Festival (1994), abraça, justamente, essa profusão de narrativas sobre Canudos, Antônio Conselheiro e sua saga, bem como destaca a existência de vozes alternativas às memórias dominantes. Segundo a própria Lídia Cardel (2016),

O documentário [...] traz a profusão destes discursos descontraídos por meio de uma narrativa fílmica simples e eficaz. O autor coloca num mesmo nível significativo a análise de historiadores renomados,

intelectuais engajados e sertanejos humildes, enraizados na mística do catolicismo sebastianista, que deu origem ao acontecimento que teatralizou a agonia política de uma República Brasileira ainda incipiente. (CARDEL, 2016, p. 166).

Com alguma influência do *Cinema Verdade*³³, tais quais o próprio caráter documental, a fragmentação das narrativas, a aproximação com a sociologia e antropologia e a intenção de dar voz a uma população muitas vezes invisibilizada, a obra de Antônio Olavo se insere num momento da cinematografia brasileira marcada por duas grandes linhas de força: uma que buscava reforçar a identidade nacional por meio de roteiros históricos³⁴; e a outra, onde se enquadra Olavo, que procurava, justamente, desconstruir muitos dos estereótipos cristalizados no imaginário nacional (SIMIS; PELLEGRINI, 1998).

Essa segunda forma de construção identitária pode se traduzir na subversão de um silêncio imposto pela historiografia e memória nacional através da revelação da memória popular e das vozes subterrâneas, mostrando um sertão que a elite urbana desconhecia ou não fazia questão de conhecer. Nesse contexto se encontra *Paixão e Guerra no Sertão de Canudos* (1993), uma obra potente no complemento e reelaboração dos discursos sobre o movimento conselheirista e que, de acordo com Lídia Cardel (2016),

[...] vai delineando uma narrativa sobre o mito, o mítico e a mística dos acontecimentos que envolveram o bom conselheiro e a horda de camponeses que o seguiram pelas trilhas ressequidas dos sertões até a fundação, o ápice e a queda do povoado de Canudos. (CARDEL, 2016, p. 168).

³³ O termo *Cinema Verdade* (*Cinéma Vérité*) se consagra na década de 60 com a inauguração do filme *Crônica de um Verão* em 1961 (*Chronique d'un été*) de Jean Rouch juntamente com o sociólogo Edgar Morin e dialoga, entre aproximações e diferenças, com o *Cinema Direto*, destacado por Robert Drew e seu filme *Primary* (1960). Muito embora as duas formas carreguem influência do cinema não ficcional do russo Dziga Vertov na década de 20, foi a evolução tecnológica da década de 60 (câmeras portáteis e possibilidade de som direto) que viabilizou mudanças significativas nas produções cinematográficas, especialmente as de caráter documental (CHIOQUETTA, 2008).

³⁴ O filme de Sérgio Rezende, *A Guerra de Canudos* (1997), por exemplo, se enquadra nessa linha de força, pois seu roteiro é totalmente ancorado na vertente euclidiana da memória de Canudos. A obra de Rezende acaba por reforçar alguns estereótipos, tais quais o fanatismo de Antônio Conselheiro, a ignorância dos conselheiristas, o caráter civilizador do exército, entre outros. Para aprofundar essa análise, ver artigo de Antônio Sá (2008) chamado *Canudos Plural: imagens em movimento do sertão em guerra*.

O próprio diretor, em entrevista no *Caderno de Cinema* (2013), diz ter conhecido Canudos como a maioria das pessoas — através de informações superficiais, que apontavam o fanatismo e insanidade no movimento conselheirista. Numa experiência de trabalho em 1983 como fotógrafo em Monte Santo (BA), Antônio Olavo foi ouvindo relatos sobre Antônio Conselheiro e Canudos que contrariavam as versões da visão oficial as quais teve acesso noutros tempos.

O documentário de Olavo segue uma estrutura cronológica linear, pautada na trajetória de Antônio Conselheiro, desde o seu nascimento em 1830 na cidade de Quixeramobim-CE até a sua morte no arraial de Belo Monte, em 1897, passando por vários episódios importantes de sua vida conturbada e suas peregrinações pelo Nordeste, e também pelas quatro violentas batalhas entre os sertanejos e o exército republicano, que resultou no bombardeio e destruição total do arraial de Belo Monte.

Para contrastar tal linearidade, o diretor traz uma visão multifacetada da história de Conselheiro e da Guerra de Canudos, através do cruzamento de diversos focos narrativos (historiadores, acadêmicos, trabalhadores rurais, representantes religiosos e militares) com uma potente mescla imagética de grande eficácia metafórica ao fundo desses discursos (pinturas de artistas plásticos; cenas de romarias, procissões e cânticos; moedas do tempo imperial; as águas do açude Cocorobó; entre outras). Tudo isso costurado pela narração do cearense José Wilker e trilha sonora de compositores baianos³⁵ comprometidos com a cultura sertaneja.

O cineasta baiano não é imparcial ao incorporar em sua obra toda essa bricolagem polifônica: ele abertamente toma partido³⁶ e mostra sua afinidade e aproximação com a visão popular da memória de Canudos (SÁ, 2008). E, para tanto, se vale de um artifício muito sutil e elegante ao trazer os depoimentos para um mesmo patamar simbólico: ao

³⁵ Dentre eles os músicos Gereba, Wilson Aragão e Fábio Paz, este último responsável pela direção musical do documentário de Olavo.

³⁶ Ver entrevista concedida por Antônio Olavo (2013) disponível em <http://cadernodecinema.com.br/blog/antonio-olavo/>. Acesso em 21 jan. 2019

apresentar as pessoas durante seus testemunhos, Olavo apenas identifica o nome, a idade e a cidade de origem. Não há informação sobre a profissão, posição social, ou nada que situe os entrevistados em relação aos seus capitais simbólicos, ficando a critério do expectador a identificação dos testemunhos a partir do contexto, das falas e do próprio olhar do diretor.

Outros dois pontos significativos no tocante aos testemunhos, em especial os dos sertanejos, são tanto as versões diferentes (e muitas vezes conflitantes) sobre os acontecimentos que marcaram a história de Conselheiro e da Guerra de Canudos quanto a convicção presente em cada uma das narrativas. Há depoimentos sobre a morte de Antônio Conselheiro, sobre a sua saída do Ceará, sobre as estratégias de guerra e sobre as próprias místicas que circundam a história conselheirista — por vezes, a mesma história é contada em recortes, através de vozes distintas, que ora se complementam, ora se contrariam.

A maioria dos testemunhos são de pessoas que não presenciaram as cenas que narram, mas as contam como se tivessem vivido no calor dos acontecimentos. Assim se vê claramente nos relatos de dois sertanejos baianos sobre a degola de um prisioneiro de guerra e sobre a destruição do arraial de Belo Monte. Sobre a degola, Ioiô Siqueira, de 84 anos, descreve um possível diálogo entre um militar e um jagunço:

Um foi preso e Arthur Oscar perguntou a ele: “Cê quer ter sua liberdade?” Na presença de Euclides da Cunha! “Cê quer ter sua liberdade?” E ele disse: “Se me der eu aceito...” Após diga [e o depoente se levanta enfaticamente, com o dedo em riste, como se estivesse encenando o movimento do general] viva a liberdade e morra o Conselheiro! E ele disse “Morra a república e viva o Conselheiro!” Ele disse: “Pra este não tem jeito, siga para a degola!” Taí... A resposta foi duas duras, assim. **[sic]** (PAIXÃO, 1993).

Pouco depois, Zé de Isabé, de 100 anos, descreve com muito pesar o arraial devastado:

Ficou tudo acabado, ali. Tudo acabado. [E aponta para a paisagem à sua frente]. Quer dizer que não ficou... Só tinha... Eu ainda me lembro que tinha ali os cacos velhos de casa... Cachorro disse ficou aí que era uma coisa horrível. O pessoal não podia nem andar! A carniça foi muita. Muita. Disse que era muita gente. O senhor calcule, morreu foi toda a gente. Foi toda a gente! **[sic]** (PAIXÃO, 1993).

Assim como em *Narradores de Javé* (2003), as vozes do documentário de Olavo expressam uma potência de recomposição e acesso ao passado por meio dos imaginários individual e coletivo daqueles que a exprimem — com a diferença importante de o primeiro se tratar de uma obra ficcional e o segundo se tratar de um documentário real construído a partir das narrativas e memórias de um povo.

As três narrativas destacadas no decorrer dessa primeira parte foram as minhas principais portas de entrada para a história de Canudos e, sem dúvida, inspiraram o forte encantamento que se pronunciou ao longo do caminho. Elas possibilitam um diálogo capaz de revelar aos poucos — quase como as águas do açude o fazem — o desenho de uma cidade tão viva e tão complexa, idealizada por um peregrino cearense e materializada por uma parcela da sociedade absolutamente desacolhida, que viu no movimento daquele líder a possibilidade de uma vida com menos desamparo.

3.2 ANTÔNIO CONSELHEIRO

Não gostaria de apresentar Canudos sem antes falar do líder religioso dos sertões nordestinos, Antônio Conselheiro. Ele é tido por muitos como síntese e complemento de Canudos, do sertão e do povo sertanejo, na medida em que o desenho de sua história é uma costura polifônica de narrativas ambíguas, complexas, multifacetadas e até, muitas vezes, divergentes entre si. Segundo Lídia Cardel (2016, p. 166), “[...] tornou-se ícone da identidade sertaneja e um mito no imaginário intelectual brasileiro [...]”.

Da união de Vicente Mendes Maciel e Maria Joaquina de Jesus nasceu, em Quixeramobim, no sertão do Ceará, em março de 1830, Antônio Vicente Mendes Maciel, mais tarde conhecido como Antônio dos Mares, Divino Antônio, Santo Antônio Aparecido, Bom Jesus Conselheiro e, finalmente, Antônio Conselheiro (CALASANS, [1968]). Teve acesso à educação formal superior à média do seu tempo e, dentre as diversas ocupações que teve ao longo da vida, se encontram as de professor, escrivão, caixeiro, balconista e rábula.

As ambiguidades narrativas já se apresentam desde as descrições de seu pai, Vicente Mendes Maciel, que é descrito por Levine (apud BOVO, 2007) como alcoólatra e de temperamento explosivo; por Euclides da Cunha (2011, p. 160) como “um pai de honradez proverbial”, “irascível, mas de excelente caráter” e por Edmundo Moniz (apud BOVO, 2007, p. 15) como “[...] homem cordato que submetia-se em silêncio.” Já sobre a mãe, Maria Joaquina de Jesus, há a versão de sua morte na primeira infância do futuro peregrino, e a lenda de que foi assassinada pelo próprio filho em meados de 1870.

Euclides da Cunha (2011, p. 165) versa sobre essa lenda em *Os Sertões*: “[...] diziam-no assassino da esposa e da própria mãe. Era uma lenda arrepiadora.” O autor narra que a mãe de Antônio Vicente, por desaprovar a nora, conta ao filho que a mulher o traía e o aconselha a simular uma viagem com o propósito de pegar os dois em flagrante. Desejando a morte da nora, disfarça-se de homem para execução de seu “plano diabólico” (CUNHA, 2011, p. 166). Antônio, no escuro, atira no suposto amante

Figura 05 — Conselheiro



Fotografia: Dila Reis, 2018

e na esposa infiel para, depois, reconhecer com horror que, no fim das contas, matara a própria mãe. Euclides (2011, p. 166) conclui o episódio dizendo que “A imaginação popular, como se vê, começava a romancear-lhe a vida, com um traço vigoroso de originalidade trágica.”

Não há outra menção sobre a mãe do futuro peregrino na obra de Euclides. Já no documentário (1993) de Antônio Olavo, desenha-se nos primeiros minutos uma interseção narrativa entre a lenda e a sua negação. A lenda começa sendo contada, tal qual a descrição de Euclides da Cunha, por Zé de Izabé, um sertanejo baiano de 100 anos de idade, que finaliza a história dizendo: “Assim disse o povo, né? Eu não sei, eu não vi...” (PAIXÃO, 1993), seguida pela fala de um descendente da família, Manoel Maciel, que de imediato contesta: “Foi mentira. É mentira. Eu vou desfazer agora essa calúnia que foi assacada contra Antônio Conselheiro. Antônio Conselheiro em 1857 já era órfão de pai e mãe.” (PAIXÃO, 1993).

Antônio Vicente Mendes Maciel seguiu, portanto, numa infância e juventude atribuladas pela morte precoce da mãe, pela relação conturbada com o pai e a madrasta e pelo conflito entre a sua família, o clã dos Maciel, e a família mandatária da região, o clã dos Araújo. De acordo com Lídia Cardel (2016),

[...] estas brigas familiares, muito comuns entre pequenas elites locais no nordeste brasileiro, davam-se, normalmente, em função de heranças, de divisas de terras, mas fundamentalmente, eram acontecimentos onde a honra e a ética patriarcal deveriam ser lavadas com sangue. (CARDEL, 2016, p. 172).

Após a morte de seu pai, quando tinha 25 anos, precisou cuidar das dívidas deixadas por ele e também das suas três irmãs solteiras. Poucos anos mais tarde, casou-se com sua prima Brasileira Laurentina de Lima, com quem teve dois filhos. Sua vida segue destacada por tragédias e, embora não haja um consenso sobre os acontecimentos, alguns historiadores afirmam que ele foi abandonado pela mulher: uns dizem que ela fugiu com um soldado, outros dizem que o abandono se deu por ter descoberto um caso de Antônio com uma mulher chamada Joana Imaginária (BOVO, 2007).

Sobre seus filhos também não se sabe ao certo se ficaram com a mãe ou com a sogra. O que se sabe é que, após a separação, ele se dedicou ao magistério e iniciou a sua peregrinação solo pelo Nordeste, pregando a palavra de Deus nos sertões do Ceará, Pernambuco, Sergipe e Bahia (FREITAS, 2016). Possivelmente durante as suas andanças, em algum tempo impreciso na história, diz-se do seu caso com Joana Imaginária, uma artesã que modelava santos de barro e madeira — com ela viveu durante um curto período de tempo em Tamboril (CE) e juntos tiveram um filho chamado Joaquim Aprígio (PAIXÃO, 1993).

O peregrino seguiu com as suas andanças pelos sertões afora, mas nem Joana nem o filho o acompanharam. Mais ou menos à essa época, em princípios de 1870, Antônio Vicente Mendes Maciel parece ter desaparecido durante um tempo. Segundo Euclides da Cunha,

Passaram-se dez anos. O moço infeliz de Quixeramobim ficou de todo esquecido. Apenas uma ou outra vez lhe recordavam o nome e o termo escandaloso da existência, em que era *magna pars* um Lovelace de coturno reiúno, um sargento de polícia. Graças a este incidente, algo ridículo, ficara nas paragens natais breve resquício de sua lembrança. Morrera por assim dizer. (CUNHA, 2011, p. 162).

Nesses tempos obscuros, parece desenhar-se com mais clareza, finalmente, a imagem do pregador sertanejo Antônio Conselheiro. Sobre essa gênese, BOVO (2007) afirma com coerência que

Essa espécie de isolamento periódico dos peregrinos é comum no cristianismo. Segundo a tradição, é durante esse período que a pessoa adquire o poder espiritual necessário para a sua missão. Em relação a Antônio Conselheiro, é difícil dizer quais foram o motivo e o momento exatos de sua transformação, parecendo mais razoável atribuí-la a uma série de fatores e tomar tal período de isolamento como o ápice de um processo que converteu o cidadão Antônio Vicente Mendes Maciel no beato ou peregrino Antônio Conselheiro. (BOVO, 2007, p. 18).

E o desenho ganha ainda mais corpo com a primeira referência da imprensa sobre o “misterioso personagem”, na publicação do jornal sergipano *O Rabudo* em 22 de novembro de 1874. Embora se saiba que, à época da sua passagem em Sergipe, Antônio Conselheiro já havia conquistado fiéis, seguidores e admiradores, se

percebe com clareza a carga de estranhamento, desconforto e incômodo que provocou em seu caminho, traduzidos com alarde e arrogância pela imprensa sergipana:

Abons seis meses que por todo o centro desta e da Provincia da Bahia, chegado, (diz elle,) da do Ceará infesta um aventureiro santarrão que se apellida por Antonio dos Mares: o que, avista dos apparentes e **mentirosos milagres** que disem ter elle feito, tem dado lugar a que o povo o trate por S. Antonio dos Mares. Esse **mysterioso personagem**, trajando uma enorme camisa azul que lhe serve de habito a forma do de sacerdote, pessimamente suja, cabellos mui espessos e sebózos entre os quaes se vê claramente uma espantosa multidão de bixos (piólhos). Distingue-se elle pelo ar mysterioso, olhos baços, téz desbotada e de pés nus; o que tudo concorre para o tornar **a figura mais degradante do mundo**. Anda no character de missionario, pregoando e ensinando a doutrina de Jesus Christo, diz. Suas predicas consistem na prohibição dos chales de merinó, botinas, pentes; e não comer se carne e cousas dôces nas sextas e sabados. Tem levantado latadas em diversos lugares e por onze dias arrastado o povo a seos concelhos sendo tudo bem semelhante a uma missão de cujas ordens se acha revestido. O fanatismo do povo tem subido a ponto tal que affirmão muitos ser o próprio Jesus Christo e disem mais, que fora dos conselhos de tal santo não haverá sertamente salvação; beijão-lhe a veste sebosa com a mais fervente adoração! Algumas pessoas de juiso são accordes que esse homem commeteo um grande crime, o procura espial-o ou encobril-o por esta forma: não aceita esmolos, e a sua allimentação é a mais resumida e simples possivel. É incalculavel os prejuisos que teem soffrido os pobres pais de familia; pois vêem todo o fructo de suas fadigas tornando em cinzas logo apoz ás predicas do misterioso saltimbanco. Pessoas há que não deixarão se quer um uniforme complecto; e se conservarão ainda algumas pessoas he por não quererem ou não poderem ficarem totalmente nús. Pedimos providencias a respeito: **seja esse homem capturado e levado a presença do Governo Imperial**, a fim de prevenir os males que ainda não forão postos em prática pela auctoridade da palavra do Fr. S. Antonio dos Mares moderno. Dizem que elle não teme a nada, e que estará a frente de suas ovelhas. Que audácia! O povo fanático sustenta que n'elle não tocarão; já tendo se dado casos de pegarem em armas para defendel-o. Para qualquer lugar que elle se encaminha segue-o o povo em tropel, e em número fabuloso: Acha-se agora em Rainha dos Anjos, da Província da Bahia, erigindo um Templo. **[sic]** (O RABUDO, 1874 apud SANTOS, J., 2012, grifo nosso).

O crime a que se refere a reportagem é a suspeita do assassinato da mãe e da esposa, que obriga o peregrino a retornar à sua cidade natal, resultando na sua prisão em 1876. Esse episódio ecoou na imprensa baiana, sendo notificado no *Diário da Bahia*, no *Jornal da Bahia* e no *Correio da Bahia* e, desse modo, a imagem de Antônio Conselheiro (e, nesse ponto, seus seguidores) segue sendo construída por vozes

hegemônicas que o estigmatizam como um fanático a ser contido. Uma passagem encontrada em *Os Sertões* — indicada por Euclides como proveniente de um anuário carioca em 1877³⁷ e por Calasans [1968] como publicação em *O Diário da Bahia* em 1876 — ratifica a antipatia perigosa que se constrói junto com a imagem do beato:

Apareceu no sertão do Norte um indivíduo, que se diz chamar Antônio Conselheiro, e que exerce grande influência no espírito das classes populares, servindo-se de seu exterior misterioso e costumes ascéticos, com que impõe à ignorância e à simplicidade. Deixou crescer a barba e cabelos, veste uma túnica de algodão e alimenta-se tenuemente, sendo quase uma múmia. Acompanhado de duas professoras, vive a rezar terços e ladainhas e a pregar e a dar conselhos às multidões, que reúne, onde lhe permitem os párocos; e, movendo sentimentos religiosos, vai arrebanhando o povo e guiando-o a seu gosto. Revela ser um homem inteligente, mas sem cultura. (CUNHA, 2011, p. 165).

Apesar da diferença de dois anos entre a primeira referência sobre o Conselheiro em *O Rabudo* (1874) e a publicação em *O Diário da Bahia* (1876), as descrições se repetem de modo alarmante: misterioso, aspecto repulsivo, conduta aproveitadora sobre os pobres ignorantes. Não há esforço em aprofundar ou contrapor a imagem degradante que começa a tomar corpo e o que se vê, por conseguinte, são os primeiros esboços da criação de um inimigo interno, no contexto de uma Monarquia em agonia e, posteriormente, de uma República imatura.

Antônio Conselheiro começou a incomodar. Incomodou o alto clero³⁸ por demover fiéis; incomodou os grandes proprietários de terra por retirar mão de obra praticamente escrava protagonizada pelos sertanejos; e, no fim, incomodou a recém-instaurada República por recusar a sua estrutura. A sua própria prisão, mencionada acima, pode ser considerada um dos primeiros reflexos desse incômodo: houve uma grande pressão por parte de padres, delegados e até mesmo um promotor de

³⁷ Trata-se da *Folhinha Laemmert* que na obra de Euclides da Cunha (2011, p. 165) está referenciada como “[...] um anuário impresso centenas **[sic]** de léguas de distância [...]”, cuja publicação diz respeito a um “[...] documento expressivo publicado aquele ano, na capital do Império.” (CUNHA, 2011, p. 165).

³⁸ As pregações de leigos era uma prática comum no Nordeste e sabe-se que Antônio Conselheiro era bem estimado por alguns párocos das regiões por onde passou (BOVO, 2007). Ainda assim, a Igreja Católica o proibiu de pregar seus sermões em 1882 (VENTURA, 1997).

Salvador, que providenciou sua carta de extradição e seu retorno ao Ceará (VILLA, 1995 apud BOVO, 2007).

No fim das contas, nada foi provado contra ele e, após sua liberação, retornou à Bahia, onde retomou as suas pregações e também a construção e restauração de igrejas, cemitérios, capelas. Nesse movimento, seguiu atraindo mais fiéis e, conseqüentemente, mais inimizadas — embora haja divergência nas datas³⁹, há registro de uma tentativa de interná-lo em um hospício no Rio de Janeiro, fato que não se processou por falta de vagas. De todo modo, já se estabelece aqui

[...] um perfil no mínimo contraditório. Parecia fascinante aos sertanejos. Era um orador que marcava vivamente os seus espíritos. Para outros, ele representava uma ameaça concreta, seja pelo teor de suas pregações, seja pelo modo de vida que incentivava. Para outros, ainda, essencialmente aqueles que não estavam familiarizados com o mundo sertanejo, ou seja, grande parte das pessoas que faziam parte, por assim dizer, do mundo 'letrado' (e que poderiam escrever sobre o assunto), aquele homem, seguido daquela multidão, poderia parecer algo assustador. Porque não era lógico, não era 'racional'. Ou assustavam-se ou desdenhavam-no. (BOVO, 2007, p. 20).

Precisamente, Euclides da Cunha — pertencente ao mundo “letrado” a que se refere Ana Paula Bovo (2007) — não só ratifica como cristaliza, durante muitas décadas, a imagem de Antônio Conselheiro como um gnóstico bronco, louco, fanático, degenerado e, ainda “[...] incompreendido, desequilibrado, retrógrado, rebelde [...]” (CUNHA, p. 153). A primeira referência ao peregrino em sua obra *Os Sertões* aparece sob o título de “Antônio Conselheiro, documento vivo de atavismo” (CUNHA, 2011 p. 150), e diz, cheio de hostilidades, que

[...] o historiador só pode avaliar a altitude daquele homem, **que por si nada valeu**, considerando a psicologia da sociedade que o criou. Isolado, ele se perde na turba dos **neuróticos vulgares**. Pode ser incluído numa modalidade qualquer de **psicose progressiva**. Mas posto em função do meio, assombra. É uma diátese, e é uma síntese. As fases singulares da sua existência não são, talvez, períodos sucessivos de uma moléstia grave, mas são, com certeza, resumo abreviado dos aspectos predominantes de **mal social gravíssimo**.

³⁹ De acordo com Calasans [1968] essa tentativa aconteceu em 1887 por conta da pressão do arcebispo e do presidente da Província. Já de acordo com Ana Paula Bovo (2007), esse episódio se deu à época de sua prisão no Ceará, por volta de 1876, mais de 10 anos antes.

Por isto o infeliz destinado à solicitude dos médicos veio, impelido por uma potência superior, bater de encontro a uma civilização, **indo para a história como poderia ter ido para o hospício**. (CUNHA, 2011, p. 150, grifo nosso).

Mas não é só no campo erudito, ou num contexto distanciado do mundo sertanejo, que o desenho de Antônio Conselheiro vai sendo traçado; também na poesia popular se vê esboços da saga conselheirista, tanto sob a perspectiva dos estereótipos negativos quanto das afinidades ao povo de Canudos e o seu líder. Nesse contexto, o mestre cordelista baiano Minelvino Francisco Silva (1980), em seu poema intitulado *Antônio Conselheiro e a Guerra de Canudos*, escreve em 1979 sobre o cearense:

[...] Parecendo ser marcado
 Por um futuro ferino,
 Foi em Quixeramobim
 Que **se tornou assassino**
 E se abriu mais uma página
 No livro do seu destino.

Antônio, sendo impelido,
 Por motivo ignorado
A matar sua esposa,
 Sem pensar, foi castigado,
 Porque na luta **matou**
A própria mãe, enganado.

Fugiu, para não ser preso,
 Levando na consciência
 A mancha negra do crime
 Feito pela violência.
 Resolveu, **para esconder-se,**
 Fazer uma penitência.

(SILVA, 1980, p. 4, grifo nosso)

Tendo em vista que a literatura de cordel é uma manifestação poética significativa da cultura popular nordestina, vê-se, no trecho citado acima, parte da trajetória de Antônio Conselheiro narrada sob forte influência dos estereótipos traçados sobre o peregrino pela imprensa nacional e consolidados, no início do século XIX, por Euclides da Cunha em sua obra *Os Sertões*. O cordelista, por sua vez, reforça os rótulos de assassino, ambicioso, fanático, rebelde, por muito tempo presentes na imagem do pregador:

[...] Assim seguiu Conselheiro,
 Dando conselhos, pregando
 A seu modo a sua fé,
 Às vezes profetizando —
 Numa estrada perigosa,
 Sem enxergar, foi entrando.

Vendo aquela multidão
 Cercá-lo com otimismo,
Cegou-se pela ambição —
 Não viu de frente o abismo,
 Que já se abria a seus pés,
Na boca do fanatismo.

Embora continuasse
 Dizendo as suas verdades,
 Entendeu de criticar
 Algumas autoridades,
 Contrariando a política
 Daquelas capacidades.

O homem religioso,
 Que quer seguir para a luz,
 Não deve entrar na política,
 Pois dobra o peso da cruz —
 Finda saindo da ética
 Da Santa Lei de Jesus.

(SILVA, 1980, p. 6, grifo nosso)

Já o cordelista baiano José Aras (1957 apud CALASANS, 1984), pouco mais de duas décadas antes de Minelvino (1980), traz outros adjetivos da figura do Conselheiro, tais como modesto, honesto e valente, demonstrando outro tipo de afinidade com o líder religioso e o povo de Canudos. Ele traz a famosa lenda sobre Antônio Vicente ter matado a própria mãe, porém, alguns versos mais à frente, esboça a ausência de provas e descreve uma prisão improcedente. O poeta, entretanto, não consegue se distanciar da ideia de fanatismo e ignorância presente na construção identitária dos sertanejos conselheiristas e, embora os veja como inocentes, ainda reforça o estereótipo:

O leitor já ouviu contar
 A história do Conselheiro,
 De um simples penitente
 Que assombrou o mundo inteiro,
 Modesto, honesto e valente
 Que fascinou tanta gente
 Neste sertão brasileiro.

Sua arma era uma vêrga
 Na espécie de bastão
 Era o tipo de Moisés
 Pregando pelo sertão
 Imitava no Sinai
 E o povo tinha-o por pai
 E autor da Redenção.

[...] Era uma noite de escuro
 Abriu a porta do muro
 Êle foi se aproximando.
 A velha mãe de Antonio
 Era quem vinha entrando
 E êle deu-lhe um tiro
 E a espôsa foi esfaqueando,
 E quando reconheceu
 Que sua mãe morreu
Correu louco e lastimando.

[...] E com falsa precatória
 O juiz mandou-o prender
 E remetido ao Ceará
Pra suas culpas responder,
 Enviado a Fortaleza
 Nem mesmo sua defesa
 Não fez, queria sofrer.

Sofreu dos guardas injúrias,
 Nada êle reclamou
 Foi sôlto em Fortaleza
 E para a Bahia voltou,
 Nenhum crime tinha lá
 Na Comarca de Quixadá
 Escrito nada encontrou.

[...] **Êsse povo ignorante**
 Que acompanhou o Conselheiro
Era fanático e inocente
 Mas não era desordeiro,
 Porém seguiram na pista
 Soldados caíam à vista
 Varados no taboleiro.

(SARA, 1957 apud CALASANS, 1984, p. 1–7, grifo nosso)⁴⁰

⁴⁰ A referência ao cordelista José Aras (1957 apud CALASANS, 1984) na obra do historiador Calasans (1984) se encontra como “SARA, *J. Meu folclore; história da guerra de Canudos, 1893–1898*”. Acredito se tratar de um pseudônimo, porém, por não encontrar comprovações escritas ou orais, mantive a referência do “SARA” tal qual na obra de Calasans (1984).

Antônio Olavo, em outra linguagem — a cinematográfica — e em outro momento⁴¹ dos debates e discussões acerca da história de Canudos e seus personagens, traça em seu documentário um desenho oposto ao de Euclides da Cunha, quando, nos primeiros minutos de sua obra, revela um Antônio Conselheiro letrado e poeta, ao invés de ignorante e bronco, delineado pela memória da parente Zefa Maciel, que diz: “Ele era poeta também, ele rimava. E a rima dele era pouca, mas eu aprendi.” (PAIXÃO, 1993) — e recita com imensa delicadeza os versos do peregrino:

O relógio da saudade
anda suspenso nas horas
só quem não ama não sente
quando seu bem vai embora
quando meu bem me visita
se estou doente melhora
repito a mesma doença
quando meu bem vai embora
minuto parece hora
hora parece dia
dia parece ano
quando meu bem vai embora.

(PAIXÃO, 1993)

As inúmeras características negativas sobre Conselheiro traçadas pelos intelectuais, pela imprensa, pelo governo, pelo clero e pela elite (os principais oponentes do movimento conselheirista), tais quais um cearense bronco, um paranoico indiferente, um monarquista fanático, um profeta milenarista atormentado, entre tantos outros, podem ser negadas, primeiramente, pela trajetória do próprio líder religioso, sobretudo através dos seus manuscritos⁴² encontrados nos escombros do arraial. Especialmente a partir da década de 40, quando se abrem novos caminhos interpretativos sobre a

⁴¹ Muito embora a visão euclidiana tenha sido essencialmente contestada a partir da década de 40 (na ocasião do cinquentenário da guerra e da valorização das tradições orais na construção da historiografia), na década de 90, com as celebrações do centenário de Canudos, o debate acerca dessa temática ganha outro grande impulso, resultando em inúmeras produções, dentre elas o documentário (1993) de Antônio Olavo.

⁴² O primeiro manuscrito data de 1895 e se chama *Apontamentos dos Preceitos da Divina Lei de Nosso Senhor Jesus Cristo, para a Salvação dos Homens*, escrito antes da guerra contra o exército brasileiro; e o segundo caderno data de 1897, escrito no fim da guerra, sob o título de *Tempestades que se Levantam no Coração de Maria, por Ocasião da Anunciação*. Os dois cadernos foram encontrados por soldados que buscavam o cadáver do Conselheiro, antes de o arraial ser incendiado.

guerra e seus personagens (SILVA, 2001), alguns pesquisadores se debruçam sobre esses manuscritos, dentre eles o teórico literário Roberto Ventura (1997), que nos diz:

Os sermões Antônio Vicente Mendes Maciel, o Conselheiro [...] mostram um líder religioso muito diferente do fanático místico ou do profeta milenarista tratado em *Os Sertões*. Revelam um sertanejo letrado, capaz de exprimir, de forma articulada, suas concepções políticas e religiosas, que se vinculavam a um catolicismo tradicional, corrente na Igreja do século XIX. (VENTURA, 1997, p. 166).

Euclides da Cunha não teve acesso aos cadernos de Antônio Conselheiro e traçou a sua imagem acreditando que as profecias religiosas, poemas populares e papéis encontrados nas ruínas do arraial eram de autoria do líder de Belo Monte (VENTURA, 1997). Alguns estudiosos da saga conselheirista chegam a afirmar que Euclides teria desenhado um perfil diferente do peregrino, se tivesse lido os seus manuscritos antes da publicação de *Os Sertões*:

O escritor Euclides da Cunha provavelmente mudaria o perfil que traçou de Antônio Conselheiro no livro *Os Sertões: Campanha de Canudos*, se tivesse lido os *Apontamentos dos Preceitos da Divina Lei de Nosso Senhor Jesus Cristo, para a Salvação dos Homens*, um caderno de 807 páginas, escrito em 1895, antes da guerra contra as tropas do governo da República. Em vez de um cearense bronco, de retórica 'bárbara e arrepiadora', confusa e desconexa, de um atormentado profeta milenarista, o taumaturgo de Belo Monte, como rebatizou o arraial de Canudos, Antônio Vicente Mendes Maciel era um homem letrado, de caligrafia bonita, que sabia latim e francês, citava Santo Agostinho e São Jerônimo, tinha rudimentos de Teologia e, além de tudo isso, era um 'biblado', que lia a Bíblia e sobre ela refletia em suas pregações. (MAYRINK, 2017, p. 1).

Em 1893, quando o Conselheiro se estabeleceu com seus seguidores às margens do rio Vaza-Barris, numa localidade que batizou de arraial de Belo Monte, a sua imagem negativa já estava bem desenhada e difundida e, por isso, já havia sofrido pressões e perseguições da Igreja e do Estado. Nesse momento, a República já estava instaurada e, com ela, algumas mudanças estruturais contrárias ao entendimento da fragilidade social presente no sertão e à filosofia católica tradicionalista do líder religioso, em especial a cobrança de impostos e o casamento civil, respectivamente.

Parece haver unanimidade na afirmação de que Antônio Conselheiro amparava e acolhia as camadas sociais mais frágeis sem distinção — sertanejos fugindo das

dificuldades da seca; ex-escravos já marginalizados pelo regime dominante e, até mesmo, índios das tribos Kiriri, Kaimbé e Tuxá (PAIXÃO, 1993). O próprio Euclides da Cunha, ao descrever com repugnância o grupo de mulheres nas rezas do arraial, destaca a presença de “Todas as idades, todos os tipos, todas as cores...” (CUNHA, 2011, p. 198). Na literatura popular, José Aras (1957 apud CALASANS, 1984) também ratifica essa diversidade:

[...] Tinha gente acompanhando
 Que era de fazer dó
 Aquêlê fanatismo misto
 Que levantava o pó,
 E para o sertão seguiu
 Nessa viagem construiu
 A igreja de Chorrochó.

Êsse povo acompanhando
 Contava-se às centenas,
 Brancas, louras e mestiças
 Preta, mulata e morena
 Maltrapilhas na miséria
 Mesmo naquela era
 Fazia a gente ter pena.

(SARA, 1957 apud CALASANS, 1984, p. 7)

Enfim, eis Antônio Conselheiro: uma figura multifacetada, cuja existência é dividida entre uma imagem inventada e uma realidade ambígua. Mas ao abraçarmos a pluralidade da sua história e observarmos os personagens que o circundam, podemos perceber, primeiramente, uma população sertaneja, indígena e escrava completamente desassistida pelo poder vigente — e afetada pelos eventos da grande seca de 1877 e da Abolição da Escravatura em 1888 — que viu no movimento do líder sertanejo uma alternativa à condição de vida difícil e exploratória que dispunham.

Em segundo lugar, temos uma igreja enfraquecida diante de uma quantidade relevante de fiéis “perdidos”; uma oligarquia sertaneja ameaçada diante da escassez de mão de obra e, conseqüentemente, coronéis e latifundiários percebendo suas posições de autoridade e reverência deslocadas; um Estado brasileiro em profunda transformação, passando de uma Monarquia em declínio para uma República incipiente, e que viu na criação de um inimigo nacional a possibilidade de canalizar

suas fragilidades; e, enfim, uma classe dominante que, provavelmente, nunca se interessou em saber o que acontecia no interior do próprio país.

Tudo isso parece ter legitimado a criação de um monstro a ser responsabilizado por todas as contrariedades que o clero, o Estado e a elite dominante não eram capazes de lidar. Como nos diz Ana Paula Bovo (2007, p. 23), “A imagem de fanático ficou muito associada a Antônio Conselheiro. Aliás, esse parecia ser o crime, tamanha a sua gravidade, que justificava qualquer ação contra esse homem e seus seguidores.” E o que foi perpetrado, no fim das contas, segundo Lídia Cardel (2016, p. 175), foi “[...] um crime de guerra inominável realizado por brasileiros contra seus conterrâneos mais desvalidos.”

Atualizações sobre a imagem de Antônio Conselheiro ganham mais corpo a partir do interesse às tradições orais, que se manifestam a partir da década de 40⁴³, e do conseqüente acesso e divulgação dos depoimentos dos sobreviventes da guerra, esses últimos responsáveis por transmitir novos adjetivos ao líder sertanejo. Atualmente, é possível afirmar que muitos atributos questionáveis sobre ele foram ressignificados, mas ainda se sente, especialmente nos discursos informais, o estigma do fanatismo e outros traços dessa ordem.

Assim, reafirmo a relevância da saga conselheirista para os habitantes de Canudos nos dias de hoje. Nas minhas visitas a campo, percebi claramente o reconhecimento atribuído ao líder sertanejo e seus seguidores, presente nos discursos, nos processos de identificação, nas inúmeras estátuas espalhadas pela cidade, nos nomes das ruas e das escolas, nas festas, e até mesmo na literatura — nessas manifestações, Conselheiro não é bandido nem louco, mas sim uma figura a ser admirada, como reforça o poeta canudense José Américo Amorim (2018):

Peregrino Antônio
De conselhos e prédicas
Por caminhos áridos
Num sertão triste

⁴³ Destaco os trabalhos de José Calasans, Odorico Tavares, Nertan Macedo, Paulo Dantas, Abelardo Montenegro, Gustavo Barroso, Veríssimo de Melo, alguns deles explanados no artigo de José Maria Silva (2001), intitulado *A Guerra de Canudos e Os Sertões de Euclides da Cunha: imaginário Popular e Revisão Acadêmica*.

De homens humilhados

No chicote da fome
A ferida se abre
No conselho do beato
O bálsamo da vida
Que liberta os sonhos
De igualdade contida

Do sofrimento a lição
Canudos acolhia a todos
Sem distinção de cor
Índios, negros e brancos
Da regra que o peregrino
Fraternalmente ensinou

Peregrino Antônio
Profeta e amigo fiel
Conselheiro dos pobres
Antonio Vicente Mendes Maciel

(AMORIM, 2018, p. 69)

Por fim, encerro a escrita sobre esse homem tão plural com o relato de um episódio ocorrido em uma das minhas experiências de campo, quando, ao mergulhar nas águas do rio Vaza-Barris em um dia de “folga”, ouvi uma criança ao meu lado dizer: “Eu tô vendo Antônio Conselheiro daqui!”. Me assustei e, de imediato, pensei em inúmeras possibilidades místicas desdobradas na fala daquela criança, já imaginando contos e crônicas de realismo fantástico que poderiam nascer dali. Quando, então, olhei para cima e percebi, lá longe, uma das estátuas do peregrino e a criança que, afinal, apontava para ela. E sorri, sozinha.

3.3 AS VÁRIAS CANUDOS

Pela janela de um ônibus velho, eu vi o sertão chegar. Tal qual descreveu Graciliano Ramos (1977, p. 25) em sua preciosa obra *Vidas Secas*: “Olhou a caatinga amarela, que o poente avermelhava.”, a caatinga foi se revelando lentamente, como se brincasse com uma paleta de cores inusitada: primeiro o verde forte de alguns mandacarus e palmas agrupados ao longo da estrada; depois uma mistura da terra seca e amarelada com o branco quase fluorescente das catingueiras sem folhas; e, enfim, o vermelho irrefutável dos finais de tarde. Era ele, sem dúvidas, era o sertão.

Pouco tempo depois, o ônibus entrava em uma cidade com casinhas baixas e ruas largas, onde os pedestres e veículos dividiam o espaço com um grande número de cabras soltas: eu chegava pela primeira vez em Canudos, em dezembro de 2018. A cidade fica no sertão da Bahia (ver mapa 01 na página abaixo) e é abraçada por uma cadeia de pequenos morros esverdeados, pelas águas represadas do rio Vaza-Barris e pela colônia de araras-azuis-de-lear, habitantes do Raso da Catarina. É dotada de uma área territorial de aproximadamente 3 mil quilômetros quadrados e uma população de quase 16 mil pessoas — dentre as quais cerca de 9 mil residentes em zona urbana e 7 mil em zona rural (IBGE, 2010).

Mas antes de aprofundar na experiência da cidade atualmente, gostaria de dar um salto reverso no tempo, e apresentar o princípio de tudo. Na seção secundária anterior, a trajetória de Antônio Conselheiro já situa um pouco os processos originários do tecido urbano que provocou o repúdio da elite brasileira e a ira da jovem República. Assim como as narrativas sobre o peregrino, as histórias sobre Canudos também são complexas, multifacetadas e, não obstante, contraditórias. Existem inúmeras versões diferentes dos mesmos fatos e, com isso em vista, a narrativa que se segue nas próximas páginas busca abraçar as contradições e incertezas, entendendo-as enquanto potências intrínsecas à história da cidade, e não enquanto forças contraproducentes a serem contestadas.

Como já foi dito anteriormente, o líder sertanejo e seus fiéis seguidores peregrinavam pelos sertões afora, eventualmente fixando-se em alguma localidade

Mapa 01 — Localização de Canudos no Estado da Bahia



Fonte: Elaborado pela autora.

Figura 06 — A chegada do sertão



Fotografia: Dila Reis, 2018.

Figura 07 — Canudos



Fotografia: Dila Reis, 2018.

por um tempo determinado e constantemente sofrendo perseguições das autoridades locais por questionarem as ordens republicanas e por incomodarem o clero e os latifundiários. Passaram um tempo na cidade de Bom Conselho — atual Cícero Dantas (BA) — onde se diz terem rasgado, a mando de Conselheiro, os editais para cobrança de impostos espalhados pelas paredes e muros do local.

Por conta desse ato, partiram de Bom Conselho e, segundo Euclides da Cunha (2011) em *Os Sertões*, foram alcançados pela força policial baiana nos arredores de uma localidade desabrigada chamada Maceté⁴⁴. O pequeno embate teve vitória dos sertanejos e, ainda segundo Euclides, “Esta batalha minúscula teria, infelizmente, mais tarde muitas cópias ampliadas.” (CUNHA, 2011, p. 180). Os caminhos do sertão, logo em seguida, os levaram para uma fazenda de gado abandonada às margens do rio Vaza-Barris, em 1893.

A essa localidade, Antônio Conselheiro atribuiu o nome de arraial de Belo Monte. Ali se estabeleceu com seu grupo de seguidores, que só crescia. Os relatos dos descendentes conselheiristas, em geral, são carregados de saudosismo e apontam uma cidade acolhedora. Dona Durú, canudense a quem tive o prazer de conhecer, diz em entrevista publicada no jornal *El País* — “Ali, em Canudos, com o Conselheiro, a vida era boa, tudo era união, todo mundo era feliz, não havia brigas, não havia prostituição.” (BARCA, 2017, p. 3). Não se sabe até que ponto se tratava de uma cidade ideal, mas é indiscutível o fato de ter atraído milhares de pessoas, entre nordestinos, indígenas e ex-escravos, que viram no arraial a possibilidade de uma vida melhor do que aquela que estavam vivendo.

O historiador Manoel Neto fala no documentário (1993) de Antônio Olavo sobre as pulsões originárias de Belo Monte, desconstruindo com lucidez a mítica de paraíso que envolve a construção do arraial, entendendo-o enquanto alternativa necessária ao despotismo coronelista vigente nos sertões da época:

Canudos, no meu entendimento, é a cidade dos despossuídos, dos desesperançados, dos marginalizados. Pessoas que viviam sob o barão e o cutelo dos grandes coronéis, dos grandes proprietários,

⁴⁴ Atualmente é um povoado de Quijingue, na Bahia, a 300 km de distância de Salvador.

senhores da verdade e senhores até da mentira. Donos de tudo e de todos, que marcavam o gado como marcavam gente. Então Canudos é essa alternativa, é essa perspectiva. É a oportunidade de pessoas que nunca tiveram a chance de dizer não, dizer não! Dizer não ao latifúndio, dizer não ao coronel, e participar de uma utopia ou da construção de uma utopia que facultava a eles essas formas de vida, ou essa forma de convivência, absolutamente nova no seu cotidiano. (PAIXÃO, 1993).

A experiência de coletividade vivenciada em Belo Monte e protagonizada por Antônio Conselheiro gerou muitas polêmicas acerca da estrutura social da comunidade. Alguns estudiosos da história de Canudos afirmam a existência de uma sociedade igualitária, onde não existia polícia nem cobrança de impostos (VILLA, 1995 apud BOVO, 2007). Também se diz que não havia discriminação, exploração ou privilégios (MONIZ, 1978 apud BOVO, 2007; FREITAS, 2016). A economia era baseada na agricultura e criação de caprinos e a cidade dispunha de escolas e igrejas. Bebidas alcoólicas e prostituição eram proibidas, e há divergências sobre a obrigatoriedade da participação nas prédicas diárias de Antônio Conselheiro⁴⁵.

Outros pesquisadores refutam a ideia de Belo Monte enquanto uma sociedade igualitária, dentre eles o grande estudioso de Canudos, José Calasans, e o historiador Renato Ferraz, ambos depoentes no documentário *Paixão e Guerra no Sertão de Canudos* (1993). Calasans certificou, no próprio documentário e também em outras publicações, a existência de comércio e de propriedades privadas no arraial, enquanto Ferraz afirmou em seu depoimento não ver diferença na estrutura urbana e social de Belo Monte em comparação às outras cidades nordestinas. Sobre essas falas, Edmundo Moniz contesta no documentário:

Evidentemente que nunca existe uma sociedade igualitária quimicamente pura. Tem sempre resquícios das outras formas de produção. Então, se havia alguma coisa que destoasse desse sentido, era puramente secundária. Se a terra era comum, se a produção era distribuída por todos, evidentemente o que prevalecia era um sistema igualitário. (PAIXÃO, 1993).

⁴⁵ Segundo Macedo (1964 apud BOVO, 2007), não era obrigatório participar das devoções, mas de acordo com Moniz (1987 apud FREITAS), os habitantes eram obrigados a assistirem as duas prédicas diárias do beato.

Antônio Olavo costura com fluidez na sua obra as divergências acerca da estrutura social de Belo Monte, alternando as falas discordantes ao longo da discussão. Lídia Cardel (2016) também aborda em seu artigo o debate sobre essa temática, abraçando as indefinições presentes nela:

Muitos, inclusive, viram neste coletivismo uma experiência protossocialista, tendo como pano de fundo a abolição da propriedade privada para aqueles que se propuseram a viver sob as ordens do Messias. Já alguns estudiosos foram mais críticos e, por meio de estudos historiográficos, relataram a impossibilidade de uma realidade igualitária, já que imperava sobre o grupo de Antônio Conselheiro uma sociabilidade mais ampla, de redes de poderes locais, manipuladas por relações de parentesco (lutas de famílias) e de favores clientelistas típicos de uma sociedade baseada numa estrutura arcaica e coronelista. Mas todos são unânimes em afirmar o acolhimento, no seio de Canudos e nas suas estruturas internas, de negros e índios. Assim, podemos devanear que Canudos não foi propriamente um agrupamento socialista, mas já continha em si as premissas dos ideais de uma 'democracia racial'. (CARDEL, 2016, p. 170).

O documentário (1993) de Antônio Olavo finaliza a discussão sobre a estrutura socioeconômica do arraial de Belo Monte com a fala do historiador Sérgio Guerra, que adiciona um fator importante ao debate em questão:

O limite que Canudos estabeleceu foi exatamente em função da concepção moral, política e autoritária da Igreja. Quer dizer, Conselheiro era um homem efetivamente comprometido com a religião cristã e com a Igreja Católica, que é extremamente repressiva em seus aspectos. E isso não permitiu que se desenvolvesse plenamente o ambiente de liberdade, as concepções libertárias na vida e nas relações entre os homens que, por exemplo, existia entre os índios e entre os negros, que foram, inclusive, agrupamentos fundamentais na formação de Canudos. (PAIXÃO, 1993).

A religiosidade é um componente importante na configuração do arraial concebido por Antônio Conselheiro. A cidade era orientada pelos princípios do catolicismo tradicional misturado com o misticismo típico das regiões do sertão nordestino; e essa mistura, por sua vez, era tomada por muitos intelectuais da época como algo vulgar aos preceitos cristãos. Euclides da Cunha representa bem essa leitura deturpada atribuída ao líder sertanejo e aos costumes religiosos do arraial:

Era assombroso, afirmam testemunhas existentes. Uma oratória bárbara e arrepiadora, feita de excertos truncados das Horas Marianas,

desconexa, abstrusa, agravada, às vezes, pela ousadia extrema das citações latinas; transcorrendo em frases sacudidas; misto inextricável e confuso de conselhos dogmáticos, preceitos vulgares da moral cristã e de profecias esdrúxulas... Era truanesco e era pavoroso. (CUNHA, 2011, p. 169).

Além disso, o autor de *Os Sertões* desenha Belo Monte como uma sociedade milenarista e sebastianista⁴⁶, fato que foi reproduzido por muitas décadas nos mais diversos campos — inclusive na literatura popular — e só passou a ser questionado a partir do aprofundamento dos estudos dos manuscritos de Antônio Conselheiro, muitos anos depois da Guerra. No subcapítulo *Fatores históricos da religião mestiça*, Euclides da Cunha afirma:

Imóvel o tempo sobre a rústica sociedade sertaneja, despeada do movimento geral da evolução humana, ela respira ainda na mesma atmosfera moral dos iluminados que encalçavam, doidos, o Miguelinho ou o Bandarra. Nem lhe falta, para completar o símile, o misticismo político do sebastianismo. Extinto em Portugal, ele persiste todo, hoje, de modo singularmente impressionador, nos sertões do Norte. (CUNHA, 2011, p. 143).

E a mítica sebastianista segue presente também na literatura popular de Minelvino Francisco (1980) e de José Aras (1957 apud CALASANS, 1984). Ambos descrevem a suposta espera do retorno do rei Dom Sebastião para derrotar as forças republicanas:

Depois que matarmos todos,
Iremos a Salvador,
Para pegar e prender
Esse tal Governador —
Ele tem que conhecer
O nosso grande valor!

Em seguida seguiremos
Para o Rio de Janeiro,

⁴⁶ O sebastianismo é um movimento profético pautado na crença ao retorno do rei português D. Sebastião (desaparecido em Alcácer-Kibir em 1578), que voltaria para reestabelecer a honra e a glória no reino de Portugal, então imerso em uma situação de efervescências e conflitos político-religiosos (ARRUDA, 2006). De acordo com João Arruda (2006), esse movimento sofreu um processo de reinterpretação no Brasil e se fez presente em diversos movimentos messiânicos no país. Já o milenarismo trata-se da crença cristã no regresso de Cristo à terra para estabelecer um reino de paz e harmonia que perduraria por mil anos (MOTA, 2008 apud MONTEIRO, 2010), e que também influenciou diversos movimentos político religiosos no Brasil e no mundo afora. Para maior aprofundamento e atualização desses termos e dos diversos contextos que eles abarcam, em especial o contexto de Canudos, ver Arruda (2008) e Negrão (2009).

Onde o próprio Presidente
Será nosso prisioneiro,
Para que possa sentir
A força de Conselheiro!

Depois que ele for trancado
Em uma escura prisão,
Será na Corte empossado
Nosso rei, Dom Sebastião,
Pra governar com justiça
Nossa querida nação!

(SILVA, 1980, p. 15–16)

O cordel de José Aras (1957 apud CALASANS, 1984) reforça:

Construiu em Monte Santo
O caminho da Santa Cruz
O povo dizia na reza
“Do céu baixou uma luz,
Quem não fizer o bem
Dom Sebastião já vem
Mandado do Bom Jesus”

(SARA, 1957 apud CALASANS 1984, p. 7)

O pesquisador Roberto Ventura (1997) traz uma contribuição importantíssima acerca desse tema ao dizer que Euclides da Cunha se baseou em fontes orais, poemas populares e profecias apocalípticas — as duas últimas atribuídas erroneamente a Antônio Conselheiro — para interpretar Canudos enquanto um movimento sebastianista e messiânico. Ele contesta essa argumentação a partir do aprofundamento da trajetória de Euclides no arraial de Belo Monte e também da própria leitura e interpretação dos manuscritos do Conselheiro; e afirma que os sermões do líder religioso não faziam referências a Dom Sebastião, tampouco a tradições milenaristas sobre a criação de um paraíso na terra (VENTURA, 1997). João Arruda (2006), em complemento à crítica de Ventura (1997), chega a condenar enfaticamente o posicionamento de Euclides acerca desse tema:

Seus preconceitos, suas interpretações aberrantes e mesmo alguma de suas fantasias literárias — como a de caracterizar a comunidade de Canudos como sebastianista, para citar apenas uma — logo se incorporaram, sem que para isso fossem submetidos a qualquer exame crítico, à nossa historiografia oficial. (ARRUDA, 2006, p. 278).

A cidade, portanto, contrasta entre dois desenhos, por vezes, complementares: um deles revela uma lógica pautada nos princípios de solidariedade e na concepção moral e autoritária do catolicismo tradicional; e o outro, traçado por Euclides em *Os Sertões*, mostra uma comunidade sebastianista composta por fanáticos de moral promíscua e degenerada, praticantes de amor livre e de uma espécie de cristianismo depravado (CUNHA, 2011). O segundo desenho ficou cristalizado no pensamento social brasileiro durante muitas décadas e foi amplamente difundido entre a elite dominante sob o tom de repugnância frente a uma cidade, no fim das contas, pouco conhecida por ela. Sobre as tantas hipóteses de Belo Monte, Mário Maestri (1997 apud BOVO, 2007) nos sintetiza com muita lucidez:

Muitos escritores diabolizaram Belo Monte, apresentado a comunidade como um reduto de miseráveis facínoras e de beatos enlouquecidos. Outros elevaram-na à situação de uma rica e pujante metrópole nos sertões nordestinos, um verdadeiro oásis social, como a prefiguração de uma sociedade da abundância, nascida de um coletivismo de cunho social ou religioso. Belo Monte era um grande arraial, formado por população majoritariamente humilde, acostumada a uma vida simples e frugal. Seus habitantes não encontravam na aglomeração uma vida de riquezas que o próprio desenvolvimento da produção da comunidade era incapaz de garantir. Os sertanejos encontravam certamente a segurança material e espiritual que a despótica sociedade de classes dos sertões brasileiros lhes negaria radicalmente. Belo Monte não era uma aglomeração de insurretos ou subversivos. Não era nem mesmo, o reduto de uma seita herética. De certo modo, o misticismo do arraial era comum a todo o sertão. (MAESTRI, 1997 apud BOVO, 2007).

Outro elemento também cristalizado no imaginário brasileiro foi o próprio tecido urbano de Belo Monte, apresentado com abominação na obra de Euclides da Cunha. O autor descreve uma *urbs monstruosa* e, num relato estarecido do que pode ser entendido como uma das primeiras favelas do Brasil, desenha uma cidade selvagem, labiríntica, cujos casebres pobres eram desprovidos de cama e mesas, apenas dispendo de pequenos objetos utilitários e imagens de santos mal-acabadas que objetivavam aquela religião mestiça. Ele diz:

Não se distinguíam as ruas. Substituía-as dédalo desesperador de becos estreitíssimos, mal separando o baralhamento caótico dos casebres feitos ao acaso, testadas volvidas para todos os pontos, cumeeiras orientando-se para todos os rumos, como se tudo aquilo fosse construído, febrilmente, numa noite, por uma multidão de loucos. (CUNHA, 2011, p. 183).

O povoado nascia velho, segundo Euclides. Provavelmente, essa impressão vinha do próprio distanciamento secular entre sertão e litoral, e da conseqüente falta de familiaridade com o tipo de arquitetura sertaneja, feita de taipa e folhas secas de palmeiras, que conferiam um tom sépia para o conjunto urbano. Nesse aspecto, Belo Monte não era diferente de outros pequenos povoados espalhados pelos sertões; a diferença estava na proporção que a cidade atingiu, “5.200 casas, cuidadosamente contadas.” (CUNHA, 2011, p. 578). Estimou-se uma população de 35 mil habitantes e, embora não haja informações oficiais, muitos estudos apontam que Belo Monte chegou a ser a segunda maior cidade da Bahia depois de Salvador⁴⁷ (BOVO, 2007).

Não havia planejamento urbano e o conjunto aparentava desordem, mas foi justamente esse caráter labiríntico que concedeu aos conselheiristas alguma vantagem bélica na quarta e última batalha: os canhões não passavam pelos becos estreitos e os militares não conseguiam se situar no povoado. Dessa vez, porém, o exército republicano, com seus mais de cinco mil homens, derrotou — enfrentando ainda inúmeras dificuldades — o povo sertanejo. E não foi suficiente exumar o corpo de Antônio Conselheiro, morto poucos dias antes da queda final de Belo Monte, nem mandar para a degola milhares de prisioneiros rendidos, entre mulheres, idosos e crianças: foi preciso bombardear e incendiar a cidade inteira.

Tudo isso nos leva a pensar no alcance da caricatura de uma cidade repulsiva, que levou Prudente de Moraes, presidente da República na época, a dizer: “Em Canudos não ficará pedra sobre pedra para que não mais possa se reproduzir aquela cidadela maldita [...]” (VILLA, 1997 apud MARTINS, 2012). E não ficou. Houve um esforço colérico para destruir aquele tecido urbano e tudo o que ele representava, como se isso, de alguma forma, sanasse as frustrações sobre uma terra e um povo que não foi fácil de combater. E não se combateu completamente.

Alguns sobreviventes reuniram os vestígios das pedras e ali, naquele mesmo território geográfico, reconstruíram suas moradas. É a segunda Canudos que ressurgiu,

⁴⁷ Essa hipótese de 25 ou 35 mil habitantes, bastante difundida em muitas obras literárias e científicas, é amplamente refutada pelo movimento conselheirista, pois se refere a uma contagem estimada pelo exército e que precisou ser elevada para justificar as derrotas sucessivas até a quarta expedição. Os diversos relatos orais que registrei nas minhas idas à campo apontam para um número à volta de dez mil habitantes.

agora sem o comando de Antônio Conselheiro, mas com as mãos das vítimas de um crime bárbaro, perpetrado por brasileiros contra brasileiros. E a nova cidade se refaz, dessa vez submetida aos sistemas da nova República, mas recontando sua história com sua própria voz: lá, Antônio Conselheiro não era tido como louco ou fanático, e Belo Monte nunca foi um recôndito de criminosos, como assim desenhara Euclides da Cunha e tantos outros.

A partir da década de 40, as vozes dos sobreviventes do massacre — construtores e habitantes da segunda Canudos — ganharam amplitude a partir da pesquisa de estudiosos da cultura popular, dentre eles José Calasans, Odorico Tavares, Nertan Macedo, Paulo Dantas, entre outros (SILVA, 2001), todos eles interessados em um novo viés interpretativo sobre o massacre, sobre a cidade e sobre seus personagens. Pela primeira vez, abre-se a possibilidade de evidenciar outra leitura, na qual “[...] se explicita a coragem e a tenacidade do sertanejo vencido, mas não derrotado.” (SILVA, 2001, p. 34).

As celebrações do cinquentenário do massacre, que ocorreram em 1947, atraíram muitos estudiosos, pesquisadores e repórteres e, dentre eles, destaque aqui as fotografias de Pierre Verger para as reportagens de Odorico Tavares, realizadas em 1946 para a revista *O Cruzeiro*. Segundo o historiador Antônio Sá (2010),

Há uma organicidade entre a imagem de Pierre Verger e o texto de Odorico Tavares, na medida em que o texto ouvia a história de Canudos a partir da ótica do jagunço, dos conselheiristas sobreviventes e Verger fotografava ‘os velhos, homens e mulheres, que haviam ouvido a palavra consoladora de Antônio Conselheiro’. (SÁ, 2010, p. 362).

Trata-se de uma época de ressignificação da memória e da identidade nacional e também de renovação do pensamento sobre o sertão nordestino a partir da memória, da voz e do cotidiano dos próprios sertanejos. Pierre Verger registra com muita sensibilidade as paisagens sertanejas, os rostos dos sobreviventes da guerra e alguns poucos símbolos importantes remanescentes do massacre — um dos canhões utilizados pelo exército e o cruzeiro erguido por Antônio Conselheiro⁴⁸, ambos guardados, na época, no tecido urbano da nova Canudos.

⁴⁸ Atualmente o cruzeiro se encontra no Instituto Popular Memorial de Canudos (IPMC), na cidade de Canudos (BA), e o canhão da guerra foi transferido para a cidade de Monte Santo (BA), onde permanece até hoje na Praça da Matriz.

Figura 08 — Foto Pierre Verger ©Fundação Pierre Verger (Foto protegida pela Lei dos Direitos Autorais 9610/98. Interessados em utilização, deverão entrar em contato com a Fundação Pierre Verger <<http://pierreverger.org/br/acervo-foto/servicos/uso-de-fotos.html>>).



Fotógrafo: Pierre Verger, 1946.

Figura 09 — Foto Pierre Verger ©Fundação Pierre Verger (Foto protegida pela Lei dos Direitos Autorais 9610/98. Interessados em utilização, deverão entrar em contato com a Fundação Pierre Verger <<http://pierreverger.org/br/acervo-foto/servicos/uso-de-fotos.html>>).



Fotógrafo: Pierre Verger, 1946.

Figura 10 — Foto Pierre Verger ©Fundação Pierre Verger (Foto protegida pela Lei dos Direitos Autorais 9610/98. Interessados em utilização, deverão entrar em contato com a Fundação Pierre Verger <<http://pierreverger.org/br/acervo-foto/servicos/uso-de-fotos.html>>).



Fotógrafo: Pierre Verger, 1946.

Figura 11 — Foto Pierre Verger ©Fundação Pierre Verger (Foto protegida pela Lei dos Direitos Autorais 9610/98. Interessados em utilização, deverão entrar em contato com a Fundação Pierre Verger <<http://pierreverger.org/br/acervo-foto/servicos/uso-de-fotos.html>>).



Fotógrafo: Pierre Verger, 1946.

O afloramento das vozes subterrâneas sertanejas, por sua vez, dividiu o cenário com mais um movimento de eliminação daquilo que se revelou nas novas interpretações do massacre e do próprio sertão. Em 1944, durante o governo de Getúlio Vargas — que, inclusive, fez uma visita à cidade reconstruída de Canudos no ano de 1940 — foi anunciada a construção de um açude no local, novamente sob a alegação do progresso e desenvolvimento do país e, embora técnicos e especialistas tenham questionado a eficácia do projeto, as obras foram iniciadas em 1951 e concluídas em 1967⁴⁹.

Durante o período inicial da construção, houve muitos conflitos, desde o complexo processo de negociação das indenizações aos moradores da cidade até a greve de operários por falta de comida e falta de recursos para a continuidade dos serviços. Por conta desses problemas, as obras seguiram com significativa morosidade até 1964, quando aconteceu o Golpe Militar e, já durante o primeiro mandato de Castelo Branco, foram retomadas com força total. É no mínimo curioso o ávido interesse do governo militar em asseverar, num jogo claro de poder, a ordem de apagamento de uma cidade inteira, pela segunda vez.

Uma das principais premissas para a construção do açude era o abastecimento de água da região, a despeito da falta de uma política de utilização das águas e da ausência histórica de uma regularização fundiária. Parte significativa das águas do açude foi destinada à irrigação por alagamento⁵⁰, sistema criticado por alguns especialistas, que afirmam se tratar de um método obsoleto, responsável por salinizar e empobrecer o solo. No fim das contas, as camadas mais frágeis da população seguiram com pouco ou nenhum acesso à água, pois, de acordo com Dias e Neiva (1999, p. 64), “Em 1991, 63% dos domicílios de Canudos não tinham canalização interna e apenas 36% dos domicílios eram ligados à rede geral de abastecimento de água.”

⁴⁹ Informações técnicas sobre o açude e a sua construção podem ser obtidas no site do Departamento Nacional de Obras Contra as Secas (DNOCS), disponível em: <https://www.dnocs.gov.br/barragens/cocorobo/cocorobo.htm>. Acesso em 28 ago. 2019.

⁵⁰ Trata-se do Perímetro Irrigado do Vaza-Barris, um projeto de irrigação implantado entre 1971 e 1973 e administrado ainda hoje pelo DNOCS, e conta com aproximadamente 12km de canais e 50,5km de acéguas — sistema mais estreito para condução de água— responsáveis por irrigar plantações diversas, sendo a banana a principal delas (DNOCS, 2012).

No dia 13 de março de 1969, o rio Vaza-Barris transborda em direção à segunda cidade de Canudos. É a ideia de progresso sendo imposta novamente, dessa vez por meio de um elemento tão caro ao sertão: as águas. Debaixo delas, adormecem os vestígios de duas cidades inteiras. A inundação ultrapassa a tentativa de apagamento de um território tão importante para o entendimento da historiografia e da identidade nacional: ela afeta a experiência individual daqueles habitantes que foram obrigados a ressignificar as relações com seu lugar de origem.

Os habitantes da segunda Canudos foram obrigados a abandonar a cidade e a refazer a vida em outro lugar. E refizeram. A poucos quilômetros das cidades inundadas, nasce um novo tecido urbano que, assim como o anterior, alimenta as memórias sobre a sua própria história e ainda guarda o mesmo nome do anterior. Vale ressaltar que a nova cidade, a terceira, não nasceu a partir de um planejamento urbanístico do Governo Federal, como foi o caso de tantas outras cidades inundadas, mas sim da própria aglomeração que se formou num povoado a poucos quilômetros do rio que, com o tempo, passou a ser conhecido como a terceira Canudos.

Na nova cidade, há escolas, restaurantes, ruas e até um posto de gasolina batizados com o nome de Antônio Conselheiro, além de festas e romarias anuais celebradas em sua memória. Além disso, lá se encontra o Instituto Popular Memorial de Canudos (IPMC), que guarda o cruzeiro erguido pelo peregrino, além de um acervo físico importante sobre o massacre; o Memorial Antônio Conselheiro, que dispõe de um museu e uma biblioteca especializada sobre a história de Canudos; além de um Campus Avançado da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), com cursos de ensino à distância e núcleos de audiovisual e de robótica.

Um dos campos de batalha da guerra se transformou no Parque Estadual de Canudos, fundado em 1986 e administrado pela UNEB. O parque compreende uma importante área de preservação ambiental e estudos arqueológicos e conta com uma exposição fotográfica permanente, que homenageia as mulheres de Belo Monte, os sertanejos que lutaram na guerra e os canudenses e estudiosos que contribuíram com a atualização da história da cidade. Ao andar pelo parque, é possível perceber fragmentos de munição, trincheiras de pedra montadas pelos conselheiristas e, no

contorno de suas terras alaranjadas, as águas do açude Cocorobó que, nos períodos das secas, revelam as ruínas da antiga cidade.

Canudos é, afinal, uma cidade múltipla. Acredito ser infrutífero tentar sintetizá-la em uma imagem ou uma versão dos fatos — ela se desenha num entrelace de histórias distintas, que ora se complementam, ora se contrariam. É uma cidade que não se deixou apagar. Sua história pulsa e se espalha pelas terras adjacentes e irrompe as barreiras do tempo, como fazem as águas de um rio. Filha da caatinga, aflora periodicamente, como se despertasse de um sono longo e profundo, e permanece através da memória e das vozes daqueles que, real e simbolicamente, seguem ressignificando o seu território.

Figura 12 — Parque Estadual



Fotografia: Dila Reis, 2018

Figura 13 — Museu Histórico de Canudos



Fotografia: Dila Reis, 2018

Figura 14 — Companhia Teatral de Canudos



Fotografia: Dila Reis, 2018

Figura 15 — Chapada dos Equívocos



Fotografia: Dila Reis, 2019



4. O CHÃO E AS ÁGUAS

4. O CHÃO E AS ÁGUAS

Em 1896 hade rebanhos mil correr da praia para o certão; então o certão virará praia e a praia virará certão.

Antônio Conselheiro (18-- apud CUNHA, 2011, p. 171)

Esta seção encerra a dissertação. Não que ela se encerre aqui, com estas palavras discorridas nas próximas linhas — acredito que os próximos parágrafos, em especial os relatos dos habitantes de Canudos, ecoarão em cada leitor, tocando nas subjetividades, nas poéticas e, quem sabe, em algumas certezas pré-estabelecidas. As vozes de Canudos são potentes, e elas emanam de seus moradores, das suas ruas, das suas pedras, das suas ruínas. Esta seção, portanto, se dispõe a ser um veículo de olhar e de escuta, apresentando não somente essas vozes, mas também os inúmeros caminhos que me levaram a elas.

Figura 16 — O chão e as águas



Fotografia: Dila Reis, 2018

4.1 OS CAMINHOS

4.1.1 Trilhas Metodológicas

“Essa história começa ao rés do chão, com passos.” (CERTEAU, 1998, p. 176). Assim Michel de Certeau (1998) inicia uma discussão que se chama A fala dos passos perdidos, em sua obra *A invenção do cotidiano*. E é assim mesmo, ao rés do chão sertanejo, que eu também começo os meus primeiros passos para um campo fértil e falante, que tanto teria para me ensinar. Pode parecer estranho apresentar as trilhas metodológicas assim, ao fim da dissertação, quando é costumeiro apresentá-las no começo do texto, ou até mesmo antes de a própria dissertação existir, nos primeiros desenhos do projeto de pesquisa.

Mas só agora eu finalmente consigo entender o tamanho da minha dificuldade em desenhar uma metodologia. “Mas o que é método? Como é que se desenha um método?” — eu (arquiteta, urbanista e chegada a desenhos) perguntava, angustiada, para a minha orientadora, para inúmeros professores, para os colegas, e nenhuma resposta parecia fazer sentido, ou acender qualquer luz para uma dúvida que eu tampouco sabia elaborar. Agora, já nos últimos momentos desta escrita, a enorme palavra **me-to-do-lo-gia**, que tanto me intimidou ao longo deste caminho, parece ganhar contornos mais nítidos e menos aflitivos.

Foi num retorno ao meu próprio processo de elaboração do trabalho final de graduação, lá nos idos de 2011, que um primeiro clarão se acendeu nesse tocante. No curso de arquitetura e urbanismo o método mais comum nos trabalhos finais da minha época era: primeiro, a escolha de um projeto de grande porte que fizesse parte de nosso leque de desejos e afinidades temáticas (uma biblioteca, um centro cultural, uma escola, dentre outras inúmeras possibilidades, por exemplo); segundo, a busca de um lugar na cidade (ou em outros locais) que abraçasse e comportasse o equipamento a ser projetado.

Na época, estabeleci um forte estranhamento (e conseqüente angústia) com esse modo de conduzir a pesquisa, pois não me parecia razoável, ainda que num exercício teórico, impor o meu desejo de projeto e edificá-lo em qualquer lugar que fosse. Não

Figura 17 — Trilha sertaneja



Fotografia: Dila Reis, 2019

Figura 18 — Caminhos



Fotografia: Dila Reis, 2019

consegui seguir por esse caminho e, em um movimento intuitivo — e digo intuitivo porque não cheguei tão longe nessa elaboração ao desenvolver aquele trabalho — fiz o caminho reverso: decidi escolher um lugar de afinidade e percorrê-lo, escutá-lo e enfim perceber, numa dinâmica de troca e entrelaçamento, o que caberia ali.

E assim o fiz, escolhi o Subúrbio Ferroviário em Salvador, e os meus primeiros passos dessa pesquisa foram, literalmente, percorrer a região (de trem, de ônibus, de barco, a pé), observar os movimentos do lugar, conhecer seus habitantes, dialogar com eles, escutar as suas perspectivas e demandas para, enfim, elaborar um projeto que nascesse dessa troca. Foram meses de caminhadas pelo Subúrbio antes de tentar esboçar as primeiras linhas de um projeto arquitetônico e urbanístico⁵¹, e só agora, mais de oito anos depois, me dei conta de que fiz uma imersão em campo, pois na época⁵² a noção de “trabalho de campo” nem cabia na curta janela de tempo de um trabalho de conclusão de curso.

Foi no retorno a essa experiência anterior que pude me reposicionar sobre a experiência atual do desenvolvimento desta dissertação e, finalmente, acender uma luz sobre a metodologia presente neste trabalho. Essa luz revela, dentre outras coisas, que assim como na experiência da graduação, há algo de intuitivo no movimento metodológico que é difícil de assumir, pois “intuição” não é palavra facilmente tolerada no campo acadêmico — a própria ideia de intuição já implica em uma busca de autores que a validem enquanto método científico. Houve, portanto, um enorme esforço da minha parte para tentar encontrar um “quadro metodológico” que se encaixasse nos meus movimentos dentro da pesquisa, e nenhuma das sugestões e alternativas que surgiram pareciam adequadas.

⁵¹ Ao longo dessa caminhada, me deparei com uma região extensa e complexa e não consegui fixar as ideias de projeto em um único terreno, o que resultou em uma proposta de reformulação de três vagões do trem suburbano, transformando-os em um vagão-biblioteca, um vagão-galeria de exposições e um vagão-teatro; e também no desenho de praças públicas nas extremidades da linha férrea, projetadas para acolher as populações locais e os próprios vagões. Desse modo, foi possível a elaboração de uma proposta que abraçasse a extensão do subúrbio por meio de um projeto itinerante que percorreria os trilhos já existentes.

⁵² Digo “na época” pois não sei se esse modo de desenvolver os trabalhos finais de graduação em arquitetura e urbanismo ainda permanece. Espero que não.

O que eu sentia que precisava era mergulhar no campo. E mergulhei. Parti pela primeira vez para Canudos em dezembro de 2018 carregando um esboço metodológico confuso e falho, tentando encaixar autores que mais me confundiam do que elucidavam naquele momento. Mas sustentei a ideia de construir esse primeiro contato sem elaborar entrevistas nem levar gravadores, apenas caminhei, percorri os espaços e fui percorrida por eles, percebi os vínculos que já me precediam, observei, dialoguei com os habitantes da cidade, escutei. E, não sei se por sorte de principiante, o campo explodiu nas águas que eu tanto buscava já no primeiro dia da minha chegada.

Percebi, bastante tempo depois, que todo esse movimento se configura também como método. E que a sensação de inadequação vem de uma dinâmica muito própria da academia de colocar aquilo que é intuitivo, imaginativo e até mesmo poético numa escala secundária de legitimação. E na busca por abordagens que pudessem dialogar com esse movimento desejante de intuição, imaginação e poesia, fui apresentada ao trabalho do antropólogo britânico Tim Ingold (2012, 2015, 2016, 2017) que trata, dentre outras coisas, de questionar a dicotomia entre natureza e cultura e de valorizar o caminhar.

Em seu artigo intitulado *O dédalo e o labirinto: caminhar, imaginar e educar a atenção*, Ingold (2015b, p. 21) já começa dizendo: “Se você é educado para saber demais sobre as coisas, há o perigo de ver seu próprio conhecimento, ao invés das coisas em si.” A partir dessa observação, consigo perceber que se eu tivesse ido à campo com um quadro metodológico bem estabelecido e fechado, como cheguei a supor que deveria ser, eu correria o risco de enxergar somente aquilo que eu estava buscando. E agora consigo perceber a importância (e mesmo a validade) de abraçar os desejos subjetivos e pessoais que impulsionaram a realização dessa pesquisa, sem tentar enquadrá-los a qualquer custo em uma teoria ou metodologia pré-estabelecida.

Não quero com isso diminuir o lugar do fazer científico e acadêmico, mas é preciso transbordar alguns rigores que ainda comandam esse campo e abrir espaço para a intuição, para a imaginação e para o caminhar. Num ensaio chamado *Sonhando com dragões: sobre a imaginação da vida real*, Tim Ingold (2017) propõe uma cura entre o mundo real e aquilo que imaginamos dele, compreendendo o real enquanto meio oficial da ciência moderna e a imaginação enquanto elemento inconciliável com a

Figura 19 — Explosão de águas



Fotografia: Dila Reis, 2018

Figura 20 — Évem chuva



Fotografia: Dila Reis, 2018

realidade, sustentado pela ciência apenas no nível do lampejo. O antropólogo retorna aos argumentos de Francis Bacon, nos idos do século XVII, fincados numa lógica científica sistemática que rechaçava qualquer conciliação entre o real e o imaginário e, diante disso, afirma que

A ciência atual ainda se legitima apelando aos dados, que se verificam uma e outra vez numa busca interminável da verdade através da eliminação do erro. E na sua maioria, as ciências da mente e da cultura (a psicologia e a antropologia) têm embarcado na mesma empresa. [...] Todos estão de acordo que, por nenhum motivo, devem se confundir os espaços do real e do imaginário, pois a autoridade mesma da ciência se baseia em sua pretensão de ser capaz de revelar os fatos que estão por trás das fantasias que a imaginação plasma diante de nossos olhos. (INGOLD, 2017, p. 26).

Ingold (2017, p. 26) estabelece, portanto, uma crítica extremamente pertinente às graves consequências do legado de Bacon que, segundo ele, “[...] tem deixado a imaginação à deriva, longe de sua ancoragem terrestre [...]” e ainda aponta o quanto a supremacia e a autoridade do conhecimento científico promovem uma “[...] divisão da vida real e da imaginação em dois âmbitos mutuamente excludentes de fatos e fábulas [...]”. É uma estrutura que, afinal, compreende o imaginário como sinônimo de inexistente.

O antropólogo traz, então, a história de um monge⁵³ que, queixoso do enclausuramento monástico, é expulso pelo padre Benedito e já nos primeiros passos fora do mosteiro dá de cara com um dragão. Apavorado, o monge grita por socorro e é acudido pelos seus irmãos, que não viram o dragão, mas o ajudaram mesmo assim e o levaram de volta ao mosteiro. Nesse sentido, Ingold (2017, p. 28) analisa que os outros monges reconheceram a aflição do irmão e os sintomas provocados pela visão do dragão e que a criatura, por sua vez, “[...] não era a causa objetiva do medo; era a forma mesma do medo [...]”

Ele percebe, ainda, que os pensadores medievais não distinguiam a imaginação da vida real e sim compreendiam seus produtos como “[...] formas externas da experiência humana visceral [...]” (INGOLD, 2017, p. 29). Segundo Ingold (2017), a

⁵³ A história, escrita por Gregório, o Grande, em 594 d.C., foi tirada do livro *A vida de São Benedito de Nursia* (INGOLD, 2017).

ruptura dessa relação, que aconteceu desde Bacon e Galileu, se estende até hoje e se repete

[...] na educação de todas as crianças, a quem lhes é ensinado sobre a dor da falência de suas próprias análises, a desconfiar do sensorial, a valorizar mais o intelecto do que a intuição, a considerar a imaginação como um escape da vida real, mais que como seu próprio impulso. (INGOLD, 2017, p. 27).

Com isso, voltamos para a crítica ao fazer científico que, ainda hoje, abre pouquíssimo espaço para a imaginação e a intuição, elementos essenciais para a percepção dos caminhos que percorremos na elaboração de uma pesquisa acadêmica. Ingold (2017, p. 35) observa que as pessoas da Idade Média eram sensíveis aos caminhos percorridos e estabeleciam “[...] um compromisso perceptual íntimo com seus redores [...]”, compreendendo que o conhecimento é provisório e inseguro e não está desenhado nas pedras:

[...] em vez de avançar por um terreno familiar que se desdobra continuamente, no qual nem as palavras nem as obras se repetem, o científico se propõe a mapear uma terra incógnita já existente, isto é, descobrir, através de um procedimento de decodificação ou decifração, o que já existe de fato e *in loco*. [...] o mundo deixou de oferecer conselhos e se converteu bem mais num depósito de dados que, em si mesmos, não ofereciam nenhuma guia sobre o que devia ser feito com isso. (INGOLD, 2017, p. 35).

O conhecimento medieval se concebia no movimento, no deslocamento (INGOLD, 2017). Nesse sentido, Tim Ingold (2015b, p. 28) propõe que a educação não tem a ver com “assumir uma perspectiva sobre as coisas” ou “chegar num ponto de vista”, mas sim com os processos e com o próprio caminho. A atenção do caminhante, para Ingold, “[...] não vem da chegada a uma posição, mas de ser constantemente apartado dela, do próprio deslocamento.” (INGOLD, 2015b, p. 28).

A proposta de se apartar de uma linha de chegada é justamente para devolver o caminhante para o próprio caminho, para o próprio mundo, afinal, crescemos no mundo na medida em que o mundo cresce em nós (INGOLD, 2017). Isso já rompe com a ideia ainda bastante arraigada de que o pesquisador está na posição de agente enquanto os sujeitos de pesquisa são entidades passivas, à espera de serem

encontradas e iluminadas — um acontece para o outro (HILLESHEIM, BERNARDES e FLORES DE MEDEIROS, 2009).

Do mesmo modo que interrogamos o mundo, também somos interrogados por ele. O antropólogo e sociólogo Bruno Latour (2006), em um diálogo com um estudante⁵⁴ que supõe um dever de ensinar algo aos sujeitos investigados, o questiona firmemente: “O que o faz pensar que um estudo sempre supõe ensinar coisas às pessoas estudadas?” (LATOURE, 2006, p. 347), e defende a ideia de que nós é que aprendemos com os atores que estudamos. Tim Ingold (2017, p. 41) defende a mesma ideia, apontando que o caminho “Consiste em nos virarmos em direção aos outros pelo que eles têm a nos ensinar sobre conhecer-no-mundo como forma de compromisso, de ser e deixar de ser, e em encontrar uma base para a esperança.”

Hillesheim, Bernardes e Flores de Medeiros (2009) fazem uma análise dos movimentos do pesquisador em campo a partir da obra *Palomar*, de Italo Calvino (1994). Palomar é um personagem que observa o mundo, a começar pelo mar: ele decide, na verdade, observar uma única onda, apreender a sua essência, compreender o seu movimento, mas logo descobre que as ondas se misturam umas às outras, de modo que é impossível isolá-las em um polígono de observação:

A dificuldade está em fixar os limites desse quadrado, porque, por exemplo, se ele considera como o lado mais distante de si a linha em relevo de uma onda que avança, essa linha ao aproximar-se dele irá, erguendo-se, ocultar de sua vista tudo o que está atrás; e eis que o espaço tomado para exame se destaca e ao mesmo tempo se comprime. Contudo, o senhor Palomar não perde o ânimo e a cada momento acredita haver conseguido observar tudo o que poderia ver de seu ponto de observação, mas sempre ocorre alguma coisa que não tinha levado em conta. (CALVINO, 1994, p. 9).

Segundo Hillesheim, Bernardes e Flores de Medeiros (2009, p. 216), o personagem de Calvino se apoia nos métodos científicos modernos, ou seja, “nos caminhos retos que conduzem às soluções esperadas”, onde “Para conhecer é necessário fragmentar,

⁵⁴ Esse diálogo foi transformado em uma publicação intitulada *Como terminar uma tese de sociologia: pequeno diálogo entre um aluno e seu professor (um tanto socrático)* (LATOURE, 2006).

recortar o mundo em pedacinhos que caibam em nossas explicações limitadas [...]”.

No fim do conto, Calvino (1994) conclui:

É pena que a imagem que o senhor Palomar havia conseguido organizar com tanta minúcia agora se desfigure, se fragmente e se perca. Só conseguindo manter presentes todos os aspectos juntos, ele poderia iniciar a segunda fase da operação: estender esse conhecimento a todo o universo. Bastaria não perder a paciência, coisa que não tarda a acontecer. O senhor Palomar afasta-se ao longo da praia, com os nervos tensos como havia chegado e ainda mais inseguro de tudo. (CALVINO, 1994, p. 11).

Essa tensão e insegurança se aproximam do modo como me senti quando tentei adequar a qualquer custo um quadro metodológico nos primeiros passos da minha pesquisa. Foi como tentar isolar uma onda das outras, limitando o olhar para o que acontece ao redor, como se as coisas não estivessem entrelaçadas, ou como se nós, caminhantes, estivéssemos apartados do próprio caminho que percorremos. Nesse sentido, é preciso estar aberto para a surpresa, para o desconhecido, para aquilo que extrapola as nossas suposições, para a onda que se segue e que não podemos sequer calcular a sua forma, tamanho ou movimento.

Tudo isso nos devolve para a importância do caminhar, do intuir, do observar e do imaginar. Ingold reforça a importância do imaginar e o quanto essa ação não está ligada meramente a construções imagéticas ou representações mentais anteriores à realização material (INGOLD, 2015b). Imaginar algo, ele diz, é aparecê-lo, e trata de “[...] um movimento de abertura e não de fechamento; produz não fins, mas começos.” (INGOLD, 2015b, p. 30). O valor da imaginação está, dentre outras coisas, na sua capacidade de equilibrar o modo cartesiano de conduzir os caminhos, trazendo a importância do sensível e do sensitivo:

Ao invés de uma mente dominante que já conhece sua vontade conduzindo um corpo subserviente, na frente vai uma imaginação que sente o caminho adiante, tentando passar por um mundo ainda não formado, trazendo a reboque uma percepção já educada nos modos do mundo e habilidosa na observação e reação às suas propiciações. (INGOLD, 2015b, p. 32).

Figura 21 — Observar e imaginar



Fotografia: Dila Reis, 2019

Acredito, então, que a caminhada deve abrir espaço para a imaginação e retomo aqui a importância do próprio deslocamento, e não de uma conclusão ou um ponto de chegada. Caminhar, afirma Masschelein (apud INGOLD, 2015b, p. 29), “[...] é ser comandado por aquilo que ainda não está dado, mas está a caminho de sê-lo.” No trabalho de campo, isso se traduz na atenção ao deslocamento, aos processos, aos trajetos percorridos, aos encontros, às mudanças, aos diálogos, aos mitos, aos mortos e, enfim, às próprias surpresas que o campo oferece.

Voltemos, pois, ao rés do chão: aos primeiros passos dessa caminhada, apontados no início desta seção. Michel de Certeau (1998) ressalta o caráter qualitativo, e não quantitativo dos passos, e o quanto eles são capazes de moldar os espaços e tecer os lugares (CERTEAU, 1998). Quando caminhamos, deixamos rastros. Segundo Ingold e Vergunst (2016, p. 8, tradução nossa), os rastros e os passos são impressões, e não carimbos ou inscrições; e essas impressões se arranjam nas trilhas assim como palavras se arranjam num texto: “Nos dois casos, é lendo as marcas em sequência, ao invés de inspecioná-las individualmente, que o fio da narrativa se desenrola.”

A possibilidade de ler os rastros de uma caminhada também é acolhida por Michel de Certeau (1998, p. 177), que compreende o ato de caminhar como espaço de enunciação: “O ato de caminhar está para o sistema urbano como a enunciação (*o speech act*) está para a língua ou para os enunciados proferidos.” O caminhar, segundo ele, tem uma tríplice função enunciativa:

[...] é um processo de *apropriação* do sistema topográfico pelo pedestre (assim como o locutor se apropria e assume a língua); é uma *realização* espacial do lugar (assim como o ato de palavra é uma realização sonora da língua); enfim, implica *relações* entre posições diferenciadas, ou seja, ‘contratos’ pragmáticos sob a forma de movimentos (assim como a enunciação verbal é ‘alocução’, ‘coloca o outro em face’ do locutor e põe em jogo contratos entre colocutores). (CERTEAU, 1998, p. 177, grifo do autor).

Essa ideia se aproxima da discussão de Paul Ricoeur (2016) que trouxemos na primeira seção, quando ele propõe que a arquitetura e o urbanismo operam a *tríplice mimese* no espaço assim como a narrativa opera em relação ao tempo. Embora na terceira mimese, a *refiguração*, Ricoeur (2016) traga o encontro entre o espaço construído e o modo de habitá-lo, Michel De Certeau (1998) aprofunda a presença

dos sujeitos — os caminhantes — nesses espaços, revelando uma complexa rede de escrituras entrelaçadas que formam múltiplas histórias (CERTEAU, 1998).

Ricoeur (2016) sugere, por meio de uma analogia com as narrativas literárias, que podemos ler os espaços, enquanto Michel de Certeau (1998) propõe que podemos ouvir as caminhadas. As ideias de Ingold e Vergunst (2016, p. 10, tradução nossa) reforçam esse diálogo, quando eles afirmam ser “[...] importante ter em mente que assim como há mais no caminhar do que apenas a interação dos passos, também há mais na narração do que a concatenação de palavras.” Na confluência entre esses três autores, o que se vê são propostas de extrapolar formas e ações e de abrir possibilidades de leitura do nosso modo de ser e estar no mundo e também do modo como o mundo acontece para nós.

Percebo, então, a importância do meu primeiro contato com Canudos não ter sido excessivamente metodizado e de ter havido espaço para tantas outras coisas além daquilo que eu buscava e atribuía protagonismo: a cidade inundada. Como já mencionei antes, não preparei entrevistas e gravadores e fui aberta para as surpresas e os imprevistos, e embora isso por si só possa ser considerado um método, houve um quê de intuição e de instinto nesse movimento que é preciso pontuar, admitir e valorizar. Na ocasião da primeira ida à campo, eu não havia lido Tim Ingold e, portanto, não havia percebido o quanto as suas teorias dialogavam com as minhas afinidades e dinâmicas acadêmicas, por exemplo.

É fundamental abrir espaço para o inusitado e estar aberto para que outros elementos possam partilhar ou mesmo assumir o protagonismo. Estivesse eu voltada apenas para as ruínas inundadas de Canudos, certamente perderia as tantas preciosidades que seguem acontecendo todos os dias e que poderiam seguir despercebidas. Não quero dizer com isso que devemos olhar para todas as coisas, até porque isso não é possível — a própria subjetividade, nesse sentido, já é um filtro ativo, afinal, sempre haverá algo que não conseguiremos ver ou escutar e que tem a ver com nossas próprias dores, lutos e recalques. Do mesmo modo, sempre haverá algo que o outro, nessa interação, não conseguirá nos falar ou apontar.

O próprio ato de caminhar em Canudos, por sua vez, me mostrou que também os caminhos se movem, que os silêncios têm eco, que os chãos têm texturas e profundidades variadas, que as coisas têm voz e palavra. Parti para buscar os rastros de uma cidade inundada e descobri que os caminhos até chegar lá eram feitos ora de terra, ora de água; que, por vezes, o solo trincado carrega conchas; que as paisagens ressoam; que é possível se afundar no massapê; que há diversas formas de andar na água e que não foram somente os humanos que me disseram coisas.

Figura 22 — O que dizem os caminhos?



Fotografia: Dila Reis, 2019

Figura 23 — Abrir os olhos para o inusitado



Fotografia: Dila Reis, 2019

Figura 24 — Texturas



Fotografia: Dila Reis, 2018

4.1.2 Ao rés do chão

A primeira preciosidade do caminho foi o próprio sertão. Em dezembro de 2018 parti pela primeira vez para Canudos e, durante o caminho, o sertão foi se desenhando lentamente na paisagem, pela janela do ônibus — avermelhando-se. Nove longas horas de viagem depois, cheguei em uma cidade simpática de ruas largas e casas pequenas, cabras caminhando soltas pelas ruas, e um céu escuro e carregado de nuvens cinzentas enredando a paisagem. Desci do ônibus e parei em uma lanchonete para pedir informações sobre qual direção seguir, quando percebi a conversa entre duas senhoras sentadas à porta de casa: “Agora ela vem, tá vendo ali? *Essas nuvem* assim, só pode ser ela. É a chuva.”

E era mesmo. Poucas horas depois da minha chegada, o céu irrompe-se em águas e trovões: chovia em dezembro no sertão de Canudos, e era só o que se ouvia na região. E eu, sem um plano metodológico rígido, fui me deixando levar pelo fluxo da cidade, agora comandado por essas águas tão esperadas — uma grata surpresa para a população, que não as via há tantos verões, e também para mim, que não esperava ser recebida por esse encontro que me instigava desde a infância.

A segunda surpresa, portanto, foi a água. A madrugada inteira da minha primeira noite na cidade dividiu o espaço com o forte barulho das chuvas e, no dia seguinte, com o entusiasmo de todos os sujeitos que encontrei pelo caminho. Guardei no meu caderno de campo um diálogo corriqueiro entre duas senhoras, uma delas dizia “Mulher, eu acordei tão feliz hoje e nem sei o porquê... Ah, lembrei! É por causa da chuva...”

Figura 25 — Ao rés do chão



Fotografia: Dila Reis, 2019

Figura 26 — Tá vendo aquelas nuvens ali?



Fotografia: Dila Reis, 2018

Na manhã do meu primeiro dia na cidade, parti para visitar o local que um dia abrigou o arraial de Belo Monte e a cidade construída por seus sobreviventes, a poucos quilômetros da atual Canudos. A última notícia que encontrei sobre o aparecimento de suas ruínas datava de 2013⁵⁵, então eu não fazia ideia se iria encontrá-las submersas ou aparentes. Fui acompanhada por João Batista, historiador canudense, descendente de conselheiristas e guia local, estudioso da história de sua terra e alguém que se tornou um apoio fundamental para o desenvolvimento dessa pesquisa.

O sol ardeu na caatinga daquela região por três anos consecutivos. As ruínas da Igreja de Santo Antônio estavam totalmente descobertas, repousadas na beira das águas do rio Vaza-Barris, que se aproximava com velocidade. Foi possível vê-las, tocá-las. Ali, nos seus arredores, havia conchas espalhadas no solo trincado por um sol incansável, revelando uma terra onde sertão e mar existiam ao mesmo tempo. Em pouco tempo chegou novamente a chuva que já se anunciava e foi preciso sair do local rapidamente, pois o rio vinha chegando com força para deitar-se mais uma vez sobre as velhas Canudos.

Quatro dias depois, com as ruínas já parcialmente submersas, retornei ao lugar das velhas Canudos, com a ajuda de João Batista e de um pescador local, que nos levou lá em sua canoa a remo. Foi muito especial poder ter visto de perto o enlace entre as águas, as cidades e o sertão — esses três elementos que movimentam o meu desejo e a minha curiosidade — sobretudo por se tratar de um acontecimento espontâneo, para o qual não podemos nos programar ou antecipar. O campo é, afinal, esse espaço de surpresas, de possibilidades, de desafios, de provocações e, especialmente, de trocas.

⁵⁵ O jornal *Correio da Bahia* fez uma reportagem sobre o reaparecimento das ruínas de Canudos, publicada em 5 de maio de 2013. Disponível em: <https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/com-a-estiagem-cidade-de-canudos-volta-a-aparecer-apos-17-anos/>. Acesso em 12 ago. 2019.

Figura 27 — Ruínas no chão



Fotografia: Dila Reis, 2018

Figura 28 — Ruínas nas águas



Fotografia: Dila Reis, 2018

Por tudo isso, devemos educar a atenção para os caminhos. Ingold (2015b, p. 23) aponta para uma variante etimológica do verbo educar em latim, *educere*, que desdobra-se em *ex* (fora) + *ducere* (levar), em contraponto a *educare*, que carrega o sentido de “[...] criar, cultivar, inculcar um padrão de conduta aprovado juntamente com o conhecimento que o sustenta.” A partir disso, ele propõe o caminhar enquanto um modelo alternativo de educação que não tem a ver com inculcar o conhecimento nos alunos, mas sim com atentar para os caminhos, observar o que aparece e fazer aparecer coisas, enfim, buscar um sentido de educação que nos conduza para fora, para o mundo (INGOLD, 2015b).

O mundo de Canudos me ensinou sobre as memórias, sobre as águas, sobre o tempo, sobre as reminiscências, sobre lutas, sobre ressignificação, sobre sobrevivência, sobre transformação. Durante a viagem, ainda na minha primeira ida à Canudos, observei pela janela do ônibus a paisagem se transformar lentamente em sertão — as árvores se afinaram em arbustos e cactos, os verdes foram se esbranquiçando até desaparecerem, o chão foi alcançando intensos tons de vermelho — e nessa altura eu nem tinha noção da importância dos caminhos ou do quanto eles nos dizem.

Os meus primeiros passos em Canudos também me mostraram conchas num solo trincado; revelaram um chão que ressoava a mítica conselheirista “o sertão vai virar mar, o mar vai virar sertão”; me levaram aos vestígios de uma cidade que tanto instigaram o meu imaginário — e eu os vi em sua inteireza, fincados no chão, e dias depois os vi serem lentamente engolidos pelas águas do Vaza-Barris; os meus passos me levaram a tantas pessoas que me contaram suas histórias, ou a história de seus antepassados, ou somente um caso cotidiano que nada tinha a ver com a guerra e com as águas, mas que fazem parte dessa rica e complexa malha de experiências.

Sobre essa malha, Ingold (2012) traz concepções do geógrafo Torsten Hägerstrand (1976 apud INGOLD, 2012, p. 39), que propôs uma espécie de “trajetória contínua de devir” protagonizada por humanos, animais, plantas, pedras, prédios (ou o que ele chama de elementos constituintes do ambiente) e que se resume na ideia de que seus movimentos e encontros através do tempo implicam em combinações

diversas, formando feixes e pontos que ele compreende como “A grande tapeçaria da Natureza tecida pela história.” (HÄGERSTRAND, 1976 apud INGOLD, 2012, p. 39).

Ingold (2012, p. 39) compreende que “[...] o emaranhar dessas trajetórias que não param de se estender constitui a textura do mundo [...]”. Para ele, “[...] a tapeçaria de Hägerstrand é um campo não de pontos interconectados, mas de linhas entrelaçadas; não é uma rede (*network*), mas o que eu gostaria de chamar de malha (*meshwork*).” (INGOLD, 2012, p. 39).

A minha segunda ida à Canudos aconteceu 5 meses depois da primeira, e nesse intervalo as chuvas seguiram intensas e contínuas. Da janela do carro, busquei a transformação da paisagem que havia experimentado na primeira viagem, mas não encontrei: a vegetação não perdeu suas folhas; os verdes seguiram intensos o percurso inteiro; e o chão nem se via — estava coberto de plantas ou de águas. Os caminhos me contaram outras cores, outras texturas; as pessoas me falaram novas histórias, ainda que repetissem as mesmas; descobri novas trilhas e redescobri as velhas; meus passos me levaram para o cume da serra do Cocorobó, de onde pude ver os horizontes de um rio.

Me deparei com uma paisagem completamente modificada por cinco meses de chuvas constantes — conheci, pela primeira vez, um sertão absolutamente florido, como se tivesse despertado de um sono profundo. O verde do início da viagem, partindo de Salvador, se manteve incólume até Canudos. A caatinga reinava exuberante, transbordando seus infinitos tons de verde, partilhando espaço com as águas cheias dos brejos e do açude, que já havia engolido por completo as ruínas de Canudos. Conheci, portanto, um sertão que não costuma ser mostrado nas reportagens, nas fotografias ou na televisão, como se a natureza que explode com as chuvas não fosse também parte inerente dessa terra.

Figura 29 — Depois da chuva



Fotografia: Dila Reis, 2019

Figura 30 — Águas espelhadas do açude



Fotografia: Dila Reis, 2019

Na primeira vez passei sete dias e nessa segunda um pouco menos, cinco dias. Também não levei entrevistas nem gravadores, apenas o mesmo caderno de campo e um celular para fazer fotos e vídeos. Compreendo a segunda estadia como uma espécie de aprofundamento: já não me sentia tão estrangeira, pude reconhecer alguns caminhos, rostos e gestos, me movia com mais facilidade pelas ruas, mas ainda assim descobri que as paisagens podem se transformar profundamente, e que aqueles caminhos que pareciam familiares podem abrir novas trilhas e levar a novos lugares.

A terceira e última imersão em campo aconteceu quase um ano depois da primeira, em novembro de 2019 e foi significativamente mais longa que as outras duas: passei um mês inteiro na cidade. Já não chovia na região desde a minha última visita em maio, e a paisagem pela janela do ônibus já se assemelhou à da primeira viagem, embora com transformações mais tímidas em função do meu horário de partida, na alvorada, que não me permitiu assistir durante o trajeto o espetáculo que é o entardecer sertanejo.

Dessa vez parti com planos menos erráticos e com a proposta de entrevistar um grupo de pessoas, não necessariamente em conjunto, e desenhamos, eu e a minha orientadora, duas perguntas-guia: “o que significa, para você, ser conselheirista?” e “o que se sente quando os vestígios da velha Canudos reaparecem?” A ideia da primeira pergunta foi perceber as posições identitárias dos sujeitos, seja dentro ou fora do conselheirismo, pois os primeiros campos revelaram o peso de Antônio Conselheiro nas paisagens, nos caminhos, nos diálogos e na própria identificação política e ideológica das pessoas.

Diante disso, considerei relevante abrir o diálogo com essa pergunta, para que os sujeitos pudessem começar trazendo suas próprias afinidades ou discordâncias com essa referência tão significativa para aquele lugar. Já a segunda pergunta se propõe a compreender como os sujeitos se relacionam com os vestígios da velha cidade, com a sua inundação e também o seu reaparecimento intermitente. Se propõe também a escutar o que se sente, o que evoca, e perceber quais caminhos são construídos a partir desse questionamento.

Não houve um desenho prévio do perfil dos entrevistados: eu estava disposta a ouvir quem quisesse falar. A experiência nos primeiros campos me possibilitou uma rede de contatos, que me levou a outras pessoas e outros caminhos, formando uma malha grande e diversa de sujeitos dispostos a me ouvir e a contar suas histórias. As entrevistas aconteceram de modo informal, a maioria na casa das próprias pessoas e, por uma questão ética, só foi gravada ou registrada por escrito com o consentimento prévio de cada um. Inúmeros trechos desses relatos serão apresentados nas próximas linhas, sem edições ou correções gramaticais, mantendo a integridade daquilo que foi dito.

Ainda seguindo a questão ética, os nomes dos entrevistados foram omitidos neste trabalho, apresentados aqui apenas a partir das suas iniciais, já que não houve um acordo prévio nesse sentido no momento das entrevistas e também por tratar de um tema que toca em questões conflitivas e delicadas (deslocamentos compulsórios, políticas públicas, etc.). A única exceção foi João Batista, meu primeiro contato em Canudos, e quem me abriu inúmeras possibilidades dentro da cidade e esteve presente em quase todas as entrevistas que realizei — dele tive autorização expressa para lhe nomear a voz, além da presença marcante e essencial em todas as etapas do meu trabalho no campo e em muitas etapas fora dele.

No fim das contas, o perfil dos sujeitos entrevistados refletiu o próprio campo: diverso e plural. Entrevistei homens e mulheres, com idades que alcançaram um intervalo entre 15 e 80 anos, alguns engajados no movimento conselheirista, outros não, e o resultado foi uma profusão de falas e memórias, ora complementares, ora divergentes e que abriram um universo de novos caminhos, de construções identitárias e de reconstrução de lugares. Michel de Certeau (1998) diz que

As relíquias verbais de que se compõe o relato, ligadas a histórias perdidas e a gestos opacos, são justapostas numa colagem em que suas relações não são pensadas e formam, por esse fato, um conjunto simbólico. Produzem, portanto [...] possibilidades de passagem a outras paisagens, como subterrâneos e arbustos. (CERTEAU, 1998, p. 188).

Voltamos (ou na verdade nunca saímos) para a esfera da memória, que movimenta os relatos em níveis conscientes e inconscientes e que produzem esse conjunto

simbólico a que se refere Michel de Certeau (1998). Ele diz: “Só há lugar quando frequentado por espíritos múltiplos, ali escondidos em silêncio, e que se pode ‘evocar’ ou não. Só se pode morar num lugar assim povoado de lembranças [...]” (CERTEAU, 1998, p. 189). Ele diz, ainda, que “Os relatos de lugares são bricolagens. São feitos com resíduos ou detritos de mundo.” (CERTEAU, 1998, p. 188). É justamente essa malha de resíduos de um mundo povoado de lembranças que se desenham com mais cores nas próximas páginas.

4.2 A INUNDAÇÃO

Na mitologia grega, as águas do rio Letes têm o poder de apagar inteira ou parcialmente a memória daqueles que a bebem, a tocam ou nelas se banham. Localizado no Hades, reino dos mortos, o rio do esquecimento é o único caminho que as almas atravessam para o retorno à vida (reencarnação), ao fim de mil anos de provas, purgações e libertação das impurezas materiais (BRANDÃO, 1986, 1987). As águas do rio, portanto, carregam uma simbologia potente, e que se relaciona intimamente com as águas que se deitaram sobre cidades inteiras, obliterando não apenas tijolos e pedras, mas também subjetividades e reminiscências.

Descendo das montanhas, serpeando através das planícies e perdendo-se nos mares, os rios configuram a existência humana no seu fluir, na sucessão de ânsias, desejos, sentimentos, paixões e a multiplicidade de seus desvios. A esse respeito é significativo o pensamento de Heráclito: *Vara os que entram nos mesmos rios, outras e outras são as águas que correm por eles... Dispersam-se e... reúnem-se... vêm junto e junto fluem... aproximam-se e afastam-se.* Platão interpreta este fragmento de Heráclito como “a absoluta continuidade da mudança em cada uma das coisas”: *Heráclito diz algures que tudo está em mudança e nada permanece parado e, comparando o que existe à corrente de um rio, diz que não se poderia penetrar duas vezes no mesmo rio.* (BRANDÃO, 1986, p. 266, grifo do autor).

De fato, o fluxo das mudanças segue o seu curso, arrastando em sua correnteza os mais diversos fragmentos, que se afastam de seu leito pátrio em seguida em direção ao horizonte do esquecimento. Mas, ainda que as almas banhadas pelo Letes sejam compreendidas como aquelas que perderam a memória, ao mesmo tempo são aquelas que estão a ponto de retornar à vida. Nesse sentido, vejo as águas do esquecimento não somente como aquelas que encobrem coisas, mas também que as revelam e, diante disso, me pergunto o que de fato se apaga e o que de fato permanece, ou retorna à vida.

Esse movimento é ditado pelas próprias águas, que sobem e descem, inundam e desalagam, encobrindo ou revelando vestígios materiais e subjetivos ao longo dos anos. Parti para Canudos com a intenção de observar o movimento dessas águas e de perceber alguns fragmentos de uma cidade ora submersa ora aflorada no cenário

sertanejo. Mas, ao longo da caminhada, especialmente após a leitura das teorias ingoldianas apontadas anteriormente, e, sobretudo, após escutar as pessoas em campo, fui percebendo que havia muito mais nos afloramentos e nas inundações do que o próprio movimento ou materialidade da coisa em si.

Percebi que as águas represadas do rio Vaza-Barris não cobriram somente os vestígios materiais de uma cidade — que inclusive resiste à submersão e reaparece de tempos em tempos. Elas cobriram relações afetivas, devaneios, projeções de futuro, cobriram as relações das famílias com seus mortos, as possibilidades de retorno, os encontros, as vizinhanças, uns pedaços da história. As perguntas sobre a inundação e sobre as ruínas promoveram respostas que ultrapassaram as hipóteses que levantei antes dos trabalhos de campo — de que o afloramento da cidade provocava memórias e as inundações as encobriam — e permitiram construções muito mais profundas e expansivas, as quais trarei nas linhas seguintes.

A maioria das respostas apontou para uma denúncia à construção do açude enquanto tentativa deliberada dos poderes públicos de apagar a memória e a história de Canudos, ainda que algumas pessoas tenham trazido, dentro da própria denúncia, a validade do açude enquanto fonte de água e de sustento para as famílias.

“L”: Olha, pelo um lado eu achei, assim, por exemplo, uns dizem assim, que foi bom Canudos hoje ter esse açude maravilhoso que nós temos. Pra muitos foi uma destruição. Achei que foi uma destruição, pra muitos. Porque não teve indenização pra esse povo, de jeito nenhum, que nem tem o meu pai, o meu sogro, e outros que moraram, eles até hoje não receberam nenhuma indenização de nada. De nada, de nada. Nem um papel, nem nada. [...] Bom, foi bom. Porque teve um período que é uma fonte de renda pra emprego dentro de Canudos. Porque se não fosse o bananal, no perímetro, não tinha emprego no açude. O açude dá pesca. Porque tirou a pesca, acabou a renda do pobre do pescador, não tem como sobreviver. O nosso açude só tá faltando uma pequena coisa. Eu sinto tristeza hoje, tem hora que eu falo e eu choro [voz de choro e emoção], porque eu vejo o descaso que tá dentro de nosso açude⁵⁶, Deus... (Informação verbal)⁵⁷

⁵⁶ Ela se refere à pesca predatória que vem comprometendo o próprio equilíbrio do ecossistema local, além das ameaças dos próprios pescadores predatórios àqueles que se manifestam contra esse movimento.

⁵⁷ Entrevista concedida por “L” (mulher, 60 anos) no dia 18 de novembro de 2019 em Canudos (BA), com a presença de “D(b)” e “C” no local. Entrevistadora: Dila Reis. A entrevista completa encontra-se no Apêndice B desta dissertação.

“B”: É, a inundação nos critica porque falam que foi pra cobrir a... o resto da guerra que ficou. Uns comentam que veio, foi pedido pra cobrir, outros acham que foi porque o DNOCS... Que precisava ser feito uma barragem, que o pessoal carente precisa, por aí tudo bem. Aí onde vem a questão, né, quando se trata do debate, né, uns dizem que foi pra cobrir o resto da guerra, outros dizem que foi porque necessitava da barragem. Eu sei que a barragem de qualquer maneira foi bom pra gente, que aqui de qualquer forma tinha que ter uma... um pessoal sofrido desse sem ter uma barragem. Aí foi feito o açude. Depois do açude, a gente, a Terceira Canudos né, que veio aqui... Eu, como continuo cantando, lá vem de baixo [ininteligível], cantando... As coisas até da velha, mesmo, coisas que eu não tenho conhecimento, mas falo ouvindo já de outros mais antigos. E essa Nova Canudos, que é a terceira que você pergunta, depois do açude, essa pra gente aqui é uma maravilha, eu como cantor e compositor das memórias de Canudos procuro divulgar, trabalhar, trabalhar a nossa história e contribuir com o que posso pra que essa história vá mais longe ainda. (informação verbal)⁵⁸

Há, ainda, algumas controvérsias sobre os benefícios do açude. É fato que ele trouxe impactos significativos na economia local, promovendo, além da pesca comercial e de subsistência, a irrigação de quase 12ha de área produtiva (DIAS; NEIVA, 1999; DNOCS, 2012). Contudo, é preciso dispor de capital financeiro para possuir e manter um terreno produtivo no perímetro irrigado, ou seja, as camadas mais vulneráveis da população seguem colhendo poucos frutos dessas águas. Além disso, de acordo com as tabelas atuais da ANA (Agência Nacional de Águas) abaixo, podemos perceber que as águas do açude Cocorobó não estão direcionadas para o abastecimento público e um volume mínimo está disposto para a distribuição por caminhões pipa — a destinação das águas é predominantemente para o Perímetro Irrigado.

⁵⁸ Entrevista concedida por “B” (homem, 56 anos) no dia 02 de dezembro de 2019 em Canudos (BA), com a presença de João Batista no local. Entrevistadora: Dila Reis. A entrevista completa encontra-se no Apêndice C desta dissertação.

Tabela 01 — Consumos esperados e consumos observados — Açude Cocorobó, 2019–2020

CONSUMOS ESPERADOS (L/S)

| Finalidade | junho de 2019 | julho de 2019 | agosto de 2019 | setembro de 2019 | outubro de 2019 | novembro de 2019 |
|--|-----------------|-----------------|-----------------|------------------|-----------------|------------------|
| abastecimento Público | 0,00 | 0,00 | 0,00 | 0,00 | 0,00 | 0,00 |
| reservatórios minhões pipa | 5,00 | 5,00 | 5,00 | 5,00 | 5,00 | 5,00 |
| demais usos no reservatório | 41,00 | 41,00 | 41,00 | 41,00 | 41,00 | 41,00 |
| demais usos no rio Vaza Barris (extra-Perímetro) | 182,00 | 182,00 | 182,00 | 182,00 | 182,00 | 182,00 |
| irrigação a jusante no rio Vaza Barris | 40,00 | 40,00 | 40,00 | 40,00 | 40,00 | 40,00 |
| Perímetro Irrigado Vaza Barris | 1.085,00 | 1.085,00 | 1.085,00 | 1.085,00 | 1.085,00 | 1.085,00 |
| TOTAL | 1.353,00 | 1.353,00 | 1.353,00 | 1.353,00 | 1.353,00 | 1.353,00 |

| Finalidade | dezembro de 2019 | janeiro de 2020 | fevereiro de 2020 | março de 2020 | abril de 2020 | maio de 2020 |
|--|------------------|-----------------|-------------------|-----------------|-----------------|-----------------|
| abastecimento Público | 0,00 | 0,00 | 0,00 | 0,00 | 0,00 | 0,00 |
| reservatórios minhões pipa | 5,00 | 5,00 | 5,00 | 5,00 | 5,00 | 5,00 |
| demais usos no reservatório | 41,00 | 41,00 | 41,00 | 41,00 | 41,00 | 41,00 |
| demais usos no rio Vaza Barris (extra-Perímetro) | 182,00 | 182,00 | 182,00 | 182,00 | 182,00 | 182,00 |
| irrigação a jusante no rio Vaza Barris | 40,00 | 40,00 | 40,00 | 40,00 | 40,00 | 40,00 |
| Perímetro Irrigado Vaza Barris | 1.085,00 | 1.085,00 | 1.085,00 | 1.085,00 | 1.085,00 | 1.085,00 |
| TOTAL | 1.353,00 | 1.353,00 | 1.353,00 | 1.353,00 | 1.353,00 | 1.353,00 |

CONSUMOS OBSERVADOS (L/S)

| Finalidade | junho de 2019 | julho de 2019 | agosto de 2019 | setembro de 2019 |
|--|---------------|---------------|-----------------|------------------|
| abastecimento Público | 0,00 | 0,00 | 0,00 | 0,00 |
| reservatórios minhões pipa | | | | |
| demais usos no reservatório | | | | |
| demais usos no rio Vaza Barris (extra-Perímetro) | 216,00 | 177,00 | 317,00 | 317,00 |
| irrigação a jusante no rio Vaza Barris | 40,00 | 40,00 | 40,00 | 40,00 |
| Perímetro Irrigado Vaza Barris | 194,00 | 215,00 | 667,00 | 1.045,00 |
| TOTAL | 450,02 | 432,02 | 1.024,02 | 1.402,02 |

| LEGENDA | |
|--|----------------|
|  | SEM INFORMAÇÃO |

| Finalidade | outubro de 2019 | novembro de 2019 | dezembro de 2019 | janeiro de 2020 |
|--|-----------------|------------------|------------------|-----------------|
| abastecimento Público | 0,00 | 0,00 | 0,00 | 0,00 |
| reservatórios minhões pipa | | | | |
| demais usos no reservatório | | | | |
| demais usos no rio Vaza Barris (extra-Perímetro) | 317,00 | 381,00 | 381,00 | 317,00 |
| irrigação a jusante no rio Vaza Barris | 40,00 | 40,00 | 40,00 | 40,00 |
| Perímetro Irrigado Vaza Barris | 1.061,00 | 1.034,00 | 1.083,00 | 512,70 |
| TOTAL | 1.418,02 | 1.455,02 | 1.504,02 | 869,72 |

Fonte: Agência Nacional de Águas (ANA, 2019)

Evidencia-se, portanto, algumas fragilidades sobre o alcance dos benefícios do açude, sobretudo quando se coloca em xeque os imensos impactos colhidos até hoje na região, a começar pelo próprio deslocamento compulsório e a ausência de indenizações dos habitantes atingidos, como registra a própria “L” em sua fala logo acima. Não é objetivo deste trabalho se debruçar sobre os processos de deslocamento compulsório — sobre isso recomendo outros trabalhos valiosos que tratam do tema com profundidade⁵⁹ — mas sim apontar que não houve em Canudos, como em algumas outras cidades inundadas por barragem pelo Brasil afora⁶⁰, um plano concreto de reassentamento, que tratasse tanto da distribuição das indenizações quanto do planejamento de uma nova localidade para receber a população.

Segundo Jurema Moreira (2015), em seu trabalho que trata da implantação da hidrelétrica de Sobradinho (BA) e das ações e reconfigurações dos sujeitos atingidos,

[...] foi somente em 1975, que o Estado brasileiro firmou um convênio entre a CHESF, o INCRA (Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária) e a ANCAR-BA (Associação Nacional de Crédito e Assistência Rural da Bahia) para tratar das questões sociais. À CHESF caberia o pagamento de indenizações das terras e das benfeitorias (casas, cercas, etc.) que, por ventura, tivessem sido construídas por seus ocupantes, além de transferir a população urbana para as novas sedes dos municípios que seriam construídas; as desapropriações e o reassentamento nas áreas rurais seriam mediadas pelo INCRA; por fim, a ANCAR-BA se encarregaria do cadastramento das famílias e da disponibilização de material necessário à transferência. (ESTRELA, 2004 apud CAVALCANTI, 2015, p. 42).

Sabemos que esses planos e processos de reassentamento costumam ser bastante problemáticos e conflitivos — sobretudo na assistência à população mais frágil e vulnerável — e mesmo o desenho urbanístico da nova cidade costuma carregar

⁵⁹ Destaco aqui alguns que foram fundamentais para o desenvolvimento e expansão desta pesquisa. São eles: a dissertação de mestrado de Jurema Cavalcanti (2015), intitulada *Práticas de beira das cidades antes navegáveis às cidades transpostas pela barragem de Sobradinho*; a dissertação de mestrado de Lícia Perote (2006), intitulada *Jaguaribara: a cidade submersa. História de uma cidade planejada no sertão do Ceará*; e a obra de Fernanda Vidal (2015), também fruto de sua dissertação de mestrado, e já citada amplamente neste trabalho.

⁶⁰ É o caso das cidades abordadas nos trabalhos que citei na nota anterior, por exemplo. Esses trabalhos tratam justamente dos conflitos e falhas que os planos de reassentamento costumam promover e carregar.

traços homogeneizadores e dissonantes com os vínculos afetivos e simbólicos presentes nos lugares a serem inundados, mas é deveras significativo que uma cidade como Canudos, com tamanha importância histórica, tenha recebido pouca ou nenhuma assistência das políticas públicas nos processos de deslocamento de seus habitantes, tampouco na sua reconstrução.

“J”: Eu me lembro que meu pai às vezes dizia, mãe que ainda me comenta, né, que o povo dizia na época, e ela já era casada, recente, que ninguém acreditava que ia ser construído esse açude. Pra muitos senhores, o pessoal dizia “oxe! Fechar o Vaza-Barris?!” Porque o Vaza-Barris é um rio potente, não acreditavam também que ia ser construída essa barragem aí... Minha mãe diz até hoje, se perguntar a ela acho que ela ainda se lembra, ela me dizia que não se acreditava... E muitos moradores dessas comunidades também, não achava que ia ser construído esse açude... Maaas, as obras começam, os estudos, a engenharia vem e se instala na Segunda Canudos, depois que Getúlio Vargas morre, suicida-se em 1954, as obras quase param, mas depois elas retornam e já vem como todo o vapor, até que fecham-se as comportas, completa né, em 68, fecha, mas a bicha... dá uma chuva, né, João? A banca quase que vai embora! Aí depois em 69... E esse povo em 1967 tinha se transportado pra cá. Uns vão lá pro Canudos Velho, onde é o Alto Alegre, pouquíssimos, outros vão ali pro Bendegó, também uma parte fina, mas o grosso vem pra cá. Aí você vai analisando, vai perceber, uma vez eu tive a oportunidade de entrevistar a Dona Carmem do Bendegó, e tudo, dá emoção dela contar que as pessoas... gente que não queria sair. Gente que a água tava cercado a casa e saiu porque disse “agora eu tenho que ir embora senão eu vou morrer afogado.” (informação verbal)⁶¹

“L”: Eu lembro que eu com 7 anos de idade eu saí, como diz a história, pra nós não morrer afogado. [...] Aí a gente deitou, minha mãe deu a jantinha de nós, deitamos, preparaçãozona [ininteligível], aí minha mãe falou bem assim: ‘êta, João, a preparação tá bonita, viu, a gente tem que cuidar em se mudar’. Aí ela mandou um rapaz vir, pra ir levando as coisas mais miúdas, galinha, essas coisas que tinha...Aí eu fui a primeira a sair pra ir ajudar a levar as coisa, levando, tocando os animais. Levando, eu mais o rapaz. Era até um cumpadre da minha mãe de muita confiança, aí levava. Quando foi no outro dia que eu cheguei, que eu deitei, aí mamãe falou: ‘ó, amanhã, meu cumpade, você vai ter que levar outro carregado, a gente tem que ir saindo aos

⁶¹ Entrevista concedida por “J” (homem, 50 anos) no dia 26 de novembro de 2019 em Canudos (BA), com a presença de João Batista no local. Entrevistadora: Dila Reis. A entrevista completa encontra-se no Apêndice D desta dissertação.

pouquinhos, pra João ajeitar as coisas pro caminhão levar.’ Ele tinha carro, tinha tudo. Quando nós amanhecemo o dia, aí de noite caiu chuva. Quando o dia amanheceu...tava lá a água. Aí minha mãe falou: ‘João, vamo andar depressa, cada dia mais a água tá aumentando.’ Era aquela água viajando, viajando... Aí quando foi uns 3 dias a água já tava bem pertinho de casa. Aí o doutor veio e falou: ‘João, eu lhe peço até pelo amor de Deus, vá embora e hoje pra amanhã, senão sua casa cobre com tudo. Com sua família. Ôi, a chuva tá direto, chovendo direto nas cabeceiras. Pode sair daqui!’ Aí ele disse: ‘meu deus do céu, ainda tenho umas coisas pra pegar no meu trabalho’, e ele disse: ‘eu vou te dar umas barca com uns tambor’. Aí assim ele fez. Fizeram tipo uma jangadona, aí era meio mundo de gente trabalhando. Aí minha mãe: ‘vamo ter que mandar logo essas coisas aqui.’ Vai, aí era aquele monte de gente ajudando... [...] Só foi dizer assim: hoje nós tiremo tudo que tinha dentro daquela casa pra levar. No outro dia amanheceu tudo coberto. Minha mãe ficou só chorando, olhando assim pro lugarzinho. Aí a gente levou assim um monte de coisa, um monte de bicho se deram no lugar, outros já não se deram. Aí meu pai foi desandando, desandando...Aí foi, e depois ele arrumou essa outra mulher, e cascou fora e deixou minha mãe na fazendinha que ele tinha. E aí [ininteligível] muito tempo, depois voltamo, já com muito tempo. Aí muita gente pergunta assim: “L”, a senhora tem coragem de morar abaixo do açude? Não. Eu tenho medo. (informação verbal)⁶²

E assim foi o deslocamento de muitas famílias canudenses: no susto, sem suporte nem amparo das políticas públicas. Ouvi, informalmente, muitos relatos similares ao de “L”, sobre uma retirada abrupta e desamparada, muitos sem nem destino de pouso, numa das maiores ironias que se poderia imaginar: inúmeros sertanejos fugindo das próprias águas que lhes eram tão essenciais. Grande parte das famílias acabou por se assentar a poucos quilômetros da cidade inundada, na antiga fazenda Cocorobó que, segundo João Batista Lima (2019), aos poucos foi se transformando em vila:

[...] em 1982, publica-se no *Diário Oficial da Bahia* o Decreto nº 4.029, de 14 de maio de 1982, elevando o povoado do Cocorobó à condição de Vila Nova Canudos. Em 25 de fevereiro de 1985, sob a Lei nº 4.405, a vila, que pertencia ao município de Euclides da Cunha, na Bahia, é finalmente emancipada. (LIMA, 2019, p. 177, grifo do autor).

O deslocamento forçado e desassistido foi apenas um dos grandes impactos da inundação. A cidade, antes de ser inundada, era muito mais do que ruas e casas

⁶² Entrevista concedida por “L” (mulher, 60 anos) no dia 18 de novembro de 2019 em Canudos (BA), com a presença de “D(b)” e “C” no local. Entrevistadora: Dila Reis. A entrevista completa encontra-se no Apêndice B desta dissertação.

habitadas por famílias e indivíduos — as cidades, em geral, são compostas por símbolos, afetos, relações de vizinhança, memórias, conexões e, sobretudo, subjetividades construídas ao longo da permanência, como nos aponta Calvino (1990):

Assim — dizem alguns — confirma-se a hipótese de que cada pessoa tem em mente uma cidade feita exclusivamente de diferenças, uma cidade sem figuras e sem forma, preenchida pelas cidades particulares. (CALVINO, 1990, p. 34).

Essas cidades particulares invariavelmente surgiram nos depoimentos de alguns entrevistados, ora por meio de reprodução das lembranças de seus descendentes que habitaram o arraial de Belo Monte, ora por meio de lembranças diretas da Canudos, reconstruída pelos sobreviventes da guerra.

“M”: Painho trabalhava de guarda lá no Canudos Velho. Tinha até muita casa, aquela que tem... Não tem uma igreja, até no livro tem aquela igreja.

Dila: Sim, eu sei qual é. A que tá debaixo d’água? Eu fui lá.

“M”: É, que tem debaixo d’água, que você vê aquelas coisa lá. E eu tava pensando que lá era um cemitério, mas Batista disse que era igreja.

Dila: É a igreja. A senhora já foi lá visitar?

“M”: Já, muitas vezes. Eu já até fui anjo naquela igreja! Não tinha um negócio de anjo, assim, antigamente?

Dila: Sim.

“M”: No mês de maio? Aí a professora lá que chamou pra ser anjo. Eu lembro que a gente subiu lá no altar dessa igreja. Que botaram lá. Eu sei que as velas... [risos]. Vai ver quase iam incendiar aquela igreja... [...] A vela pegou na asa do... não tem a asa do anjo? Eu sei que tiraram o menino rapidinho, pegou sem nem dar fé. (informação verbal)⁶³

“D”: A minha avó mesmo ela não gostava muito de conversar não, a minha vó paterna. Ela não gostava muito de conversar não, porque

⁶³ Entrevista concedida por “M” (mulher, 71 anos) no dia 19 de novembro de 2019 em Canudos (BA), com a presença de João Batista no local. Entrevistadora: Dila Reis. A entrevista completa encontra-se no Apêndice E desta dissertação.

era uma vida muito sofrida. Ela sofreu muito. Que ela participou da guerra, desde o começo, ela morava mesmo lá no arraial, ela ajudava, era uma das... como é que diz... das beatas. A avó dela era muito católica e rezava querendo o final dessa guerra. E aí, minha filha, era muito amiga de Antônio Conselheiro. Aí, por sinal, ela casou no arraial de Antônio Conselheiro, meu avô foi pra lá e meu avô era carpinteiro, o pai do meu pai. Ajudava a fazer aquelas casinhas e era... ajudava. Que esse pessoal lá cada qual tinha a sua tarefa, tinha a obrigação de fazer, nera? Uns plantava, outros colhia, outros fazia artesanato de fazer panela, fazer pote, naquela época... Era como se viravam, nera? Uns teciam redes, faziam aquelas redes crauá, outras de fio... Menina, todo mundo trabalhava.

Dila: Quem tinha seu ofício fazia, né?

“D”: Era, era. Quem tinha o seu ofício, cada qual tinha o seu trabalho. E aí, quando foi no... Eles viviam muito felizes. Aí era uma vida que gostavam muito. Minha avó materna ela também participava, ela tinha um filho que até é bisavô seu né? Manelzão, né? (informação verbal)⁶⁴

“L”: Lembro, lembro até da procissão que o pessoal vinha, indo pra igreja, eu lembro, assim, tinha um lugarzinho, assim, do padre. Eu era criança, mas lembro como se fosse agora. Aquele tempo era que nem na igreja evangélica ainda hoje usa: todo mundo com lenço, né, montadinho aqui, por exemplo, nós ia nós 3 aqui né, se nós ia desamparada daquele lenço, as famílias que tava na frente ajoelhada com aquele lenço, a gente chegava se ajoelhava, podia ser adulto, podia ser criança, aquela pontinha daquele lenço tinha que passar pra todo mundo. A gente ficava amparada com aquele lenço, com aquele véuzinho bem branquinho, todo fininho, parecendo mosquiteiro, né, todo branquinho. Aí todo mundo era ali, ajoelhado, o padre fazendo pergunta, o padre orando por nós ali, pelas famílias e por todos. Chegava aquele momento, ele falava: ‘agora vou fazer a confissão dos noivos’. Aí eram chamados o noivo e a noiva [a irmã dela]. Ele sentava a noiva do lado, aí perguntava a ela sobre os pecados, o que era que tinha se passado na vida dela, se ela já tinha namorado mais outras pessoas, e era assim. (informação verbal)⁶⁵

⁶⁴ Entrevista concedida por “D” (mulher, 82 anos) no dia 19 de novembro de 2019 em Canudos (BA), com a presença de João Batista no local. Entrevistadora: Dila Reis. A entrevista completa encontra-se no Apêndice F desta dissertação. Na pergunta sobre o bisavô, ela refere-se a João Batista.

⁶⁵ Entrevista concedida por “L” (mulher, 60 anos) no dia 18 de novembro de 2019 em Canudos (BA), com a presença de “D(b)” e “C” no local. Entrevistadora: Dila Reis. A entrevista completa encontra-se no Apêndice B desta dissertação. Nesse trecho, ela se refere à Canudos Velha (segunda Canudos).

Compreendemos que muitas lembranças resistem à inundação, tanto que elas transbordam nos depoimentos, algumas delas com riqueza de detalhes — trataremos daquilo que não   possível inundar mais especificamente na se c o secundária seguinte. Porém, há muitas camadas nessas memórias que se vinculam ao processo de inunda o, tanto na forma do pesar e da saudade quanto, especialmente, na impossibilidade dos reencontros: com os espaços, com os vizinhos, com os tecidos urbanos ou com os mortos, por exemplo.

Eu não posso, como muitas outras pessoas na vida podem, voltar   sua terra e ter a alegria de rever locais onde brincou quando menino, locais onde namorou quando jovem. Não pode ver a igreja onde foi batizado. Não posso ver o campo onde joguei bola. Não posso ver a escola onde estudei. Ou seja, eu estou aqui separado por uma distância bem pequena de minha terra. Talvez metros de profundidade. E, no entanto, a distância visual   infinita.⁶⁶ (AÇUDE, 2019).

“D”: Eu não fui criada lá, mas eu participava das festas, de Santo Antônio, de tudo l , das rezas, das feiras, de tudo lá, nera? Dos movimentos que eu via em Canudos. Era... Minha avó, minha mãe, minhas av  eram muito religiosas, nera, elas gostavam, participavam das rezas, das missas, das festas de Santo Antônio... Aí eu acompanhava, n ?

Dila: E como foi, assim, pra senhora, o processo da inunda o? N , quando anunciaram que ia ficar tudo embaixo d’ gua.

“D”: A gente quase que a gente morava l , quase que a gente não tinha nem... A gente ficou assim muito triste porque iam tirar a... ia acabar l  com a vila, com o lugarzinho que a gente frequentava, que ia pra feira, a gente se encontrava com o pessoal, a gente foi criado ali vendo aquele movimento ali, e ia se acabar,   uma situa o assim muito triste n . De se acabar aquele lugar aonde a gente viu, aonde a gente nasceu e se criou vendo aquele movimento ali de nossos av s, nossos filhos... (informa o verbal)⁶⁷

⁶⁶ Depoimento de Eldon Canário, ex-morador da segunda Canudos, para o documentário *Açude Cocorobó — Fragmentos de 50 anos de Memória* (2019), produzido pelo Núcleo de Audiovisual do Centro de Estudos Euclides da Cunha (CEEC) da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), na ocasião das celebra es do cinquentenário do açude. O documentário mostra, nos seus primeiros minutos, Eldon Canário sentado num barco sobre as  guas do rio Vaza-Barris, dizendo da distância visual infinita que o separa de sua cidade natal.

⁶⁷ Entrevista concedida por “D” (mulher, 82 anos) no dia 19 de novembro de 2019 em Canudos (BA), com a presença de João Batista no local. Entrevistadora: Dila Reis. A entrevista completa encontra-se no Apêndice F desta disserta o.

“L”: Aí na seca de 99, aí foi uma seca que nós todos da região fiquemos apavorados, nunca vi. Lugares que eu nunca vi no seco, durante o período que ele encheu, e eu vi, passava assim... A minha filha vinha dar aula e ela vinha era passando por aqui, eu ficava aqui e quando ela vinha e beirava assim aonde tem aquela caixa que a gente avista aqui, ela passava aqui e eu dizia: ‘ó a minha filha aonde já vem’, 4 horas da tarde e ela passava ali no seco, tudo seco. Aí a gente foi, lá a gente fez a Romaria, lá a gente foi uma multidão de gente pra Romaria, que era aquelas romaria, a gente foi lá, tiremos bastante foto, aquela coisa impressionante aquilo ali, tudo no sequinho, tudo, tudo... As irmã, aí falou assim, muita gente chorou quando viu aquilo ali, meu vô enterrado lá, minha avó enterrada lá no Canudos Velho, eu tenho uma irmã que é enterrada em Canudos Velho, quando era criança, já no outro lá de cima... Agora debaixo d’água, meu vô ta ali, minha vó... A família de meu pai tá quase toda ali, enterrada naquele cemitério. [...] Era muita missão, a gente que morava aqui que hoje tá tudo debaixo d’água, da casa de meu pai, eu criança, mas vendo todo mundo, a família de meu pai tava lá. Aí meu pai falou assim: ‘ó, minha fia, tá mudando de Canudos Velho pra Canudos Novo’, que na época aqui era Cocorobó. Hoje aqui vai ser chamado Canudos Novo... Novas Canudos. Meu pai falava isso pra gente. Ele deixava tudo bem explicadinho pra gente. Eu falava assim: ‘porque, papai?’ E ele falava assim: ‘não, porque lá existiu a guerra, hoje tá coberta, não existe mais Canudos... Pode existir, assim, o nome Canudos Velho, e aqui Nova Canudos. Cocorobó vai morrer no papel, mesmo assim.’ (informação verbal)⁶⁸

Um dos entrevistados, funcionário do DNOCS e o único com quem não utilizei gravador (apenas um caderno de anotações), disse: “O açude não foi para apagar a história. Se fosse para apagar a história, não se publicariam livros, iam queimar os livros e cortar as cabeças de quem sabe.” (informação verbal)⁶⁹ Ora, e não foi exatamente esse o fim do arraial de Belo Monte? Uma cidade inteira destruída pelo fogo e bala de canhões e seus habitantes degolados? E na sequência, uma Canudos reconstruída pelos sobreviventes da guerra que calou-se por mais de 40 anos.

⁶⁸ Entrevista concedida por “L” (mulher, 60 anos) no dia 18 de novembro de 2019 em Canudos (BA), com a presença de “D(b)” e “C” no local. Entrevistadora: Dila Reis. A entrevista completa encontra-se no Apêndice B desta dissertação.

⁶⁹ Entrevista concedida por “I” (homem, 52 anos) no dia 19 de novembro de 2019 em Canudos (BA), com a presença de João Batista no local. Entrevistadora: Dila Reis. Essa foi a única entrevista na qual não foi utilizado um aparelho de gravação, e sim apenas um caderno de anotações.

Figura 33 — Pela janela do DNOCS



Fotografia: Dila Reis, 2019

Figura 34 — A inundação



Fotografia: Dila Reis, 2019

“D”: Ói, minha vó ela não gostava de... Esse pessoal daqui de Canudos, esse pessoal mais velho participaram da Guerra, eles não falavam muito da guerra, não... Porque ficou muitos coronéis, muitas pessoas que eram do lado do exército.

Dila: As pessoas tinham medo de falar, né?

“D”: Eles tinham medo! Aí eles tinham medo de falar. Eles falavam era baixo. Contavam assim aquelas coisas assim de cabeça baixa, porque tinham medo. Eles amedrontava mesmo. “Vocês querem que ainda venha outra guerra?!” Eles amedrontavam, era... Eles tinham muito medo. (informação verbal)⁷⁰

Somente a partir da década de 40, como já foi mencionado anteriormente, que os sobreviventes começaram a ganhar confiança em relatar os massacres da guerra a partir do trabalho de pesquisadores e historiadores (dentre eles José Calasans, Nertan Macedo, entre outros) interessados em ouvir a versão dos “vencidos”. Curiosamente, pouco tempo depois anuncia-se a construção de uma barragem justo em cima do tecido urbano da guerra e de seus sobreviventes. A interpretação predominante que se tem hoje é, portanto, de uma tentativa de apagamento da história e da memória do povo de Canudos, como se pode ver nos depoimentos dos entrevistados:

“D”: Ói, esse açude que fizeram, minha fia, muitas pessoas são revoltadas, porque esse açude não era pra ter inundado ali o local da guerra, não.

Dila: Eu também acho que não.

“D”: Era nada! Não era, não. Aquilo ali foi feito pra acabar a história de Canudos. [...] Uma falta muito grande daquela época, não tinha, assim, as pessoas que falassem, não tinha Isaías Canário, que era um mandatário lá de Canudos, quando o governo, o Presidente da República veio aí, Getúlio Vargas, aí falou sobre uma barragem... É, aí escolheram muitos lugares, mas disse que o lugar melhor que acharam foi aquele ali. Por que? Porque era o lugar da guerra! Era da Guerra, era... (informação verbal)⁷¹

⁷⁰ Entrevista concedida por “D” (mulher, 82 anos) no dia 19 de novembro de 2019 em Canudos (BA), com a presença de João Batista no local. Entrevistadora: Dila Reis. A entrevista completa encontra-se no Apêndice F desta dissertação.

⁷¹ Entrevista concedida por “D” (mulher, 82 anos) no dia 19 de novembro de 2019 em Canudos (BA), com a presença de João Batista no local. Entrevistadora: Dila Reis. A entrevista completa encontra-se no Apêndice F desta dissertação.

“Z”: O açude, de certa forma a gente tem certeza que foi bem intencional mesmo, foi intencional de cobrir mesmo o cenário. Isso aí não há dúvidas. Eu acho que o governo ele pensou assim: ‘nós temos uma chance de matar dois coelhos com uma porrada só. A gente dá água, no meio dum sertão desse, e a gente cobre.’ (informação verbal)⁷²

“J”: E aí não demora muito, o IFOCS, se não me engano era Instituto Federal de Obras Contra as Secas, depois passa a ser DNOCS já vem, começa a se instalar, vem chegando, e aí fazem estudos na área toda... Riacho como o do Rosário, no Mandacaru, após a Segunda Canudos, foram feitos estudos pra saber realmente onde iria ser construída essa barragem... Na linguagem deles, na linguagem da engenharia, resolveram que o açude tinha que ser construído nesse lugar. A banca tinha que ser aqui. Isso vai demonstrar o que? Que é preciso agora apagar Canudos agora com água. Porque a primeira foi com sangue. Com fogo. E o que é interessante, apesar de que não era tão como hoje, não se foi respeitado estudo nenhum, nem estudo ambiental, nada! Nem estudo histórico, nada! Chegou, foi implantado ali e... Isso durou muito tempo né. [...] Porque não se coloca Canudos aqui nesses altos? Tanta terra que tem aqui, porque levar pra Cocorobó? Ele na época ainda contesta, ela chega a me dizer isto.

João Batista: Espaço tinha, né?

“J”: Espaço tinha! [...] E tem um depoimento, se não me engano é de Dona Maria Guilhermina, ela vai dar a um repórter, que ela diz, quando fala do açude, que ela vai dizer assim: ‘Porque esse açude aqui? Pra apagar o sangue de tanta gente?’ Ela diz: ‘pra cobrir o sangue de tanta gente?’ Aí ela no final diz assim: ‘vai fazer o que?’ Como se dissesse, esse ‘fazer o que’ tem uma carga tão emotiva dessa senhora, que é como se dissesse assim, ‘quem somos nós pra brigar com tudo isso? Quem somos nós? Fazer o que?’ [...] Eu não tenho dúvida, EU. Que o açude foi para apagar a memória. Tinha outros locais para ser construído, certo? E que pra acabar de corroborar o negócio, foi em plena ditadura militar que as obras chegaram a todo vapor! (informação verbal)⁷³

⁷² Entrevista concedida por “Z” (homem, 54 anos) no dia 29 de novembro de 2019 em Canudos (BA), com a presença de João Batista no local. Entrevistadora: Dila Reis. A entrevista completa encontra-se no Apêndice G desta dissertação.

⁷³ Entrevista concedida por “J” (homem, 50 anos) no dia 26 de novembro de 2019 em Canudos (BA), com a presença de João Batista no local. Entrevistadora: Dila Reis. A entrevista completa encontra-se no Apêndice D desta dissertação.

Não se pode negar ou ignorar os tantos elementos sobre os quais as águas do açude do Cocorobó pesam até os dias de hoje. Os depoimentos trazidos acima retratam desde a violência do deslocamento compulsório até os tantos fragmentos da história e da matéria que jazem submersos, recônditos: os mortos que foram enterrados duas vezes, pela terra e pelas águas; as cidades particulares — o campo, a igreja e a escola que jamais poderão ser revisitados por Eldon Canário; a igreja que quase pegou fogo quando “M” se vestiu de anjo para a missa; os detalhes da celebração do casamento da irmã de “L” na igreja de Santo Antônio; as festas, as rezas e as feiras que “D” acompanhava.

Todas elas são memórias que, de certo modo, resistem à inundação, mas são trazidas e relatadas com o peso da mesma — o peso da saudade, o peso da impossibilidade de um retorno, o peso de perceber as violências sucessivas a que uma única cidade foi submetida repetidamente. Porque ainda que se tratem de tecidos urbanos distintos — a Canudos conselheirista e a Canudos construída pelos sobreviventes da guerra — a sensação que fica é que foi preciso violentar esse símbolo e tudo o que ele representa: Canudos.

Fica também a impotência retratada por “J”, quando ele diz: “[...] quem somos nós pra brigar com tudo isso?” Fica a indignação de pressupor que o açude poderia ter sido construído em outro local, de perceber que os mesmos militares que bombardearam uma cidade inteira e degolaram seus habitantes, seis décadas depois usurparam o poder do país e concluíram com eficácia as obras que iriam concretizar a inundação de uma cidade e de um povo que já carregavam em sua história tantas violências e tantas opressões.

Mas é justamente esse símbolo, Canudos, esse que sofreu violências e opressões sucessivas, que não se inunda jamais. Alguns fragmentos de matéria e mesmo de subjetividades, de fato, parecem ter mergulhado no rio Letes do esquecimento e desaparecido no decurso do tempo e da história. Mas Canudos parece ter encontrado um rio alternativo, cujas águas não apagam memória alguma no caminho de retorno à vida, pelo contrário, parecem reforçar ainda mais sua força e sua potência. E nesse meu caminho pelas águas, fui descobrindo aquilo que permanece, aquilo que não

é possível inundar. Descobri, no desejo de observar um rio encobrir e revelar uma cidade, a monumentalidade da memória e da voz de um povo:

“Z”: Mas o que eu tiro de aprendizado disso tudo aí é o seguinte: cem anos depois, as ruínas conselheiristas das igrejas e do cruzeiro se revelaram, se mostraram com a seca, né, fizeram um trabalho de arqueologia, e essas ruínas, que é da segunda Canudos, já construída por descendentes, sobreviventes e tal. Aqueles 100 anos, eu acho que foi uma coisa fantástica aquele momento mágico, misterioso, quando ela se mostra, né, se revela, bem nos 100 anos, que depois disso nunca mais ela mostrou, né, porque ela tá coberta de lama. Na primeira descoberta, ela mostrava ainda, tinha um cemitério ainda, a base do cruzeiro ficou bem à mostra e tal, só as ruínas das igrejas velha e nova que ficaram cobertas pela lama e tiveram que remover a lama pra poder fazer o trabalho. Mas eu não tiro muito, assim, não tenho muito mistério depois disso, não vejo muito. Porque eu acho que tem uma coisa mais forte. **Mais forte de que as ruínas que se revelam com as secas, é a nossa resistência dia a dia. Porque você pode apagar, você pode destruir, a madeira você pode queimar, você pode espatifar aí as paredes de concreto, despedaçar, jogar tudo no lixo, deixar um limbo. Mas a memória ninguém tira. A memória, ela continua viva! É tanto que eu e Batista estamos ali. Recebendo pessoas de tantos lugares do mundo. Ói, ói a magia onde tá! Pisando no solo, se emocionando. Fazendo as pessoas se emocionarem. Fazer as pessoas entrar na realidade. Ainda hoje Canudos ainda mostra o Brasil real. Ainda hoje! Porque nos sertões ainda há fogo. Porque nos sertões há escuridão. Porque nos sertões ainda há o analfabetismo. E essa memória do nosso povo é que ninguém consegue apagar. É a maior resistência que tem. Tudo bem, as ruínas é como uma coisa que... um assombro. Um assombro pra eles. É uma pequena coisa, né. Mas a coisa mais forte mesmo é a memória, que continua viva.**

Dila: E pode se destruir essas ruínas, mas a memória vai ficar, né.

“Z”: Vai ficar pra sempre. Nós estamos fazendo um trabalho aqui, eu e Batista nós fazemos um trabalho sério, de responsabilidade, nós levamos pessoas ali com responsabilidade [refere-se ao parque estadual de Canudos]. Não é falar só por falar de Canudos. **Porque Canudos é maior do que qualquer coisa! Tá entranhado no sangue. E a gente vive Canudos e respira todo dia. E quando a gente começa a se indignar com as coisas é porque tá mais vivo do que nunca. No dia que a gente simplesmente aceitar as coisas, Canudos morreu dentro da gente. No dia que eu não conseguir reclamar de uma coisa e reivindicar um direito e cobrar algo que tá errado, eu tô morto. Eu não existo. E essa chama de Canudos tá sempre viva pra além disso. Daquilo que a gente reivindica todos os dias. Daquilo que a gente escreve. Daquilo que a gente fala. Daquilo que a gente questiona. As denúncias. Canudos é**

denúncia. Canudos é tocar na ferida. Todos os dias. Canudos é denunciar os nossos irmãos pretos, pobres, favelados, fuzilados todos os dias no Rio de Janeiro. Canudos é nossos irmãos sem-terra que foram agora em Juazeiro aqui devassado. Ali tá Canudos. Uma resistência. Aí eu digo que sim. No dia que a gente parar de falar isso, ruínas não vai representar nada. (informação verbal, grifo nosso)⁷⁴

⁷⁴ Entrevista concedida por “Z” (homem, 54 anos) no dia 29 de novembro de 2019 em Canudos (BA), com a presença de João Batista no local. Entrevistadora: Dila Reis. A entrevista completa encontra-se no Apêndice G desta dissertação.

4.3 O AFLORAMENTO

A cidade, quando aflora, provoca. Ela provoca memórias, narrativas, reportagens. Provocou meus lutos, minhas poesias, minha subjetividade e, mais importante: meu movimento. Parti para Canudos, afinal, com a intenção de observar a inundação e o afloramento de suas ruínas, de perceber o que elas provocavam, sem nem me dar conta de que as provocações já estavam em curso, dentro de mim, antes mesmo da minha partida. Aquelas ruínas e aquelas águas já estavam movendo as minhas profundidades, o meu interesse, minha curiosidade. E o que transbordou do meu encontro com tudo isso, foi muito maior do que eu ousava imaginar — muito maior do que as próprias ruínas, maior até do que as águas.

Figura 35 — Cidade aflorada



Fotografia: Dila Reis, 2018

4.3.1 Identidade e processos de identificação

Muito do que se tentou soterrar e inundar em Canudos sobrevive até hoje. A própria cidade sobrevive, em fragmentos, vestígios. Mas, além da materialidade que ainda se sustenta em alguns tijolos audazes, sobrevivem os símbolos. Eles vivem nas memórias, nos discursos, nas próprias ruínas que afloram, nos fragmentos de guerra preservados nos museus públicos e particulares, nas estátuas de Antônio Conselheiro, nas águas do açude, no chão sertanejo. Esses símbolos, que seguem entrelaçados, nada mais são do que a própria identidade de um povo e a potência de uma cidade independente que resistiu às forças opressoras da sua própria pátria que não lhe foi gentil.

Trata-se de uma identificação de um povo com a própria história de luta, enfrentamento e resistência. E quando digo enfrentamento, não me refiro apenas às batalhas contra o exército, mas sim ao ato de enfrentar uma igreja seletiva, coronéis opressores e, sobretudo, uma República ainda recém-nascida, mas dotada da mesma negligência antiga da nação que lhe concebeu. Os relatos desses enfrentamentos e da potência ideológica que nasceu no arraial de Belo Monte ainda são pulsantes nos discursos que escutei ao longo de todas as minhas visitas à cidade. Eles revelam, afinal, tudo aquilo que não pôde ser apagado, inundado ou destruído.

Um dos grandes símbolos de Canudos, desses que não foram (nem jamais serão) apagados, é personificado na figura de Antônio Conselheiro e atualizado em um processo de identificação compreendido como conselheirismo. Cabe aqui, entretanto, antes de adentrar nas considerações sobre o conselheirismo, um parêntese para situar o lugar da identidade nessa discussão. Sabemos que a temática da identidade é absolutamente profunda e complexa, e abarca questões que vão desde a compreensão dos estereótipos, das alteridades, até as discussões sobre discurso, símbolo, fronteiras, poder.

É uma temática marcada historicamente por tensões entre perspectivas essencialistas e não essencialistas, sendo a primeira pautada em um processo estático, fixo e unificado e a segunda pautada em compreensões mais dinâmicas, fragmentadas e multifacetadas (WOODWARD, 2000). Por muito tempo, a identidade

foi vista como um elemento que conferia estabilidade ao sujeito e caracterizava a sua essência. Depois, o sujeito passou a ser percebido a partir das suas relações e interações sociais para, enfim, já nas discussões da pós-modernidade, compreendê-lo em sua heterogeneidade e fragmentação. Canclini (2008) nos reforça esse último ponto quando afirma que

[...] não é possível falar das identidades como se se tratasse apenas de um conjunto de traços fixos, nem afirmá-las como a essência de uma etnia ou de uma nação. A história dos movimentos identitários revela uma série de operações de seleção de elementos de diferentes épocas articulados pelos grupos hegemônicos em um relato que lhes dá coerência, dramaticidade e eloquência. (CANCLINI, 2008, p. 23).

Vale ressaltar que não se trata de uma evolução linear do conceito — o campo de estudos da identidade, e o próprio conceito em si, estão imersos numa esfera bastante fragmentada e dentro da própria teoria encontram-se convergências, divergências e conflitos de várias ordens. Dentro dessa teia de significações, nos aproximamos de Stuart Hall (2000) quando ele nos diz que

É precisamente porque as identidades são construídas dentro e não fora do discurso que nós precisamos compreendê-las como produzidas em locais históricos e institucionais específicos, no interior de formações e práticas discursivas específicas. Além disso, elas emergem no interior do jogo de modalidades específicas de poder e são, assim, mais o produto da marcação da diferença e da exclusão do que o signo de uma unidade idêntica, naturalmente constituída, de uma 'identidade', em seu significado tradicional — isto é, uma mesmidade que tudo inclui, uma identidade sem costuras, inteiriça, sem diferenciação interna. (HALL, 2000, p. 109).

Essa última parte, especificamente, nos conecta com as discussões sobre os processos de estereotipização do Nordeste (e do nordestino/sertanejo, no caso) bem como da construção das identidades regionais⁷⁵, que começou a tomar forma a partir da primeira divisão regional do Brasil realizada em 1941 pelo IBGE⁷⁶ (CAVALCANTI, 2015), dividindo o país em cinco regiões: Norte, Leste, Sul, Centro-Oeste e Nordeste. Segundo Jurema Cavalcanti (2015, p. 27), é a partir desse momento que os costumes,

⁷⁵ Para aprofundar essa discussão ver CAVALCANTI (2015) e VASCONCELOS (2007).

⁷⁶ No contexto da ascensão de Vargas ao poder, o Estado trabalha fortemente na promoção da unidade nacional e investe no fortalecimento das regiões do Brasil.

manifestações culturais e práticas sociais de cada região formam identidades territorializadas, que “[...] vão se firmando enquanto discurso, na medida em que são reforçadas pelas polarizações entre regiões.”

Assim, a criação de identidades regionais — articulada pelo Estado nacional — configura uma forma de produção de subjetividade que propõe o reconhecimento, a identificação do sujeito comum, com as imagens produzidas sobre uma suposta caracterização do povo brasileiro. (CAVALCANTI, 2015, p. 29).

Ainda segundo Cavalcanti (2015), tudo isso acabou por reforçar figuras cristalizadas e identificadas em tipos nacionais:

Digo cristalizada, porque as identidades constituem territórios que não se atualizam com muita frequência. Para perceber esta característica que lhe perpassa, basta pensar em como a construção do discurso do Nordeste — estabelecido com/e sobre a identidade do nordestino e reforçado pela imagem da seca e pelos desenhos de Percy Lau⁷⁷ — cria estereótipos que continuam a ser assimilados e reproduzidos, nas regiões Sul e Sudeste, sob a ideia do atraso e da pobreza. (CAVALCANTI, 2015, p. 29).

Essas representações hegemônicas e estereotipadas⁷⁸, por sua vez, produzem efeitos nas representações e apropriações identitárias internas. Cláudia Vasconcelos (2007), em sua dissertação de mestrado intitulada *Ser-Tão Baiano: o lugar da sertanidade na configuração da identidade baiana*, elabora sobre esses efeitos a partir do conceito de “poder simbólico” de Bourdieu (2005 apud VASCONCELOS, 2007), que é compreendido, em linhas gerais, como um poder invisível, que contempla a realidade e as relações sociais, e é exercido tanto por aqueles que fazem uso dele quanto por quem a ele está submetido (MOLARI, 2018). Nesse sentido, Vasconcelos (2007) aponta que

[...] os sistemas do campo simbólico atuam no sentido de legitimar uma cultura como dominante/hegemônica, quando, ao mesmo tempo em que conseguem gerar sentimentos de pertença e de unidade cultural

⁷⁷ O ilustrador Percy Lau elaborou desenhos que representavam as paisagens e habitantes do Brasil para o IBGE, onde trabalhou durante 28 anos. As ilustrações encontram-se em IBGE (1956).

⁷⁸ Ver também *A outra questão: o Estereótipo, a Discriminação e o Discurso do Colonialismo* em BHABHA (1998).

entre os diferentes, impõem determinados princípios (sistemas) de classificação para diferenciar, de forma hierárquica, as classes e/ou indivíduos pertencentes a uma mesma sociedade. Nesse sentido, os sistemas simbólicos, como instrumentos de conhecimento e de comunicação, contribuem para a dominação de uma classe sobre a outra, legitimando a violência simbólica exercida, de forma indireta, pela cultura dominante. (VASCONCELOS, 2007, p. 28).

As divisões regionais entram nessa discussão como fruto de determinações autoritárias e são aparentemente fundamentadas em discursos científicos, mas, na verdade, seguem “[...] lógicas arbitrárias pautadas em interesses particulares e diversos daqueles que detêm mais força material e simbólica.” (VASCONCELOS, 2007, p. 30). Assim, o discurso de Nordeste e de Sertão, reforçado nas ideias cristalizadas de pobreza, de atraso e da tragédia da seca, segue reafirmando a necessidade de intervenções contínuas (e violentas) do Estado, como a construção de açudes e barragens pelo Nordeste afora e o conseqüente afogamento de inúmeras cidades e o deslocamento compulsório de seus habitantes.

Entretanto, o discurso regionalista acaba por promover um fenômeno de reivindicação identitária por parte dos “regionalizados”, denominado por Bourdieu (2005 apud VASCONCELOS, 2007) como *revolução simbólica*. As imagens, lugares e estigmas a que foram submetidos esses grupos subalternizados são ressignificados e positivados por eles em um processo coletivo e social de afirmação da diferença. Segundo Vasconcelos (2007, p. 31), essa reivindicação identitária “[...] se apropria de todas as vantagens simbólicas associadas à sua imagem para reverter estrategicamente o lugar a que foram submetidos, em função dos seus interesses materiais e também simbólicos.”

O sentimento de pertença se destaca em muitos relatos que registrei, e retrata a profundidade, a poesia e o embate das relações dos canudenses com sua terra, com seu povo, com sua cidade, com sua história. São relatos que revelam a importância de escutar e ecoar as vozes subalternizadas, de confrontar os estereótipos, de questionar e desconstruir os discursos dominantes, de reconstruir ou reforçar as relações com suas origens, com a sua cidade, com os seus.

“K”: E falando mais de Canudos, eu acho que as coisas que me...
é... que eu mais gosto daqui eu fiz questão de coloca-las na minha

música. Uma das coisas que mais eu acho incrível é o pôr do sol. O céu de Canudos. Mas pra mim é uma das coisas mais importantes porque, tipo... Outra coisa que eu também coloquei na música foi a frase do Euclides que o sertanejo é antes de tudo um forte. Eu acho que essa frase vai além de dizer que só por ser sertanejo você é forte. Mas tá relacionada também à capacidade de o sertanejo adquirir força dentro das coisas mais improváveis... Como o pôr do sol. Né, às vezes eu me sinto revigorada, se eu tenho um dia muito ruim eu olho praquilo e falo ‘nossa...’ E eu acho que os laços afetivos, cada pedacinho da cidade tem uma história, ainda mais sendo uma cidade pequena, ah o IPMC, alguma apresentação, ou algum, sei lá, passeio, ou amigos... Então eu acho que cada pedacinho da cidade é um pedacinho de mim, assim. (informação verbal)⁷⁹

“J”: [...] eu costumo dizer que nossos grandes professores foram esses meninos, essas meninas... João de Régis, Maria Avelina, Pedrão, Manoel Ciriaco, porque eles desconstruíram todo o discurso de 50 anos da gaiola de ouro do senhor Euclides da Cunha, que foi contado sempre na ótica dos vencidos. [...] Nós temos que rebater!

João Batista: Desconstruir logo!

“J”: Desconstruir logo pra quando chegar lá não dizer: ‘mas rapaz, esse cabra disse que a mulher era bruxa! Que era uma megera!’ A única coisa que eu vejo de Euclides pra Canudos foi a divulgação. A gente pode dizer, não, Canudos tá aí nos rincões do mundo, que a obra foi traduzida até para o chinês, né? Alemão, italiano, etc. Certo? Então, querendo ou não, o papel de divulgação, ou errado ou não, teve. Teve. Agora vir dizer que Euclides, um positivista, determinista, militar, europeizado, vem escrever sobre o sertanejo só passando 16 dias? Como diz até um parente meu, Moisés, vem dizer que... vem escrever com aquela riqueza de detalhes sobre umbuzeiro, e umbu, que em setembro nem umbu tem! Nem umbu tem!

[...]

“J”: Mas graças à Calasans, que é nosso grande mestre, nosso grande ícone, hoje eu recebi até um livro aí, *Cartografia de Canudos*, né... Calasans é o grande mestre porque ele vai dizer o seguinte: ‘A voz do povo sertanejo tinha outro sabor!’ Eu acho essa frase de Calasans... Ele podia não ter dito nada mais, mas só isso ele já disse tudo! A voz do povo sertanejo tinha outro sabor... E aí você vai dizer: ‘que sabor é esse?’ O sabor de dizer que Belo Monte era um lugar diferente, que

⁷⁹ Entrevista concedida por “K” (mulher, 16 anos) no dia 19 de novembro de 2019 em Canudos (BA), com a presença de João Batista no local. Entrevistadora: Dila Reis. A entrevista completa encontra-se no Apêndice H desta dissertação.

Conselheiro era um homem de paz, Conselheiro era um homem do bem, Conselheiro era um líder carismático, não temos adjetivos pra dizer o que aquela gente era, o que aquele líder era o que aquela cidade era praquela gente! (informação verbal)⁸⁰

“Z”: E eu me lembro de uma coisa interessante, eu aprendi a olhar Canudos, o meu povo, através do meu povo. Não foi através de escritores de lá de fora. Eu comecei a ver Canudos a partir do olhar e dos relatos de pessoas que eram, que beberam a história oral, que eram descendentes diretos dos sobreviventes, que passaram... Dona Isabel, Dona Zefinha, Paulo Monteiro, João Régis, Zé de Isabé, morreu com 103 anos ali no Riacho de Pedra... São personagens que foram me enchendo desde menino. [...] É um fundamento né, a gente não pode olhar pra Canudos e simplesmente dizer “ah, coitado, morreu 25 mil sertanejos”. Primeiro, eu detesto quando alguém vem ‘ah, os bichinho...’ Não! Não é bichinho, são figuras fantásticas, maravilhosas, guerreiras, filhos da luta da resistência, que lutaram contra o sistema opressor, cara! Que falou não ao sistema escravocrata! Então você tem que olhar pra essas pessoas com um olhar sim diferenciado, e dizer: ‘poxa, que maravilha esse povo!’ E não coitado, que coitado, não me chame de coitado que eu não gosto! Diga: ‘pô, que cara retado, aquele povo!’ Joga pra cima, e absorva essa energia desse povo e faça alguma coisa! Essa que é a questão! (informação verbal)⁸¹

[...]

“Z”: Não, eu não sou euclidense, eu não me considero euclidense. Eu me considero sabe o que? Catingueiro. Eu sou catingueiro. A minha pátria é o sertão! O sertão, pra mim, não é um lugar, assim, uma localidade ou outra ali com nomes. É o conjunto. Então, pra mim, quem nasceu ali naquela região é sertanejo, é catingueiro. Então somos catingueiros. Eu sou bicho bruto! Sou ignorante! Sabe por que eu sou ignorante? Porque eu sou verdadeiro. (informação verbal)⁸²

⁸⁰ Entrevista concedida por “J” (homem, 50 anos) no dia 26 de novembro de 2019 em Canudos (BA), com a presença de João Batista no local. Entrevistadora: Dila Reis. A entrevista completa encontra-se no Apêndice D desta dissertação.

⁸¹ Entrevista concedida por “Z” (homem, 54 anos) no dia 29 de novembro de 2019 em Canudos (BA), com a presença de João Batista no local. Entrevistadora: Dila Reis. A entrevista completa encontra-se no Apêndice G desta dissertação.

⁸² Palestra proferida por “Z” (homem, 54 anos) no dia 13 de março de 2020, no *Seminário Antônio Conselheiro: 190 anos de memória*, realizado em Salvador – BA. O evento foi organizado e realizado pelo Campus Avançado da UNEB em Canudos; pelo Centro de Estudos Euclides da Cunha (CEEC/UNEB); pela Prefeitura e Secretaria da Educação; pelo Instituto Popular Memorial de Canudos (IPMC), pelo Museu Eugênio Teixeira Leal e pela empresa Portfolium – Laboratório de Imagens.

Figura 36 — Por do sol em Canudos



Fotografia: Dila Reis, 2019

Figura 37 — Juazeiro, Juazeiro, me arresponda por favor



Fotografia: Dila Reis, 2018

4.3.2 O conselheirismo

Ao longo da minha travessia pelas águas e pelo chão de Canudos, percebi e escutei a importância das reivindicações identitárias que ocuparam significativamente os discursos, os desabafos, as palestras, as conversas de esquina, as entrevistas. O conselheirismo é uma dessas reivindicações primeiras, presentes nas introduções, nas apresentações e nas afirmações de destaque, como manifesta “Z”: “Eu assino ele, sempre em minhas postagens eu boto ‘Z’ — Resistência Conselheirista. É assim que eu me assino.” (informação verbal)⁸³

A pergunta sobre ser conselheirista ou sobre como se vê o conselheirismo surgiu justamente de uma percepção anterior às entrevistas, quando me dei conta da frequência e do destaque dessa identificação. Ouvi muito, já nos meus primeiros campos, a frase “sou conselheirista”, e não demorei para compreender que se tratava de algo importante a ser afirmado. Com o tempo, fui descobrindo que essa identificação não se limitava somente a uma descendência direta e hereditária com os seguidores de Antônio Conselheiro que lutaram na guerra, mas também com uma afinidade ideológica com o lado da história que lutou até o fim e que segue, até hoje, na luta e na resistência.

Embora, nas minhas percepções, tenha ficado a impressão de que alguns canudenses nem souberam localizar no tempo suas identificações com o conselheirismo, por se tratar de algo tão antigo e enraizado (talvez fruto da própria construção das memórias coletivas), a maior parte dos depoimentos apontaram pra uma identificação tardia, que reforça não somente o silenciamento a que foram submetidos, mas também a potência social e ideológica das construções identitárias e dos processos de identificação.

“Z”: [...] Um belo dia eu encontrei um livro, na capa desse livro tava escrito *Memória de Canudos* e tinha a figura de Antônio Conselheiro, aquele cara, assim, eu não sabia que era Antônio Conselheiro. Eu tinha 14 anos, na época. Quando eu vi aquilo ali eu falei ‘poxa’, eu peguei aquele livro e comecei a ler e lá no livro me dizia a história até do meu

⁸³ Entrevista concedida por “Z” (homem, 54 anos) no dia 29 de novembro de 2019 em Canudos (BA), com a presença de João Batista no local. Entrevistadora: Dila Reis. A entrevista completa encontra-se no Apêndice G desta dissertação.

pai. E era a segunda Canudos já, a construída pelos descendentes e sobreviventes. Mas eu me empolguei muito pela figura do cara, daquele personagem, aí comecei a buscar quem era aquele homem. E aí fui me encontrar que era Antônio Conselheiro, e aí pronto, cabou. Aí eu só me joguei mesmo nisso aí. Foi a partir daí. E aí eu me joguei né, me joguei. Aí eu escrevi a primeira poesia. Antes eu escrevia uns versinhos pras meninas. Mas a partir desse dia eu comecei a escrever umas coisas assim mais... não é que eu não escreva mais sobre as meninas, mas eu foquei mais na identidade do meu povo, pra descobrir quem eu era, eu descobri a minha música que é a banda de pifano, eu descobri a minha dança que é o lundu, aí eu fui me deliciando com aquilo e eu fui me envolvendo, me envolvendo, aí eu descobri como nós somos belos, lindos e fortes. Como nós somos maravilhosos. Aí eu fui buscar minha fauna, minha flora. E aí eu fui me encantando, aí eu fui entrando nesse universo, aí não parei mais nunca. É muita coisa! E eu foco muito, a minha questão pra os meus personagens, nas minhas poesias eu falo muito do meu povo e da minha flora, assim, mais pesado, e é assim que eu me sinto bem. A primeira coisa que eu escrevi sobre Canudos, interessante: 'Canudos, como é linda a minha terra, cheia de encantos e mistérios, seus cactos, seus belos montes, seus riachos que no passado usaram como trincheiras e, ao invés de água, sangue descia nas ribanceiras. Mas como é linda a minha gente, que apesar do sofrimento, não te negam o seu riso e te apertam junto ao peito. Como são lindas as minhas flores, flor de mandacaru, flor de umbuzeiro, e para os mais apaixonados tem a flor de juazeiro. Canudos, minha terra, Canudos minha paixão, te amo.' A primeira coisa que eu escrevi! (informação verbal)⁸⁴

João Batista: O reconhecimento como sendo conselheirista e descendente de conselheiristas foi muito tardia. Porque, por exemplo, tem a disciplina História de Canudos desde 1991, então a gente cresceu tendo essa disciplina na escola. Como até hoje é, a disciplina passou por a gente. E a gente foi crescendo... E como eu cresci longe das minhas raízes, do meu seio materno e dessa descendência, esse reconhecimento veio tarde demais. Ele veio em 2005, só quando eu fui trabalhar no Memorial Antônio Conselheiro foi que eu me reconheci como sendo conselheirista. E professor João Ferreira disse 'Ói, aproveite e vá estudar a sua história.' Pra você ter uma ideia, eu fui descobrir esses dias que eu era parente de João, meu professor! [...] E aí eu fui crescendo praticamente longe, né, longe da minha avó, da minha bisavó, da minha tia avó, enfim, de todo mundo que morava na Barriguda e que tinha essa descendência direta. E ninguém nunca falava que eu era... seus avôs, seu bisavô, seu tataravô estiveram

⁸⁴ Entrevista concedida por "Z" (homem, 54 anos) no dia 29 de novembro de 2019 em Canudos (BA), com a presença de João Batista no local. Entrevistadora: Dila Reis. A entrevista completa encontra-se no Apêndice G desta dissertação.

na guerra. Fui descobrir recentemente que minha tataravó foi levada prisioneira junto com a avó de Dona Duru, com a mãe de João de Régis, e com a avó também de João de Régis, sobreviventes da guerra. [...] E aí, assim, 2005 foi que eu comecei a estudar, entender um pouco, e aí fui adquirindo um pouco mais de conhecimento, fui conversar com minha tia avó. E minha tia avó [Tia Tereza] tem uma memória um pouco mais apurada do que a minha avó. Minha vó era a ovelha negra, era meio perdida e incerta. Vó era terrível, deixava os meninos e meu avô e se mandava no mundo. Ia pra São Paulo e ficava um tempo. E foi nessa coisa toda que meu avô contraiu outro casamento, com Maria Vitalina. E meu avô criou as filhas, da minha mãe e tudo, com Maria Vitalina, e é ela que eu chamo de Mainha, né. E aí Mainha foi quem ajudou meu avô a criar as filhas durante um tempo. Aí minha mãe casou, me teve e depois ela separou do meu pai, foi morar em Juazeiro e eu fiquei sendo criado por meu avô e por Mainha. E nesse distanciamento que eu fui praticamente desprendendo, ou seja, fui desligando da família de certa forma. E fiquei distante durante muito tempo. Então tem parente da gente, tio meu, irmão de minha avó, que eu fui conhecer dois anos atrás, a partir dessa busca, né. (informação verbal)⁸⁵

“K”: Assim, quando eu era pequena, tipo, na escola, tinha a matéria História de Canudos, mas não tinha muito interesse, porque não era uma coisa que eles... não era uma coisa muito desenvolvida, era aquela coisa didática, de ‘ai, a guerra não sei o que, quem foi que dirigiu toda a expedição...’ Só que aí, chega no ensino médio, né, eu me deparei com muita coisa, foi um ano — todo o terceiro ano — foi um ano de muito aprendizado e crescimento. Lá eu encontrei professores que me mostraram a história de Canudos com outros olhos, com outros pontos de vista. Mostraram, como João, João Ferreira, que é um grande professor, Uberlam... Eles, na questão da história de Canudos, né, falaram sobre a importância da história de Canudos, o que ela representava. Inclusive João adora dizer que pra poder entender o Brasil você precisa estudar Canudos. Foi um exemplo de que povo reunido tem voz, independente dos ganhos ou perdas, das injustiças cometidas pelo governo. E a partir desses pontos de vista que eles começaram a me mostrar e do quanto era importante essa história, que não era só uma cidadezinha e tal, porque a gente... a maioria da população não tem tanto valor pela história. Eu comecei a valorizar muito, né, e procurar estudar... Foram criados pela UNEB um cursinho de guia e aprimoramento em história de Canudos, e eu participei, sem

⁸⁵ Entrevista concedida por João Batista (34 anos) no dia 12 de novembro de 2019 em Canudos (BA). Entrevistadora: Dila Reis. A entrevista completa encontra-se no Apêndice A desta dissertação.

pensar duas vezes, eu adquiri mais um pouquinho de conhecimento e ainda tá acontecendo, né... (informação verbal)⁸⁶

A identificação com o movimento conselheirista enquanto marca identitária ganhou destaque em quase todos os relatos que registrei (e mesmo aqueles que registrei somente na memória, em diálogos de passagem) e passa pela ressignificação não apenas dos estigmas sertanejos, mas também da própria figura de Antônio Conselheiro, seus mitos e sua simbologia matricial — foi através da figura de Antônio Conselheiro na capa de um livro que “Z” despertou para uma busca pelas suas origens, conforme seu relato algumas linhas acima. Já João Batista e “K” falam de um primeiro contato mais amplo com a história de Canudos, a partir de professores inspiradores.

Seja como for, em todos esses relatos pude perceber um retorno a Antônio Conselheiro, quase sempre retratado como o grande precursor dessas inspirações, dessas buscas e, mais importante, desses encontros. Ora retratado com um filtro político e ideológico bem estabelecido, ora delineado pelo viés do mito e da fantasia, a imagem que se repete com muita frequência é a de um homem inspirador, que promoveu acolhimento, luta e coragem e que segue promovendo um encontro dessas pessoas com a própria identidade.

“D”: [...] Eu mesmo, eu era revoltada com Antônio Conselheiro!

Dila: É mesmo?

“D”: Era! Era, quando eu era jovem, eu falava: ‘Ah, Antônio Conselheiro nada! Antônio Conselheiro, por causa de uma pessoa dessa haver tanto derrame de sangue, por causa de uma pessoa!’ Eu era revoltada, eu não gostava dele de jeito nenhum!

Dila: E aí mudou?

“D”: Mudou! E como mudou, minha filha! [...] Eu fiz as pazes com Antônio Conselheiro, minha fia, depois que chegou as irmã aqui em Canudos. Aí, minha fia, **a gente foi descobrindo**. (informação verbal, grifo nosso)⁸⁷

⁸⁶ Entrevista concedida por “K” (mulher, 16 anos) no dia 19 de novembro de 2019 em Canudos (BA), com a presença de João Batista no local. Entrevistadora: Dila Reis. A entrevista completa encontra-se no Apêndice H desta dissertação.

⁸⁷ Entrevista concedida por “D” (mulher, 82 anos) no dia 19 de novembro de 2019 em Canudos (BA), com a presença de João Batista no local. Entrevistadora: Dila Reis. A entrevista completa encontra-se no Apêndice F desta dissertação.

Figura 38 — Antônio



Fotografia: Dila Reis, 2018

Figura 39 — Guardiã da cidade



Fotografia: Dila Reis, 2018

“L”: Aí eu digo; ‘sim, meu vô, e meu pai me contou, mas Antônio Conselheiro fazia o que em Canudos, assim, tão de bom?’ Que era uma história muito bonita. Aí ele falou: ‘ói, minha fia. Antônio Conselheiro era assim, ele chegou em Canudos não tinha professor, ele arrumou professora pra educar todas as pessoas, ele não queria ver ninguém analfabeto.’ — ‘Deus do céu, era assim, meu vô, era?’ — ‘E outra coisa, se, no caso, a pessoa estivesse junto, ele não queria, ele dava conselho, não é pra ficar junto, não presta, marido e mulher têm que ser casado. Aí ele ia ajeitar aquele pessoal pra fazer o casamento.’ — ‘E daí, vô, ele fazia mais o que?’ — ‘Muitas igreja. Ele fazia igreja, fazia Santa missão, e dali ele fez muitas igreja minha fia, fez muita bondade nesse mundo...’ (informação verbal)⁸⁸

“B”: Olhe, Antônio Conselheiro foi a **figura paterna de todo canudense**. Veio aquele problema de... Ele queria igualdade pra todos. Quando veio, chegou a Belo Monte, né, tirando muitos trabalhadores dos latifundiários, dos empresários... aí causou a guerra porque realmente aquele povo sofrido, viu ali a esperança em Antônio Conselheiro. A gente seguia, o pessoal seguia Antônio, né, como tinha... todo mundo tinha sua liberdade né, que é o que ele queria pra todo mundo. Aquele problema da guerra foi mais o imposto, pra ninguém pagar imposto, porque realmente a gente paga tanto imposto que... na época, né, o pessoal que seguiu Antônio... Antônio era um santo pra todos os canudenses, era uma figura paterna, como eu falo. E aí aonde ele passava tirava trabalhador, a mão de obra dos empresários, aí acho que foi aí onde foi causada a guerra. E Antônio, pra todo canudense, você ainda escuta alguém criticar e tudo, mas eu acho que não teria outra pessoa melhor no momento pra aliviar o sofrimento daquele pessoal trabalhador, dos escravos praticamente que vivia sofrendo. Então por isso que eu falo que Antônio Conselheiro foi uma figura paterna pra todos nós canudenses. (informação verbal, grifo nosso)⁸⁹

“K”: A figura de Conselheiro me dá uma imagem de resistência, de luta... Sem revolta não há comunistas, né? Você precisa batalhar pelo que você quer, se jogar de alma, se submeter a resultados bons ou

⁸⁸ Entrevista concedida por “L” (mulher, 60 anos) no dia 18 de novembro de 2019 em Canudos (BA), com a presença de “D(b)” e “C” no local. Entrevistadora: Dila Reis. A entrevista completa encontra-se no Apêndice B desta dissertação.

⁸⁹ Entrevista concedida por “B” (homem, 56 anos) no dia 02 de dezembro de 2019 em Canudos (BA), com a presença de João Batista no local. Entrevistadora: Dila Reis. A entrevista completa encontra-se no Apêndice C desta dissertação.

ruins. Mas... E não permanecer naquela mesmice doentia a que tavam sendo submetidos. E muita gente, às vezes a gente se vê em situações da vida que a gente sabe que é errado, mas não tem força, tem medo. E ele é a prova viva que ele não tem o medo, ele se joga de cabeça, e mesmo chegando na quarta expedição eles derrotados, nas três ele teve resistência e tudo isso não foi em vão. A história hoje valoriza. Então acho que é um exemplo pra todos nós, aí. (informação verbal)⁹⁰

“J”: Conselheiro pra mim é um herói. Acho que Conselheiro foi, assim, um dos grandes revolucionários desse país, certo? Num país em que, por uma questão cultural, nós aprendemos sempre a valorizar vultos históricos. Vultos esses que muitos eram os grandes causadores de uma opressão, porque, eu costumo dizer que o Brasil, os portugueses, nós fomos educados numa sociedade opressora. Porque os portugueses nos legaram, nos deixaram isso, né? Massacraram índios, castraram todo o tipo de cultura que se tinha, né... E vai aparecendo pontualmente esses heróis, Zumbi dos Palmares, Tiradentes... É... E aí você vai vendo Zé Maria, lá no Contestado.... E você vai chegar a Conselheiro, e Conselheiro, assim, é um personagem de uma dimensão histórica, social, antropológica imensurável, porque é um cara que já nasceu, eu costumo dizer que ele já nasceu... **Foi uma pessoa predestinada a cuidar de pessoas**, né, porque se você for estudar o Conselheiro, lá de Quixeramobim, né, um cara que teve entre suas famílias uma revolta muito grande, entre Araújo e Macieis. Quando você vai analisar as duas famílias, uma poderosa outra de vaqueiros. E aí você vai naquele meio, crescendo dentro daquilo, seu pai é alcoólatra, mas tem um sonho de colocá-lo pra ser padre, né, pra estudar pra ser padre. E mais tarde, o pai era alcoólatra, o comércio não dá certo, depois casa e é traído pela sua mulher... E a partir daí você vai percebendo esse Conselheiro que é professor, cacheiro, é rábula, ou seja, um advogado. Orientava as pessoas que obviamente não tinham condições de pagar um advogado. Formado, sabia latim, sabia francês, né. **Então você vai percebendo que é um predestinado a cuidar de pessoas**, pessoas essas que eram pessoas excluídas da sociedade, e que eram dominadas pelo coronel, pelo latifúndio. E a partir de uma certa época, que quando esse Conselheiro que vai aparecer no sertão de Sergipe, né, nos idos de 1874, já com um grupo de pessoas ao seu redor... E é um Conselheiro que... ativo, que trabalha. Mas que trabalha coletivamente. Coletivamente. Você vê que ele vai reformar cemitério, construir igreja, fazer pequenos tanques, açudes... E à medida que esse Conselheiro vai atuando as pessoas vão chegando. Vão se aglomerando ao seu redor, né. Usando seu discurso religioso, mas um discurso religioso que teve uma ótica totalmente diferente

⁹⁰ Entrevista concedida por “K” (mulher, 16 anos) no dia 19 de novembro de 2019 em Canudos (BA), com a presença de João Batista no local. Entrevistadora: Dila Reis. A entrevista completa encontra-se no Apêndice H desta dissertação.

daqueles que eram empregados ora pela igreja católica, né? Porque é um discurso que vai diferenciar dos padres porque é um discurso que as pessoas veem uma esperança.

[...]

“J”: [...] Então, acho que falar de Conselheiro, alguém me perguntou um dia ‘o que é que Conselheiro é pra você?’, acho que falar de Conselheiro é, assim, um... deixando até um... Não tem como não causar uma emoção. Porque não é, você imagine alguém mobilizar, eu não acredito em 25 mil pessoas, mas você mobilizar 10, 15, 20 e se fosse 25 mil pessoas em torno de si e as pessoas viverem dignamente e muito bem. As pessoas viverem... viverem... harmoniosamente. As mulheres rezavam, eu tenho até um estudo sobre as mulheres de Canudos, as mulheres se rezavam, as crianças iam estudar, as outras iam pescar nas margens do Vaza-Barris na época da chuva, outros iam cuidar da roça, né? E aí até o próprio Vilanova vai dizer: ‘grande era a Canudos do meu tempo, quem tinha roça tratava da roça, quem tinha gado tratava do gado, as mulheres iam rezar, porque tudo era de todos’, [ininteligível] pelo peregrino. Então acho que Conselheiro é assim, é um ícone da nossa história. É um ícone. É um ícone que incomodou tanto a elite, incomodou tanto que Belo Monte precisa ser destruída. É tanta coincidência, gente, o mesmo juiz que estava em Bom Conselho quando ele quebrou as tabelas foi pra Juazeiro! O seu Arlindo Leone. Ele foi pra Juazeiro, como se já fosse uma coisa muito bem tramada, já tudo preparado! A madeira, e aí o Euclides da Cunha vai dizer e eu acho isso interessante, a compra da madeira foi o estopim da guerra! Mas eles iam inventar outra coisa. Canudos ia ser destruída de qualquer jeito! Porque estava incomodando. Né, porque em Canudos as pessoas passaram a ter vozes. As pessoas passaram a ter vozes dentro de Belo Monte. As pessoas, e nessas vozes, as pessoas começaram a perceber que é possível se ter, viver, é possível ter uma sociedade diferente. Né, você imagine, no grosso do crescimento de Belo Monte chegar 10, 12 famílias e em 8 dias todo mundo ter as suas casas. Isso é um negócio magnífico. Isso é um negócio magnífico, né. Então, isso vai incomodar tanto que a tal da compra da madeira é um estopim e que Canudos vai ser destruída. (informação verbal, grifo nosso)⁹¹

“Z”: Antônio Conselheiro foi quem me ensinou tudo isso, né. E outra coisa importante que ele me ensinou e que eu aprendi muito com ele que é a questão da caridade. Da caridade. O conselheirista ele tem

⁹¹ Entrevista concedida por “J” (homem, 50 anos) no dia 26 de novembro de 2019 em Canudos (BA), com a presença de João Batista no local. Entrevistadora: Dila Reis. A entrevista completa encontra-se no Apêndice D desta dissertação.

que ser caridoso, tem que olhar pro próximo sempre. Ele tem que aprender, isso é um ensinamento de Cristo, também, você só vive um dia de cada vez. Então, eu quando eu faço umas palestras que a gente recebe, o Batista também faz, trabalho lá no parque, eu quando eu recebo as pessoas eu costumo falar, eu abordo Canudos e trago para os dias atuais e eu digo com muito sentimento, porque não basta você falar lá, você tem que trazer agora, você tem que trazer um paralelo, traçando Canudos de lá para os dias de hoje, porque a luta é a mesma, a luta continua, as mesmas repressões, os mesmos... Então você tem que abordar sempre essa questão da caridade. Por exemplo, um exemplo bem claro, eu digo, se você tá morando, se você tá um dia numa noite fria, aí você sai bem agasalhada pra rua, aí quando você chega numa calçada você vê uma pessoa lá tremendo de frio, você tá bem agasalhada. Na tua casa tem mais de duas dentro do armário. E você simplesmente ignora, passa... Não, então, você tem que exercitar o lado da caridade, volte lá, pegue uma das coisas e acolha, vá lá e agasalhe o teu irmão. Quer dizer, Canudos é tudo isso, o que as pessoas têm que aprender é isso, porque são esses valores que Antônio Conselheiro pregava. Porque se reunia as pessoas tudo em volta? Por causa disso. [...] Então esse homem representa pra mim, esse homem me ensinou a busca por justiça e por igualdade. Esse homem me ensinou que eu tenho que olhar o outro irmão com respeito, seja da criança até uma anciã. Esse homem me ensinou que a caridade está acima de qualquer coisa, e a gratidão. Antônio me ensinou a lutar. Antônio me ensinou a olhar as coisas e dizer: 'isso tá errado', reivindicar direitos, cobrar aquilo que é meu de direito. Justiça, igualdade. Antônio revelou ao mundo, principalmente ao Brasil, o outro Brasil. O Brasil real. Foi Antônio que falou. (informação verbal)⁹²

Antônio, essa figura paterna, criadora, acolhedora está presente em praticamente todas as conversas, nas esquinas, nas paisagens, nas lembranças, nas fantasias. Me arrisco a dizer, baseada em tudo o que ouvi, que Antônio Conselheiro não somente idealizou e concretizou junto com seus seguidores um tecido urbano que tocou nas feridas mais profundas de uma nação, mas também ensinou uma forma de ver e sentir o mundo e, sobretudo, de se sentir nele. Se saber ou se sentir filho dessa origem não dialoga somente com as raízes e com a ancestralidade, mas dialoga com a própria forma de encarar as próprias subjetividades, com os modos de ver o mundo, com sensações profundas de pertencimento e com reflexões que costuram os tempos passados, presentes e futuros:

⁹² Entrevista concedida por "Z" (homem, 54 anos) no dia 29 de novembro de 2019 em Canudos (BA), com a presença de João Batista no local. Entrevistadora: Dila Reis. A entrevista completa encontra-se no Apêndice G desta dissertação.

Dila: O que significa pra você ser conselheirista / descendente de conselheirista?

João Batista: Muitas pessoas perguntam. A gente fica sempre se perguntando com relação a hoje, né, o que é ser isso? No período de Conselheiro se remete aos nossos dias também. É não perder a fé, não perder as estribeiras, não desistir, não renunciar aos princípios, e acreditar que há uma esperança. Acho que é não desistir.

[...]

João Batista: [...] [ser conselheirista] é não perder a fé, não perder as estribeiras, não desistir, não renunciar aos princípios, e acreditar que há uma esperança. Acho que é não desistir. [...] é acreditar em uma vida melhor, mais digna, livre da opressão, dos mandos e desmandos. Acredito que o conselheirismo seria tudo o que nutria o sentimento de luta e resistência, que alimentava o pensamento de uma utopia de algo impossível, mas que estava sendo vivido ali no Belo Monte. [...] Acredito que o conselheirismo fosse isso, **é o que nutre esse sentimento**. Ser conselheirista hoje é tudo isso. (informação verbal, grifo nosso)⁹³

“J”: Ah... É resistência. Acho que ser conselheirista é resistência. Ser conselheirista é... não tem explicação, pra gente dizer o que é, né!? Tem algum adjetivo? [risos] (informação verbal)⁹⁴

“Z”: Ser conselheirista é ser livre. E é lutar por justiça e igualdade. Isso é ser um conselheirista. Resumindo, um conselheirista ele luta por igualdade, justiça e liberdade. Isso é um conselheirista. E luta, luta sempre. Porque Canudos é todo dia! E nós carregamos essa marca que poucas pessoas aqui, infelizmente, no nosso município, ainda... Eu não culpo essas pessoas. Eu culpo os poderes públicos que não levaram isso, né, demoraram muito a levar isso, a questão da nossa história, da nossa identidade, quem nós somos e tal. Isso, pra algumas pessoas, isso começou há 20 anos atrás. Pra mim não, começou já há 34 anos, há 36 anos que eu já tô nessa luta, eu tô ficando velho! Eu tô nessa luta cara, já há 36 anos, na resistência.

⁹³ Entrevista concedida por João Batista (34 anos) no dia 12 de novembro de 2019 em Canudos (BA). Entrevistadora: Dila Reis. A entrevista completa encontra-se no Apêndice A desta dissertação.

⁹⁴ Entrevista concedida por “J” (homem, 50 anos) no dia 26 de novembro de 2019 em Canudos (BA), com a presença de João Batista no local. Entrevistadora: Dila Reis. A entrevista completa encontra-se no Apêndice D desta dissertação.

[...] Eu sou conselheirista, né. Conselheiro, essa cara que andou pelos sertões no século XIX, nos sertões fome, miséria, escravidão, escravidão do homem pelo homem, grandes fazendeiros, essa pequena parte da elite burguesa desse país, branca, quer dizer, que acha até hoje que é branca, e até hoje ainda continua escravizando, ainda, nos chicoteiam. Então **Antônio Conselheiro ele passa a ser mais que um líder, né, muito mais do que isso, ele é aquele cara que desperta nas pessoas o sentimento de que estão vivas.** Ele desperta nas pessoas o sentimento de liberdade dentro de cada um. Porque essa liberdade, essa tal liberdade, estava sufocada, né, pelos açoites, né, pelos grandes coronéis e latifundiários, a repressão. Antônio Conselheiro ele vagueia pelos sertões. Ele disse que é em busca dos mal-aventurados, ele falou isso pra um amigo. Esses mal-aventurados são essas pessoas, né, esses pobres miseráveis. E a palavra desse homem liberta, a liberdade que começa de dentro, né, de saber que você existe. **Aí depois que você descobre que você existe, que você é alguém, que você começa a ir buscar frutos dessa liberdade.** Então ele, nessa peregrinação de 20 anos, o que me encanta muito nele não é que ele coloca só a questão da religião, muitas pessoas, historiadores, acham que é um movimento messiânico, como se ele fosse um messias, mas não... Ele não era um messias, ele era um seguidor de um messias. Ele era um seguidor de Cristo. Porque Cristo pregou o amor, pregou o respeito e igualdade entre todos. Respeito do irmão para com o irmão. A partilha, a formação de um lugar especial que nem aquela terra prometida. Aquela busca daquela terra aonde todo mundo vai plantar e colher e partilhar os sonhos, os frutos, as alegrias e tristezas. (informação verbal, grifo nosso)⁹⁵

4.3.3 As ruínas

Todos esses relatos nos devolvem para o tamanho de Canudos e de seu povo. Eles são muito maiores do que a guerra, do que a inundação, do que os estigmas a que são submetidos constantemente, maiores do que a própria cidade inundada/ aflorada que me foi protagonista durante os primeiros passos dessa minha caminhada. Não quero dizer que as ruínas não são importantes, elas são. Mas aprendi, ao longo do caminho, a reavaliar as minhas hipóteses, a reposicionar as minhas suposições, a rever a importância das coisas. As ruínas são importantes, sem dúvidas, mas não porque elas se inundam ou afloram, e sim por toda a simbologia que carregam.

⁹⁵ Entrevista concedida por “Z” (homem, 54 anos) no dia 29 de novembro de 2019 em Canudos (BA), com a presença de João Batista no local. Entrevistadora: Dila Reis. A entrevista completa encontra-se no Apêndice G desta dissertação.

Elas são importantes porque são vestígios do trabalho de um povo, do sangue de um povo, do sonho de um povo. Mas o trabalho segue sendo feito, o sangue já foi derramado e os sonhos seguem sendo lembrados. Como disse mesmo “Z”: “[...] você pode apagar, você pode destruir, a madeira você pode queimar, você pode espatifar aí as paredes de concreto, despedaçar, jogar tudo no lixo, deixar um limbo. Mas a memória ninguém tira.” (informação verbal)⁹⁶. Ele diz, ainda, que as ruínas são como um assombro. É uma das formas de lembrar o que se passou e de gritar o que ainda precisa ser gritado. Segundo João Batista, elas são

[...] os resquícios, os vestígios da memória que fica a todo momento nos lembrando que algo precisa ser dito ainda. Que continua viva e que a história precisa ser ainda contada, ou seja, as coisas não terminaram ainda, essa história ainda precisa de um brilho, **algo precisa ser dito ainda**. (informação verbal, grifo nosso)⁹⁷

Então, tudo isso me faz acreditar que as cidades, quando afloram, se somam ao coro daquilo que precisa ser falado ou repetido. Elas representam vozes importantes e metáforas significativas, mas não são o único meio pelo qual ecoam essas vozes. Através dos relatos, pude perceber que as pessoas se relacionam com as ruínas afloradas de modos distintos: algumas costumam visitá-las quando reaparecem, outras preferem que ela continue debaixo das águas por acreditar que lá elas estão melhor preservadas; algumas escrevem sobre elas, outras não sentem tanta conexão. Seja como for, trata-se de um pedaço significativo da história de Canudos, que ainda se sustenta no cenário sertanejo e ainda fala para aqueles que querem escutá-la, e fala justamente de tudo aquilo que não se conseguiu apagar:

“L”: Exatamente. Assim, às vezes eu até comento pra meus filhos, eu falo assim: ‘meus filho, quando eu vejo falar de Canudos Velho que eu lembro assim que eu andei aquilo ali em terra seca e eu vejo hoje assim coberto, dá uma emoção.’ A minha irmã mais velha Aline entrou prontinha, 4 horas da tarde pra se casar ali. Era muita gente acompanhando o casamento, eu criança assim, com uns 7 a... de 6 a

⁹⁶ Entrevista concedida por “Z” (homem, 54 anos) no dia 29 de novembro de 2019 em Canudos (BA), com a presença de João Batista no local. Entrevistadora: Dila Reis. A entrevista completa encontra-se no Apêndice G desta dissertação.

⁹⁷ Entrevista concedida por João Batista (34 anos) no dia 12 de novembro de 2019 em Canudos (BA). Entrevistadora: Dila Reis. A entrevista completa encontra-se no Apêndice A desta dissertação.

7 anos de idade, eu ia pegada no véu dela. Eu falei assim, isso, meu fio, é muito triste, aquelas parede muito bem feita, porque ela tá o formato dela todinho, e não caiu ainda. (informação verbal)⁹⁸

Dila: Você já foi visitar as ruínas?

“B”: As ruínas já, tem muito tempo, mas já. Logo da última vez eu não tive tempo de ir. Mas eu sempre faço uma visita... Até com o tempo eu parei mais. Pra gente é um prazer, pra mim que faço canções sobre a Canudos, desde a antiga, pra mim é um prazer, né, dizer que as minhas canções é voltada pro povo da minha terra, que essa Canudos a gente tem que manter através da música, através da poesia, através da arte, e eu ainda me incluo aí como compositor pra divulgar a nossa história. (informação verbal)⁹⁹

“J”: Então as ruínas, eu vejo as ruínas, assim, como um... um... Tem um simbolismo tão grande aquele ressurgimento, né, que nos causa, assim, uma emoção muito grande, e é como se dissesse assim: a memória, ela continua sempre viva no meio das pessoas. Parece que ela vem ressurgir, e a gente percebe isso, que passa o ano inteiro e ninguém vê as ruínas, não, não foi, João? Quando teve aquelas grandes secas, que começou a surgir, as pessoas começaram... Tinha gente que parece que até se emocionava! A dizer assim, olhe, olha, os nossos antepassados estão ali. Parece que ela veio, metaforicamente falando, pra dizer assim: **eu vou acordar aquele povo! Eu vou acordar aquele povo!** Não só da segunda Canudos, mas eu vou acordar aquela gente, naquela mesma segunda Canudos, está lá. Como diz Dona Maria Guilhermina, o sangue jorrado de milhares de pessoas que lutaram, né, por um ideal, que acreditaram, né, que tinham toda uma resistência com o simbolismo, e aquelas ruínas representam resistência também, nem o açude derrubou! Ficaram, e eles ali, tá lá a resistência, tá lá. [...] Porque a memória, é uma coisa interessante, mesmo eles fazendo isso, mas não conseguiram apagar! Tá lá o Parque, tá lá, tem um estudo na Serra do Cambaio, eu mais João Batista, tem dois anos que a memória [ininteligível] vai sair. Tá lá, tá lá a Lagoa de Sangue, tá lá a Serra do Cambaio com todo o seu sítio arqueológico, histórico. Isso ninguém apaga! Não tem jeito. Não tem

⁹⁸ Entrevista concedida por “L” (mulher, 60 anos) no dia 18 de novembro de 2019 em Canudos (BA), com a presença de “D(b)” e “C” no local. Entrevistadora: Dila Reis. A entrevista completa encontra-se no Apêndice B desta dissertação.

⁹⁹ Entrevista concedida por “B” (homem, 56 anos) no dia 02 de dezembro de 2019 em Canudos (BA), com a presença de João Batista no local. Entrevistadora: Dila Reis. A entrevista completa encontra-se no Apêndice C desta dissertação.

jeito. Acho que a FLICAN [Feira Literária de Canudos] tem um papel fundamental que é preservar a memória. Foi preservar a memória. Cê tá entendendo? E esse ressurgimento é isto, né, aquele ressurgimento tem todo um simbolismo de que a memória de Canudos, que representa a resistência, vai ser sempre resistência. Canudos é um exemplo! Eu acredito ainda que a gente pode mudar tanta coisa, porque nós somos exemplo de mudança. Nossos antepassados foram uns heróis que lutaram até a morte! Preferiram ser degolados! (informação verbal, grifo nosso)¹⁰⁰

“K”: Bom, quando eu fui lá eu era bem menor. Mas lá eu achei uma coisa comum. Mas hoje, agora, eu acho que as ruínas, como quase tudo aqui em Canudos, as memórias representam uma resistência, elas tão ali, e a água cobre, mas elas tão ali, e elas aparecem pra mostrar que elas ainda não caíram, que aquele povo que tava ali, toda a história que tava ali, sei lá... Representa, aqueles tijolos... É tanto que eu fico muito triste quando eu vejo aquilo sendo degradado pelas pessoas, alguém pichando, destruindo... (informação verbal)¹⁰¹

João Batista: E aí as pessoas perguntam: “Você prefere que ela fique fora ou debaixo das águas?” Aí eu digo, olhe, como há um processo muito terrível de degradação e de depredação do patrimônio que está lá, é como se eles dissessem: “que fique lá, porque a gente sabe que está lá. E aí assim, toda vez que ela reaparece, as pessoas perdem a noção de que ali é algo importante da memória, do povo, e mesmo não tendo ali, por exemplo, todas as paredes, e as casas, as pessoas vão para lá e acampam, fazem fogueiras em cima das ruínas. não tem controle. Então, infelizmente, que fique lá debaixo das águas.

[...]

João Batista: Então toda vez que eu vejo as ruínas reaparecendo é como se esse grito das pessoas que viveram na primeira e tiveram seus ossos cobertos pela água também, é como se tivessem gritando ainda, dizendo que Belo Monte não morreu, que a história continua viva e que a memória deles precisa ser lembrada. Então é como se a resistência, a fé, a luta continuassem ali ainda, sempre ecoando. [...] o

¹⁰⁰ Entrevista concedida por “J” (homem, 50 anos) no dia 26 de novembro de 2019 em Canudos (BA), com a presença de João Batista no local. Entrevistadora: Dila Reis. A entrevista completa encontra-se no Apêndice D desta dissertação.

¹⁰¹ Entrevista concedida por “K” (mulher, 16 anos) no dia 19 de novembro de 2019 em Canudos (BA), com a presença de João Batista no local. Entrevistadora: Dila Reis. A entrevista completa encontra-se no Apêndice H desta dissertação.

interessante é que depois que as ruínas apareceram pela primeira vez no período de 1996 a 1999, que é quando elas começam a aparecer, quase vinte anos depois da inundação em 1969, quase 30 anos depois, na verdade, ela reaparece como se estivesse realmente gritando, ou seja, aqui aconteceu algo. E aí foi quando aconteceu o boom em 97, em que filmes são lançados, livros, o centenário de 97 foi algo assim, extraordinário.

Dila: E foi em 97 mesmo que ela apareceu? Que coisa extraordinária.

João Batista: É, é uma coisa incrível, porque 100 anos depois ela aparece e com ela surge a frase: 'Nem a guerra nem as águas conseguem apagar as grandes ideias.'

Dila: De quem é essa frase?

João Batista: Foi durante a Romaria, autor desconhecido. E durante esse período, depois que ela é coberta pelas águas, isso em 2000, os períodos de reaparecimento foram encurtando, de quatro em quatro anos ...de cinco em cinco anos... de três em três anos... de dois em dois anos... de ano em ano agora. ela sempre dá uma reaparecidazinha. É como se ela estivesse cobrando mais forte ainda, ela cobrou depois de 30 anos, agora está cobrando de 5 em 5, está mais intensa a coisa. (informação verbal)¹⁰²

Curiosamente, a cidade aflora pela primeira vez na ocasião do centenário da guerra que a destruiu — compreendida por muitos como a primeira tentativa de apagamento de Canudos e tudo o que ela representou. Depois da segunda tentativa, a inundação, os vestígios da cidade adormeceram debaixo d'água por quase 30 anos, e se revelaram nas celebrações do centenário dessa guerra que tentaram repetidamente encobrir. É uma coincidência notável — para dizer o mínimo — e que conversa muito com as leituras míticas e fabulosas que compõem a história de Canudos desde a sua criação no final do século XIX, dentre elas a famosa história de que no arraial de Belo Monte os rios eram feitos de leite e os barrancos de cuscuz:

“J”: Canudos foi construída à base da solidariedade. O povo era muito solidário. E aí tem uma frase muito interessante, que é os famosos rios de leite e as barrancas de cuscuz. E às vezes, quando eu comecei a estudar Canudos há mais de 14 anos atrás, ainda tinham alguns amigos meus que diziam assim, né: rapaz que povo idiota, que povo besta, como é que vão acreditar que o rio vai virar leite e as barrancas

¹⁰² Entrevista concedida por João Batista (34 anos) no dia 12 de novembro de 2019 em Canudos (BA). Entrevistadora: Dila Reis. A entrevista completa encontra-se no Apêndice A desta dissertação.

cuscuz? Né, aí ficavam assim... Aí eu disse: ‘ói, me desculpem, mas vocês não conhecem o poder que a linguagem tem, as metáforas e personificações.’ Eu, particularmente, interpreto o seguinte: vocês podem até discordar de mim, as barrancas de cuscuz, pode-se dizer o seguinte: eu não tinha o que comer todos os dias, mas agora eu como todo dia. Eu não tinha o de beber todos os dias, mas agora eu bebo todos os dias. Que lá em Belo Monte não se passava fome, as pessoas não passavam sede, as pessoas se alimentavam, as crianças tinham escola, pagas pela... inclusive ele pagava. [...] Então, quando a gente analisa uma metáfora como essa, os famosos rios de leite e barrancas de cuscuz, tem que incomodar a elite mesmo. Canudos se tornou um Estado dentro de outro Estado. A gente pode dizer que Belo Monte era uma cidade independente. (informação verbal)¹⁰³

Essa linguagem poderosa das metáforas, das personificações, dos mitos, costuram toda a história de Canudos e são lembradas e reproduzidas até os dias de hoje. A começar pelas inúmeras míticas que rodeiam a figura de Antônio Conselheiro:

“J”: Depois é preso, né, é muito, muito, é....torturado, né, pela polícia até Salvador, levam pra Fortaleza, chegam em Quixeramobim e não encontram nada deste crime, e ele vai dizer depois, inclusive no Belo Monte ele chega a dizer nas suas pregações, quando alguém questionava “Como é que eu matei minha mãe se eu fiquei órfão de 4 anos de idade?” Né? Ele nasce em 1830 e sua mãe falece em 1834. E aí quando ele volta, logo, logo... Quando surge a República, e o povo tá esperando, e o interessante é isso, ele disse mais ou menos a data que chegaria na região de Tucano. E é cumprida essa data.

Dila: Disso eu não sabia...

“J”: É. Ele chega a dizer, e eu não sei porque eu sou meio ruim de decorar data, mas ele chega a dizer o dia que vai chegar e chega praticamente no dia que ele disse. Aí é que o povo o vê como predestinado, né. (informação verbal)¹⁰⁴

“L”: Nós levantamos no outro dia, a paredona tá feita. Aí antes trouxeram, foi quando mudaram Santo Antônio pra fazer uma

¹⁰³ Entrevista concedida por “J” (homem, 50 anos) no dia 26 de novembro de 2019 em Canudos (BA), com a presença de João Batista no local. Entrevistadora: Dila Reis. A entrevista completa encontra-se no Apêndice D desta dissertação.

¹⁰⁴ Entrevista concedida por “J” (homem, 50 anos) no dia 26 de novembro de 2019 em Canudos (BA), com a presença de João Batista no local. Entrevistadora: Dila Reis. A entrevista completa encontra-se no Apêndice D desta dissertação.

passeada em cima da parede do açude pra poderem ir pra igreja. Aí uma pessoa falou assim: “eu só acredito que esse santo tem milagre se essa parede não se rachar. Se ele passar por cima e a parede não rachar.” Contando parece que é mentira, eu como criança vi, no outro dia amanheceu rachada de um lado pra outro. A gente vendo. De um lado pra outro. Rachou a parede bem ali. Isso aí eu digo porque eu vi com esses olhos que Deus me deu! A parede se rachou. Aí a estrada passava aqui, né, passava na prainha aí, onde tá a prainha hoje. Aí uma pessoa falou bem assim: ‘Qui, esse santo de merda, tem milagre nada, eu só acredito que ele tem milagre se essa parede amanhã amanhecer rachada, passando ele aí por cima!’. Foi nada não, meu fio, vieram, fizeram a passeada, muita gente, era muita gente. No outro dia a parede amanheceu rachada. Você vendo de um lado pra outro, o rachãozão.

[...]

“L”: Aí ele falava bem assim: ‘Olhe, meus filho, é muito difícil a gente falar o tanto de coisa que aconteceu nessa guerra... Muito difícil, muito difícil mesmo. Foi muitas expedições que veio pra acabar com isso aí.’ Aí eu perguntei: ‘papai, e Antônio Conselheiro, pra onde ele foi? Que fim teve ele?’ — ‘Pra isso, minha fia, não tem explicação. Isso ninguém sabe... Ninguém sabe lhe dar essa explicação. Porque Antônio Conselheiro, dizem que ele desapareceu. **Veio uma beija-flor, contam que aquela beija-flor deu um sinal pra ele, e ele desapareceu.** Ele não foi morto na guerra’, meu pai falou bem assim. Ele desapareceu, ninguém sabe. Aí eu falei: ‘Papai, ninguém sabe assim?’ — ‘Quando a isso não... eu, minha filha, até o ponto que eu sei lhe dizer é só isso aí. Por essa curiosidade, por você ser uma criança e querer saber um pouquinho da guerra... É isso que eu tô te falando.’ Aí eu falei bem assim, cheguei aqui e fiz a mesma pergunta, eu tenho um livrinho, a gente também [ininteligível], aí eu falei: ‘Meu vô, eu vou te fazer uma pergunta, o que aconteceu com o Conselheiro?’ Aí ele falou: **‘Essa é a pergunta mais importante que as pessoas perguntam.** Ói, minha fia, Antônio Conselheiro, assim, quando ele viu tanta coisa terrível da guerra, ele se sentiu muito pressionado com aquilo ali, ele adoeceu. E desse problema que ele teve, ele... **entrou uma beija-flor e dali ele desapareceu. Ele foi levado por algo, alguma coisa, que ninguém viu pra onde ele foi.**’ Aí eu falei: ‘Meu pai falava essa mesma história, só que meu pai não falou que ele tinha adoecido.’ — ‘Não, ele adoeceu de tanta coisa que ele viu ele ficou doente, ficou adoentado.’ Eu digo: ‘Meu Deus do céu...’ (informação verbal, grifo nosso)¹⁰⁵

¹⁰⁵ Entrevista concedida por “L” (mulher, 60 anos) no dia 18 de novembro de 2019 em Canudos (BA), com a presença de “D(b)” e “C” no local. Entrevistadora: Dila Reis. A entrevista completa encontra-se no Apêndice B desta dissertação.

Esse último relato foi dos mais incríveis que escutei ao longo de todas as minhas passagens por Canudos. Cheguei a perguntar a outros habitantes da cidade sobre essa versão do beija-flor, e mesmo os sujeitos mais engajados com as lutas conselheiristas, ainda não a tinham escutado. Essa história, que parece ter saído de algum livro dos grandes expoentes do realismo fantástico, está lá em Canudos, ainda sendo lembrada e ecoada pelos ares sertanejos. Antônio Conselheiro não morreu, ele foi levado por um beija-flor. De fato, ele não parece ter morrido, tamanha a sua presença nas memórias, nas vozes e nas paisagens de um pedaço do sertão.

4.3.4 Aquilo que não se apaga jamais

Como relatou João Batista um pouco mais acima, “nem a guerra nem as águas conseguem apagar grandes ideias” (informação verbal)¹⁰⁶. E não conseguiram mesmo. Não conseguiram apagar Antônio Conselheiro, não conseguiram apagar as memórias, não apagaram o senso de justiça, não apagaram os milagres nem as intuições, não apagaram a fantasia, não apagaram os desejos de futuro, o amor pela cidade e tampouco apagaram as lutas e as resistências diárias do povo sertanejo, presentes nos tantos relatos que tive a honra de registrar:

“D”: Ói, e fui assim uma pessoa, assim, eu nunca tive escola. Foi. Quando eu era pequena meu pai gostava muito de trabalhar nas mina, de Campo Formoso, de Mimoso, mina de cristal. Aí lá eu fui, a gente passou 3 anos lá. Aí na idade de... duns 6 anos. Passamos 3 anos lá. Aí tinha uma professora, e ia pra escola. Professora particular, naquele tempo a gente só aprendia a ler. O ABC...

Dila: O básico, né?

“D”: É, só assim o básico. Sem explicação nenhuma, né? Mas quando a gente tem, sei lá... Toda vida eu tive assim... Tive vontade, assim, de aprender. E aí eu não tive nem o segundo ano completo. Foi. Aí vim pra cá, e quando cheguei aí, avemaria, que a gente sabia ler, minha vó botava a gente nas nuvens. Chega, pra essa menina ler! Avemaria! Aí lá nas minas teve uma missão, veio uns padre pra lá, aí eu fiz a primeira comunhão lá, e aí deram o catecismo, e aí tinha o bendito da Nossa Senhora do Perpétuo do Socorro, e quando nós

¹⁰⁶ Entrevista concedida por João Batista (34 anos) no dia 12 de novembro de 2019 em Canudos (BA). Entrevistadora: Dila Reis. A entrevista completa encontra-se no Apêndice A desta dissertação.

chegamos. Aí nós passamos 3 anos. Quando chegemo aí, minha vó tinha comprado uma imagem de Nossa Senhora do Perpétuo do Socorro. E aí, menina, quando eu cantava o bendito de Nossa Senhora do Perpétuo do Socorro que aprendi lá nessa missão, eita que elas... Avemaria! Chega “D”, de você cantar esse bendito! E aí, minha fia, aí eles gostavam... Era uma benção. Que naquele tempo o pessoal... Meu pai mesmo sabia ler bem pouquinho. E minhas vó não sabia ler de jeito nenhum. Mas em sabedoria de saber reza, de saber o santo ofício todinho, aquelas oração mais lindas do mundo. E aí foi indo, e aí a gente... Sim, aí quando Antônio Conselheiro, quando eles chegaram aqui, foram falar de Antônio Conselheiro... Aí a gente foi perdendo, foi aprendendo um pouco mais. Ói, porque saía muita história de Antônio Conselheiro! Que Antônio Conselheiro ele era um assassino, saía aqueles romances... De primeiro saía aqueles romances, que era o nosso divertimento era aqueles romances. Aqueles romances bonitos, de histórias bonitas, de história de... de... de amor. Era! Não havia televisão, não havia essas coisas! (informação verbal)¹⁰⁷

“L”: Foi meu fio, quem presenciou a guerra, nossos pais, nossos avôres... E se fala assim, será que ainda resta gente da guerra? Olha meu fio, na verdade, existe assim, mais novos, nós, que eu vou fazer 60 anos, vejo os meus que nem eu vi meu pai contando as histórias, meus avô... A gente era curioso pra saber, eu principalmente sou curiosa pra saber das coisas! Eu procurava meu pai e ele tinha aquele prazer de explicar as coisas pra mim. Porque na verdade, eu aprendi a ler sem estudar. Eu estudei o primeiro ano. [...] Eu já nasci lendo um livro, **já sendo a escola**... Eu falo assim: ‘sério isso?’ Sério. Eu frequentei a escola seis meses, eu já tinha 12 anos. Naquele tempo ensinada um obral. Quando chegou o ponto de nós já estar com 12 anos, a nossa professora falou assim: ‘ó, meus filho, não dá mais pra nós ensinar vocês porque vocês já tão tudo de 12 anos acima, não dá mais. Só posso ensinar de sete a oito anos.’ Nós só foi pegar as bolsinha e saímos todos chorando ali. Não tinha mais aula. Aquele tempo era um tempo meio escasso e atrasado. Aí a gente falou assim: ‘quem vai saber mais um pouquinho, vai ensinando uns aos outros.’ Eu tinha uma coleguinha, que ela ainda mora em Salvador, ela falou assim, a gente vai montar uma escola, eu mais ela. Vamos. Vamos ensinar aos que não sabem. Aí quando era ditado, nós saía daquela trabalhadeira toda, a gente sentava ensinando aos nossos coleguinhas. A escrever, a ler... A minha leitura foi desse jeito. Aí eu pego e leio qualquer um livro, qualquer uma coisa sem ir numa escola. Escrevo,

¹⁰⁷ Entrevista concedida por “D” (mulher, 82 anos) no dia 19 de novembro de 2019 em Canudos (BA), com a presença de João Batista no local. Entrevistadora: Dila Reis. A entrevista completa encontra-se no Apêndice F desta dissertação.

faço, escrevo meu nome, faço tudo. Fiz norma de carta. (informação verbal, grifo nosso)¹⁰⁸

“K”: Quando você for na apresentação de sábado, né, quero que você ouça com atenção a música porque nela eu quis retratar uma pessoa, um canudense que teve que sair daqui porquê... Pelo baixo desenvolvimento daqui, ou por baixas condições, acho que fica da interpretação de quem ouvir... Porque teve que estudar, trabalhar, enfim... E essa pessoa conta... olhe, de onde eu vim... Começa dizendo sobre... Eu começo a música dizendo que é de uma terra não tão distante. Esse não tão distante eu não me refiro à distância material, de quilometragem. Eu quis colocar como não tão distante da realidade de lá da guerra, o motivo da guerra, né, não ser uma realidade distante do que se vive no Brasil, que já se viveu. Então não é uma realidade distante, não é uma coisa isolada. É uma coisa que está aí latente.

[...]

“K”: Eu tenho muitos planos, assim. Porque eu vejo que os jovens de Canudos ainda não têm muita noção do tamanho disso, né, e do que a arte pode trazer pra eles, trazer pra Canudos. Então, assim... Eu planejo entrar em alguma faculdade, né... Eu não... Eu gosto muito de música, mas eu ainda não vou entrar de cabeça nisso. Quero entrar em alguma faculdade que eu goste, mas que me dê estabilidade financeira pra poder existir na arte. E de lá eu quero, tenho um sonho, assim como eu combinei com minhas amigas, de trazer isso pra Canudos, como, sei lá, ela quer montar um edital e eu quero montar alguma coisa relacionada à música que incentive os jovens daqui a desenvolverem o senso artístico deles através da história, também... Fazer com que eles tenham noção do tamanho disso. Porque quando você tem uma noção...Eu não tinha noção no ensino fundamental, quando eu cheguei no ensino médio e teve uns projetos que você faz um projeto artístico, vai lá pra Juazeiro, né, vai lá pra Salvador... Foi lá que eu tive, Lequinho chegou lá e começou a falar da importância daquilo, acho que se todos os alunos, eles têm muito potencial, se eles dedicassem, aprimorassem isso, Canudos ia...

Dila: Pro mundo, né?

“K”: Sim! Por isso eu tenho tanta vontade de voltar e fazer florescer isso. (informação verbal)¹⁰⁹

¹⁰⁸ Entrevista concedida por “L” (mulher, 60 anos) no dia 18 de novembro de 2019 em Canudos (BA), com a presença de “D(b)” e “C” no local. Entrevistadora: Dila Reis. A entrevista completa encontra-se no Apêndice B desta dissertação.

¹⁰⁹ Entrevista concedida por “K” (mulher, 16 anos) no dia 19 de novembro de 2019 em Canudos (BA), com a presença de João Batista no local. Entrevistadora: Dila Reis. A entrevista completa encontra-se no Apêndice H desta dissertação.

“Z”: A minha avó teve a sua tia ferida dentro dos combates de Canudos. E qual é o orgulho que eu tenho de passar isso para o meu povo? Sabe qual é? A nossa imensa fortaleza, que nós somos. A nossa resistência. De homens e mulheres dignos, fortes, que dão exemplo de igualdade e justiça. Como até hoje em qualquer lugar do sertão que você chegue. Na casa mais simples que você chegar, há sempre uma porta aberta pra você. E há sempre um prato à mesa pra dividir, o pouco que tem. (informação verbal)¹¹⁰

[...]

“Z”: É, então, é porque essa coisa de você viver as pessoas, viver o meu povo, né, o nosso povo, né, eu vivo todo dia, toda hora, eu penso neles o tempo todo, eu olho pras coisas eu vejo... Sou feliz demais, sabe? Quando eu lembro do meu povo, eu tenho muito orgulho do meu povo. Tenho muito orgulho. [...] Eu costumo dizer que eu não quero que Canudos cresça muito não, senão vai ficar ruim... Eu quero Canudos bem gostosinha de viver. Limpinha, com tudo bonitinho, pra gente receber o povo... Não precisa ‘buuum’, não, eu não quero! Eu quero ela pequenininha, aconchegante! Ela gostosa. Que você possa caminhar na rua com tranquilidade, sem esgoto aí no chão, as pessoas tudo felizes, tudo bem de vida, ô que maravilha! Sorrindo todos os dias, porque felicidade é isso. Felicidade não é um dinheiro no banco, felicidade é um sorriso todo dia, você olhar pra pessoa e ela estar sorrindo. Então é legal, de bem com a vida. Porque a gente só vive um dia de cada vez. Eu vivo cada dia. (informação verbal)¹¹¹

A minha busca pelas águas sertanejas me abriu um universo muito maior do que eu podia imaginar. E já era grande, o universo que eu imaginava. Já era fabuloso, mítico, forte, imaginativo. E a coisa mais fantástica foi justamente ter me deslocado do campo imaginativo e encontrado um campo real, com vozes reais que me confirmaram o sertão gigante e poético que carrego nos olhos desde a infância, mas que também me proporcionaram revisões importantes das minhas hipóteses e presunções.

¹¹⁰ Palestra proferida por “Z” (homem, 54 anos) no dia 13 de março de 2020, no *Seminário Antônio Conselheiro: 190 anos de memória*, realizado em Salvador – BA. O evento foi organizado e realizado pelo Campus Avançado da UNEB em Canudos; pelo Centro de Estudos Euclides da Cunha (CEEC/UNEB); pela Prefeitura e Secretaria da Educação; pelo Instituto Popular Memorial de Canudos (IPMC), pelo Museu Eugênio Teixeira Leal e pela empresa Portfolium – Laboratório de Imagens.

¹¹¹ Entrevista concedida por “Z” (homem, 54 anos) no dia 29 de novembro de 2019 em Canudos (BA), com a presença de João Batista no local. Entrevistadora: Dila Reis. A entrevista completa encontra-se no Apêndice G desta dissertação.

Por muito tempo, achei que meu trabalho era sobre as águas e as cidades. Parti, portanto, para procurar as águas revelando e encobrindo os vestígios de uma cidade, e encontrei. Vi as ruínas de Canudos imponentes no solo seco; vi as águas se deitarem lentamente sobre elas; de cima de uma canoa vi seus contornos desfocados embaixo d'água; depois vi seus tijolos avermelhados despontarem no horizonte do rio. Mas nesse navegar e nessa caminhada, descobri, afinal, que meu trabalho é, na verdade, sobre memória. E, aqui, retrato a memória de um povo que me disse muito mais do que as reminiscências de sua cidade e de seu passado, mas me disse de sua identidade, de sua potência, de suas denúncias, de seus sonhos.

As ruínas, sozinhas, não puderam me dizer muito — elas provocaram, sim, a minha busca, me fizeram caminhar. Mas os sujeitos que encontrei nessa caminhada, esses sim, me disseram tudo. Me disseram das ruínas, das cidades, da guerra, das águas. Me disseram deles mesmos, de suas lutas, de suas verdades, de suas frustrações. Esses sujeitos me contaram suas memórias, as memórias dos seus, e me mostraram, dentre tantas coisas, que tentaram apagar Canudos, mas Canudos, afinal, não se deixou apagar,

[...] Porque Canudos se espalhou pelo país. Canudos hoje está nos movimentos dos Sem-Terra, Canudos está nos movimentos dos Sem-Teto, Canudos está nas periferias, quando se luta por justiça, por igualdade. As balas de fuzil ainda ardem hoje no descaso da pátria mãe gentil. Ainda somos fuzilados. Ainda somos fuzilados nas favelas. Ainda somos alvejados nas ruas e esquinas. Aquela mesma elite burra, atrasada, que continua no poder até os dias de hoje, e continua nos matando. Mas nós continuamos à luta. Porque Canudos não se rende. E Canudos é todo dia. **Todo dia é dia de lutar.** (informação verbal, grifo nosso)¹¹²

¹¹² Entrevista concedida por “Z” (homem, 54 anos) no dia 29 de novembro de 2019 em Canudos (BA), com a presença de João Batista no local. Entrevistadora: Dila Reis. A entrevista completa encontra-se no Apêndice G desta dissertação.



CONCLUSÃO

CONCLUSÃO

Dentro de Canudos, existe um mundo inteiro. É um mundo diverso, complexo, contraditório e polifônico. É possível encará-lo sob a ótica de diversas lentes: a lente euclidiana que, embora embebida de crenças positivistas e deterministas, amplifica e denuncia uma das maiores barbáries do país; a lente conselheirista, revestida de vozes e memórias sertanejas potentes; e a própria lente subjetiva, mediada pelas limitações e possibilidades daqueles que se dispõem a olhar para a cidade e para os seus.

Neste trabalho, carreguei as três lentes e outras tantas. E durante o percurso, descobri os fios da memória a costurarem os caminhos que por vezes pareciam um labirinto de mil possibilidades. Mas não bastou um novelo de Ariadne para chegar no ponto final — a memória, muito mais complexa, se revelou num emaranhado de fios que me fizeram olhar para o valor dos processos, dos caminhos e do destrinchar enquanto elementos e ações muito mais relevantes do que a linha de chegada.

Este trabalho, afinal, aconteceu a partir das minhas próprias memórias. Elas mobilizaram os meus impulsos mais latentes e, por meio deles, pude me encontrar com as memórias do outro — um encontro que promoveu confrontações com o real, com o simbólico, com as alteridades radicais, com as fantasias, com a linguagem. O resultado foi a apresentação de uma memória navegante, que perpassa por dimensões individuais e coletivas, por lugares, por fonéticas, por significantes; e também de uma memória que pode se vincular a todas as lentes e que emerge de lugares profundos, assim como as cidades inundadas o fazem.

É preciso um certo impulso escafandrista para buscar aquilo que permanece oculto por tempo indeterminado, mas a malha de fios entrelaçados — atualizações de Ariadne — que nos guiam o caminho até nos permite navegar de olhos fechados por um tempo. É um movimento que proporciona o aguçar de outros sentidos. Foi assim que aprendi a escutar além das palavras, a ler além dos textos, a sentir além do palpável. Tudo isso gerou um trabalho que assume as intuições, o sensível e a primeira pessoa enquanto posição epistemológica.

Atracar esse barco no cais acadêmico não é fácil. As intuições não são bem vistas e o sensível perde poesia quando demasiadamente explicado. Neste barco, portanto, couberam as emoções, os instintos, os lutos assumidos, as afinidades, as epígrafes não comentadas: couberam, afinal, as minhas memórias e as memórias de uma cidade, de suas pessoas e de seus tijolos. Poderia até mesmo navegar pelas memórias de outros lugares inundados — Remanso, Casa Nova, Sento Sé, Pilão Arcado, Petrolândia, Jaguaribara.

Mas este barco navegou pelas memórias de Canudos. Ora barco, ora submarino, percorreu as superfícies e profundidades dos territórios infinitos de uma cidade que parece ter morrido duas vezes: “Vencida a luta, derrotado o homem, era preciso ocultar até mesmo a terra que o abrigara.”, nos disse Gabriel Zacarias (2019, p. 189). Refletimos, então, sobre o fato de um poder republicano obliterar dois tecidos urbanos inteiros: o primeiro, reduzido a escombros e cinzas a mando da República e sob a pressão das grandes entidades de poder — a igreja, os latifundiários, a mídia e as elites; o segundo, renascido das cinzas do primeiro, inundado pelas águas amnésicas do progresso.

Aparentemente, não foi suficiente dizimar milhares de sertanejos ou exumar o cadáver do seu líder religioso e expor sua cabeça como troféu: foi preciso bombardear, soterrar, incendiar e, décadas depois, inundar qualquer vestígio daquele tecido urbano que escapou às técnicas de um planejamento racional e que representou, dentre tantas outras coisas, a coragem e a irreverência da luta sertaneja. E a tempestade do progresso, metáfora benjaminiana, seguiu desaguando sobre inúmeras cidades pelo Brasil e pelo sertão afora, desacordando ainda mais os mortos e espalhando os fragmentos (BENJAMIN, 1994).

Se serviram da força das águas — e de tudo o que ela significa para o sertão — para ocultar os escombros e os vestígios, torná-los inacessíveis. Conseguiram, até certo ponto. Conseguiram porque difamaram um líder e sua gente, criminosos por resistirem às imposições da modernização, por ousarem caminhos de liberdade e independência; conseguiram porque submeteram famílias e mais famílias a abandonarem suas casas e seus laços e a enterrarem seus mortos duas vezes; conseguiram porque afogaram uma cidade inteira, afinal.

Mas os escombros de Canudos ousaram reaparecer, ironicamente, no centenário de sua primeira destruição, e seguem reaparecendo no rastro das crises ambientais — filhas do tal progresso — que têm promovido períodos de estiagens cada vez mais longos e frequentes. As ruínas afloradas gritam e despertam algumas memórias adormecidas. Na verdade, em nenhum momento conseguiram apagar as memórias — elas sabem respirar debaixo d'água. Conseguiram, sim, silenciá-las, submetê-las ao medo da força bruta.

Mas as memórias foram partilhadas entre os sobreviventes da guerra desde o final do século XIX, elas resistiram nos relatos orais de um povo e, com o tempo, puderam ser amplificadas, quando o medo foi se diluindo e se afastando daquela barbárie. As memórias de Canudos permanecem nos escombros submersos; nas ruínas afloradas; na resistência das minorias; no significante da Favela, que deve seu título à flora sertaneja. Elas permanecem nas lutas contra a violência do Estado, contra as barbáries modernizadas — a degola transformada no fuzilamento imoral de vidas negras e pobres.

Essas memórias nos revelam, afinal, uma cidade que questionou o lugar do latifúndio, que ousou imaginar e construir outras formas de existência, que convidou seu próprio país a olhar pra dentro, para o sertão. Por meio dessas memórias podemos perceber que as disputas continuam, que o Estado segue impondo sua violência como há 120 anos atrás, que as inundações — tempestades de progresso — seguem acontecendo, mas os afloramentos também. Os gritos desta terra ecoam pelas águas e pelo chão, convidando-nos a participar da luta. Canudos, afinal, é todo dia. Todo dia é dia de lutar.

REFERÊNCIAS

- ACOSTA, Cibele Denise Weide. Que segredos guardam seus olhos: a questão do olhar em Freud. **Revista Brasileira de Psicoterapia**, Porto Alegre, v. 15, n. 3, p. 42–52, 2014.
- AÇUDE Cocorobó — Fragmentos de 50 anos de Memória. Direção: Manoel Neto. Produção: Núcleo de Audiovisual do Centro de Estudos Euclides da Cunha (CEEC - UNEB). [S.l.]: CEEC–UNEB, 2019. Disponível em: <https://portal.uneb.br/noticias/2019/04/09/documentario-acude-cocorobo-fragmentos-de-50-anos-de-memoria/>. Acesso em: 11 ago. 2019.
- AGÊNCIA NACIONAL DE ÁGUAS. **Boletim de acompanhamento de alocação de água: sistema hídrico Cocorobó, 2019–2020**. [S.l.], 2019. Disponível em: https://www.ana.gov.br/regulacao/resolucoes-e-normativos/regras-especiais-de-uso-da-agua/alocacao-de-agua/cocorobo_06-2020.pdf Acesso em: 28 abr. 2020.
- AMORIM, José Américo. **Canudos 120 anos: 1897–2017**. Salvador: ALBA, 2018.
- ANDRADE, Carlos Drummond de. **A rosa do povo**. Rio de Janeiro: Record, 2000.
- ARRUDA, João. **Canudos: messianismo e conflito social**. Fortaleza: UFC, 2006.
- ASSARÉ, Patativa. **Cante lá que eu canto cá: filosofia de um trovador nordestino**. Petrópolis: Vozes, 1978.
- AUGÉ, marc. **Por uma antropologia da mobilidade**. Maceió: EDUFAL; São Paulo: UNESP, 2010.
- AUGUSTIN, Roberta Lopes; AUGUSTIN, Sérgio. Memória e suas implicações na vida cotidiana: análise teórica. **MÉTIS: história & cultura**, Caxias do Sul, v. 11, n. 21, p. 115–130, jan./jun. 2012.
- BACHELARD, Gaston. **A poética do espaço**. São Paulo: Abril Cultural, 1978.
- BARCA, Antonio Jimenez. Canudos, a cidade do fim do mundo. **El País**, Madrid, 4 fev. 2017. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2017/02/04/politica/1486239968_195098.html. Acesso em 19 ago. 2019
- BARRETO, Antônio Carlos de Oliveira. **3 vezes Canudos**. Salvador: Edições Akadicadikum, 2010.
- BARROS, José D´Assunção. **Cidade e História**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.
- BARROS, Manoel de. **Meu quintal é maior que o mundo**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2015.
- BASTOS, Angélica. Sobre a lembrança: uma abordagem psicanalítica dos limites estruturais da memória. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, Porto Alegre, v. 12, n. 3, 1999. Não paginado. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-79721999000300006&script=sci_abstract&tlng=pt. Acesso em: 29 jan. 2020.

BENJAMIN, Walter. **Magia, Técnica, Arte e Política**: ensaio sobre literatura e história da cultura. São Paulo: Brasiliense, 1994.

BERGSON, Henri. **Matéria e memória**: ensaio sobre a relação do corpo com o espírito. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

BHABHA, Homi K. A outra questão: o Estereótipo, a Discriminação e o Discurso do Colonialismo. In: BHABHA, Homi K. **O local da cultura**. Belo Horizonte: UFMG, 1998. Cap. III, p. 105–128.

BOSI, Eclea. **Memória e Sociedade**: lembranças de velhos. 1. ed. São Paulo: T.A. Queiroz, 1979.

BOVO, Ana Paula Martins Corrêa. **Antônio Conselheiro**: os vários. 2007. 128 f. Dissertação (Mestrado em Literatura Brasileira) — Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2007.

BRANDÃO, Junito de Souza. **Mitologia grega**: volume I. Petrópolis: Vozes, 1986.

BRANDÃO, Junito de Souza. **Mitologia grega**: volume II. Petrópolis: Vozes, 1987.

BULFINCH, Thomas. **O livro de ouro da mitologia**: histórias de deuses e heróis. Rio de Janeiro: Ediouro, 2002.

CABRAL, Luiz Otávio. Revisitando as noções de espaço, lugar, paisagem e território, sob uma perspectiva geográfica. **Revista de Ciências Humanas**, Florianópolis, v. 41, n. 1–2, p. 141–155, abr./out. 2007.

CALASANS, José. **Canudos na literatura de cordel**. São Paulo: Ática, 1984. Disponível em: http://josecalasans.com/downloads/canudos_na_literatura_de_cordel/meu_folclore.pdf Acesso em: 2 ago. 2019.

CALASANS, José. Notícias de Antônio Conselheiro. **Artigo em meio eletrônico**, [1968]. Disponível em: <http://josecalasans.com/downloads/artigos/18.pdf>. Acesso em: 19 jun 2019

CALVINO, Italo. **As cidades invisíveis**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

CALVINO, Italo. **Palomar**. São Paulo: Companhia das letras, 1994.

CANCLINI, Néstor García. **Culturas Híbridas**. São Paulo: Edusp, 2008.

CARDEL, Lídia. Canudos: a “essência” do sertão baiano. **Illuminuras**, Porto Alegre, v. 17, n. 41, jan./jun. 2016. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/illuminuras/article/view/64564>. Acesso em: 02 jul 2019.

CAVALCANTI, Isadora Padilha de Holanda. **Levada à margem**: a importância do lugar na memória da cidade de Maceió. 2012, 176 f. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) — Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2012.

CAVALCANTI, Jurema Moreira. **Práticas de beira das cidades antes navegáveis às cidades transpostas pela barragem de Sobradinho**. 2015, 181 f. Dissertação

(Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) — Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2015.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**: artes de fazer. Petrópolis: Vozes, 1998.

CHIOQUETTA, Daiane Suelyn Celso. Do cinema a vídeo reportagem: modos participativos de linguagem audiovisual. In: ENCONTRO NACIONAL DA REDE ALFREDO DE CARVALHO, 6., 2008, Niterói. **Anais eletrônicos...** Niterói: UFF, 2008. Disponível em: http://www.ufrgs.br/alcar/encontros-nacionais-1/encontros-nacionais/6o-encontro-2008-1?b_start:int=100. Acesso em 15 mai. 2019

COELHO JUNIOR, Nelson Ernesto. Inconsciente e Percepção na Psicanálise Freudiana. **Psicologia USP**, São Paulo, v. 10, n. 1, p. 25–54, jan. 1999.

CONSELHEIRO, Antônio. **Apontamentos dos preceitos da divina lei de nosso senhor Jesus Cristo, para a salvação dos homens**. São Paulo É Realizações, 2017.

COSTA LIMA, Luiz. Autor leu mal as ideias de Gumpłowicz. **Estadão**, São Paulo, 23 ago. 2009. Disponível em: <https://cultura.estadao.com.br/noticias/artes,autor-leu-mal-ideias-de-gumplowicz,423100>. Acesso em: 14 mai. 2019.

COSTA LIMA, Luiz. **Terra Ignota**: a construção de Os Sertões. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1997.

COUTO, Mia. **Na berma de nenhuma estrada e outros contos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

CUNHA, Euclides da. A Nossa Vendéia — I. **O Estado de São Paulo**, São Paulo, 14 mar. 1897. Disponível em: <https://infograficos.estadao.com.br/especiais/euclides/capitulo-8.php#artigo5>. Acesso em: 24 abr. 2019.

CUNHA, Euclides da. A Nossa Vendéia — II. **O Estado de São Paulo**, São Paulo, 17 jul. 1897. Disponível em: <https://infograficos.estadao.com.br/especiais/euclides/capitulo-8.php#artigo6>. Acesso em: 24 abr. 2019.

CUNHA, Euclides da. **Os Sertões**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2011.

DEPARTAMENTO NACIONAL DE OBRAS CONTRA AS SECAS. **Índice do Perímetro Irrigado Vaza-Barris**. Fortaleza, 2012. Disponível em: https://www.dnocs.gov.br/~dnocs/doc/canais/perimetros_irrigados/ba/vaza_barris.htm Acesso em: 01 jul. 2020.

DIAS, Clímaco César Siqueira; NEIVA, Luiz Paulo Almeida. Canudos — Um passado que assombra o presente. **Revista Canudos**, Salvador, v. 3, n. 1, p. 61–66, jun. 1999. Disponível em: <http://www.revistas.uneb.br/index.php/canudos/index>. Acesso em: 28 ago. 2019.

FERRARINI, Pâmela; MAGALHÃES, Livia. O conceito de memória na obra freudiana: breves explanações. **Estudos Interdisciplinares em Psicologia**, Londrina, v. 5, n. 1, p. 109–118, jun. 2014.

FREITAS, Leandro Leal de. **Um século de narrativas euclidianas e conselheiristas: interpretações sobre Antônio Conselheiro**. 2016. 115 f. Dissertação (Mestrado em Ciência Política) — Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2016.

FREUD, Sigmund. Carta 52. In: **Obras Completas**. Rio de Janeiro: Imago, 1977. p. 317–324. Edição original 1896.

FREUD, Sigmund. A interpretação dos sonhos. In: **Obras Completas**. Rio de Janeiro: Imago, 1972. p. 361–660. Edição original 1900.

FREUD, Sigmund. **La Afasia**. Buenos Aires: Nueva Visión, 1973. Edição original 1891.

FREUD, Sigmund. Projeto para uma psicologia científica. In: **Obras Completas**. Rio de Janeiro: Imago, 1977. P. 395–517. Edição original 1895.

FREUD, Sigmund. Suplemento Metapsicológico à Teoria dos Sonhos. In: **Obras Completas**. Rio de Janeiro: Imago, 1974. p. 253–267. Edição original 1917.

GARCIA MENENDEZ, Jimena. A Relação entre Percepção e Memória: Aproximações e Divergências entre Freud e Bergson. **AdVerbum**, Campinas, v. 1, n. 1, p. 23–34, jul./dez. 2006. Disponível em: http://www.psicanaliseefilosofia.com.br/adverbum/Vol1_1/relacao_percep_memo.pdf. Acesso em: 24 abr. 2020.

HADDAD, Naief. Fake News sobre Guerra de Canudos são tema de análise de estudiosa que abre Flip. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 5 jul. 2019. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2019/07/fake-news-sobre-guerra-de-canudos-sao-tema-de-analise-de-estudiosa-que-abre-flip.shtml>. Acesso em: 10 jul. 2019.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990.

HALL, Stuart. Quem precisa da identidade. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org.); HALL, Stuart; WOODWARD, Kathryn. **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis: Vozes, 2000.

HILLESHEIM, Betina; BERNARDES, Anita; FLORES DE MEDEIROS, Patrícia. Leitura de uma onda: pesquisa e observação. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 34, n. 3, p. 213–224, set./dez. 2009.

IBGE — CONSELHO NACIONAL DE GEOGRAFIA. **Tipos e Aspectos do Brasil: EXCERTOS DA Revista Brasileira de Geografia**. Rio de Janeiro: IBGE, 1956.

INGOLD, Tim. **Estar Vivo: ensaios sobre movimento, conhecimento e descrição**. Petrópolis: Vozes, 2015a.

INGOLD, Tim. O dédalo e o labirinto: caminhar, imaginar e educar a atenção. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 21, n. 44, p. 21–36, jul./dez. 2015b.

INGOLD, Tim. Sonhando com dragões: sobre a imaginação da vida real. **ClimaCom Cultura Científica**, Campinas, ano 4, n. 10, p. 25–46, dez. 2017.

INGOLD, Tim. Trazendo as coisas de volta à vida: emaranhados criativos num mundo de materiais. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 18, n. 37, p. 25–44, jan./jun. 2012.

INGOLD, Tim; VERGUNST, Jo Lee (Ed.). **Ways of walking**: ethnography and practice on foot. London: Routledge, 2016.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Censo Demográfico**, 2010. Disponível em: <www.ibge.gov.br>. Acesso em 13 abr. 2019.

JACOBS, Jane. **Morte e Vida de Grandes Cidades**. 2. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2009.

LACAN, Jacques. **O seminário, livro 16**: de um Outro ao outro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008. Lições originalmente pronunciadas em 1968–1969.

LACAN, Jacques. **O seminário, livro 7**: a ética da psicanálise. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1992. Lições originalmente pronunciadas em 1959–1960.

LATOURETTE, Bruno. Como terminar uma tese de sociologia: pequeno diálogo entre um aluno e seu professor (um tanto socrático). **Cadernos de campo**, São Paulo, v. 15, n. 14–15, p. 339–352, jan./dez. 2006.

LÉVI-STRAUSS, Claude. **Tristes trópicos**. São Paulo: Brasiliense, 1986.

LIMA, João Batista da Silva. Entre euclidianos e conselheiristas: Canudos resiste. In: BARROS, Joana; PRIETO, Gustavo; MARINHO, Caio (org.). **Sertão, sertões**: repensando contradições, reconstruindo veredas. São Paulo: Elefante, 2019. p. 167–178.

LOBO, Dalva de Souza. Oralidade, voz e memória nas reminiscências de Um Rio Chamado tempo, uma casa chamada terra, de Mia Couto. **Impulso**, Piracicaba, v. 25, n. 62, p. 89–96, jan./abr. 2015.

MACEDO, Mônica Medeiros Kother; FALCÃO, Carolina Neumann de Barros. A escuta na psicanálise e a psicanálise da escuta. **Psychê**, São Paulo, v. 9, n. 15, p. 65–76, jun. 2005. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-11382005000100006&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 07 maio 2020.

MARTINS, Bene. Narradores de Javé: o contar alinhavado no rebuliço de vozes e de memórias. In: XII Congresso Internacional da ABRALIC, 2011, Curitiba. **Anais eletrônicos**... Curitiba: ABRALIC, 2011. Disponível em: <https://abralic.org.br/eventos/cong2011/AnaisOnline/resumos/TC0932-1.pdf>. Acesso em: 12 mar. 2020.

MARTINS, Osvaldo Costa. **Os manuscritos de Antônio Conselheiro**: culpa e identificação na religião do filho. (uma resposta à igreja e ao Estado). 2012, 101 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) — Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2012.

MAYRINK, José Maria. Antônio Conselheiro é redescoberto em transcrição de seus textos. **Estadão**, São Paulo, 15 abr. 2017. Disponível em: <https://alias.estadao.com.br/noticias/geral,antonio-conselheiro-e-redescoberto-em-transcricao-de-seus-textos,70001737756>. Acesso em: 8 jul 2019

MOLARI, Beatriz. A mulher na mídia: a relação entre violência simbólica de gênero e o mito da beleza no contexto da responsabilidade simbólica. In: SIMPÓSIO GÊNERO E POLÍTICAS, 5., 2018, Londrina. **Anais eletrônicos...** Londrina: UEL, 2018. Disponível em: <http://www.uel.br/eventos/gpp/pages/arquivos/VSGPP-%20GT3-%20Beatriz%20Molari.pdf> Acesso em 14 jun. 2020.

MONTEIRO, Filipe Pinto. Messianismo, Milenarismo e Catolicismo (Popular) no Discurso Intelectual das Ciências Humanas e Sociais: Apontamentos Preliminares para uma Questão Conceitual. **Revista de Teoria da História**, Goiás, ano 2, n. 4, p. 84–116, dez. 2010.

NARRADORES de Javé. Direção: Eliane Caffé. Produção: Bananeira Filmes. Intérpretes: José Dumont; Nelson Xavier; Matheus Nachtergaele e outros. Roteiro: Luis Alberto de Abreu e Eliane Caffé. [S.l.]: Bananeira Filmes, 2003. 1 DVD (100 min), color.

NEGRÃO, Lísias Nogueira. Sobre os messianismos e milenarismos brasileiros. **Revista USP**, São Paulo, n. 82, p. 32–45, jun./ago. 2009.

NUNES, Rejane de Moura; MAURANO, Denise. Transdisciplinaridade: relações fecundas entre psicanálise e memória social. **Psicanálise & Barroco em revista**, [S.l.], v. 13, n. 1, p. 219–237, jul. 2015.

OLAVO, Antônio. Paixão e guerra no sertão de Canudos: Jorge Nóvoa e Sérgio Guerra entrevistam Antônio Olavo. Caderno de Cinema, [S.l.], maio 2013. Disponível em: <http://cadernodecinema.com.br/blog/antonio-olavo/> Acesso em: 21 jan. 2019.

OLIVEIRA, Daniela Barbosa de. Como se faz uma revolução? Breve análise de prédicas de Antônio Conselheiro sob a ótica dos estudos culturais. In: Encontro de Pós-graduandos da Sociedade Brasileira de Estudos do Oitocentos, 2., 2017, Juiz de Fora. **Anais eletrônicos...** Juiz de Fora: UFJF, 2017. Disponível em: <http://www.ufjf.br/encontroseo/files/2017/10/Programa%C3%A7%C3%A3o-e-Resumos-v.-final-2.pdf>. Acesso em: 25 ago. 2019.

ORTEGOSA, Sandra Mara. Cidade e memória: do urbanismo “arrasa-quarteirão” à questão do lugar. **Arquitextos**, São Paulo, ano 10, n. 112.07, não paginado, set. 2009. Disponível em: <https://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/10.112/30>. Acesso em: 18 jul. 2018.

PAIXÃO e Guerra no Sertão de Canudos. Direção: Antônio Olavo. Produção: Ricardo Gaspar e Selma Santos. Roteiro: Antônio Olavo. Narração: José Wilker. [S.l.]: Portfolium — Laboratório de Imagens, 1993. 1 DVD (78min), color.

PEROTE, Lícia Tereza Rodrigues. **Jaguaribara: a cidade submersa**. História de uma cidade planejada no sertão do Ceará. 2006, 196f. Dissertação (Mestrado em Urbanismo) — Pontifícia Universidade Católica (PUC), Campinas, 2006.

RAMOS, Graciliano. **Vidas Secas**. 37. ed. Rio de Janeiro: Record, 1977.

RICOEUR, Paul. Architecture et Narrativité. **Études Ricœuriennes / Ricœur Studies**, Pitsburgo, v. 7, n. 2, p. 20–30, 2016. Disponível em : <https://ricoeur.pitt.edu/ojs/index.php/ricoeur/article/view/377>. Acesso em: 04 maio 2020.

ROSA, João Guimarães. **Grande Sertão: Veredas**. 11. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1976.

SÁ, Antônio Fernando de Araújo. Canudos plural: imagens em movimento no sertão em guerra. **Artcultura**, Uberlândia, v. 10, n. 17, p. 205–219, jul./dez. 2008.

SÁ, Antônio Fernando de Araújo. O sertão de Pierre Verger. **Projeto História: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História**, [S.l.], v. 40, n. 40, p. 357–391, jun. 2010.

SANTOS, Jadilson Pimentel dos. O legado artístico-visual concebido em torno de Antônio Conselheiro e publicado em jornais da última metade do século XIX. **19&20**, Rio de Janeiro, v. 7, n. 3, jul./set. 2012. Disponível em: http://www.dezenovevinte.net/obras/antonio_conselheiro.htm. Acesso em: 9 abr. 2019.

SANTOS, Myrian Sepúlveda dos. Memória coletiva, trauma e cultura: um debate. **Revista USP**, São Paulo, v. 0, n. 98, p. 51–68, ago. 2013. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/69270>. Acesso em 21 nov. 2019.

SCHMIDT, Maria Luisa Sandoval; MAHFOUD, Miguel. Halbwachs: memória coletiva e experiência. **Psicologia USP**, São Paulo, v. 4, n. 1–2, p. 285–298, jan. 1993. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/psicousp/article/view/34481>. Acesso em: 08 jan. 2020.

SCHWARCZ, Lilia. ‘Os Sertões’ de Euclides da Cunha: um livro vingador. **Nexo**, [S.l.], 1 jul. 2019. Disponível em: <https://www.nexojournal.com.br/colunistas/2019/%E2%80%98Os-Sert%C3%B5es%E2%80%99-de-Euclides-da-Cunha-um-livro-vingador>. Acesso em 12 jul. 2019.

SEGANFREDO, Gabriela de Freitas Chediak; CHATELARD, Daniela Scheinkman. Das Ding: o mais primitivo dos êxtimos. **Cadernos de Psicanálise**. Rio de Janeiro, v. 36, n. 30, p. 61–70, jan./jun. 2014. Disponível em: http://cprj.com.br/imagenscadernos/caderno30_pdf/05_Das_Ding_o_mais_primitivo_dos_extimos.pdf. Acesso em: 01 de maio de 2020.

SILVA, José Maria de Oliveira. A Guerra de Canudos e Os Sertões de Euclides da Cunha: Imaginário popular e revisão acadêmica. **Revista Tempos Históricos**, [S.l.], v. 3, n. 1, p. 31–52, ago. 2001.

SILVA, Minelvino Francisco. **Antônio Conselheiro e a Guerra de Canudos**. São Paulo: Luzero, 1980.

SIMIS, Anita; PELLEGRINI, Tânia. O audiovisual brasileiro dos anos 90: questão estética ou econômica? In: INTERNATIONAL CONGRESS OF THE LATIN AMERICAN STUDIES ASSOCIATION (LASA), 21., 1998, Chicago. **Anais eletrônicos...** Chicago: [s.n.], 1998. Disponível em: <http://lasa.international.pitt.edu/LASA98/Simis-Pellegrini.pdf>. Acesso em 28 mai 2019.

SITTE, Camilo. **A construção das cidades segundo seus princípios artísticos**. São Paulo: Ática, 1992. Edição original 1889.

SOJA, Edward William. **Geografias pós-modernas: a reafirmação do espaço na teoria social crítica**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993.

SOUZA, Iracy Conceição de. **A experiência poética com o indizível**: Ana Luisa Amaral, João Maimona e Salgado Maranhão. 2014. 215 f. Tese (Doutorado em Letras Vernáculas) — Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2014.

SOUZA, Marcelo Lopes de. Território da divergência (e da confusão): em torno das imprecisas fronteiras de um conceito fundamental. In: SAQUET, Marcos Aurelio.; SPOSITO, Eliseu Savério (Org.). **Território e territorialidades**: teorias, processos e conflitos. São Paulo: Expressão popular, 2009. p. 57–72.

SOUZA, Natália Peixoto Bravo de; GALVÃO, Gastão. O estigma de uma obra: a trajetória de Euclides da Cunha e suas reapropriações sob o ponto de vista do positivismo e do evolucionismo. **Revista da SBHC**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 2, p. 173–184, jul./dez. 2007. Disponível em: https://www.sbhc.org.br/arquivo/download?ID_ARQUIVO=94. Acesso em: 1 jul 2019.

UMBELINO, Luís António. Espaço e narrativa em P. Ricoeur. **Revista Filosófica de Coimbra**, Coimbra, v. 20, n. 39, p. 141–162, mar. 2011.

VASCONCELOS, Cláudia Pereira. **Ser-Tão Baiano**: o lugar da sertanidade na configuração da identidade baiana. 2007, 115 f. Dissertação (Mestrado Multidisciplinar em Cultura e Sociedade) — Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2007.

VENTURA, Roberto. Canudos como cidade iletrada: Euclides da Cunha na urbs monstruosa. **Revista de Antropologia**, [S.l.], v. 40, n. 1, p. 165–181, jan. 1997. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/ra/article/view/27066>. Acesso em 8 mai. 2019.

VIDAL, Fernanda Blanco. **Saudades sim, tristeza não**: psicologia, memória social e deslocamentos forçados. Salvador: EDUFBA, 2015.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org.); HALL, Stuart; WOODWARD, Kathryn. **Identidade e diferença**: a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis: Vozes, 2000.

ZACARIAS, Gabriel. **Posfácio**. In: BARROS, Joana; PRIETO, Gustavo; MARINHO, Caio (org.). **Sertão, sertões**: repensando contradições, reconstruindo veredas. São Paulo: Elefante, 2019. p. 167–178.

ZUMTHOR, Paul. **Escritura e Nomadismo**: entrevistas e ensaios. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2005.

ZUMTHOR, Paul. **Performance, Recepção, Leitura**. 2. ed. São Paulo: Cosac Naify, 2007.

APÊNDICE A - ENTREVISTA JOÃO BATISTA

Entrevista concedida por João Batista no dia 12 de novembro de 2019, numa tarde ensolarada e quente de terça-feira.

Dila: O que significa pra você ser conselheirista / descendente de conselheirista?

João: Muitas pessoas perguntam. A gente fica sempre se perguntando com relação a hoje, né, o que é ser isso? No período de Conselheiro se remete aos nossos dias também. É não perder a fé, não perder as estribeiras, não desistir, não renunciar aos princípios, e acreditar que há uma esperança. Acho que é não desistir.

Dila: É muito forte e parece que Conselheiro não morre, né? Ele está espalhado pela cidade toda, apesar de uma descrição muito racista de Euclides. Nessa linha, você sabe dizer de quem são as estátuas que estão espalhadas pela cidade? Quem são os artistas?

João: Não tem esse registro. Talvez Joselina saiba a procedência da estátua dela. E a estátua que tem na frente o Museu Histórico é o único que tem a placa com o artista. O do Memorial é uma réplica de uma obra de Mário Cravo.

Dila: E chuva?

João: Chuva tá começando... A gente acredita que aqui pode chegar. Embora o Seu Zé Nobre, José Pereira Nobre, ele diz: “Ói, rapaz, tô preocupado, porque relampejou pra cá pro lado do Norte e dizem que assim chuva não chega.” Tem uma série de coisas assim, bem interessantes.

Dila: Você sente que essa herança de ser conselheirista foi passada pela sua família, pelos seus pais, ou foi algo que foi desenvolvendo já quando adulto? Como é que você se relaciona com isso?

João: O reconhecimento como sendo conselheirista e descendente de conselheiristas foi muito tardia. Porque, por exemplo, tem a disciplina História de Canudos desde 1991, então a gente cresceu tendo essa disciplina na escola. Como até hoje é, a disciplina passou por a gente. E a gente foi crescendo... E como eu cresci longe das minhas raízes, do meu seio materno e dessa descendência, esse reconhecimento veio tarde demais. Ele veio em 2005, só quando eu fui trabalhar no Memorial Antônio Conselheiro foi que eu me reconheci como sendo conselheirista. E professor João Ferreira disse: “Ói, aproveite e vá estudar a sua história”. Pra você ter uma ideia, eu fui descobrir esses dias que eu era parente de João, meu professor. Vim descobrir um dia desses que eu era parente do meu vizinho, Paulo Sapateiro. E como ele é muito

brincalhão ele disse: “Vai, seu fio de corno, você é meu parente!”. Aí tem as histórias de Lampião que é por parte de meu avô, né, que eu chamo Painho, que foi quem me criou. E aí como eu fui criado pelo meu avô materno e minha mãe de criação, eu acabei me distanciando de minha família aqui da Barriguda. Por exemplo, tia Tereza e minha avó, vó Ernestina, elas são sobrinhas do Manelzão, Manoel Ernesto dos Santos. A minha bisavó, Arquelina, é irmã do Manelzão.

Dila: Não é dela que tem uma foto tirada por Pierre Verger?

João: Tem uma fotografia de Pierre Verger, foi feita em 1946, inclusive tive lá na Fundação Pierre Verger e a funcionária procurou no computador pra mostrar a visita de Pierre em Canudos. E pra mim, eu me derramei em lágrimas, né, porque eu achei que só tinha uma fotografia de minha bisavó e aí ela mostrou várias outras fotografias. E ela foi passando, e eu vi uma fotografia que eu fiquei assim boquiaberto, uma fotografia de minha bisavó com um turbante, um sorriso largo, ela sempre sorridente, mas com um sorriso largo, com outra roupa, e eu pensei “Meu Deus, que foto!”, e aí eles me prometeram que iam tentar enviar essa foto para a família e de repente colocarmos aqui no instituto. E aí eu fui crescendo praticamente longe, né, longe da minha avó, da minha bisavó, da minha tia avó, enfim, de todo mundo que morava na Barriguda e que tinha essa descendência direta. E ninguém nunca falava que eu era... seus avós, seu bisavô, seu tataravô estiveram na guerra. Fui descobrir recentemente que minha tataravó foi levada prisioneira junto com a avó de Dona Duru, com a mãe de João de Régis, e com a avó também de João de Régis, sobreviventes da guerra. As mulheres que foram levadas como prisioneiras. Então, teve o salvo conduto que foi dado à mãe de João de Régis e foi dado também à minha tataravó.

Dila: O que é esse Salvo Conduto?

João: O Salvo Conduto é uma carta, assim, como elas foram trabalhar em casa de família, né, pelo Comitê, então Lélis Piedade [jornalista e correspondente de guerra e secretário do Comitê Patriótico da Bahia]. É como se fosse uma ordem de segurança, para que elas fossem trazidas de volta em segurança para o sertão. O Comitê apoiou muitas né, então as mulheres que foram acolhidas pelo Comitê tiveram um destino completamente diferente. Mas aquelas que foram levadas por soldados, foram deixadas nos bordéis, elas tiveram um futuro um pouco incerto. Essas mulheres retornam pra Canudos, a mãe do João de Régis se encontra com seu esposo, e aí constituem família nas Umburanas. A família começa a crescer pelas bandas da Baixa da Areia, Barriguda, Angico [povoados perto de Canudos]. E aí, assim, 2005 foi que eu comecei a estudar, entender um pouco, e aí fui adquirindo um pouco mais de conhecimento, fui conversar com minha tia avó. E minha tia avó [Tia Tereza] tem uma memória um pouco mais apurada do que a minha avó. Minha vó era a ovelha negra, era meio perdida e incerta. Vó era terrível, deixava os meninos e meu avô e se mandava no mundo. Ia

pra São Paulo e ficava um tempo. E foi nessa coisa toda que meu avô contraiu outro casamento, com Maria Vitalina. E meu avô criou as filhas, a minha mãe e tudo com Maria Vitalina, e é ela que eu chamo de Mainha, né. E aí Mainha foi quem ajudou meu avô a criar as filhas durante um tempo. Aí minha mãe casou, me teve e depois ela separou do meu pai, foi morar em Juazeiro e eu fiquei sendo criado por meu avô e por Mainha. E nesse distanciamento que eu fui praticamente desprendendo, ou seja, fui desligando da família de certa forma. E fiquei distante durante muito tempo. Então tem parente da gente, tio meu, irmão de minha avó, que eu fui conhecer dois anos atrás, a partir dessa busca, né. Então, por exemplo, eu adquiri o livro publicado pelo Instituto Moreira Sales, o Caderno de Fotografia Brasileira, edição Canudos, levei lá, mostrei a foto, foi aquela emoção toda né, porque tinha a fotografia da minha bisavó Arquelina Maria da Conceição no livro, e quando ela [Tia Tereza] viu ela se emocionou, e imagine se ela visse a outra foto!

Dila: E essa é uma foto que é bem divulgada, né?

João: Essa foto na verdade nem é tão divulgada, aquela foto que tá no Alto das Memórias [no Parque Estadual de Canudos] é de Maria Avelina. E aí assim, com relação à questão do conselheirismo eu até escrevi aqui pra uma colega, ela perguntou o que era ser conselheirista, aí eu disse a ela: é acreditar em uma vida melhor, mais digna, livre da opressão, dos mandos e desmandos. Acredito que o conselheirismo seria tudo o que nutria o sentimento de luta e resistência, que alimentava o pensamento de uma utopia de algo impossível, mas que estava sendo vivido ali no Belo Monte.

Dila: Bem respondido!

João: Acredito que o conselheirismo fosse isso, é o que nutre esse sentimento. Ser conselheirista hoje é tudo isso. E realmente eu me distanciei muito por um tempo, aí pra se aproximar é um processo muito difícil, embora eu sempre tive uma relação com todos porque às vezes eu ia lá na casa de Tia Tereza, mas nunca questioneei sobre nada porque...

Dila: E ela contava coisas da cidade, da memória, guerra, alguma coisa?

João: A partir do momento em que eu comecei a estudar um pouquinho acerca de algumas coisas, ela conta. Então assim, ela é uma pessoa muito aberta, muito devota, religiosa, 6hs da manhã e 6hs da tarde ela tá com o terço na mão.

Dila: E ela mora aonde?

João: Mora na Barriguda. Ela diz que é na Baixa da Areia, que antes era Barriguda. Ela tá lá. Tem tio Maurício também que é uma pessoa muito devota, ligada à figura do São José, e assim, dentro da Baixa do Areal é uma pessoa que participa da procissão de São José que vai até uma lagoa lá na Barriguda. E aí tem o santo e aquela coisa

toda, esperando a chuva chegar. Então são pessoas assim que eu sempre vou lá, converso, aquela conversa gostosa... Gostam de contar história, são muito alegres, muito sorridentes. Tia Tereza é uma pessoa fantástica. Tem uma resistência assim que cê... mesmo com a idade que está, 78, mais ou menos, é uma pessoa muito forte. Na infância parece que ela foi picada por uma cobra e aí meu bisavô, que chamam de Zé Bebelho, ele era uma espécie de curador. Aí ele foi lá, fumo tal, cuspiu e tal e botou lá na picada, ela ficou boa e aquela coisa toda. Então tem muitas histórias assim, tanto da relação com a minha bisavó com a segunda Canudos, porque ela morou na segunda Canudos, como também da saída, ela casou, foi morar na Barriguda...

Dila: Você já assistiu Narradores de Javé? Eu me inspiro muito nesse filme por causa da pluralidade das histórias. Não importa muito qual é a verdade, talvez não exista uma verdade. Eu não quero desmentir ninguém, a minha ideia é poder a versão de cada um pois acredito que todas as versões são verdadeiras, acho que a história de Canudos, e eu peço licença até pra dizer, mas tudo o que eu venho lendo, essa profusão de coisas, de fatos de lembranças de memórias... Por isso eu não quero, por exemplo, entrevistar só os idosos. Acredito que todo mundo é guardião da memória de uma certa forma. Os idosos são muito interessantes, porque são eles que passam a história adiante, né...

João: E o interessante dos Narradores de Javé é que ela acaba sendo inundada porque nessa briga de quem, né... eles acabam não escrevendo a sua história. E aí como ela precisava estar escrita de forma científica, ela acaba sendo inundada. Acaba não tendo essa memória preservada. Acaba confiando a história na mão de alguém que não tivesse o mesmo sentimento ou apego pela história. Acaba essa história sendo despertada muito tardiamente, também, né? Esse interesse só partiu depois que eles souberam que a cidade ia ser apagada.

Dila: Mas eles se unem, de uma certa forma...

João: E aí é interessante você falar de Narradores de Javé, porque assim, minha sogra, o pai dela trabalhou no DNOCS, e ela chegou ainda a morar um tempo na segunda Canudos quando era criança e a cidade dela também foi inundada pelas águas. E eu até brinco com ela: “a senhora é da Rodelas Velha ou da Rodelas Nova?”

Dila: Que cidade é essa?

João: Rodelas, foi inundada pelo São Francisco. Mas lá a história foi diferente porque o seguinte, a CHESF, no caso lá foi a CHESF, só inundou a Rodelas depois que construiu uma outra cidade. Eles construíram uma cidade nova, que eles chamam de Rodelas Nova, com igreja, com casa, arruamento, praça e tudo mais... Depois que construíram e todo mundo se mudou pra nova cidade foi que inundaram a cidade. Dona Mércia conta, a minha sogra, que a igreja lá e o cemitério dos caboclos provavelmente

tinham sido reformados por Antônio Conselheiro. Ele passou por Chorrochó, e fica próximo ali de Abaré, né. Quando o nível d'água fica um pouco baixo você consegue ver por exemplo a parte da igreja, o cemitério, caixa d'água.

Dila: Foi quando, você sabe? Em que década mais ou menos? Foi depois de Canudos?

João: Não me recordo. Acho que foi depois de Canudos. Foi depois. Inclusive até baixei lá pra ela assistir sobre a história de Rodelas, a inundação. Rodelas é bem interessante porque assim, tem lá por exemplo o aldeamento dos... dos... esqueci o nome da etnia... meu pai do céu! Tem os Quiriris que são daqui de Mirandela...

Dila: Sim, tem as duas tribos principais que foram acolhidas por Antônio Conselheiro não é isso?

João: Os Tuxás! Tuxás! Então ainda tem lá o aldeamento dos Tuxás na beira do São Francisco, do rio lá que é em Rodelas. Tem toda essa coisa lá em Rodelas. Então é interessante que ela morou lá nas Rodelas e aí hoje ela mora aqui há muito tempo, veio nessa primeira levada de professores que vieram lecionar na terceira Canudos. E aí Narradores de Javé tem essa relação da cidade que é apagada, que é coberta pelas águas.

Dila: Acho que uma outra pergunta que eu queria lhe fazer acho que tem a ver com isso, um pouco de Narradores de Javé, no sentido de que tudo bem você não ter vivido na segunda Canudos, eu acho que você tem uma relação tão forte com a sua cidade que eu lhe pergunto: o que é que você sente quando você vê as ruínas da Velha Canudos, o que lhe vem à cabeça?

João: Me fizeram uma pergunta um dia desses, sobre o que eu sentia quando eu via a cruz aqui né, e toda vez que as ruínas aparecem, de certa forma, são os resquícios, os vestígios da memória que fica a todo momento nos lembrando que algo precisa ser dito ainda. Que continua viva e que a história precisa ser ainda contada, ou seja, as coisas não terminaram ainda, essa história ainda precisa de um brilho, algo precisa ser dito ainda. Então toda vez que eu vejo as ruínas reaparecendo é como se esse grito das pessoas que viveram na primeira e tiveram seus ossos cobertos pela água também, é como se tivessem gritando ainda, dizendo que Belo Monte não morreu, que a história continua viva e que a memória deles precisa ser lembrada. Então é como se a resistência, a fé, a luta continuassem ali ainda, sempre ecoando.

Dila: Eu fico quase intrigada assim, porque na verdade ao longo da minha pesquisa fica muito pulsante essa contradição: quando a cidade reaparece, significa que não chove. Então assim, é uma coisa boa ela reaparecer, mas a água é muito... e não sei nem se posso dizer que a água é muito melhor. Mas essa contradição eu fico às vezes sem dormir porque eu penso, querendo ou não quando a cidade fica embaixo d'água é porque choveu e a chuva é alimento...

João: É benção.

Dila: Mas por outro lado... A construção do açude, a inundação foi uma coisa feita pelo homem, pelo governo, pelo poder público que mandou inundar. A cidade tanto quando ela aparece quando como ela desaparece, é Deus, né?

João: O interessante é que é que o Eldon Canário e o Manoel Neto trazem nos seus textos algo bem forte. O Manoel Neto, por exemplo, vai nos dizer que tentaram com a construção da represa apagar a memória de Canudos, ou seja, esconder a ferida, a chaga que foi aberta durante a República o período da Guerra e tudo mais. Mas assim, o interessante é que depois que as ruínas apareceram pela primeira vez no período de 1996 a 1999, que é quando elas começam a aparecer, quase vinte anos depois da inundação em 1969, quase 30 anos depois, na verdade, ela reaparece como se estivesse realmente gritando, ou seja, aqui aconteceu algo. E aí foi quando aconteceu o boom em 97, em que filmes são lançados, livros, o centenário de 97 foi algo assim, extraordinário.

Dila: E foi em 97 mesmo que ela apareceu? Que coisa extraordinária.

João: É, é uma coisa incrível, porque 100 anos depois ela aparece e com ela surge a frase: “Nem a guerra nem as águas conseguem apagar as grandes ideias.”

Dila: De quem é essa frase?

João: Foi durante a Romaria, Autor Desconhecido [risos]. E durante esse período, depois que ela é coberta pelas águas, isso em 2000, os períodos de reaparecimento foram encurtando, de quatro em quatro anos ...De cinco em cinco anos... De três em três anos... De dois em dois anos... De ano em ano agora ela sempre dá uma reaparecidazinha. É como se ela estivesse cobrando mais forte ainda, ela cobrou depois de 30 anos, agora está cobrando de cinco em cinco, está mais intensa a coisa. E aí as pessoas perguntam: “Você prefere que ela fique fora ou debaixo das águas?” Aí eu digo, olhe, como há um processo muito terrível de degradação e de depredação do patrimônio que está lá, é como se eles dissessem: “que fique lá, porque a gente sabe que está lá.” E aí assim, toda vez que ela reaparece, as pessoas perdem a noção de que ali é algo importante da memória, do povo, e mesmo não tendo ali, por exemplo, todas as paredes, e as casas, as pessoas vão para lá e acampam, fazem fogueiras em cima das ruínas. não tem controle. Então, infelizmente, que fique lá debaixo das águas. Claude me disse algo uma vez, quando ele começou a registrar as ruínas do cemitério, toda semana ele acompanhava todo o processo, a questão das águas baixando, ele fotografou todas as catacumbas, ou as carneiras, como eles dizem aqui.

Dila: O que é isso?

João: São as covas. Ele fotografou todas, todos os detalhes.

Dila: E tem acesso ao acervo dele? Acho que é privado né?

João: O acervo de Claude é cuidado por Pedro, filho dele, mas uma grande parte foi vendida ao Instituto Moreira Salles, os direitos autorais de parte das fotografias pertencem hoje ao Instituto. Algumas fotografias foram lançadas nesse livro, o caderno de fotografias [Caderno de Fotografias Brasileiras — Canudos]. Aí o que acontece é que Claude registrou tudo, né, e uma semana depois ele voltou lá e tava tudo remexido, as pessoas estavam quebrando os muros nas ruínas para buscar ouro, ou um tesouro, ou alguma coisa... E aí ele ficou horrorizado. E não é muito diferente hoje em dia, as pessoas vêm e sobem, leva uma pedra, um tijolo, querem escavar, querem às vezes até com boa intenção, restaurar, E aí acabam jogando cimento... E aí desconstrói... querem construir desconstruindo. E aí é problema. Por exemplo, Euclides diz que “estamos condenados a civilização, ou progredimos ou desaparecemos “, é algo que está ainda visível, as pessoas destroem para... tem a questão da energia eólica, das barragens que destruíram uma cidade porque o progresso estava chegando. Então todas as vezes que as ruínas reaparecem a gente fica... Primeiro é uma emoção, porque tá ali né. Ainda. E aí é como o Eldon diz: “Eu não vivi lá”, ou seja, eu não vivi, João Batista mas é como Eldon Canário diz no documentário, no livro também: “Eu tô aqui em cima, mas eu não posso mais, por exemplo, ir na igreja aonde foi batizado, aonde os meus pais casaram eu não posso mais ir no campinho aonde eu jogava bola, eu não posso mais, enfim, uma série de coisas”, e aí tem o documentário *O sino dobra em Canudos*, aonde Dona Hermenegilda vai dizer como “não poderei mais visitar os meus”, ou seja, todos os familiares dela já tinham falecido, morrido, e a coisa que sobrava para ela era visitá-los no cemitério . E nesse documentário você vê uma missa sendo celebrada nas ruínas de Canudos pelo padre de Euclides da Cunha, em 1963 ou 1962. O documentário começa lá no Rio de Janeiro. Esqueci o nome do cara.

Dila: Fiquei imaginando uma missa sendo celebrada ali.

João: Seria interessante reviver ir isso, né. E aí, o nome do filme, *O sino dobra em Canudos* é de 1962, de Carlos Gaspar. E aí ele começa a história recontando sobre Rio de Janeiro, e aí vem para cá para o Sertão e aí começa... É uma coisa tipo fantasmagórica aquele vento uivando, e aí ele começa: “Canudos desaparecerá sob as águas.” Aquela coisa bem forte, ele mostra os funcionários do DNOCS trabalhando naquela represa, no represamento, E aí algo assim, muito doido.

Dila: Basicamente era isso que eu queria perguntar, são perguntas simples, que é para ir compondo assim mesmo, porque eu acho que ouvir é muito importante.

João: E assim, a gente ainda vive um distanciamento muito grande da nossa memória. Teve uma visita aqui do Fernando Pessoa, e da Juliana Pessoa, ela é uma artista

plástica e ele é professor de filosofia da Universidade Federal do Espírito Santo. E aí ele fez uma pergunta até interessante né: “Qual o mais importante, as raízes ou a terra?” Eu até disse: “acho que as raízes, né?” Aí ele disse: “Não, a terra. Sem a terra as raízes não sobrevivem.” As raízes precisam da terra, de algo para poder sobreviver e se alimentar.

Dila: Mas tem raiz que vive na água, né?

João: É, tem raiz que vive na água... Mas eu entendi, né, porque a... é aquela questão da terra, do lugar, né... Se eu não cuido da terra, do lugar, é como se as minhas raízes não perdurassem...

Dila: No sentido do cuidado, né, que ele quiz dizer.

João: Sim, no sentido do cuidado. E aí as pessoas talvez não tenham esse senso de cuidado, né. Isso, olhando pra minha pessoa mesmo, e o próprio povo de Canudos, com relação a isso. Os jovens não têm mais... Os professores têm sentido dificuldade em nutrir esse sentimento também nos alunos, e eu entendo também que realmente é muito difícil. Embora muitos jovens e crianças tenham uma relação de descendência com Canudos, com a primeira cidade, tem a história da terceira Canudos, e eles não conseguem entender a importância disso, de sua história. E assim, em todos os lugares, né. E aí valoriza muito mais a história do outro do que a nossa própria.

Dila: É, e mesmo em Salvador, né. Acho que o Brasil, de um modo geral, ensina muito a história da Europa, né. É a história europeia, a gente aprende a Primeira Guerra, a Segunda Guerra, e a história da África? Da Ásia? De outros lugares? É tudo Estados Unidos e Europa. É essa História que a gente aprende...

João: Aquela coisa do determinismo, né?

Dila: Mesmo os nossos vizinhos aqui, Bolívia, Venezuela, Argentina, Chile... A América Latina, a gente sabe muito pouco da história.

João: Aí é complicado, porque se tem uma disciplina que tem uma aula por semana, 45 minutos, que é a História de Canudos. Por exemplo, o professor entra na sala de aula, se for passar um vídeo ou alguma coisa, só pra montar o equipamento dentro da sala de aula demora 15 minutos, aí fica 30 minutos de aula, e é muito ruim, você tem pouco tempo pra trabalhar uma disciplina que tem uma densidade.. Aí a dificuldade agora, por exemplo, você tem documentários... Um documentário geralmente tem em torno de uma hora, 70 minutos... É o caso do documentário *O mar de Antônio Peregrino* que é duas horas e 40 minutos, se não me engano. Aí como é que você vai passar um negócio desses? Aí tem que fragmentar... Aí cê perde. A ideia é pegar um filme desses e fragmentar a partir de temas: vai falar sobre Conselheiro, fragmenta. Vai falar sobre... É muito difícil.

Dila: Você pensa em dar aula, João?

João: Eu penso, eu já cheguei a dar aula durante um ano numa escola particular, a disciplina História de Canudos, né. Só que assim, eu trabalhava como vigilante e dava aula. Aí no dia que eu dava aula, que era uma sexta-feira, eu tinha que pagar alguém pra trabalhar pra mim. Aí eu pagava 50 e ganhava 36 [risos]. Então assim... E foi 1 ano desse jeito. Foi puxado. Então eu pagava 50... Ganhava 36, e ficava naquele negócio. Trabalhei durante 1 ano, aí como tava terminando o curso de história também e aquela coisa toda, tava muito pesado, aí eu falei: “não, vou parar um pouquinho.” Aí entreguei a disciplina. Mas dei aula de História Geral, História do Brasil aqui no colégio Alvares Cabral, tirando a licença maternidade da professora Betânia durante seis meses. Trabalhei num projeto do [ininteligível], projetos estruturantes da escola, trabalho falando especificamente sobre a história de Canudos, então.

Dila: E agora você tá aqui no IPMC, você tá no Parque?

João: É, eu tô no Instituto Popular, eu sou membro do Instituto Popular e Memorial de Canudos e no parque eu atuo como guia. As pessoas ligam, querem visitar o Parque, agendam...

Dila: E como é que tá essa coisa da visitaçãõ na época da Feira [FLICAN], tá rolando?

João: Tá, eu especificamente não tô fazendo muita visitaçãõ, eu tenho uma excursãõ agendada para o dia 22 durante a Feira, mas como a mesa que eu vou participar é pela manhã, eu já passei pra outra pessoa, pra outro guia, passei pra Paulo Régis.

Dila: Pronto, meu amigo, mas era isso mesmo, mais ou menos as mesmas perguntas que eu fiz pra você é o que vou fazer para as outras pessoas. E lhe agradeço imensamente.

João: Eu que lhe agradeço por tudo.”

APÊNDICE B - ENTREVISTA “L”

Entrevista concedida por “L” (mulher, 60 anos) realizada no dia 18 de novembro de 2019, numa manhã enevoadada de segunda-feira, na casa dela, localizada numa ilha fantástica, próxima à cidade de Canudos (uns 10km). Com a presença de “D(b)” e “C” na sala.

Dila: Se você não se importar, eu pego aqui meu caderninho pra ir anotando, porque a memória é um negócio que às vezes não grava, não... [risos]. Mas, olha, lhe agradeço mesmo de coração...

“L”: Eu é que agradeço conhecer vocês, isso aqui pra mim é um prazer enorme, imenso mesmo, pode acreditar.

“D(b)”: E eu também não me apresentei, né? Eu sou “D(b)”, eu também não sou de Canudos e também não sou de Salvador, eu sou de mais longe, eu sou do Maranhão e morava em São Paulo há mais ou menos 13 anos. E daí eu vim pra cá pra trabalhar com as araras e com as comunidades onde tem arara, e esse mês eu vim de mudança, tô morando agora em Canudos por conta do projeto da arara. E aí a gente se conheceu através do projeto e a gente tá fazendo um trabalho juntas.

“L”: Com certeza, é a parceria de os trabalhos serem juntos.

“D(b)”: Isso, ela tá me ajudando no trabalho da arara e eu tô ajudando ela [conversas sobrepostas]

“L”: Você ajuda ela e ela lhe ajuda. Cada uma faz um pouquinho de uma coisinha aqui e outra acolá e vai fazendo o papel da história.

Dila: E a gente se conheceu... Eu vim em Canudos pela primeira vez em dezembro do ano passado. Aí eu me apaixonei, não queria mais ir embora. Voltei em maio, aí conheci ela e parece que a gente é amiga da vida toda, em dez minutos ficamos amigas e infância. Aí pronto, eu ajudo ela no trabalho dela, ela me ajuda no meu trabalho... Então assim, também, se a senhora tiver qualquer dúvida pode me perguntar. Eu sou estudante da Universidade né, lá de Salvador, e aí quero, assim, ouvir as histórias, né? Eu fico um pouco com medo de que as histórias se percam, porque é muito importante, Canudos tem uma história muito importante, e a gente não quer se deixar perder. E aí o “C” me falou, e agradeço também, viu, “C”? Por fazer essa ponte. Então assim, a primeira pergunta que eu lhe faço é: o que é que você se lembra, você já contou do casamento de sua irmã que eu achei fantástico!

“L”: Ele já não alcançou a cidade de Canudos, o vô dele alcançou. Só que eu já alcancei a cidade.

Dila: Você chegou a ver! Ainda se lembra?

“L”: Lembro, lembro até da procissão que o pessoal vinha, indo pra igreja, eu lembro, assim, tinha um lugarzinho, assim, do padre. Eu era criança, mas lembro como se fosse agora. Aquele tempo era que nem na igreja evangélica ainda hoje usa: todo mundo com lenço, né, montadinho aqui, por exemplo, nós ia nós 3 aqui né, se nós ia desamparada daquele lenço, as famílias que tava na frente ajoelhada com aquele lenço, a gente chegava se ajoelhava, podia ser adulto, podia ser criança, aquela pontinha daquele lenço tinha que passar pra todo mundo. A gente ficava amparada com aquele lenço, com aquele véuzinho bem branquinho, todo fininho, parecendo mosquiteiro, né, todo branquinho. Aí todo mundo era ali, ajoelhado, o padre fazendo pergunta, o padre orando por nós ali, pelas famílias e por todos. Chegava aquele momento, ele falava: “agora vou fazer a confissão dos noivos”. Aí eram chamados o noivo e a noiva. Ele sentava a noiva do lado, aí perguntava a ela...

Dila: Isso era a tua irmã?

“L”: ...sobre os pecados, o que era que tinha se passado na vida dela, se ela já tinha namorado mais outras pessoas, e era assim.

Dila: Perguntava tudo!

“L”: Tudo! E aí ele fazia aquela aquela confissão muito bonita, depois ele falava assim: “pronto, agora você já tá feita a sua confissão, agora vem o noivo...”. Aí perguntava pra ele também o mesmo significado que perguntava pra noiva. E dali ele ia fazer a preparação do casório, marcava a hora do casamento, e aí vinha aquele pessoal levando aquela noiva, que nem hoje ainda levam, né, os pais levam, os padrinhos é que levavam. Hoje, a presença do pai, né, que hoje eu tenho minha filha pra casar, mas como ela não tem mais pai, pode ser o cunhado ou pode ser o irmão dela que vai se apresentar no lugar do pai dela. Já ele não, tem mãe, ele a mãe vai trazer pra os dois se encontrar no altar, ou no cartório, pra se casarem ali. Antigamente, não, quem levava era os testemunha, o pai acompanhava, mas quem levava era os testemunha até aquele casório.

Dila: Olha aí, eu não sabia disso, não. E foi naquela igreja que reaparece, aquela dos arcos?

“L”: A igreja que quando o açude seca ela fica de fora.

Dila: E a senhora já foi lá?

“L”: Já tive lá! Ali nos já fizemos... Eu trabalhei 3 anos na comunidade depois de ela seca.

Dila: Foi? E trabalhou como, me conte?

“**L**”: É, a gente assim, digamos assim, eu vou começar assim um pouquinho sobre a colônia, nossa amizade foi que nem você falou aí, começamos a frequentar, a gente já era católico, frequenta a igreja... E aí as irmã, começaram a vir as irmã Deliri, a irmã Gelda, a irmã Verônica, e aí elas sempre só viviam juntinho com a gente. Aí um certo dia ela falou assim pra gente: devidamente [devido ao] sofrimento de açude, dos pescadores, ela falou assim: “meus queridos, o que é que falta, o que é que vocês querem de bom pra dentro desse açude, pra um pescador ter um papel, um documento, qualquer coisa..”. A gente falou: “hum, eu acho que seja a mesma forma de um sindicato, uma associação.” Pronto, como é que nós vamos formar essa associação? Aí eu olhei assim pra meu esposo e falei: “Eu acho assim, que a gente devia pegar um catecismo, sair nas casas, rezando, orando e fazendo oração e chamando o pessoal e palestrando, contando as histórias, e como é que pode melhorar nossa vida dentro do açude”. Aí ela falou: “ótimo, isso!” Aí ela apelidou eu até mais meu esposo pelo apelido Lampião e Maria Bonita! [risos]. A Maria Bonita e o Lampião teve uma fama porque são uns guerreiros. Vai entrando nessa luta mais nós. Vamos. E dessa luta a gente começou. O primeiro ponto que nós fomos foi no açude mesmo, debaixo de um pé de árvore, que tinha um rapaz que ele tomava muita cachaça, ele e a esposa dele, e dentro disso a gente tirou eles da cachaça. Dentro dessa ‘evangelização’ [ininteligível]. De orar, e depois ir chamando eles e falando pra eles que ia ser muito bom que eles deixassem aquela cachaça pra nos ajudar nesse trabalho que nós tava fazendo. E aí a gente saía, por exemplo, hoje eu ia na casa de Marcele, amanhã nós vamos pra casa da nossa amiga, amanhã nós vamos pra outra, e assim fomos. Aí que quando a gente conquistou na faixa de umas 10 pessoas, eu e meu esposo e uma vizinha, a gente falou assim “qual é o nosso ponto agora?”, e aí a irmã falou “Canudos Velho... Que lá é aonde tem a maioria, lá é onde está a história de Canudos Velho...”. Fomos. Chegamos lá e encontramos seu Dido e Dona Madalena. Aí falamos assim “Seu Dido, aqui a gente tá fazendo esses encontros, nessa formação...”

Dila: Eles eram moradores de Canudos Velho?

“**L**”: Exatamente, de Canudos Velho. E a gente só tem uma dificuldade um pouquinho, que é um ponto pra nós fazer reunião. Aí ele disse “pronto, nós damos aqui um quartinho pra vocês fazerem”. E a gente vamo entrar na luta também. E aí fomos convidando ali o pessoal daquela comunidadezinha ali e foram se interessando. E aí foi a gente foi lendo uns livros e histórias pra eles, um pouquinho de estatuto pra eles e eles foram se interessando e ali foi se encaixando. Aí ela falou bem assim “a gente vai ter que registrar a colônia Z-45”, e assim fomos, em 85 ela foi registrada.

Dila: Colônia Z-45, que era esse grupo, né? E foi de quando, de que época mais ou menos?

“L”: Era esse grupo. Aí a gente começou... a data assim eu não tenho muita lembrança.

Dila: Não, não precisa da data exata, não...

“L”: ...eu sei que isso é na cerca de uns 6 meses a gente já tinha uma multidão na colônia. Aí nós falamos bem assim, olha, vai vir um pessoal, antes, pra trás, já tinha vindo um pessoal do IBAMA.

Dila: Mas isso foi depois da cidade já estar dentro da água?

“L”: Sim, já tava dentro da água já, cobertinho. Aí na seca de 99, aí foi uma seca que nós todos da região ficamos apavorados, nunca vi. Lugares que eu nunca vi no seco, durante o período que ele encheu, e eu vi, passava assim... A minha filha vinha dar aula e ela vinha era passando por aqui, eu ficava aqui e quando ela vinha e beirava assim aonde tem aquela caixa que a gente avista aqui, ela passava aqui e eu dizia “ó a minha filha aonde já vem, 4 horas da tarde e ela passava ali no seco, tudo seco. Aí a gente foi, lá a gente fez a Romaria, lá a gente foi uma multidão de gente pra Romaria, que era aquelas romaria, a gente foi lá, tiremos bastante foto, aquela coisa impressionante aquilo ali, tudo no sequinho, tudo, tudo... As irmã, aí falou assim, muita gente chorou quando viu aquilo ali, meu vô enterrado lá, minha avó enterrada lá no Canudos Velho, eu tenho uma irmã que é enterrada em Canudos Velho, quando era criança, já no outro lá de cima... Agora debaixo d’água, meu vô ta ali, minha vó... A família de meu pai tá quase toda ali, enterrada naquele cemitério. E aí, Deus do céu, meu pai falava assim: “ói, meus fio... Quando começou essa guerra foi uma coisa...” ele falava: “ói, eles fizeram jirau, os jagunços fizeram jirau” e aí foi uma briga terrível, ele falava. O primeiro encontro deles foi no Uauá, foi tanto derramamento de sangue, muito mesmo. E aí os jagunços tentando vencer aquela briga. Aí eu chegava e perguntava pro meu pai: “meu pai, e as arma era o quê?” e ele falava: “ah, minha fia, era facão de pau, era bico de pau e as bate bucho, né, as espingardas. Daqui que eles carregassem aquelas espingardas os soldados venciam eles”. Né, que já vinham com as armas potentes, boas. Aí eles corriam, minha fia, com as coberta [ininteligível] “pra quê, papai?” Pra cobrir a boca do canhão. E lá morria todo mundo. Eu falei “meu Deus do céu”. Aí do meio pro fim, minha fia, muitos correram. Aí ele falou, e eu não conheço muito bem a toca, né, a pedra, que ele disse que eles chegou aí. Aí muitos correram, minha fia, e escondeu nessa toda. Eu tive lá nessa toca, e é assim, você vai andando, vai andando, vai andando, que é aqui no Caipó. Cê vai andando, vai andando, e quando chega em certo mês você não pode entrar mais, porque ela vai ficando escura, escura, escura e você não vai. Até que eu cheguei a passar em algum lugar que eu tive que ir com vela pra iluminar ela porque é escuro lá dentro. Meu pai dizia. E assim, minha fia, eu sei que se acabou milhares de famílias. Aí pronto, foi quando eu... é...meu sogro contava essa mesma história, disse: “eu tive um parente que chamava Geromão, ele brigou, não guentou mais, ele correu, foi pra Canudos

Velho e de lá quando ele ficou bem velhinho, quando ele atirava dizia assim, ói, gente, Geromão tá vivo, ele hoje experimentou a arma dele lá que ele carregava [...] eu tô falando é sério, ele carregava, cê olhava e via as coisas lá embaixo, o chumbo que ele botava, e era aquele mundo assim na espingarda. E eu falei, meu Deus do céu, oh vovô, e morreu muita gente? Morreu. Aí ele tinha um tio que chamava Dandá, o povo aqui conheceu muito, ele um dia falou assim “minha filha, eu vou lhe mostrar a revista da guerra”. Ele me mostrou. Aí ele falou bem assim: “ta vendo esse soldado aqui, foi esses três soldados aqui que sobrou, de resto morreram todos eles. Eu falei “Meu Jesus do céu. Tio Dandá, foi mesmo?” Ele disse “foi, minha fia, só esses aqui ficaram pra contar a história da guerra, porque só eles que escaparam. Depois vieram e mataram todos os 3. Aí acabou, como diz a história, eles não ficaram pra contar, mas a história da guerra se acabou-se todo mundo”. Eu digo, meu Deus do céu... Aí pronto, como vêm as Romaria, a gente frequentou todos os lugares. Eu cheguei a chorar. Eu andando assim, minha sogra, meu sogro, ele pegava assim as coisas, que ele falava “ói, minha fia, aqui é as casca das balas dos canhão...” E eu falei “ô meu deus do céu, vovô, e não escapava ninguém, não?” “Não, minha filha, não”. Aí ele andando assim, ele falou bem assim “ói, aqui chamava-se a Lagoa do Sangue. Aqui morreu tanta gente que o sangue dava em cima, na meia perna da gente.” Eu falei “ô meu senhor, não meu vô, não fala isso - que eu chamava meu sogro de vô, né”. Mas eu tô dizendo pra você, minha filha. Aí aqui chama-se a Lagoa do Sangue.

Dila: A senhora chegou a ir, né?

“**L**”: Fui. Tive lá no local.

Dila: Eu fui, João Batista me levou. E tava ainda com um pouquinho d’água.

“**L**”: Pois exatamente. Aí eu digo “ô Jesus do céu”, aí ele falou assim “ó minha fia, aí aquele pessoal ali não pode levar nem uma coisa disso aqui” - aquilo que tem lá no parque né [imagino que sejam as cápsulas das balas]. Vocês podem olhar e deixa lá. E meu sogro, que tinha muito conhecimento daquilo, mostrando pra gente, apresentando tudo aquilo ali. Muita gente chorou, chorou, chorou mesmo quando viu aquilo ali. Ele disse “ói, meus fio, isso aqui foi uma acabação. Aí ele falou assim, que muitas famílias conseguiram correr com suas crianças, fugiram, e outros não teve pra onde sair d’ojeito nenhum, se acabou-se todo mundo. Aí eu ainda alcancei Canudos Velho no seco, ainda andei, pra mim eu tô vendo...”

Dila: E a senhora sentiu o que, assim, quando a senhora viu? Porque eu fiquei muito impressionada quando eu vi aquela igreja. O que a senhora sentiu?

“**L**”: Exatamente. Assim, às vezes eu até comento pra meus filhos, eu falo assim: “meus filho, quando eu vejo falar de Canudos Velho que eu lembro assim que eu andei aquilo ali em terra seca e eu vejo hoje assim coberto, dá uma emoção.” A minha irmã

mais velha Aline entrou prontinha, 4 horas da tarde pra se casar ali. Era muita gente acompanhando o casamento, eu criança assim, com uns 7 a... de 6 a 7 anos de idade, eu ia pegada no véu dela. Eu falei assim, isso, meu fio, é muito triste, aquelas parede muito bem feita, porque ela tá o formato dela todinho, e não caiu ainda. Aí depois das Romaria, inclusive, a gente teve o prazer e a honra de conhecer a madeira que foi barrada, a gente viu, essa que hoje tá aqui em Canudos...

Dila: A madeira da discórdia...

“L”: Lembro como se fosse agora, quando foram tirar, que ela encheu, que trouxeram Santo Antônio pra Canudos... Era muita missão, a gente que morava aqui que hoje tá tudo debaixo d’água, da casa de meu pai, eu criança, mas vendo todo mundo, a família de meu pai tava lá. Aí meu pai falou assim: “ó, minha fia, tá mudando de Canudos Velho pra Canudos Novo”, que na época aqui era Cocorobó. Hoje aqui vai ser chamado Canudos Novo... Novas Canudos. Meu pai falava isso pra gente. Ele deixava tudo bem explicadinho pra gente. Eu falava assim: “porque, papai?” E ele falava assim: “não, porque lá existiu a guerra, hoje tá coberta, não existe mais Canudos... Pode existir, assim, o nome Canudos Velho, e aqui Nova Canudos. Cocorobó vai morrer no papel, mesmo assim.” Aí ele falava bem assim: “olhe, meus filho, é muito difícil a gente falar o tanto de coisa que aconteceu nessa guerra... Muito difícil, muito difícil mesmo. Foi muitas expedições que veio pra acabar com isso aí. Aí eu perguntei “papai, e Antônio Conselheiro, pra onde ele foi? Que fim teve ele?” — “Pra isso, minha fia, não tem explicação. Isso ninguém sabe... Ninguém sabe lhe dar essa explicação. Porque Antônio Conselheiro, dizem que ele desapareceu. Veio uma beija-flor, contam que aquela beija-flor deu um sinal pra ele, e ele desapareceu.” — “Ele não foi morto na guerra”, meu pai falou bem assim. Ele desapareceu, ninguém sabe.

Dila: Essa ia ser a minha outra pergunta pra você, o que é que você tem a dizer de Antônio Conselheiro?

“L”: Exatamente. Aí eu falei: “Papai, ninguém sabe assim?” — “Quando a isso não... eu, minha filha, até o ponto que eu sei lhe dizer é só isso aí. Por essa curiosidade, por você ser uma criança e querer saber um pouquinho da guerra... É isso que eu tô te falando.” Aí eu falei bem assim, cheguei aqui e fiz a mesma pergunta, eu tenho um livrinho, a gente também [ininteligível] aí eu falei: “Meu vô, eu vou te fazer uma pergunta, o que aconteceu com o Conselheiro?” Aí ele falou: “Essa é a pergunta mais importante que as pessoas perguntam. Ói, minha fia, Antônio Conselheiro, assim, quando ele viu tanta coisa terrível da guerra, ele se sentiu muito pressionado com aquilo ali, ele adoeceu. E desse problema que ele teve, ele... entrou uma beija-flor e dali ele desapareceu. Ele foi levado por algo, alguma coisa, que ninguém viu pra onde ele foi.” Aí eu falei: “Meu pai falava essa mesma história, só que meu pai não falou que ele tinha adoecido.” — “Não, ele adoeceu de tanta coisa que ele viu ele ficou doente,

ficou adoentado.” Eu digo: “Meu Deus do céu.” Aí eu digo: “Sim, meu vô, e meu pai me contou, mas Antônio Conselheiro fazia o que em Canudos, assim, tão de bom?” Que era uma história muito bonita. Aí ele falou “ói, minha fia. Antônio Conselheiro era assim, ele chegou em Canudos não tinha professor, ele arrumou professora pra educar todas as pessoas, ele não queria ver ninguém analfabeto.” Deus o céu, era assim, meu vô, era? E outra coisa, se, no caso, a pessoa estivesse junto, ele não queria, ele dava conselho, não é pra ficar junto, não presta, marido e mulher têm que ser casado. Aí ele ia ajeitar aquele pessoal pra fazer o casamento. “E daí, vô, ele fazia mais o que?”. Muitas igreja. Ele fazia igreja, fazia Santa missão, e dali ele fez muitas igreja minha fia, fez muita bondade nesse mundo...

Dila: Pelo sertão afora, não foi?

“L”: Exatamente. Que aí foi aonde ele falou... Essa é a maneira de nós falar pra você, que ele adoeceu e uma beija-flor veio e desapareceu do quarto dele e ele também... ninguém sabe o roteiro dele. Sabe os amigos que a gente perdeu, os soldados que morreram, por exemplo, família minha, família de seu pai se acabou-se tudo aí nesse meio de guerra aí, se acabou muita gente. Eu disse “meu deus, vô”. Ele disse “até, minha fia, que era tão bom Canudos, que o pessoal dizia assim... tinha um dizer “rio de leite ribanceira de cuscuz... e rio de leite.” Aí eu falei “é, meu vô, essa mesma coisa meu pai falou pra mim”. Aí ele disse assim “você lembra de Canudos né?” Lembro... lembro que a minha irmã casou lá, né meu vô, você tava lá no dia do casamento, todo mundo, a família toda, portanto que meu pai era teu vizinho, nós todo mundo vizinho, e meu vô tava lá dando risada mais meu pai, aquela felicidade toda. Tio Carlos, que era o vô dele aqui, tio Carlos só vivia mais nós. Aí ele disse “é, é verdade...”

Dila: É muita emoção, né?

“L”: Aí o meu vô falava assim “você sente emoção de ver?” Eu digo “sinto”. Aí ele falou assim “e você quer saber de mais histórias, dos revoltosos?” Aí eu falei “não, eu ouvi falar muito dos revoltosos, foi pra cá muito, fala de Lampião.” Fala de Lampião não, se eu fosse desse tempo sabia que eu tinha sido cangaceira de Lampião?” [muitos risos] Aí ele falou “tinha mesmo, fia?” Tinha, vô! Ói, quando eu vejo falar de Lampião chega eu sinto uma força de estar nesse meio aí!

Dila: É mesmo, então cê ia estar aí era espalhada nesse cangaço...!

“L”: Mas menina, tu tinha? Tinha, vô, tinha coragem. Eu senti paixão pela Lapião, de eu ver contar história de Lampião assim e minha avó, minha mãe contou várias história também de Lampião, muitas. Ela falou assim “ói, minha fia, nós tinha um tio que um dia ele chegou e falou assim, os cangaceiro dele falou “ô, moço, me dá esse animal aí”, ele falou “dou não”. E ele começou a dizer que não dava, que não dava... Aí quando eles manobraram a arma pra matar, a mãe dele pediu, ô meu filho,

dê... Ó, minha tia, eu vou levar essa burra, mas pode a senhora estar com certeza que com 3 dias sua burra tá de volta, nós só quer essa burra pra nós atravessar de um lado pra outro. A senhora pode estar despreocupada que seus animal vêm. Com 3 dias ele mandou entregar os animal. Era de palavra! Aí a minha mãe contava que nós tinha uma tia, tio Carlos conheceu muito, ela chamava-se Nega Aleijada. Morreu aleijadinha numa cadeira. Minha fia, ele tocou tanto pra este Lampião... Ele botava tanto perfume na cabeça dele... que aqueles perfume de antigamente né os de hoje não... Minha fia eu ficava empoçada. Nera, a cadeirinha dela tinha um poço, né, assim ela sentava e ficava apoiadinha e ficava. Meu vô falava isso também, que ele conheceu muito. A noite toda tocando um cavaquinho, pra turma de Lampião dançar. Aí ele disse “e tu tinha uma tia, num dia de São Pedro, e um dia eles tavam tudo cá que Lampião chegou com um bando. Ela teve tanto medo do medo que elas entraram, minha fia, tudo pra debaixo da cama. Aí ele foi lá e puxou sua tia. Cê tá com medo? Ela dançando, minha fia, e a urina descendo... Eu disse “ô, Jesus, meu vô...” Com tanto medo que ela teve. Mas ele não buliu com ninguém. Quando chegou o momento de ele ir embora, todo mundo, ele passou fora. Ele não mexia com ninguém. Ói, Lampião só mexia com alguém que mexesse com ele, que descobrisse as coisas dele. Que nem as barbaridade [ininteligível] Descobriu, morreu. Eu disse, é verdade. Mas Lampião ajudava todo mundo. Aí eu digo “é por isso, vô, que o povo diz assim - Ah, Lampião hoje!” É por isso mesmo! Aí, ó, é por isso que eu queria estar nesse bando, vô! [risos]. Ele disse: e eu, minha fia, tive vontade de ir pro Revoltosos! Pra você ver... Ah, tá vendo aí, vô?! Eu descobrindo...

Dila: Então a luta tá no sangue da família...

“L”: Exatamente. Eu tenho uma bíblia que foi dada pelo um cangaceiro de Lampião. Evaristo, cê já ouviu falar? Irmão de Joãozinho ... [ininteligível]. Um dia eu tava em casa e ele chegou bem cedinho. Ele e Dandá. Aí ele chegou “bom dia, primo!” Aí ele “bom dia”. Cê é meu primo? E disse “sou!” Eu sou irmão da Zefinha. Aí meu amigo ficou calado e ele falou bem assim: cê já ouviu falar de Evaristo? Ele disse, já. Rapaz, papai falava que Zefinha tinha um irmão que era cangaceiro de Lampião. Ele disse “sou eu”. Verdade? Verdade. Viu falar dos cangaceiro de Lampião? Vi... Aí eu falava bem assim, eu tinha tanto o nome desses cangaceiro que a minha mãe falava, tinha um Sabonete, um Juriti, tinha Dadá, tinha, ói, tinha tanto apelido desse povo... Aí ele falou bem assim “diga aí mermo direito aí o nome que você falou!” Tinha um Sabonete... Eu era o Sabonete! Bem assim! Era mesmo? Era! Aí falou bem assim: “mas primo, foi muita briga... Tu ouviu falar na imburana virada aqui embaixo? Ah, pois, encontrei ele aqui nessa imburana grande. Ele chegou com uns cabra e falou assim “cabra do olho verde, tu tem coragem de me acompanhar?!” Eu tenho... E dali eu fui embora mais eles. Entrei no bando de Lampião. Aí eu falei assim “eu tinha o

sonho de entrar no bando de Lampião...” E ele disse “e tu tinha cara de cangaceira mesmo!” [risos] Tu parece o [ininteligível] da Dadá... E dava certinho, dois cangaceiro véio! É, quem sabe, né, eu acho que ela tinha mais coragem! [risos]

Dila: É coragem, né...

“L”: Mas eu lembro assim, meu deus do céu, daquela bondade, daquele lugarzinho que a gente andou daquela guerra. Nossa, e a gente conversava muito com as irmã. Padre João, quando ele veio pra Canudos, no dia que ele chegou quem primeiro conheceu ele foi eu. Ele jantou na minha casa! Chegou 5 horas da tarde, 6 horas ele tava na minha casa. Aí todo mundo “chegou o padre novo?” Chegou! O padre João! Chegou, tá em Canudos! Aí passou uns 2 ou 3 dias, ele foi rezar uma missa, a gente tava lá e ela falou “ói, Padre João chegou aqui, e a gente foi diretamente porque essa pessoa nós trabalha junto, só vive junto. A gente vai pra casa dela, passa o dia, com as meninas dela, com ela, a gente anda, ela faz trabalho na comunidade, ela divide palco, às vezes com canto, com uma coisa, e a gente sempre tá ali com eles, depois de 3 anos... Aí com 3 anos eu falei pra ela “eu vou sair, minha querida, eu não vou mais trabalhar pela comunidade...” E elas choraram como o quê. Aí disse “não, Maria Bonita, eu não acredito, porque tu é o nosso braço direito, tu é uma pessoa que nós tem aquele braço forte pra tudo! Tu tem o planejamento pra tudo na vida, de uma administradora, e você nos deixar”. Eu digo “é, querida, porque, sei lá, a gente já mudamos de um lado pra outro, a gente tá naquela, o meu esposo adoeceu na época...” Eu falei que agora vou ter que lutar um pouquinho, e eu tenho que parar um pouquinho. Graças a Deus eu levei ele pra Salvador, ele melhorou. Aí depois elas voltaram, mas nunca deixaram de vir, sempre, sempre. Padre Lito [ininteligível] teve aqui mais nós, Padre Tiago sempre vinha aqui... Padre Aguinaldo, foi quem veio aqui celebrar missa. O que saiu agora também, foi quem veio celebrara missa de [ininteligível] e a gente só vive todo mundo junto.

Dila: E quando foi a última vez que a senhora foi lá na Canudos Velha?”

“L”: Canudos Velho praticamente já tem na faixa de uns 3 anos que eu andei mesmo em Canudos Velho, assim. Sempre a gente ia direto, porque nós tinha reuniões lá.

Dila: Até pouco tempo atrás, então.

“L”: É. Quando a gente se aposenta, a gente quase que não frequenta muito, não sabe, porque já tem uma vaguinha do cargo [ininteligível] aí vai deixar pros outros, né. Mas tem esse período que eu andei mesmo ali. Até que quando a gente fazia as reunião meus filhos tinha curiosidade e perguntava: “mainha, e essas cruz aqui?” Eu falei “ói, mia fia, aqui foi o tanto de gente que foi mortos. Aí meu filho falou assim “mãe, isso aqui foi o corpo que foi matado na guerra, mãe, botaram aqui?” Eu digo “meu filho, não tá nem a metade aí! Não tá nem a metade!” Ele falou “meu deus do céu...”.

Aí inclusive um genro meu foi lá e ele falou “Dona “L”, quando eu cheguei lá chega me deu assim um frio nos meus braços quando eu vi tanta cruz.” Pois é, meu filho...Aí ele disse “mas Dona “L”, foi muita coisa ali...” Ih, meu fio, olhe, nós tivemos na lagoa que chamava Lagoa do Sangue, nós tivemos lá no parque lá em cima, e você não chegou a ver o tanto de coisa que foi panhado ali... Aí ele falou “você teve no museu, o tanto de coisa que foi parar ali?! Aí eu disse que não cheguei a ir no museu, não. Vá lá no museu pra você ver... [diálogos sobrepostos]

Dila: Muito legal o museu.

“L”: Chegar lá é tanta coisa pra você ver...

Dila: Estilhaço de bala, armamento...

“L”: Tudo.

Dila: No parque dá até pra ver os ossos, você vai andando aí tem os ossos...Da cova rasa que faziam...

“L”: Exatamente! Eu disse “deus do céu” e ele disse “foi muita coisa ali”. Foi meu fio, quem presenciou a guerra, nossos pais, nossos avôres... E se fala assim, será que ainda resta gente da guerra? Olha meu fio, na verdade, existe assim, mais novos, nós, que eu vou fazer 60 anos, vejo os meus que nem eu vi meu pai contando as histórias, meus avô... A gente era curioso pra saber, eu principalmente sou curiosa pra saber das coisas! Eu procurava meu pai e ele tinha aquele prazer de explicar as coisas pra mim. Porque na verdade, eu aprendi a ler sem estudar. Eu estudei o primeiro ano.

Dila: Então é danada desde pequena!

“L”: Exatamente. Eu já nasci lendo um livro, já sendo a escola... Eu falo assim: “sério isso?” Sério. Eu frequentei a escola 6 meses, eu já tinha 12 anos. Naquele tempo ensinada um obral. Quando chegou o ponto de nós já estar com 12 anos, a nossa professora falou assim: “ó, meus filho, não dá mais pra nós ensinar vocês porque vocês já tão tudo de 12 anos acima, não dá mais. Só posso ensinar de 7 a 8 anos.” Nós só foi pegar as bolsinha e saímos todos chorando ali. Não tinha mais aula. Aquele tempo era um tempo meio escasso e atrasado. Aí a gente falou assim: “quem vai saber mais um pouquinho, vai ensinando uns aos outros.” Eu tinha uma coleguinha, que ela ainda mora em Salvador, ela falou assim, a gente vai montar uma escola, eu mais ela. Vamos. Vamos ensinar aos que não sabem. Aí quando era ditado, nós saía daquela trabalhadeira toda, a gente sentava ensinando aos nossos coleguinhas. A escrever, a ler... A minha leitura foi desse jeito. Aí eu pego e leio qualquer um livro, qualquer uma coisa sem ir numa escola. Escrevo, faço, escrevo meu nome, faço tudo. Fiz norma de carta.

Dila: Ô meu deus, que coisa incrível! Que bom.

“L”: Aí meu pai falava assim, a minha filha se estuda ela hoje era uma pessoa muito sabida, naquela época meu pai falou assim. Pena que a gente não colocou. Porque ele quando eu tinha 7 anos de idade ele deixou minha mãe [ininteligível] foi viver com outra família. Agora ele vinha em casa, a minha mãe cuidou dele no fim da vida, ele era um homem bem de vida, mas ele morreu praticamente mendigo. Aí inclusive tem uma praça “J(a)” que é uma praça com o nome de meu pai.

Dila: Ah é? “J(a)”, seu pai?

“L”: Foi quem primeiro emancipou as primeiras casas de Canudos. Foi o meu pai, foi. Foi o primeiro.

Dila: Ah, eu vou procurar. E o que que a senhora acha dessa Canudos estar embaixo d’água? O que é que a senhora sente, o que é que a senhora pensa?

“L”: Olha, pelo um lado eu achei, assim, por exemplo, uns dizem assim, que foi bom Canudos hoje ter esse açude maravilhoso que nós temos. Pra muitos foi uma destruição. Achei que foi uma destruição, pra muitos. Porque não teve indenização pra esse povo, de jeito nenhum, que nem tem o meu pai, o meu sogro, e outros que moraram, eles até hoje não receberam nenhuma indenização de nada. De nada, de nada. Nem um papel, nem nada.

Dila: E já tem mais de quantos anos, décadas, já?

“L”: Já tem... Já tá com... O açude ele tá com 50 e poucos..

Dila: Quase sessenta anos!

“L”: Quase sessenta anos, exatamente. Eu lembro que eu com 7 anos de idade eu saí, como diz a história, pra nós não morrer afogado. Porque quando disseram assim, quando o presidente veio, perguntou, Getúlio Vargas perguntou o que era que queriam de bom pra Canudos. Aí pediram a barragem. Aí demorou no papel e depois veio. Eu lembro quando criança o barulho das máquinas. Nossa, era dia e noite, sem parar. Tiravam o cascalho bem pertinho da casa de meu pai. Meu deus do céu, quando eu vi aquelas máquinas, eu criança, teve um dia que meus irmão quase me mata, arrastando eu por dentro de uma mata de pau que tinha, assim... Os bico de pau pegava nas minhas pernas, os pobrezinho de meus irmão chegaram em casa tudo rasgado dos espinho de jurubeba, com medo. Falou assim, que era aqueles trucão, eles chegavam assim, né, enfiava assim aqueles negocinho e levantava eles mesmo e era eles mesmo que enchia. E meus irmão falava: aquele bicho vai nos engolir! Aí vamo arrastar [ininteligível] irmã, vumbora minha irmãzinha - eu pequena, os bichinho saía me arrastando. Minha mãe falava “não, meus filho, não come não, meus filho, ali é uma máquina! Só cava barro aquilo ali!” Aí pronto, ela dizia “mas tem que ir meu fio, soltar a criação!” Lá ia eles, e eu dizia “meu deus do céu”. Aí eu disse “eu mesmo

não vou mais não!” Eu não guento mais, que eles corre, mamãe, aí sai me arrastando, os bichinho não podem me trazer nos braços. Aí minha mãe: “então vão vocês dois”. Aí quando foi um dia ela falou bem assim “óí, meus fio, não tenha medo não, vai chegar aqui um tio de vocês com outra máquina... ela é bem altona! Um pescoção e um caixãozão! Não vão pensar que aquela máquina vai enrubar em vocês, não!” Aí deu uns três dias e meu tio apontou numa escavadeira. Quase não saía do lugar, aquele troço! Aí ele chegou e falou assim “óí, meu fio, eu tô aqui com os menino preso dentro dessa casa sem poder sair”. Ele falou assim” com medo, meu irmão, dessas máquina!” Eu disse, ô deus do céu, esses meninos têm chorado. E aí a gente só via as parede... Aí quando tava feita o engenheiro falou assim “J(a)”, pode você pegar a sua família e pode retirar, porque ele vai encher de um dia pra noite”. Aí meu pai falou assim “eu tenho lugar, doutor, pra ir, agora tem que sair devagar, eu ainda tenho muita coisa aqui pra tirar, tenho oleria de barro, tenho trabalhadores, eu tenho que acertar tudo direitinho pra poder esse rapaz ir embora”. Aí deles que chorava, fazia que nem a história de Noé com a barca, não queria sair dali, meu pai, foi difícil convencer eles, não meus filho, tem que ir, isso aqui vai ficar tudo coberto... Ele falava, isso aqui, meu deus do céu, nós adquirimos o pão dos nossos filhos aqui, o nosso emprego de muito tempo. E aí aquele negócio, meu pai, não... Tá todo mundo pago, vou levar vocês pra vocês irem. Gente de Jeremoabo, de outros lugares.

Dila: O pessoal foi se espalhando, não foi?

“L”: Aí dois rapaz ficou, acompanhou meu pai até a fazenda, só saiu depois que meu pai conseguiu a casa pra gente ficar. Aí o doutor falou: “J(a)”, tô te avisando. Aí a gente deitou sossegado. Pronto. Nós levantamos no outro dia, a paredona tá feita. Aí antes trouxeram, foi quando mudaram Santo Antônio pra fazer uma passeada em cima da parede do açude pra poderem ir pra igreja. Aí uma pessoa falou assim: “eu só acredito que esse santo tem milagre se essa parede não se rachar. Se ele passar por cima e a parede não rachar.” Contando parece que é mentira, eu como criança vi, no outro dia amanheceu rachada de um lado pra outro. A gente vendo. De um lado pra outro. Rachou a parede bem ali. Isso aí eu digo porque eu vi com esses olhos que Deus me deu! A parede se rachou. Aí foram lá consertar novamente essa parede, novamente. Naquela alerta, e as preparaçãozona bem assim. Aí consertaram, que ela rachou, viu menina, essa parede aí! Quando trouxeram Santo Antônio ele veio primeiro fazer uma passeada por cima da banca [ininteligível] e pra igreja né.

Dila: E Conselheiro dizia, né, que o sertão ia virar mar.

“L”: Aí a estrada passava aqui, né, passava na prainha aí, onde tá a prainha hoje. Aí uma pessoa falou bem assim “Qui, esse santo de merda, tem milagre nada, eu só acredito que ele tem milagre se essa parede amanhã amanhecer rachada, passando ele aí por cima!”. Foi nada não, meu fio, vieram, fizeram a passeada, muita gente, era

muita gente. No outro dia a parede amanheceu rachada. Você vindo de um lado pra outro, o rachãozão. Aí os engenheiro ataca de novo essa parede! ô, uma preparação, vindo isso tanta hora encher! Aí começaram, taparam, aí pronto. Aí a gente deitou, minha mãe deu a jantinha de nós, deitamos, preparaçãoozona [ininteligível], aí minha mãe falou bem assim: ‘êta, “J(a)”, a preparação tá bonita, viu, a gente tem que cuidar em se mudar’. Aí ela mandou um rapaz vir, pra ir levando as coisas mais miúdas, galinha, essas coisas que tinha...Aí eu fui a primeira a sair pra ir ajudar a levar as coisa, levando, tocando os animais. Levando, eu mais o rapaz. Era até um cumpadre da minha mãe de muita confiança, aí levava. Quando foi no outro dia que eu cheguei, que eu deitei, aí mamãe falou: ‘ó, amanhã, meu cumpade, você vai ter que levar outro carregado, a gente tem que ir saindo aos pouquinhos, pra “J(a)” ajeitar as coisas pro caminhão levar.’ Ele tinha carro, tinha tudo. Quando nós amanhecemo o dia, aí de noite caiu chuva. Quando o dia amanheceu...tava lá a água. Aí minha mãe falou: “J(a)”, vamo andar depressa, cada dia mais a água tá aumentando.’ Era aquela água viajando, viajando... Aí quando foi uns 3 dias a água já tava bem pertinho de casa. Aí o doutor veio e falou: “J(a)”, eu lhe peço até pelo amor de Deus, vá embora e hoje pra amanhã, senão sua casa cobre com tudo. Com sua família. Ói, a chuva tá direto, chovendo direto nas cabeceiras. Pode sair daqui!’ Aí ele disse: ‘meu deus do céu, ainda tenho umas coisas pra pegar no meu trabalho’, e ele disse: ‘eu vou te dar uma barca com uns tambor’. Aí assim ele fez. Fizeram tipo uma jangadona, aí era meio mundo de gente trabalhando. Aí minha mãe: ‘vamo ter que mandar logo essas coisas aqui.’ Vai, aí era aquele monte de gente ajudando...

Dila: Então saiu todo mundo na pressa, né?

“L”: Só foi dizer assim: hoje nós tiremo tudo que tinha dentro daquela casa pra levar... No outro dia amanheceu tudo coberto. Minha mãe ficou só chorando, olhando assim pro lugarzinho. Aí a gente levou assim um monte de coisa, um monte de bicho se deram no lugar, outros já não se deram. Aí meu pai foi desandando, desandando... Aí foi, e depois ele arrumou essa outra mulher, e cascou fora e deixou minha mãe na fazendinha que ele tinha. E aí [ininteligível] muito tempo, depois voltamo já com muito tempo. Aí muita gente pergunta assim: Dona “L”, a senhora tem coragem de morar abaixo do açude? Não. Eu tenho medo.

Dila: É? Medo de que?

“L”: Falam assim: por que? Olha, porque ele chegou a rachar naquelas paradas das pessoas. E na enchente de 81 nós vimos a coisa feia nesta banca. Eu disse pra ele, foi um ano em que eu tive uma filha e eu com o radinho pequeninho e o diretor ligava de lá de Fortaleza. Nesse tempo o radialista chamava-se Carlos Augusto, trabalhava na cidade de Petrolina, só que ele radiava direto da cidade de Petrolina pra Canudos. E nós ali... Ói gente, faltou pouco, o negócio de palmas [ininteligível]. As

máquinas tiveram que vir. Aí a sorte é que deu uma estiada naquela tarde. O açude tava de 4 metros transbordando. Eu digo, ele rebentou tudo aí embaixo... Peixe ficou aí espalhado em tudo quanto foi canto! Cabou o bananal... Cabou tudo aí. Coisa que você dizia assim “isso aqui não se acaba nunca, não.....Nem se sabia se existia aquilo ali.”

Dila: A força da água era muito grande, né...

“L”: A fumaça você via de longe, parecia um fogo. Aquela fumaça da água, da pressão que ela saía, lá... Eu disse, olha, pode acreditar que a zuada se escutava de longe. Essa passagem aqui ficou tudoilhado, aqui. Foi. Ficou tudoilhado, isso aí. Eu falei “meu deus do céu...” Então é por isso que eu tenho medo de morar abaixo dele, é isso aí.

Dila: Fica mais seguro aqui no alto, né?

“L”: É. E outra coisa, ele tá passando sempre pelo ajeitamento... Mas um dia eu conversando com um colega, ele falou bem assim: olha, ele tem um vazamento. Tem mesmo? Tem... Eu já tive ali umas duas vezes ali em cima mas nunca... eu vi uns buracão assim mesmo, vi uns ferro tudo enferrujado e a água saindo por ali. Então basta aquilo ali, cara, é onde tá o perigo. Aí quando houve essa coisa, disse, o açude de Canudos tá em perigo! Será que tem [ininteligível]? Aí foi tranquilizando. Mas um rapaz que trabalhou nesse trabalho aí falou pra Nininho, seu tio, falou “olha, não tem segurança, não. Aquele negócio lá embaixo não tá de confiar, não.” Que é mermo onde tá a rachadura. Eu falei que eu não me confio porque eu criança vi o que aconteceu nele.

Dila: E nunca esqueceu.

“L”: Nunca esqueci! Nunca. Isso pra mim tá na minha memória. Até hoje eu ainda tenho a memória boa, e quando eu era criança, eu tinha uma memória muito boa. E hoje, até hoje, eu tenho uma memória muito boa ainda, graças a Deus! Muita, muita mesmo. Aí por isso que eu não me confio. Aí, por exemplo, voltando ao assunto que você me perguntou, sobre o que eu achei. Bom, foi bom. Porque teve um período que é uma fonte de renda pra emprego dentro de Canudos. Porque se não fosse o bananal, no perímetro, não tinha emprego no açude. O açude dá pesca. Porque tirou a pesca, acabou a renda do pobre do pescador, não tem como sobreviver. O nosso açude só tá faltando uma pequena coisa. Eu sinto tristeza hoje, tem hora que eu falo e eu choro [voz de choro e emoção], porque eu vejo o descaso que tá dentro de nosso açude, Deus... Porque eu me sinto orgulhosa hoje de ter começado a colônia Z-45 e eu ver um pai se aposentar, eu ver um pai fazer um salário maternidade, eu ver um pai ter um filho com uma deficiência e ele aposentar, isso tudo foi uma luta que nós buscamos. Eu cansei de sair mais meu esposo e o grupo pra nós fazer as reuniões,

e nesse tempo chovia bastante, eu chegava, nós chegava, eu mais as irmãs e falava assim: ô irmã, eu tô agoniada. O que? Tá na mão de Deus os meus filhos ficarem em casa pequeninos, eu chegava e achava meus filhos embaixo da mesa, e o telhado da casa jogado fora de tanto vento. Fora. E eu chegava e dizia: meus filho, vocês tá vivo? Nós viajava na saveirinha e os companheiro deitado, mergulhado numa lona, né, e aquele carro fazia assim, ó, nos massapê. E nós só rezando, orando a Deus pra romper a estrada. Outras vezes nós ia de barco. A gente afastando aquele mato que soltava das enchente pra nós passar. A gente se perdia de noite: ôô fulano! Oi?! Tô aqui, amigo! Pode vir na minha direção! Pra nós conseguir essa colônia, essa associação. Então hoje, assim, eu acho que eu já cheguei a dar vários conselhos a meus companheiros. Então usaram uma pesca terrível, espingarda, numa batida. Essa batida e as espingardas, a gente fala assim: ô meus amiguinhos, quando a gente fala, a gente tá prometido a morte. Acabou. Se você conversar, cê morre. Aqui quem manda somos nós. É desse jeito. Aí a gente fala assim: meus amigo, mas não é bem assim... Isso aí vai fazer falta. Tudo o que você tira, ele faz falta! Olha bem, o peixe vai andando com os filhotinhos. Você mata e aqueles filhos fica sem seus pais. Não cresce. Aí vem outro rebanhozinho que ele encontra eles ali, aí eles vão atacar! Porque, o que, a [ininteligível] vai atacar... Então aquilo ali é uma destruição. Outras vezes tão com a ova, quando aparece até outro peixe os bichinho entra e vem e enraba neles, chegam ali e pá, mata em cima daquela ova.

Dila: Tem que aprender a conviver, né? Porque senão a coisa para de funcionar...

“L”: Aí o camarão vai comer aquela ova e acabou a produção ali. Chegou uma época, assim em 2012 pra 2014, chegou uma época que nós não via uma piaba bulir nesse açude! Nós, pescador, precisamos comprar peixe pra comer, que não tinha, ninguém via mais, cabou. Aí eu falei assim “deus do céu, como é que a gente vai fazer?” Aí a gente falou assim, não, a gente convocou várias reuniões, imploramos, pelo amor de deus, tem que tomar providências do que tá acontecendo. Xuxu, fia, traga um cafezinho ou um chá, alguma coisa! Prepare o almoço!

Dila: Não se preocupe, não! A gente não vai ficar esse tempo todo...

“L”: Aí a gente foi juntando, fomos falando que a gente precisava de uma guarda, de uma coisa. Veio, sim, as guardas. Até que chegou o ponto de nós chegar a debater cadastrado! Porque se fala assim, pescador cadastrado fazendo um negócio desses daí, tem que rasgar a carteira dele! Porque ele recebia um seguro desemprego. Pra ajudar reservar aquele.

Dila: Aí atrapalha demais, né, a natureza!

“L”: Exatamente! A natureza...

Dila: Tem até a ver com o que “D(b)” trabalha, de preservar, de aprender que se você tira tudo da natureza, a natureza vai parar de dar... Você tem que aprender a tirar aquilo que ela continuar dando, porque senão...

“L”: Exatamente! Então chegou o ponto desse pouquinho entrou os guardas. Esses guardas entraram pra dentro do açude e eles foram jurados de morte. Tiveram que abandonar a guarda! Vamos deixar que nós vamos morrer... Um cunhado meu nesse dia avisou um dos guardas. Ele ia saindo e ele falou “oi, venha aqui meu filho, não vá não.... se você for você morre.” Oxe, que nada, rapaz, qui qual é nenhuma... “Se você for você morre. Tem gente abeirando os matos pra lhe matar. Pelo amor de deus, não vá, não.” Se você tá pedindo... “Você é um pai de família, meu fio, cê vai perder a vida. Não vá não...” E isso aconteceu de nós reclamar e ser jurado de morte. Pra ter uma ideia de tanto a gente falar, sabe que esse pessoal às vezes, eles chegam a falar...

Dila: Muito obrigada meu amor. [moça serve um cafezinho]

“L”: Eu, por exemplo, eu peço que plantasse uma hortazinha. Sempre, minha horta é orgânica.

Dila: Isso é a melhor coisa que tem na vida, né?

“L”: Exatamente! O que acontece, quando eu fui ficando com a visão cansada, eu falei assim pras minhas freguesias, ói minhas filhas, eu vou ter que fazer um tratamento – eu recebi barraca nova, em associação, em outra associação agora novamente. Aí ela falou bem assim: ô dona “L”, vá cuidar da sua vida. Até eu brincava, porque eu brinco com todo mundo, ó minha fia, porque eu com as vista curta não vou saber nem adubar a terra! Aí ela falou bem assim “é mesmo, é verdade!” E eu falei, mas ói, eu tenho comercial na rádio, eu tenho radialista, ele radia tudo, faz o comercial. Eu falei, olha, esses dias cê não passe o comercial que eu to num tratamento, eu vou levar uns 6 meses nesse tratamento, que é indo e vindo, 6 meses é o tempo que eu vou poder sair, mês de abril é que eu vou começar. Vai vir uma turminha mais nova comigo, vai trabalhar, eu vou ensinar a eles...

Dila: E é aqui a sua horta?

“L”: É aqui! Nas ilha. Aí xô contar! Aí eu falei: só vou plantar um pouquinho de comida só pra nós comer. Aí neguinha ficou plantando. Ô Deus, quando foi ontem ela entrou aqui correndo “ô mãe, ô mãe!”, aí eu chega tomei um choque, o quê, minha filha? Chama os menino aí, mãe, rancaram tudo da roça! Quê minha fia? Vai lá, mãe...

Dila: Não acredito! Anteontem?

“L”: Ontem... Minha fia, você tá me contando essa história! Aí ela “é sério, mãe... ói, as plantas que a senhora... a arruda, os hortelã, os coentro, os couve, pimentinha, pimentão... tá tudo arrancado.” Minha fia, sério? Sério. Meio dia parava um senhor aqui

e falou assim, Dona “L”, foi roubado meus couve. Como é o quê menino? Roubaram 150 couves meu. De pescar o meu peixe. Procopinho! Ele deixou o barquinho aqui. Aí ele falou “foi mermo, Procopinho?” Foi. Aí a menina “ô, Procopinho...a minha menina encheu as caixa aqui, minha fia, de casa até umas 10 horas. A bichinha foi na feira fazer as compras e voltou logo, logo. Aí cedo, umas 6 horas eu tinha levantado, tinha um barco parado na ilha do plantio. A pessoa tava na água. Aí ela falou “não, Procopinho, o seus couve foi roubado foi de noite! Porque até umas 10 horas eu tive lá e cedo, tive lá pra molhar a hortinha, o tempero de casa.” Aí ela saiu “mãe, eu vou molhar”. Foi antes de ontem quando chegou lá e disse “ô, mãe, caíram pra dentro da roça, mas rancaram tudo!” Tá lá... Ontem mesmo Nininho passou lá mais ela. Nininho disse “ô “L”, foi de fazer calamidade...” Ficamos sem o tempero! Rancaram tudo, tudo, tudo... Tudo, não ficou nada. Aí pouca hora chegou outra agonia. Disse, os menino de Zé Miúdo andam aí rodando, aí... Eu digo e o que foi? Roubaram o barco essa noite... Eu digo, meu deus do céu!

Dila: Roubaram o barco?!

“L”: Roubaram o barco... Tem que ter fiscalização...

Dila: Mas a gente tava dizendo que essa época do ano fica difícil. Lá em Salvador também, né... A galera fica doida.

“L”: Exatamente, eu acompanho esse problema daquele óleo, meu deus do céu...

Dila: Ô, lá tá horrível, viu...

“L”: Aí, coitadinho, o que acontece, né. Aí minhas netinhas sai pra pegar criação. Aí a neguinha disse assim, minha fia, você viu? Vi, mãe, teu barco tá bem aqui como quem vai levando até criação, dentro do barco... Liga, liga, liga! Ligamos pra Caboclo, que é o meu genro né, aí o bichinho fica aí, tentou, tentou, que eu tenho o número dele já, pra qualquer coisa a gente liga, eu tenho no cartão aqui. Liga, liga, liga. Aí os meninos, ô meu deus do céu, aí pegou a moto, voltou lá, chegou lá, aí tava o genro de Pezão, disse, Pezão, você vá tentando ligar pra Caboclo, e dona “L” falou que o genro dela tá observando e outro rapaz, pra onde esse barco vai. Eu disse, ó meu fio, que nós chama o Alto do Pequeno, aqui no Alto do Pequeno, aí disse, meu deus, as ovelhas de Caboclo tá é pra cá, e a criação! Pois é, eles vão aí... Vão abeirando...

Dila: Aqui chama Alto do Pequeno, é?

“L”: No Alto do Pequeno. Aqui chama Ilha do Monte.

Dila: Ah, aqui é Ilha do Monte... Xô só anotar, direitinho... Mas pode falar.

“L”: Aí Nininho, aí dá um pouco e as minhas netinhas entram aqui, correndo. Vovó, vovó! O que, menina? Eu ia ali vovó, vinha tangendo o rebanho, quando eu olhei, vovó, dois home. Aí a neguinha falou assim, mãe, e cadê as menina? Eu falei, minha filha,

tá ali. Eu corri, que eu disse assim, oxe, vão pegar aquelas crianças. Ela endoidou, pode acreditar. Eu falei, não minha fia, as meninas vêm aqui. Disse, o que foi menina? Vovó, dois homens ali. Um quando viu nós ele se agachou, ficou escondido dentro do mato. Eu digo, foi mermo minha fia? Foi... E outro, vovó, pegou um negoço e tangeu dentro d'água. Disse até que... a menina falou bem assim "oxe, é Tourinho, olhe a roupa e o chapéu!" Disse, idêntico a Tourinho, o chapéu, vovó... Eu digo, e a cor do barco? Disse, verde. Aí neguinho: o mesmo barco que eu tô vendo, o mesmo. Ele vinha ali, disse, ói, mãe, ele vinha com um negócio dentro do barco como quem era criação. Aí Nininho endoidou, disse, eita deus do céu. Aí disse, e agora? Aí Neguinha disse, esse dito barco tava na ilha! Andando, duas pessoas andando. Por fora, lá, andando em cima de onde tava o plantio. Aí eu falei, minha fia, o mesmo barco, mãe. Aí Nininho disse, ói Neguinha, o barco ele seguiu pra rocinha, 3 pessoas. Aí ela disse assim: Nininho, você tem certeza assim que você conheceu a pessoa? Aí disse "ói, um que anda nesse barco eu sei quem é, porque desde cedo que esse cara da badernando. Nossa senhora, verdade? Verdade. Muito conhecido, o cara conhecido da gente... Conhecido assim, de nós reclamar ele. Um certo dia meu filho foi reclamar e ele tá intrigado até hoje de meu filho. E eu tenho medo, não vou negar. De ele fazer qualquer loucura com meu filho, sinceramente. Sinceramente. Aí eu falo assim, porque se a gente reclamar é isso, além dos palavrão, eles ainda jura de morte. Jura de morte. É um grupo! É um grupo. Não é um só nem dois, não, é um grupo. Devastando nosso açude. Vai chegando um tempo, minhas irmã e minhas filha, que nós não vamo ter mais um peixe pra comer se não um peixe pra comer se não tiver uma proteção. Aí quando foi ontem nois tava aqui mais meu sobrinho. Aí Neguinha falando assim, é meu Deus, hoje não tem nem um tempero pra botar no meu feijão... Aí vou pedir pra Ismário trazer um tempero, falar aí com os rapaz que nós vamos ter que comprar uns tempero aqui pra temperar as panela, de agora pra frente, porque eu vou ter que plantar de novo! Porque, eu digo, é minha fia, plantar pra ser arrancado de novo. Ô, que ranque, minha mãe, nois tem que plantar. Eu digo, é verdade. Aí meu sobrinho chegou, o galego de terno, falou bem assim "o que foi, Neguinha?" Aqui, Zé Raimundo, pode acreditar se eu não fiz chorar, Zé Raimundo, meu plantio foi arrancado todinho... Disse, o plantio? Disse, você diz assim, e eu?! Que antes eu fui roubado foi o [ininteligível] Tudinho... Foi, mas as conversas lá é que foi todo mundo roubado...

"C": Se tiver uma associação e se forem lá... Só basta dar uma denúncia aí, e a Caatinga dar um rolê aí dentro do açude... Acaba com tudo.

"L": Exatamente! Exatamente...

Dila: Aí denuncia, é? É pra lá, a horta?

“L”: É praqui, minha fia. É pertinho, eu vou até mostrar. Quer ver? Eu vou mostrar a minha horta daqui. Aí Neguinha falou assim, mãe, se eu tô com o celular, mãe, eu tinha filmado tudo arrancado. Tudo, tudo. E se eu soubesse... Ói qui... Aqui o que fizeram com a minha roça. Ói, a coisa que eu mais amo é meu plantio, né. Aí o adubo tá aí, que é o esterco... [Dona “L” mostrando a roça fora da casa]

Dila: E lá em Salvador eu moro em apartamento, mas eu enchi foi de vaso!

“L”: Aí as verdurinha foi arrancada lá onde tá aqueles pezinho de árvore lá verde, lá.

Dila: Ô, meu deus do céu, e quase aqui dentro de casa!

“L”: Pertinho! É, tem uns 8 dias que eles já tavam tentando levar o que tinha lá na ilha, já tentando arrancar. Aí, ela falou assim “ô, moço, o que é que você tá caçando aí, moço, pelo amor de Deus, aí não tem nada pra você levar, não, não leva minhas verdura, não. Mermo, bem assim. Aí o que puderam levar, levaram... O que não puderam, arrancaram deixaram aí em cima da terra. Aí ela chegou aqui de tarde, ô mãe, cadê os menino, mãe, chama os menino aí. Aí os meninos correram, Ismário aí falou assim: ói, a gente vai ligar... Eu tô sem conseguir, Caboclo tá em área que não tá dando sinal de jeito nenhum. Aí eu disse “ô Zeca, pelo amor de Deus, fale aí com os meninos, fale pro Capitão chegar pra eles, fale pelo amor de Deus.” A gente, minha fia, tem que tomar uma providência, tem que tomar uma providência. Sexta-feira da Paixão o meu genro já levou prejuízo duas vezes. Roubaram dois barcos dele e o motor... Dois motor. Dois. E não roubaram aquele ali, o meu aqui, porque o bichinho trabalhava com os dois, pra encher as caixinhas dele, aí ele jogou o meu dentro do mato. E não viram. Ele jogou, assim, tinha um abismo, assim né, e ele mastruz brabo cresce muito né, ele pegou e jogou o meu pra dentro, que ele ficou dentro do mato. E o dele ficou mais fora um pouquinho, as pessoas saíram na batida como quem já tava vendo! Aí o que acontece...

Dila: Posso tirar uma foto aqui do açude?

“L”: Pode, minha querida, pode! Fique à vontade.

Dila: É que é bonito demais.

[fim da gravação]

APÊNDICE C - ENTREVISTA “B”

Entrevista concedida por “B” (homem, 56 anos) no dia 02 de dezembro de 2020, num final tarde quente e bucólico de segunda-feira, na varanda da casa dele, regada a muita música, violão e poesia. Entrevista com a presença de João Batista.

João Batista: [...] Tem uma música que eu acho engraçada que ele fala que em Canudos tudo tá mudado, em Canudos tudo tá americanizado! [outras conversas não muito inteligíveis]

Dila: Oh, são só duas perguntinhas assim, que eu tenho feito pras pessoas, mas só falando bem rapidinho da minha pesquisa, é assim: eu trabalho, ou tô tentando trabalhar, com essa questão da cidade que foi inundada, né, das duas Canudos que foram inundadas e de quando ela reaparece, né, essa é uma questão que tem me instigado poeticamente. E aí uma das perguntas que eu faço é o que é que se sente com essa inundação e o que é que se sente também com essa reaparição, né, porque essa reaparição ninguém comanda, ninguém decide, não e sabe que é que decide, né. Então eu queria, assim, ouvir um pouquinho o senhor sobre isso.

“B”: A primeira que você perguntou foi sobre a inundação, né?

Dila: É, sobre a inundação e sobre a aparição, pode falar livremente, que aqui não tem resposta certa nem errada, não.

“B”: É, a inundação nos critica porque falam que foi pra cobrir a... o resto da guerra que ficou. Uns comentam que veio, foi pedido pra cobrir, outros acham que foi porque o DNOCS... Que precisava ser feito uma barragem, que o pessoal carente precisa, por aí tudo bem. Aí onde vem a questão, né, quando se trata do debate, né, uns dizem que foi pra cobrir o resto da guerra, outros dizem que foi porque necessitava da barragem. Eu sei que a barragem de qualquer maneira foi bom pra gente, que aqui de qualquer forma tinha que ter uma... um pessoal sofrido desse sem ter uma barragem. Aí foi feito o açude. Depois do açude, a gente, a Terceira Canudos né, que veio aqui... Eu, como continuo cantando, lá vem de baixo [ininteligível], cantando... As coisas até da velha, mesmo, coisas que eu não tenho conhecimento, mas falo ouvindo já de outros mais antigos. E essa Nova Canudos, que é a terceira que você pergunta, depois do açude, essa pra gente aqui é uma maravilha, eu como cantor e compositor das memórias de Canudos procuro divulgar, trabalhar, trabalhar a nossa história e contribuir com o que posso pra que essa história vá mais longe ainda.

Dila: Você já foi visitar as ruínas?

“B”: As ruínas já, tem muito tempo, mas já. Logo da última vez eu não tive tempo de ir. Mas eu sempre faço uma visita... Até com o tempo eu parei mais. Pra gente é um prazer, pra mim que faço canções sobre a Canudos, desde a antiga, pra mim é um prazer, né, dizer que as minhas canções é voltada pro povo da minha terra, que essa Canudos a gente tem que manter através da música, através da poesia, através da arte, e eu ainda me incluo aí como compositor pra divulgar a nossa história.

Dila: Um belo de um compositor, hein, e músico também, não só compositor!

“B”: É, sempre vai faltar alguma coisa, mas a gente procura...

Dila: É, né, contribuição. A outra pergunta que eu costumo fazer é sobre Conselheiro. Não tem como, eu acho que não tem como falar de Canudos sem falar de Antônio Conselheiro. Aí é só saber assim, o que é Antônio Conselheiro pra você e o que é ser conselheirista?

“B”: Olhe, Antônio Conselheiro foi a figura paterna de todo canudense. Veio aquele problema de... Ele queria igualdade pra todos. Quando veio, chegou a belo monte, né, tirando muitos trabalhadores dos latifundiários, dos empresários... aí causou a guerra porque realmente aquele povo sofrido, viu ali a esperança em Antônio Conselheiro. A gente seguia, o pessoal seguia Antônio, né, como tinha... todo mundo tinha sua liberdade né, que é o que ele queria pra todo mundo. Aquele problema da guerra foi mais o imposto, pra ninguém pagar imposto, porque realmente a gente paga tanto imposto que... na época, né... o pessoal que seguiu Antônio... Antônio era um santo pra todos os canudenses, era uma figura paterna, como eu falo. E aí aonde ele passava tirava trabalhador, a mão de obra dos empresários, aí acho que foi aí onde foi causada a guerra. E Antônio, pra todo canudense, você ainda escuta alguém criticar e tudo, mas eu acho que não teria outra pessoa melhor no momento pra aliviar o sofrimento daquele pessoal trabalhador, dos escravos praticamente que vivia sofrendo. Então por isso que eu falo que Antônio Conselheiro foi uma figura paterna pra todos nós canudenses.

Dila: Muito obrigada! Eu disse que não ia ter nenhuma prova...

“B”: O que deu pra sair, saiu! [risos] desculpe se teve alguma...

João Batista: Oxe, qui...!

Dila: Imagina! Pelo amor de deus, eu que lhe agradeço a disponibilidade e esse show particular maravilhoso que eu tive o prazer...

“B”: É que eu falo mais na música, nas entrevistas eu sou meio... Eu me entendo mais na música.

Dila: Não, porque isso é realmente, como eu tenho até falado pra João, isso é só pra meu registro mesmo, pra poder sentir como é que as pessoas veem, mas pela sua música você fala e fala muito bem!

“B”: É porque tem gente que você fala e até hoje... que peste, falam né, que nada, estragou tudo, matou não sei quantos...

Dila: Tem gente que fala isso, é?

“B”: Ainda vê...

João Batista: Fala...Carlinhos ali, do hotel brasil, Carlinhos é uma figura interessante porque o seguinte, ele vai dizer que se não fosse Antônio Conselheiro ele... não tinha tido a guerra não, porque ele não foi fazer a guerra dele lá no Quixeramobim? Né? [risos]

“B”: Tem gente que realmente, eu não sei não...

Dila: Ô, João, depois será que você consegue falar com ele? Gravar pra mim, a fala dele. Eu acho que não consigo mais porque amanhã... Mas se você conseguir eu lhe agradeço.

João Batista: Consigo, sim.

“B”: Mas ele fala essas coisas mesmo...

Dila: Não, até pra ter um contraponto, é até interessante, né, você ter alguém que...

João Batista: Eu tenho até um videozinho que a gente fez do pessoal do Faz Filmes, que acho que tem ele falando, assim.

Dila: Ô, se tiver você me manda?

“B”: Se não me engano acho que eu já vi também em algum lugar, alguma fala assim dele.

João Batista: Mas a visão de Carlinhos quando ele vai falando é bem clara. Porque é uma visão de latifundiário. Porque ele vai dizer “ah, que minha avó, que minha bisavó, tava lá, e a gente teve que sair das terras porque ele chegou lá e disse que queria dividir as terras com o povo...”

“B”: Por falar em vó, eu tava até olhando lá, eu não vi foto de minha vó em nada ali... [se referindo às exposições da FLICAN] Aquele documentário, é... O Sino Dobra em Canudos, não tem?

Dila: Quem era a sua avó?

“B”: Ermenegilda.

João Batista: Tem o filme lá de Dona Ermenegilda, não sei se você assistiu. Eu tenho.

Dila: Não consegui ver nenhum lá. Vou te dar meu pen drive pra você botar.

João Batista: Dona Ermenegilda é fantástica porque ela vai dizer o seguinte. E aí a fala dela parece muito com a fala de Eldon.

“B”: Mas o que eu tenho não tem ela falando, não.

João Batista: Tem, não? Não, mas passa ela. Tem o cemitério e aí o cabra que vai narrando as falas dela.

“B”: Ah, sim... Que ela era sozinha...

“João”: É, que não tinha mais ninguém...

“B”: Maria Fidônia disse que depois da guerra, quando se foi as crianças, disse que levaram ela pra Salvador. Ela contava à gente, né. Depois quando a véia voltou, a menina voltou sabida, cozinhava pros doutor aqui. Chegou lá ficou inteligente. Que não levaram as criança lá? Elas contaram. Quando vinha os pelotões, quando vinham as expedições, botavam tudo no caixote, isso aí era mãe que contava, que minha avó contava, botava tudo nos caixote de madeira, as coisas valiosas, era relógio, anel, e enterravam. Quando terminava que voltava iam lá tirar. O meio de esconder.

João Batista: As coisas valiosas, pra poder quem sabe um dia, né.

“B”: Eu vi naquele documentário, Os Sinos Dobram em Canudos, tem [ininteligível] com um véu assim.

João Batista: É, com um véu. Aí o vento “uuuuuu”, um negócio meio fantasmagórico, assim.

“B”: Ela sozinha!

João Batista: É, sozinha, assim, indo pro cemitério. E aí ele vai narrando, dizendo, né, “Dona Ermenegilda...” e aí ele vai dizer “e agora, como ela vai visitar? Como vou visitar os meus, que agora estarão sepultados além da terra, sobre as águas!” [entonação teatral] É um negócio forte e emocionante, assim!

Dila: Ah, eu quero ver!

“B”: Até eu tenho, mas eu não sei que em DVD estraga, né?

João Batista: Eu tenho ele em arquivo! Se você quiser eu transfiro tudo pra você!

Dila: Quando você for pegar seu capacete em Dalila eu te empresto meu pen drive, você me coloca as músicas desse grande artista aí...

“B”: Vou mostrar lá, pra ver se uma hora que a gente tiver a oportunidade você vai [ininteligível] quando ela vier de outra vez.

João Batista: Pronto. Não, ela vai voltar.

Dila: Avemaria, ia ser um prazer!

“B”: Eu nunca gravei com ninguém, apensar de meio mundo de [ininteligível] que Vida faz lá ...

João Batista: Ô sim, a de Vida...

[cantando com o violão: “Maria, se alevanta, raiou o dia, me acalmando cantou...” – em coro “B” e João Batista]

Dila: Essas músicas dele era pra estar tudo no Grande Encontro...

[segue a cantoria: “...anunciando que vai chover. Pra apagar o fogo do sertão. Ai, meu patrão....”]

[fim da gravação]

APÊNDICE D - ENTREVISTA “J”

Entrevista concedida por “J” (homem, 50 anos) no dia 26 de novembro de 2019, numa noite quente de terça-feira, com a presença de João Batista.

Dila: As perguntas que eu tenho feito são duas perguntas muito diretas que é: 1, pra você, o que é ser conselheirista, se você poderia comentar sobre Antônio Conselheiro e sobretudo sobre o que é ser conselheirista, o que você pensa, independente de ser ou não. E a outra pergunta tem a ver com o que se sente quando as ruínas reaparecem. Tem uma contradição na minha pesquisa que... um elemento que é muito contraditório que me angustia, mas uma angústia boa, que é: quando a cidade reaparece, eu tenho a hipótese de que ela provoca memórias, né, de que aciona ali, provoca, as pessoas se movimentam, às vezes vão lá ver, ou falam sobre isso, e é uma forma de dizer “Canudos não morreu, ó, tô aqui”. Porque, a inundação ela foi decidida, né, pelo governo, pelos poderes... Mas o reaparecimento, o afloramento, a imersão não. É a seca, é o evento da seca que provoca. Então a contradição é: quando a cidade reaparece significa que tem seca. Então é bom que ela reapareça, mas é ruim porque significa que tá faltando água. E quando chove é maravilhoso porque a chuva é muito necessária aqui, mas encobre de novo. Então essa... aqui sou só eu mesmo divagando sobre as contradições que me angustiam. Mas as perguntas básicas que eu teria pra fazer seriam essas, né, sobre o movimento conselheirista, sobre o que é ser conselheirista hoje, o que você acha, e sobre o que se sente e se te provoca de alguma forma o reaparecimento dessa cidade.

“J”: Conselheiro pra mim é um herói. Acho que Conselheiro foi, assim, um dos grandes revolucionários desse país, certo? Num país em que, por uma questão cultural, nós aprendemos sempre a valorizar vultos históricos... Vultos esses que muitos eram os grandes causadores de uma opressão, porque, eu costumo dizer que o Brasil, os portugueses, nós fomos educados numa sociedade opressora. Porque os portugueses nos legaram, nos deixaram isso, né? Massacraram índios, castraram todo o tipo de cultura que se tinha, né... E vai aparecendo pontualmente esses heróis, Zumbi dos Palmares, Tiradentes... É... E aí você vai vendo Zé Maria lá no Contestado.... E você vai chegar a Conselheiro, e Conselheiro, assim, é um personagem de uma dimensão histórica, social, antropológica imensurável, porque é um cara que já nasceu, eu costumo dizer que ele já nasceu... Foi uma pessoa predestinada a cuidar de pessoas, né, porque se você for estudar o Conselheiro, lá de Quixeramobim, né, um cara que teve entre suas famílias uma revolta muito grande, entre Araújo e Macieis. Quando você vai analisar as duas famílias, uma poderosa outra de vaqueiros. E aí você vai

naquele meio, crescendo dentro daquilo, seu pai é alcoólatra, mas tem um sonho de colocá-lo pra ser padre, né, pra estudar pra ser padre. E mais tarde, o pai era alcoólatra, o comércio não dá certo, depois casa e é traído pela sua mulher... E a partir daí você vai percebendo esse Conselheiro que é professor, cacheiro, é rábula, ou seja, um advogado. Orientava as pessoas que obviamente não tinham condições de pagar um advogado. Formado, sabia latim, sabia francês, né. Então você vai percebendo que é um predestinado a cuidar de pessoas, pessoas essas que eram pessoas excluídas da sociedade, e que eram dominadas pelo coronal, pelo latifúndio. E a partir de uma certa época, que quando esse Conselheiro que vai aparecer no sertão de Sergipe, né, nos idos de 1874, já com um grupo de pessoas ao seu redor... E é um Conselheiro que... ativo, que trabalha. Mas que trabalha coletivamente. Coletivamente. Você vê que ele vai reformar cemitério, construir igreja, fazer pequenos tanques, açudes... E à medida que esse Conselheiro vai atuando as pessoas vão chegando. Vão se aglomerando ao seu redor, né. Usando seu discurso religioso, mas um discurso religioso que teve uma ótica totalmente diferente daqueles que eram empregados ora pela igreja católica, né? Porque é um discurso que vai diferenciar dos padres porque é um discurso que as pessoas veem uma esperança.

Dila: E ele acolhia todo mundo, né? Índio, escravos recém libertos...

“J”: Sim, acolhia todo mundo. Escravos, negros, pobres, miseráveis... E também gente de posse! Porque alguns vendiam e também acompanhavam...

Dila: Eu acho isso muito impressionante. Essa é a esperança, né, que a igreja não dava...

“J”: E a República ora fundada é que não dava mesmo. Apesar de que na época ainda tava no império, né. E à medida que isso vai evoluindo, vai andando e aí quando ele chega na Bahia, aí é que a população chega, né. Professor Calasans chega a dizer que lá na região, se eu não me engano, de Esplanada, os negros saíam das senzalas na madrugada pra ouvir sua pregação. Né? Pra ouvir sua pregação. E isso vai incomodando, vai incomodando de forma muito grave ao coronel. Pra vocês terem uma ideia, o Barão de Jeremoabo, o senhor Cícero Dantas Martins, tinha 61 fazendas no sertão! 69 no Estado da Bahia e 2 no Estado de Sergipe. E ele se sente altamente incomodado e a sua corja, sua corja de coronéis e de juizes e de intelectuais e de políticos que estavam ao seu redor, porque as pessoas fogem das suas fazendas para acompanhá-lo, né, porque lá eles veem, como nós já falamos aqui, toda essa esperança. E aí se vai criando uma série de situações, de elementos pejorativos, é um matricida, é um louco, é um fanático... uma série de situações que se criam em torno dele, e aí isso é óbvio, a imprensa tem um papel fundamental nisso, porque a imprensa sempre ela está do lado da classe dominante, isso é óbvio, né, como sempre! A gente vê isso até hoje...

Dila: Impressionante como se repete, né, a coisa até das Fake News que já estavam aí desde Conselheiro!

“J”: As fake News, essa questão da engrenagem né, da imprensa... E acabam... Precisa ser internado, era um louco, não acham vaga no hospício do Rio de Janeiro, graças a Deus, né. Graças a Deus. Depois é preso, né, é muito, muito, é...torturado, né, pela polícia até Salvador, levam pra Fortaleza, chegam em Quixeramobim e não encontram nada deste crime, e ele vai dizer depois, inclusive no Belo Monte ele chega a dizer nas suas pregações, quando alguém questionava “Como é que eu matei minha mãe se eu fiquei órfão de 4 anos de idade?” Né? Ele nasce em 1830 e sua mãe falece em 1834. E aí quando ele volta, logo, logo... Quando surge a República, e o povo tá esperando, e o interessante é isso, ele disse mais ou menos a data que chegaria na região de Tucano. E é cumprida essa data.

Dila: Disso eu não sabia...

“J”: É. Ele chega a dizer, e eu não sei porque eu sou meio ruim de decorar data, mas ele chega a dizer o dia que vai chegar e chega praticamente no dia que ele disse. Aí é que o povo o vê como predestinado, né. E aí, quando surge a República, e aí vem uma série de situações, né, com a República, e uma delas é a tal da cobrança de impostos. A tal da cobrança de impostos, o casamento civil, que pra ele o casamento que prevalecia era o da igreja, né... E com a cobrança de impostos vem a famosa quebra das tabelas em Bom Conselho. E aí me aparece que o estopim que a República tem com seus coronéis, já pra começar a perceber que este homem vai dar muito trabalho, né. Vai dar muito trabalho. Tem um artigo que eu acho interessantíssimo, da professora Consuelo Novaes, que é “A Construção do Medo”.

Dila: Ah, vou procurar! É a que fez aquele “Cartas para o Barão”?

“J”: Pois é nesse livro! Fantástico esse livro! Esse artigo é fantástico.

Dila: Ah, eu tenho o livro! Eu comprei recentemente.

“J”: Esse artigo, A Construção do Medo, eu acho fantástico, porque ela vai fazer todo... vai retratar todo o medo que criou-se de Canudos, Conselheiro e sua gente, ou seja, Belo Monte. Cria um... como é que eu posso dizer, uma psicose o medo, me parece. Né, porque é um medo... Os coronéis ficam amedrontados, a República não se fala, a igreja não se fala! Canudos que gera essa, essa psicose de que? Do medo. E a Consuelo tem esse artigo que é fantástico, você vai... entendeu? Então, com a quebra de impostos, a gente vai perceber que Conselheiro vai ser perseguido de todo o jeito... Aí ele vem e quando ele foge de lá com seus seguidores, tem o famoso choque do Maceté, né, e aí instala-se... já vem, né, e em junho, não se tem uma data precisa, mas Professor Calasans até nos orienta que no início de junho de 1893 instala-se em Canudos. E ele ao se instalar em Canudos eu costumo dizer que ele toma duas

medidas imediatas em Canudos – porque Canudos era uma fazenda abandonada. Estava do outro lado do rio, 50 [ininteligível] segundo Euclides da Cunha, né, se você for contar naquela época que 5 [ininteligível] por casa dava uns 150. É mudar o nome de Canudos pra Belo Monte, né. E aí a gente, pouco se fala em Belo Monte, porque Belo Monte teve uma durabilidade de 4 anos. É fundada em 1893 e em 1897 ela é completamente destruída, né. Então a primeira medida é essa. E a segunda medida tomada por ele é a criação da guarda católica, que tem como chefe João Abade. Ela tinha farda própria, farda azul, gorro na cabeça. E essa guarda não só vai proteger o arraial como também o próprio Conselheiro, que ele chega a dizer, e está no depoimento do Frei João Evangelista de Monte Marciano, né, no relatório que ele fez quando ele veio a Canudos que ele diz: “eu agora, no Império eu deixei lhe prender. Como eu não reconheço a República, agora ninguém lhe prende mais.” Então essa decisão, as duas decisões logo de imediato que foram tomadas em 1893 são essas. E aí Belo Monte cresce assim de uma forma assustadora, né, porque Belo Monte é uma comunidade que as pessoas vão se aglomerando, né, como nós já citamos, pessoas muito mais marginalizadas, excluídas, dentro da comunidade, né... Professor [ininteligível] diz uma coisa muito interessante... Canudos foi construída à base da solidariedade. O povo era muito solidário. E aí tem uma frase muito interessante, que é os famosos rios de leite e as barrancas de cuscuz. E às vezes, quando eu comecei a estudar Canudos há mais de 14 anos atrás, ainda tinham alguns amigos meus que diziam assim, né: rapaz que povo idiota, que povo besta, como é que vão acreditar que o rio vai virar leite e as barrancas cuscuz? Né, aí ficavam assim... Aí eu disse, ói, me desculpem, mas vocês não conhecem o poder que a linguagem tem, as metáforas e personificações. Eu, particularmente, interpreto o seguinte, vocês podem até discordar de mim, as barrancas de cuscuz, pode-se dizer o seguinte: eu não tinha o que comer todos os dias, mas agora eu como todo dia. Eu não tinha o de beber todos os dias, mas agora eu bebo todos os dias. Que lá em Belo Monte não se passava fome, as pessoas não passavam sede, as pessoas se alimentavam, as crianças tinham escola, pagas pela... inclusive ele pagava. E a Maria Pereira de Vasconcelos era professora dentro do Belo Monte, né? Que inclusive tinha a Rua da Professora, que tudo leva a crer que era onde ela morava porque eles tinham o hábito de dar nomes de ruas: Rua dos Caboclo tudo leva a crer que eram negros, eram índios... Rua da Professora, né. E a Maria Pereira inclusive ela desaparece. Mas depois foi descoberta a Marta Figueira! A Marta Figueira morreu em Salvador em 1940, que era professora em Belo Monte. Então, quando a gente analisa uma metáfora como essa, os famosos rios de leite e barrancas de cuscuz, tem que incomodar a elite mesmo. Canudos se tornou um Estado dentro de outro Estado. A gente pode dizer que Belo Monte era uma cidade independente. Porque não se pagava impostos, ou seja, de modo geral não se respeitavam as leis da hora, recentes da tal da República. Né, e ele

vai... e... e Canudos, com essa solidariedade, né, da partilha... Dona Zefinha que era uma senhora que eu tive a oportunidade de conversa-la, ela dizia: meu filho, Canudos era uma irmandade só. Eu acho essa frase dela... Quando ela dizia que era uma irmandade só, lá tudo era de todos. Inclusive, ela chega a dizer que Conselheiro dizia quando ele tava lá andando que todo mundo tinha que trabalhar inclusive ele! E aí eu costumo dizer: Conselheiro é um herói, é um líder, tão diferente desses picaretas que nós temos hoje neste país, e Conselheiro nunca, e eu vou usar um termo bem popular, se aproveitou da situação. Ao ponto que quando alguém dizia: “Bença meu Bom Jesus de Joelho”, que as pessoas tinham o hábito de abençoar de Joelho, ele dizia “levante-se que eu não sou Bom Jesus, porque Jesus é aquele que está lá no céu”. Isso demonstra um caráter e humildade de um governante! De um governante! Tinha uma capacidade de mobilizar aquele povo, apesar de eles acharem que Conselheiro... pra eles Conselheiro era tudo, inclusive Deus! Conselheiro era delegado, era... pra eles ele era tudo! Mas ele fazia questão, como diz Dona Zefinha, “eu sou igual a vocês. Eu sou igual a vocês!” Então, quem é que não vai acompanhá-lo, né? Por mais que a gente... tinha os chefes, João Abade era o chefe do povo, Manoel Ciriaco, [ininteligível] com as suas famosas casas vermelhas, né, que também nenhuma sociedade quimicamente pura, isso tá muito no livro de Edmundo Muniz.

Dila: Sim, no documentário de Olavo, também, né, que ele traz...

“J”: Não existe uma sociedade quimicamente pura, então... E aí eu vejo Conselheiro esse revolucionário. Um homem que tinha uma experiência já de vida, tinha uma liderança e o que mais assim, mas às vezes sem querer ser redundante, a capacidade não só de liderança, mas não é um líder que vai oprimir ninguém. Tem uma frase do professor Manoel Neto, que é um amigo nosso, e que uma vez eu tive a oportunidade de assistir uma palestra com ele, e eu acho é muito... Essa frase eu acho fantástica quando diz o seguinte, Manoel Neto diz o seguinte: “em Belo Monte a liberdade entrou sem pedir licença”. Belo Monte a liberdade entrou sem pedir licença.

Dila: E como isso incomoda, né...

“J”: Isso incomodou! Incomodou muita gente. E aí a... até eu dei uma palestra recentemente, né, e eu até usei esse termo, as “Fake News”.

Dila: Na FLICAN? Eu assisti a mesa de vocês! Maravilhosa.

“J”: É, aí esse foi um outro que eu disse, as fake News, em Canudos, foi muita fake News que criaram!

Dila: Foi, uma atrás da outra! Qualquer semelhança é mera coincidência.

“J”: Uma atrás da outra... Nessa linguagem moderna de hoje, né? [risos]. Então, acho que falar de Conselheiro, alguém me perguntou um dia “o que é que Conselheiro é

pra você?”, acho que falar de Conselheiro é, assim, um... deixando até um... Não tem como não causar uma emoção. Porque não é, você imagine alguém mobilizar, eu não acredito em 25 mil pessoas, mas você mobilizar 10, 15, 20 e se fosse 25 mil pessoas em torno de si e as pessoas viverem dignamente e muito bem. As pessoas viverem, viverem... harmoniosamente. As mulheres rezavam, eu tenho até um estudo sobre as mulheres de Canudos, as mulheres se rezavam, as crianças iam estudar, as outras iam pescar nas margens do Vaza-Barris na época da chuva, outros iam cuidar da roça, né? E aí até o próprio Vilanova vai dizer “grande era a Canudos do meu tempo, quem tinha roça tratava da roça, quem tinha gado tratava do gado, as mulheres iam rezar, porque tudo era de todos” [ininteligível] pelo peregrino. Então acho que Conselheiro é assim, é um ícone da nossa história. É um ícone. É um ícone que incomodou tanto a elite, incomodou tanto que Belo Monte precisa ser destruída. É tanta coincidência, gente, o mesmo juiz que estava em Bom Conselho quando ele quebrou as tabelas foi pra Juazeiro! O seu Arlindo Leone. Ele foi pra Juazeiro, como se já fosse uma coisa muito bem tramada, já tudo preparado! A madeira, e aí o Euclides da Cunha vai dizer e eu acho isso interessante, a compra da madeira foi o estopim da guerra! Mas eles iam inventar outra coisa. Canudos ia ser destruída de qualquer jeito! Porque estava incomodando. Né, porque em Canudos as pessoas passaram a ter vozes. As pessoas passaram a ter vozes dentro de Belo Monte. As pessoas, e nessas vozes, as pessoas começaram a perceber “é possível se ter, viver, é possível ter uma sociedade diferente”. Né, você imagine, no grosso do crescimento de Belo Monte chegar 10, 12 famílias e em 8 dias todo mundo ter as suas casas. Isso é um negócio magnífico. Isso é um negócio magnífico, né. Então, isso vai incomodar tanto que a tal da compra da madeira é um estopim e que Canudos vai ser destruída.

Dila: Você falou uma coisa dos 25 mil, né, eu tô vendo também umas divergências e queria só que você... é... esse dado é difícil encontrar ele em fontes oficiais, né, eu já fui buscando, também...

“J”: Dos 25 mil?

Dila: É...

“J”: É porque os 25 foi o seguinte: quando terminou a destruição da guerra, quando eles tomaram Canudos, né, o general Arthur Oscar nomeou uma comissão pra contar cuidadosamente as casas.

Dila: É, tem até n’Os Sertões, né?

“J”: É. E aí chega-se a um total de 5.200 casas. Então esses 25, se criou a ideia de que, naquela época, se colocava em média 4 a 5 pessoas por casa. Então você vai totalizar esse valor. Mas por que é que eu não acredito que sejam 25 mil pessoas, primeiro: é um número muito suspeito de casas, porque elas foram contadas pelo

exército. E a maior vergonha das Forças Armadas Brasileiras é Canudos. Porque? E Antônio Olavo vai até dizer isso, na época as Forças Armadas, o efetivo, eram 25 mil pessoas. 50% foram mobilizadas para destruir Canudos. Então você chega a uma média de 13 mil policiais. Isso dividido em 4 expedições, e ainda vem um reforço, com seu Carlos Eugênio Guimarães, com mais de 3 mil policiais. Né? Pra vocês terem uma ideia, o Ministro da Guerra, o Carlos Machado Bittencourt, vai instalar o seu quartel general em Monte Santo! Porque Arthur Oscar estava praticamente derrotado! Ele estava praticamente derrotado. Então eu não acredito muito nessa ideia. Mas também ninguém nunca teve a coragem de me dizer que lá só teve 1000 pessoas. Ninguém nunca teve a coragem de dizer “não, Belo Monte só teve 3 mil pessoas!”. Quando eu tive a oportunidade de entrevistar seu Paulo Monteiro, inclusive ele é até tio da minha mãe, e a mãe dele não morava em Belo Monte, mas entrava e saía lá, né, eu conversei com ele, ele morava ali depois da 50, e ele dizia “não, meu filho, olhe, lá não chegou a 10 mil pessoas”.

Dila: 10 mil?

“J”: 10 mil. Falava, inclusive, e gostava de dizer, “olha, 8 mil... Que chegasse a 10!” Mas porque, seu Paulo? Não, porque tinha gente, ói, vocês têm que entender que muita gente que entrava e saía e ia fazer compra lá, cê tá entendendo? Mas se a gente for analisar, 10 mil pessoas já é gente demais. Canudos tem 17 mil 700 e poucos habitantes nesse último senso. Né? Outros dizem 15 mil... Mas é muita gente! Independente de seu número. O número 25 mil é um número suspeito porque é um número contado pelo exército, e ele quando mais colocasse casas, era menos vergonha pra eles. Cê tá entendendo? Então, isso é uma questão que eu acho que ainda vai durar muitos anos, vai ser uma, aqueles ainda, alguns que eu acredito que ainda existem, pra querer dizer que Canudos não era isso tudo que se fala, pode usar esse número né, de 25 mil pessoas ou não, entendeu, então Belo Monte é, foi essa cidade [ininteligível]

...Assim, foi destruída, veio a primeira expedição, que inclusive a primeira expedição ela não veio pra destruir, ela não veio pra Canudos... Ela veio pra proteger Juazeiro!

Dila: Sim, que tava sob ameaça...

“J”: E o Arlindo Leone coloca na cabeça que o Tenente Manoel da Silva Pires Ferreira que precisa seguir viagem porque pra encontrá-los, foi encontrar com cento e tantos quilômetros depois no Uauá. Pra você ver como já estava tudo arquitetado, né. E aí a Segunda e a Terceira expedição, com a arrogância toda de Moreira César, porque Moreira César foi derrotado pela sua prepotência... Mas tem uma coisa interessante em Moreira César, e aí Manoel Ciriaco vai nos dizer, né, nos seus depoimentos, inclusive não sei se está no livro de Odorico Tavares, “Canudos 50 anos depois”,

que é um livro fantástico, porque lá você vai encontrar a série de depoimentos de sobreviventes da Guerra de Canudos. E eu não sei se é nesse livro que ele vai dizer o seguinte: “parece que o Moreira César veio nos armar...”. Porque, até então, as armas deles eram armas rudimentares. A luta era corpo a corpo, pra vocês terem uma ideia, na Serra do Cambaio com a tropa do Major Febrônio de Brito, a luta foi corpo a corpo... Na foice, no facão, nas guidas de fraboi [ininteligível], que o sertanejo chama de ferrão, é uma vara com 2, 3 metros com um ferro na ponta... Então essa luta acabou com... A lagoa Cipó vai se denominar Lagoa de Sangue pelo simples fato de que milhares de corpos morreram ali. E que, inclusive, vai se encontrar entre os corpos pessoas armadas com arcos e flechas. O Doutor Henrique Albertazzi, que era um médico da expedição, ele faz um relatório depois e ele relata, e tudo leva a crer que esses índios eram oriundos de uma tribo em Rodelas.

Dila: Que também foi inundada!

“J”: ...vai se encontrar entre os mortos índios, com esses armamentos. Então o Manoel Ciriaco vai dizer isso porque, o que é que acontece, quando Moreira Cesar é gravemente ferido, né, que ele convoca a tropa de Tamarindo, e Tamarindo vai usar uma frase clássica, né, “é tempo de murici cada um cuide de si”. Então o que é que o soldado faz? Abandona tudo. No meio do caminho. E como eles não pegavam nada da República, só pegavam as armas. E chegam dizer que foram várias caixas de bala. Muitas e muitas. E aí os seguidores - eu não gosto muito da palavra jagunço - os seguidores vão... agora sim, agora eles têm poder de armamento bélico. Então o Manoel Ciriaco vai dizer isso... E aí eles já tinham uma coragem, tinham uma vegetação, a área geográfica ao seu favor, né. Tudo eles tinham ao seu favor. Então é um... A Quarta Expedição que vai dividir em duas colunas, uma vem por aqui outra vem por lá, encontra realmente um povo, além da coragem, mas tinha um armamento agora para...

Dila: Oriundas da Terceira Expedição...

“J”: É, lá da Terceira Expedição. E também a coluna Moreira Cesar quando é derrotada fragorosamente cria-se um boom muito grande na elite brasileira. Aí já é... São Paulo e Rio, os jornais que se diziam monarquistas são empastelados lá no Rio de Janeiro e em São Paulo, e agora Canudos precisa ser destruída.

Dila: E o que é que você pensa, assim, da manutenção dessa memória de Canudos, tanto a Belo Monte quando a Canudos que foi reerguida pelos sobreviventes, hoje em dia? Como que você pensa, assim, que é construída essa memória?

“J”: É, assim, olhe... Eu vejo como... Quando Canudos é destruída completamente, né, e a grande barbárie da guerra é o crime da degola, né... A degola porquê... Não só a degola, né... Pra vocês terem uma ideia, só pra chegar ainda na sua pergunta, não

só a degola, mas, olhe, crianças foram estupradas, meninas, crianças foram pegas pelos pés e no primeiro pau que encontravam batiam a cabeça, certo? Inclusive tinha um relatório do Pedro, o Pedro é Pedro Cinzinho, que vai dizer isto, né, isto na estrada até Monte Santo. Então a barbárie da guerra, esse genocídio, né, que foi causado, além do depois desses sobreviventes, foi terrível! A degola, a estuproação... E a degola, não só foram velhos. Foi criança, foram mulheres... Eu tenho o depoimento de uma senhora, que no dia que ela me viu me deu este depoimento ela se emocionou, chegou a chorar. Que ela dizia o seguinte: umas mulheres ficaram, quando eram entregues, elas ficavam cercadas pelos fanáticos da República, os soldados. E aí tavam lá, tinham as comidinhas fazendo nas panelas, uma coisinha pra saciar sua fome – isso eram os descendentes dela que contavam – e aí tocava uma corneta, o soldado tocava uma corneta, aí dizia “nós temos que sair daqui agora todo mundo!”, aí uma dizia “E nossas panelas faz o que?” Pegue quente e bote na cabeça... Né? Isso me dá até arrepio, né. Então, a Guerra de Canudos foi uma crueldade tremenda, foi uma brutalidade sem tamanho, um genocídio sem tamanho. Então não só foi isso, então a degola foi a barbárie, mas tem outros depoimentos que a gente vai encontrar. E isso a partir de 1910 é que se começa a reerguer, nos escombros da Segunda Canudos, por ex-sobreviventes e outras pessoas, nos escombros, surge a Segunda Canudos. Uns dizem 1909, 1910... e que vão se reconstruindo por ex-sobreviventes. Tem pessoas, assim, que têm muito medo de falar de Canudos. João de Régis nos dizia, que é um grande mestre, eu costumo dizer que nossos grandes professores foram esses meninos, essas meninas... João de Régis, Maria Avelina, Pedrão, Manoel Ciriaco, porque eles desconstruíram todo o discurso de 50 anos da gaiola de ouro do senhor Euclides da Cunha, que foi contado sempre na ótica dos vencidos. Os vencedores eram jagunços, malandros, criminosos, etc... João de Régis vai nos legar uma frase clássica, quando a gente dizia assim “Ô seu João, porque essa guerra?” ... “Meu filho, em Canudos só faltou uma conversa”.

Dila: Genial...

“J”: Eu acho essa frase tão genial porque neste país o que se falta nesses movimentos sociais, quando o povo tem voz e tem vez, é conversa. E agora nós não temos mais conversa. Nós temos um senhor aí, sem comentários, que só fala besteira, só fala burralidades...

Dila: É uma coisa horrível.

“J”: É uma coisa horrível. Eu nunca pensei na minha vida, nos meus 50 anos, que eu encontrei a ditadura já no final - eu estudava lá no Pernambuco, que eu sou daqui mas estudei fora porque aqui não tinha escola, principalmente nas zonas rurais - que a memória de uma Mirian Leitão, de uma Dilma Rousseff e de tantos outros que foram mortos, que foram queimados [ininteligível] de padaria, que eu ainda ia pensar, que

eu ainda ia ver um senhor desse no poder. E eu ver, assim, a memória daqueles que tanto lutaram contra a ditadura, que morreram ou perderam tantas pessoas queridas, perderam tantas pessoas, esses são nossos heróis. Esses é que são nossos heróis! Que não se curvaram diante das opressões.

Dila: O cara ainda homenagear Ustra...

“J”: Homenagear Ustra, minha gente! Isso é sem comentários... Sem comentários.

Dila: Isso é outra barbárie...

João Batista: [ininteligível] fazer uma estátua do Ustra, só pra gente ter o gosto de ir lá e derrubar...

“J”: [risos] Não é verdade? Então voltando ainda à sua pergunta, que vai entrar a memória, né, então Canudos passou quase 50 anos, as pessoas tinham medo de falar de Canudos... Porque me parece, sim, se a gente for analisar, a degola tem um simbolismo terrível, que é uma prática da elite como se, simbolicamente, e é óbvio, vai representar o medo para as pessoas que ora ou fizeram parte, ou perceberam aquele movimento, isso é uma prática... Zumbi, foi o que? Degolado! Zumbi foi degolado... Tiradentes foi esquartejado... Conselheiro foi degolado. Lampião foi degolado lá no Angico... Muitos foram degolados. Então você vai perceber que isso vai representar, me parece, um simbolismo muito forte que eles implantam que é a questão do medo mesmo, “olhe, se surgir outro você vai ser degolado igual a eles! Você vai ser degolado igual àquele ali...” entendeu? Então olhe lá o que você tá pensando... E aí me parece, que João de Régis vai dizer, e outros, a questão do medo. Tem um depoimento de uma professora, e você vai encontrar, se não me engano em “A Construção do Medo”, que uma mulher que vai ensinar em Euclides da Cunha, ela foi enfermeira em Salvador, que cuidou de sobreviventes da Guerra de Canudos, os feridos lá, ela vai dizer – uma professora primária! Em 1903! Lá em Euclides da Cunha – “Canudos me metia medo...” Você imagine uma professora, formadora de opinião, tinha medo de falar de Canudos... Isso durou muito tempo! Mas graças à Calasans, que é nosso grande mestre, nosso grande ícone, hoje eu recebi até um livro aí, Cartografia de Canudos, né... Calasans é o grande mestre porque ele vai dizer o seguinte: “A voz do povo sertanejo tinha outro sabor!” Eu acho essa frase de Calasans... Ele podia não ter dito nada mais, mas só isso ele já disse tudo! A voz do povo sertanejo tinha outro sabor... E aí você vai dizer “que sabor é esse?” O sabor de dizer que Belo Monte era um lugar diferente, que Conselheiro era um homem de paz, Conselheiro era um homem do bem, Conselheiro era um líder carismático, não temos adjetivos pra dizer o que aquela gente era, o que aquele líder era o que aquela cidade era praquela gente! Então esse outro sabor a gente vai ouvir de João de Régis, que só faltou uma conversa, vai ouvir de Maria Avelina “meu filho, a gente não gosta nem de falar dessas coisas, que por

ele não tinha havido guerra...” Outra senhora vai dizer “deixa ele em paz!” Como se dissesse assim: o que é vocês tão falando dele aqui? Como se ela quisesse dizer assim: por mais monossilábico que me parece essas frases dessas pessoas, sabe João e...

Dila: E Dila.

“J”: E Dila... Por mais monossilábico que fossem as frases dessas pessoas, mas tem uma carga... Tem uma carga de simbolismo nas entrelinhas, no que se define o que foi Conselheiro e a sua cidade! Então, a partir dos anos 50 com Calasans é que vai se desconstruindo todo este [ininteligível] e a memória vai sendo resgatada! Porque tem um outro sabor, que agora vamos ouvir essas pessoas. Quando essa mulher diz “Bota a panela quente na cabeça”. Né? Bote uma panela quente na cabeça?! Isso é uma barbárie! Eu contava ali nestante, que eu era criança e eu vim [ininteligível], não sei se já contei a João Batista, que depois eu vi um senhor, aí o povo não acreditava muito nas histórias dele porque ele era contador de causos, né, foi vizinho até de meu pai. Mas depois eu me lembrei dele contando essa história, que diziam a ele, crianças recém-nascidas mamavam nas tetas das mães mortas! Eu ainda ouvi isso! Se é verdade ou não, né? Mas quem somos nós pra dizer que é mentira? Quem somos nós? Pra dizer que é mentira uma barbárie dessas... Que quando você vai com os depoimentos, vai corroborando com isso aí... Não tem jeito, vai corroborando! Então, mesmo assim, eles resolvem reerguer lá porque Canudos é o símbolo de resistência, ói, nós tamos na terceira! Canudos é um símbolo de resistência, quero ver quem vai tirar isso de nós! Tira nunca! Não tira nunca isso aqui! Vai reconstruindo, devagarzinho, se torna uma vila... Né? E a partir do, não sei se foi no senso de 1950, não chegava nem a 200 casas, mas tá lá. Aí a partir dos anos 30, seu Getúlio Vargas chega a Canudos, e fechando nossos comentários, chega a Canudos, né, e se hospeda na casa de um coronel, que a família faz questão, né, João Batista? Faz questão de dizer “não, não sei se teve essa história...” Não teve o que, home?! Não teve o que? A gente respeita, lá, porque é descendente de seu Isaías Canário, inclusive um escritor, Eldon Canário, que escreve muito bem, né, sobre a nossa história, sobre o modo de vida daquela gente, né? E aí Getúlio Vargas chega nos idos do final de 30, já no final de... Foi de 39, foi, João?

João Batista: Que ele veio aqui? 42...

“J”: 42, não foi? Que até, tinham até uma dúvida sobre essa data, né? Por isso que diziam década de 30. Aí em 43, como o colega tá dizendo, quando termina tem lá toda aquela receptividade, tudo, fica na casa de seu Isaías Canário, que era o coronel da comunidade, aí na despedida ele disse “Seu Isaías, faça um pedido!” Aí ele disse “um açude”. Pois seu pedido será aceito. E aí não demora muito, o IFOCS, se não me engano era Instituto Federal de Obras contra as Secas, depois passa a ser DNOCS já

vem, começa a se instalar, vem chegando, e aí fazem estudos na área toda... Riacho como o do Rosário, no Mandacaru, após a Segunda Canudos, foram feito estudos pra saber realmente onde iria ser construída essa barragem... Na linguagem deles, na linguagem da engenharia, resolveram que o açude tinha que ser construído nesse lugar. A banca tinha que ser aqui. Isso vai demonstrar o que? Que é preciso agora apagar Canudos agora com água. Porque a primeira foi com sangue. Com fogo.

Dila: As pessoas começam a falar, começam a lembrar, a ganhar voz, e aí...

“J”: E o que é interessante, apesar de que não era tão como hoje, não se foi respeitado estudo nenhum, nem estudo ambiental, nada! Nem estudo histórico, nada! Chegou, foi implantado ali e... Isso durou muito tempo né. Eu me lembro que meu pai às vezes dizia, mãe que ainda me comenta, né, que o povo dizia na época, e ela já era casada, recente, que ninguém acreditava que ia ser construído esse açude. Pra muitos senhores, o pessoal dizia “oxe! Fechar o Vaza-Barris?!” Porque o Vaza-Barris é um rio potente, não acreditavam também que ia ser construída essa barragem aí... Minha mãe diz até hoje, se perguntar a ela acho que ela ainda se lembra, ela me dizia que não se acreditava... E muitos moradores dessas comunidades também, não achava que ia ser construído esse açude... Maaas, as obras começam, os estudos, a engenharia vem e se instala na Segunda Canudos, depois que Getúlio Vargas morre, suicida-se em 1954, as obras quase param, mas depois elas retornam e já vem como todo o vapor, até que fecham-se as comportas, completa né, em 68, fecha, mas a bicha... dá uma chuva, né, João? A banca quase que vai embora! Aí depois em 69... E esse povo em 1967 tinha se transportado pra cá. Uns vão lá pro Canudos Velho, onde é o Alto Alegre, pouquíssimos, outros vão ali pro Bendegó, também uma parte fina, mas o grosso vem pra cá. Aí você vai analisando, vai perceber, uma vez eu tive a oportunidade de entrevistar a Dona Carmem do Bendegó, e tudo, dá emoção dela contar que as pessoas... gente que não queria sair. Gente que a água tava cercado a casa e saiu porque disse “agora eu tenho que ir embora senão eu vou morrer afogado”. Aí ela diz uma frase de um bispo famoso, Doutor Jackson, eu conheci também, que ele não era a favor. Porque não se coloca Canudos aqui nesses altos? Tanta terra que tem aqui, porque levar pra Cocorobó? Ele na época ainda contesta, ela chega a me dizer isto.

João Batista: Espaço tinha, né?

“J”: Espaço tinha! E ela chega, ela era uma mulher muito religiosa, frequentava muito a igreja, era óbvio, e ela sempre ouvia isso de Doutor Jackson. Ele dizia “e porque não construir... Porque levar essa gente pra lá?” Porque as pessoas... né... E tem um depoimento, se não me engano é de Dona Maria Guilhermina, ela vai dar a um repórter, que ela diz, quando fala do açude, que ela vai dizer assim “porque esse açude aqui? Pra apagar o sangue de tanta gente?” Ela diz “pra cobrir o sangue de tanta gente?”

Aí ela no final diz assim “vai fazer o que?” Como se dissesse, esse “fazer o que” tem uma carga tão emotiva dessa senhora, que é como se dissesse assim, “quem somos nós pra brigar com tudo isso? Quem somos nós? Fazer o que?” O próprio Zé de Isabé vai dizer no documentário de Antônio Olavo, né, a mesma coisa. Eu não tenho dúvida, EU. Que o açude foi para apagar a memória. Tinha outros locais para ser construído, certo? E que pra acabar de corroborar o negócio, foi em plena ditadura militar que as obras chegaram a todo vapor! Mas tem uma coisa, e aí é a sua segunda pergunta, que é o surgimento das ruínas, apesar de ser meio paradoxal, né, que surge, mas vem a seca. Uma coisa assim meio paradoxal, me parece, né. E que também é interessante, as pessoas tem que ter muito cuidado e tem que se entender que ali é as ruínas da segunda Canudos, não é da igreja da primeira, não, como muitos repórteres chegam aqui contanto mentira... Contando mentira.

Dila: E ainda tem isso, né?

“J”: Ainda tem isso. Não chegam, não vão procurar quem pra mim é o maior estudioso é esse rapaz aí [se referindo a João Batista logo ao lado], o maior guia turístico que nós temos, tem que procurar João Batista!

João Batista: Oxente...

Dila: Eu concordo! Eu falo assim, venham pra Canudos, mas procure João Batista! [risos]

“J”: É! Entendeu? Tem que procurar esse rapaz! Como é que chega e vai dizer que aquilo é ruína de Conselheiro?! Se só ficaram os alicerces... A única relíquia é o cruzeiro! Você já foi lá?

Dila: Já!

“J”: É o cruzeiro...Eu se eu pudesse entrevistar [ininteligível] ele ia falar de tanta coisa né... Se a gente entrevistasse aquele menino ali, né? [risos] Então as ruínas, eu vejo as ruínas, assim, como um... um... Tem um simbolismo tão grande aquele ressurgimento, né, que nos causa, assim, uma emoção muito grande, e é como se dissesse assim: a memória ela continua sempre viva no meio das pessoas. Parece que ela vem ressurgir, e a gente percebe isso, que passa o ano inteiro e ninguém vê as ruínas, não, não foi, João? Quando teve aquelas grandes secas, que começou a surgir, as pessoas começaram... Tinha gente que parece que até se emocionava! A dizer assim, olhe “olha, os nossos antepassados estão ali.” Parece que ela veio, metaforicamente falando, pra dizer assim: “eu vou acordar aquele povo! Eu vou acordar aquele povo! Não só da segunda Canudos, mas eu vou acordar aquela gente, naquela mesma segunda Canudos, está lá.” Como diz Dona Maria Guilhermina, o sangue jorrado de milhares de pessoas que lutaram, né, por um ideal, que acreditaram, né, que tinham toda uma resistência com o simbolismo, e aquelas ruínas representam resistência

também, nem o açude derrubou! Ficaram, e eles ali, tá lá a resistência, tá lá. Você botou a foto, essa... Fui compartilhar e não consegui, que eu não sei que programa foi aquele que você botou... [risos]

João Batista: Não, eu já mudei, já... Botei pra compartilhar. [e mostra as imagens]

“J”: É? Ói, ói elas de novo! [aponta para a imagem no celular de João Batista] Ói elas ressurgindo de novo! Rememorando... Né, aquela coisa, assim. Então eu vejo aquelas ruínas, assim... Um dia eu fiquei com tanta raiva que alguém me disse, que uma colega minha de trabalho me disse “eu acho aquilo tão clichê!” Aí eu “você me respeite! Você me respeite!”

Dila: Acha as ruínas clichê? Porque?!

“J”: Clichê... Gente... [risos] É que tem a cultura, não sei nem lhe dizer onde é. Né? [risos] Ói, eu fiquei com uma raiva quando disse “eu acho aquilo tão clichê, que só fala daquilo ali”, minha filha, olhe, é melhor você calar sua boca... Você cale sua boca, certo, porque, primeiro você tá falando com a pessoa errada, certo? Você veio procurar a pessoa errada. Você não sabe o que é que aquilo representa. Se você não sabe, quando a gente não sabe das coisas, a melhor coisa é o silêncio. Porque o silêncio também é uma linguagem. Então eu acho assim, que mesmo apagando, mesmo com esse mar de água, que não veio resolver o problema da seca, né, eu acho que o açude só nos atendeu aqui, mal. Mal! Você vai nesse perímetro hoje, é um desastre! A minha primeira formação é técnicas agrícolas. Minha primeira formação. Que a minha formação é letras, viu? Não sou historiador não, né? O povo acha que eu sou historiador, mas eu não... [risos]

Dila: Ah, que maravilha, eu adoro letras! Por isso que eu tô na multidisciplinaridade!

João Batista: Mas é o melhor historiador que tem na região!

Dila: Pois não duvido, não...

“J”: [risos] Não sou historiador, não, viu? Então, esse perímetro hoje, tudo obsoleto, as bicas, que é os canais, tudo obsoleto, né... Então o açude não resolveu o problema da seca para Canudos, não... Né, comunidades hoje que vivem, né, quando a seca, e eu digo porque minha família ainda mora lá, meus pais ficam teimando em ficar ali, que a gente de idade gosta de sua terra natal e defende até morrer, se vier pra rua faz adoecer... Tão lá, mas quem lhe vai levar a água? O carro pipa que vai levar... Meu pai paga...

Dila: Eles estão aonde, seus pais?

“J”: Numa fazenda aqui próxima, 40 e poucos quilômetros [ininteligível]. O carro pipa de vez em quando vai levar água pra eles. Tem um posto, também, que meu pai pega lá numa barragem que é nossa, vai vazio, mas não leva daqui do açude, quer dizer,

não resolveu o problema! Isso é uma coisa que tem que ser amplamente discutido, que não é mais, né, porque eu acredito que... Eu vejo com muita preocupação hoje esse açude, porque o assoreamento é muito grande, as matas ciliares foram totalmente destruídas, a invasão nas ribeirinhas é um negócio impressionante, o esgoto de Canudos cai dentro do alude, pra você ter uma ideia, que é um caso, assim, absurdo!

João Batista: “J”, essas coisas ruins, não pode contar, não, viu? [risos]

“J”: Isso é um caso absurdo! Apesar de ter uma classe de poder aí que não vai muito com a minha pessoa, né, mas eu não me preocupo muito com eles... Né, porque as pessoas... Isso é o que diferencia Conselheiro! Que as pessoas que têm no poder elas têm o defeito horrível de achar que tem que castrar a voz do outro! As pessoas que têm no poder têm essa mania... E a literatura tem um papel fundamental nisso, quem é que mais sofre? Os escritores engajados com uma determinada proposta de denunciar as atrocidades desses caras, né, as mazelas que são causadas por essas caras... E muitos deles são o que? Mortos, perseguidos, ou então castrando através de um certo silêncio, “nós temos que dar um silêncio àquele rapaz”. Eu vejo isso como um descaso muito grande... Aquele esgoto dali da região do Memorial cai todo dentro do açude! Todo dentro do açude... E ninguém tá nem aí! Uso de agrotóxicos, nessas ribeirinhas, tudo ali dentro que vai... Né? Mas, e eu vejo com preocupação, pois já que está aí, preserve-se! Porque a memória, é uma coisa interessante, mesmo eles fazendo isso, mas não conseguiram apagar! Tá lá o Parque, tá lá, tem um estudo na Serra do Cambaio... Eu mais João Batista... Tem dois anos que a memória [ininteligível] vai sair... Tá lá, tá lá a Lagoa de Sangue, tá lá a Serra do Cambaio com todo o seu sítio arqueológico, histórico. Isso ninguém apaga! Não tem jeito. Não tem jeito. Acho que a FLICAN tem um papel fundamental que é preservar a memória. Foi preservar a memória. Cê tá entendendo? E esse ressurgimento é isto, né, aquele ressurgimento tem todo um simbolismo de que a memória de Canudos, que representa a resistência, vai ser sempre resistência. Canudos é um exemplo! Eu acredito ainda que a gente pode mudar tanta coisa, porque nós somos exemplo de mudança. Nossos antepassados foram uns heróis que lutaram até a morte! Preferiram ser degolados! Uma aluna me perguntou, há uns 2 meses atrás, “mas professor, como é que aquelas mulheres estavam sendo degoladas e as outras continuavam dizendo viva Conselheiro?” Porque não diziam “Viva a República”, sabendo que não morriam? E eu disse: quem é que garante que elas iam ser libertadas, mesmo dizendo Viva a República? Mas mesmo assim, minha filha, vamos esquecer isso aí, vamos esquecer esse comentáriozinho que eu fiz, é aí onde está todo o simbolismo daquela gente. Todo o simbolismo. Pra eles era uma vergonha dizer “Viva a República”. Era uma vergonha” Era como se dissesse assim, era você se sujeitar ao medo de dizer... Mas o que foi que nós fizemos? O que foi que nós fizemos? O filme de Sergio Rezende, com todos

os problemas que ele tem – pra mim foi uma decepção quando eu assisti a primeira vez aquele filme. Mas tem uma cena de Marieta Severo que eu acho fantástica...

Dila: Qual filme?

“J”: De Sérgio Rezende, o Guerra de Canudos. Quando o coronel vai lá entrevistar a Marieta Severo, que ela diz “eu não vivo bisbilhotando a vida de ninguém, não, seu moço...” E ela prefere ser degolada! Degolada! Então isto, eu dizia pra essa aluna, isso, minha filha, isso é o preço da resistência. Isso ninguém tira. Ninguém! Né, elas são umas heroínas, não tenha medo de dizer isso em qualquer lugar que você chegar: herói são eles! Herói não é Arthur Oscar, não é ninguém não, aquilo era um bando de picareta! Herói são elas! São eles e são as crianças que preferiram não se curvar, né? O que é que eles fizeram? Matar uma... Saíram de Monte Santo, 3, 4 mil policiais pra matar um povo que só queria viver bem! Eles só queriam viver bem!

Dila: E isso tem que ser reconhecido, porque outro dia eu passando, pra você ver, a gente estuda a Guerra de Canudos lá em Salvador né, eu sou lá de Salvador, de uma forma muito...

“J”: Conservadora!

Dila: Sempre! Ainda mais na época em que eu fiz escola, né...Hoje acho que tá mudando um pouquinho...

“J”: É, já se quebra alguns estereótipos.

Dila: Já se quebra mesmo, mas na época da minha escola, era conservador ao extremo. E eu outro dia, há 3 anos atrás, foi que eu me dei conta, que eu passava direto ali no Forte São Pedro, você conhece Salvador?

“J”: Conheço.

Dila: Ali no Forte São Pedro, tem uns bustos, não sei o quê, tem umas estátuas... E eu passava ali... E passando uma vez com um amigo meu, que é historiador, e ele falou assim “você já viu isso?”. Antes de eu escolher Canudos como tema! Tinha um negócio de bronze homenageando os militares heróis que lutaram na Guerra de Canudos. Eu fiquei chocada! Você já viu isso? Rapaz... Aí [ininteligível] esses são os heróis ainda lá em Salvador! Um negócio desses tem que ser derrubado!

“J”: Antes se deu um estigma, né....Aquela coisa, o estereótipo, né, “não, os heróis foram eles” ... É o discurso conservador. Então eu acho que Canudos é isso, eu acho que Canudos é um exemplo que deve ser seguido. Acho que Luitigarde disse uma coisa que nos emocionou quando ela disse, né, com aqueles 3 livros lá, Manoel Benício, ‘A Última Viagem de Canudos’, não foi? E de Horcades...

João Batista: E o de Atalila.

“**J**”: Não, o de Atalila, não...

João Batista: O de Lélis Piedade!

“**J**”: O de Lélis Piedade. Esses livros tinham que ser adotados nas escolas! Nas escolas! Esses sim eram os verdadeiros historiadores! Então eu até dizia a Adriana com esse Cartografia de Canudos, eu espero que meus colegas de trabalho peguem um livro desses e comecem a dizer aos meninos, né, que Canudos foi isso. Canudos foi um povo heroico. Né? Jagunço, como disse professor Calasans, eram todos aqueles que diz que jagunços foram assassinos. Eles foram um povo desamparado, e acreditaram no Conselheiro não só espiritualmente, mas socialmente, porque ali era um lugar diferente pra se viver...

Dila: E foi!

“**J**”: E foi! Então, assim, eu quando comecei, só pra fechar, porque vocês já estão... Eu comecei a estudar Euclides da Cunha... Canudos por Euclides da Cunha!

Dila: Eu também.

João Batista: A maioria das pessoas. Inclusive eu.

“**J**”: É? E digo a vocês que é um texto, do ponto de vista literário, sem comentários, é um monumento! Linguístico, tudo... Agora, Aleilton nos diz uma coisa, professor Aleilton, que eu acho fantástica: o livro de Euclides da Cunha é pra ser estudado na academia... Disse naquele depoimento lá na Romaria do ano passado. E pra nós que estamos em Canudos, que ele também vai dizendo, e foi do nosso grupo, tem que estudar outros pra poder chegar neles. Pra não ser um discurso ao contrário. Nós temos que rebater...!

João Batista: Desconstruir logo!

“**J**”: Desconstruir logo pra quando chegar lá não dizer, “mas rapaz, esse cabra disse que a mulher era bruxa! Que era uma megera...”

Dila: Dizem é coisa! Eu fiquei chocada quando fui lendo, eu li em 2016, e escrevi – eu gosto de escrever nas margens – um monte de recado desaforado pra ele. [risos] escrevi um monte de coisa... Mas assim, mesmo na academia eu acho que ele tem que ser contraposto.

“**J**”: Não, é porque a academia tá lá e vai ter o embate!

Dila: É, mas ainda assim, eu ainda encontrei hoje artigos – porque eu utilizo Euclides da Cunha na minha dissertação – dizendo, que diz isso e eu não concordo, que é que ele mudou a visão sobre o sertanejo, não mudou!

João Batista: Não, ele reafirmou...

“**J**”: Não mudou... Não. A única coisa que eu vejo de Euclides pra Canudos foi a divulgação. A gente pode dizer, não, Canudos tá aí nos rincões do mundo – que a obra foi traduzida até para o chinês, né? Alemão, italiano, etc. Certo? Então, querendo ou não, o papel de divulgação, ou errado ou não, teve. Teve. Agora vir dizer que Euclides, um positivista, determinista, militar, europeizado, vem escrever sobre o sertanejo só passando 16 dias? Como diz até um parente meu, Moisés, vem dizer que... que... vem escrever com aquela riqueza de detalhes sobre umbuzeiro, e umbu, que em setembro nem umbu tem! Nem umbu tem! Né? Agora o que foi que ele fez, o professor Calasans vai dizer que Os Sertões é uma coletânea, inclusive lá em [ininteligível] onde ele disse isso, ficaram fervendo, morrendo de raiva do senhor Calasans. Porque lá em [ininteligível] estuda Os Sertões, eu já participei uma vez em 96 se não falha a memória, foi um grupo de jovens daqui, né, lá eles têm Euclides da Cunha como um Deus! Uma veneração. Mas Euclides da Cunha foi pegando documento de Teodoro Sampaio, de Vicente Ferreira Passos, que era um padre em Jeremoabo, e foi onde ele foi botando sua gaiola de outro. Mas ele foi tão esperto que não disse nada! Não tinha detector de plágio...

João Batista: Eu ainda acho, defendo que a parte que ele fala sobre o sertanejo é de Siqueira Menezes. Porque o Siqueira, o próprio Calasans vai dizer, que Siqueira de Menezes publica em uma entrevista que ele dá em jornal, ele diz que versaria sobre o homem sertanejo! Aí eu penso: será que não foi o Siqueira que...? [risos]

Dila: O que eu acho, assim, d’Os Sertões, minha teoria né, nesse breve tempo que eu venho... que eu comecei a estudar Canudos. Ele muda a visão sobre o militar! Isso ele muda. Porque ele vai dizer que os heroicos e não sei o quê, fulano de tal, e depois ele vai vendo a barbárie! Ele não fica até o final, mas ele vai vendo a barbárie...

“**J**”: A degola... Porque, na realidade, ele chega a se decepcionar com a própria República!

Dila: É! Ele muda muito a visão sobre o militar, depois ele fica chocado, dizendo que são uns bárbaros. Agora sobre o sertanejo, na nota preliminar do livro, que é a que ele faz depois, né, que ele termina, ele vai dizer que é uma raça condenada ao desaparecimento.

“**J**”: O sertanejo é um torto desengonçado!

Dila: Hércules-Quasímodo!

“**J**”: Aí lá na frente, disse que o sertanejo é tudo forte? Ói que ironia terrível?

João Batista: Aí ele vai dizer que o sertanejo é antes de tudo um forte, né, aí vai discorrendo, aí lá na frente ele vai dizer que esse, embora você atribua a força, né, quando impelido por uma situação adversa se torna, se revela um verdadeiro titã.

“J”: Quer dizer, elogia e ao mesmo tempo...

João Batista: Depois desce a madeira!

“J”: Desce a madeira! [risos] Então é uma contradição terrível! Então eu acho que, assim, ói, Canudos, Conselheiro, era um visionário. Se a gente for olhar direitinho, estudar direitinho, era um visionário. Era um homem que... pena que não surgiram outros pós Conselheiros. Que uma hora eles iam cansar de tanto derramar sangue. Então acho que foi assim um... você aglomerar tanta gente, né, tanta gente... É um negócio assim, fantástico! É uma grandiosidade! Se eu pudesse eu estudava Canudos todo dia, mulher! Eu não tenho é tempo... Eu acho que um negócio assim, que... você vê, quando você vai lendo o depoimento das pessoas, até hoje, você vai lendo assim... Mas que tanta barbárie foi essa, meu deus do céu? E um povo que só queria viver em paz...

João Batista: A Dila me contou uma história, né, aliás, conte você!

Dila: É a de “L”, né?

João Batista: É, eu achei assim, uma coisa fantástica, uma coisa interessante, assim, uma coisa totalmente... Eu nunca tinha ouvido falar, não sei se você já ouviu...

Dila: É isso que eu acho o maravilhoso, assim, de estar fazendo pesquisa de campo... Eu tô entrevistando muita gente e fazendo as perguntas que eu lhe fiz. E aí Conselheiro domina, também, porque ele foi essa figura, né? E “L”, que eu entrevistei, acho que foi a primeira entrevista... Os avos dela lutaram na guerra, então o pai dela contava muita coisa, e ela me disse que Antonio Conselheiro foi levado por um beija-flor.

João Batista: Não morreu, não, foi levado por um beija-flor.

Dila: É, disse que ele não morreu, não, ela dizia “ele não morreu”

“J”: Quer dizer, criou-se aquela ideia né de que o líder não morreu, né.

Dila: Isso é lindo!

“J”: Ele dizia que as almas [ininteligível]

Dila: Isso é quase realismo fantástico.

“J”: Isso é muita emoção.

Dila: Eu quase chorei.

João Batista: Você não conhece “L”, não?

“J”: Não, eu já ouvi falar, mas nunca tive com ela. Eu já ouvi falar.

João Batista: Foi o filho de Nininho, aqui, como é o nome dele?

Dila: Marcelo?

João Batista: Marcelo. Marcelo que levou você...

Dila: Foi, me levou lá. Ela mora pertinho do açude, numa parte como se fosse uma ilha, assim.

“J”: Ah, Marcelo, né. Então você vê, né, o que é bonito disso, o que é bonito sobre essas pessoas é que você não vê, é como você acabou de dizer. Eu encontrei uma, até no trabalho dessas meninas que eu ajudei a orientar agora que é o Varal de Memórias, elas vão apresentar até em Salvador, essa feira de ciências, né? Tem uma senhora, uma mãe aqui que até tem uma filha, a filha de Jardel, né? E a avó dela dizia, a avó dela diz que a mãe dela não gostava de Conselheiro. Aí ela foi perguntando, direitinho, mas veja, não gostava porquê? Ela perdeu um irmão dentro da Guerra de Canudos. Quer dizer, ela não fala mal dele! Não gostava porque na linguagem dela, na visão dela, foi o causador da morte do seu ente querido. Aí eu lembro, olhando, essa senhora aí fez pouco depoimento, né [ininteligível], Dona Lindu, mas você vê ela também, em momento algum, mesmo ouvindo isso da mãe dela, disse que Conselheiro era uma má pessoa. Então, quer dizer, não é nem... a raiva, entre aspas, foi motivada por uma outra questão de caráter pessoal, de um ente querido... Então você não vê, gente, você não ouve em canto nenhum, de alguém dizer, falar mal, não... Meu pai é que, se dizer coisa, vai dizer “meu filho, Lampião foi melhor do que Conselheiro!” Mas meu pai, porque? “Conselheiro iludia o povo!” Aí lutar pra morrer, sabendo que ia morrer... Cê tá entendendo? Meu pai com os discurso dele... [risos] “Iludia era o povo! Com Lampião não foi pior? Diga aí se não foi? Porque Lampião ia lá e fazia o serviço, e ele não fazia, era... iludia o povo! Era contar as histórias pro povo ir...” Meu pai... Não me conte um negocio desse, não, pelo amor de Deus... Aí se alguém ouvir, seu filho vai endoidar agora! [risos]

João Batista: É igual a Carlinhos lá do hotel, né, Carlinhos vai dizer que não gosta de Antônio Conselheiro... “ah, não gosto de Antônio Conselheiro, não... Porque ele... As terras da minha avó... Da minha bisavó, lá... Ele chegou e ela teve que sair...”. Saiu porque era latifundiária, né, tinha uma bisavó latifundiária...

“J”: Quando eu estudei Canudos, alguém um dia chegou e disse “aí, o que é que você diz do assassinato da família Mota?” – porque a única mancha negra dentro de Canudos, se a gente for analisar, foi o assassinato da família Mota. Aí eu digo, eu não vou nem lhe responder, vou lhe fazer outra pergunta que tem valor argumentativo: “e o que é que você me diz, após o assassinato da família Mota, Canudos crescer vertiginosamente?” Me explique aí? Me explique, agora... Porque inventaram que a família Mota foi assassinada porque dizem que os Mota foram avisar o Coronel em Uauá, o tenente coronel, que as tropas iam pra lá. E que mais tarde Calasans vai descobrir que não teve traição dos Mota mas sim os Vilanova, por eles serem

comerciantes não aceitavam que ninguém atrapalhasse o comércio deles. Foram os Vilanova que mandaram matar...

Dila: É aquele que aparece na peça teatral? Tinha um que quer trair a... a...

“J”: Não, ali é o Jesuíno Correia Lima, não?

João Batista: Ali é o Capitão Jagunço.

“J”: É, o Jesuíno Correia Lima.

Dila: Que tá com raiva porque a família morreu...

João Batista: É. E também ele era comerciante, mas ele saiu do arraial, foi expulso [ininteligível].

“J”: Também. Tudo leva a crer porque eram comerciantes. Os Vilanovas montaram um comercio poderoso dentro do Belo Monte e não aceitava que ninguém atrapalhasse os seus interesses. Não é à toa que a família foge toda e não perde um ente querido! Os Vilanova. Então a família Mota, que não foram todos assassinados porque os filhos foram recolhidos numa casa lá, se não me engano foi de Joaquim Macambira, Calasans vai descobrir depois que o assassinato se deve não motivado porque ele mandou avisar ao tenente coisa nenhuma, porque ele não mandou. Mas, simplesmente... E alguns seguidores ficaram decepcionados na época com o Conselheiro porque ele não interviu, ele podia ter intervido no assassinato da família Mota. Aí tinha alguns que chegavam e diziam “e aí?”, quer dizer, uma forma de querer inutilizar um pequeno elemento negativo para, a partir daquilo, dizer que Canudos, Belo Monte não prestava. E lhe digo mais uma! E não tenho medo de dizer. Se Conselheiro chegasse em meados do mês de junho, de julho ou qualquer outro dia e dissesse assim, reunisse todo o povo, e dissesse assim “gente, vamo acabar com isso aqui. Vamo simhora, que não tem mais jeito, nós vamos ser derrotados mesmo, vamos ser mortos...”. Conselheiro, tudo leva a crer, na minha concepção, que chegou a uma situação que nem ele tinha mais controle daquela gente que se rebela a lutar pelos seus direitos. Muitos lá, por serem de tanta opinião e saber, e aí Vila vai dizer uma coisa interessante, que a resistência, também, é motivada por uma questão seguinte: já imaginou, se nós perdêssemos isso aqui, o massacre que não ia ser em cima da gente? Então vamo lutar até morrer mesmo! Entendeu? Porque se a gente se entregar agora... E a prova é depois, que são capturados, os que são entregues. Então muitos iam dizer “Pois, Seu Antônio, siga seu caminho que nós vamos ficar aqui”. Ali não tinha mais jeito. Mesmo se ele quisesse dispersar aquela gente, as pessoas estavam dispostas! A lutar [ininteligível] E aí é aquela coisa, nós estamos fazendo o que aqui, servindo o que? E aí você vai encontrar nas cartas do barão, tem uma carta do Paulo Martins Fontes, que ele vai colocar, vai denunciar, que era o dono da fazenda Cocorobó e da fazenda [ininteligível], sabe o que é que ele vai fazer? Ele vai dizer o seguinte: ele vai processar

o governo porque as tropas invadiram as suas fazendas, porque tavam passando fome, certo, invadiram e mataram os gados dele... Os gados, os animais, pra saciar a fome. E ele ainda vai dizer mais ou menos assim, ele escrevendo pro barão: “como a vossa excelência há de saber, que os jagunços não tiram nada da República”. Isso é dito por um coronel, gente! Isso é dito por um fazendeiro! Que ele vai processar! Vai processar é o governo querendo indenização das fazendas que ora as tropas saquearam! Porque ele vai dizer “os jagunços não queriam nada do nosso, não”. Não tem, nós conhecemos aqui, também outra coisa que ninguém conhece, dizer assim “ah, os seguidores saquearam a fazenda de fulano, fazenda de fulano...” Pode até ter acontecido! Porque onde se tem muita gente, pode até ter aparecido, mas ninguém nunca nos [ininteligível] a dizer. Ninguém. Nem Arthur Reis, na Formosa, é o único que vai dizer, quando decretam que Canudos não é mais pra ser chamado de Canudos, e Ângelo Reis lá na Formosa vai dizer “Eu continuo chamando Canudos, Canudos, Canudos!” Tá até no documentário de Antonio Olavo. Que os jagunços vão lá pra tirar satisfação e Conselheiro diz “vocês não vão lá, não”. E por ironia do destino, quem é que dá esse sepultamento [ininteligível] de corpos? O Angelo Reis [ininteligível]. O Angelo Reis que era um coronel, lá da Formosa, que vai reunir seus empregados e bem da paz [ininteligível] enterrar milhares de corpos. O fedor era tão grande que chegava a 6, 7 quilômetros ou mais. O urubu, os cachorros... E aí vem e abre aquelas valas [ininteligível], pega uns banguês, que era uma esteira, onde jogavam os corpos em cima, 4 homens pegavam [ininteligível] jogando os corpos, né. Que um padre, não me lembro quem foi, não sei se foi Dona Carmem quem deu esse depoimento, que um padre vai dizer, não, não foi Dona Carmem não, foi alguém que me disse e eu já li, que disse que naquela região, só precisava passar uma cerca e botar uma cruz na entrada que ali era um cemitério. Era um cemitério! E aí, cê tá entendendo, Angelo Reis enterra milhares de corpos. Então é até ironia do destino, aquele mesmo cara que disse que era invadido porque tá pirraçando, na linguagem dele, vai chamar de Canudos, continuar chamando Canudos, é quem vem dar sossego a eles. Assim, dar dignidade. Então, assim, é... e aí pra finalizar eu resumo uma frase, que Ariano Suassuna vai dizer o seguinte: quem não entende Canudos não entende a história do Brasil. Você quer entender o Brasil, estude Canudos. Senão você não vai entender nunca. Hoje eu dizia ali, nestante, que a UNEB tem um cursinho aí e me chamaram, já tem uns 3 anos, que eu ensino a disciplina literatura. E eu dizia pra eles ali nestante: a pior mentira que eu aprendi na minha vida, mais vergonhosa que eu aprendi, foi no primeiro ano primário, no livro de história, quando nos ensinaram que os primeiros habitantes do Brasil foram os portugueses. Foi a mentira mais descarada, me desculpe eu dizer aqui, mas foi a mentira mais descarada que eu aprendi na minha vida!

Dila: E eu não aprendi essa, também? Eu aprendi essa, também! [risos]

“J”: Que depois de muito tempo, eu já estando em Belém [ininteligível], que eu não sou muito de falar da vida do pessoal não, viu meus filhos, que eu não gosto muito, não. Mas essa eu tenho que contar. Quando eu fui tomar entendimento dessa mentira eu já tava no ensino médio, meus filhos. Essa mentira descarada. Então por aí você tira o que foi, como eu disse no início aqui da nossa fala, nós fomos um país educado num mundo opressivo, gente, os portugueses nos deram opressão, a cultura do machismo e tudo. Foram eles! E isso foi alimentado até hoje. Até hoje! Achei a coisa mais fantástica foi quando Manoel Neto falou da finada Regina, nossa professora... Aquilo foi uma coisa, assim... A irmã tava correndo não sei pra onde, depois se arrependeu [ininteligível]. Fiquei... “Tô aqui chocada que eu não vi a fala de Manoel Neto”. Regina era uma estudiosa da nossa história, hoje talvez estivesse até no nosso clube “Canudos memória dos sertões”. Porque era uma menina que se dedicava, gostava. Ela era, assim, muito extrovertida. E é como eu lhe, uma menina que perdeu sua vida de forma tão cruel, tão bárbara, e a gente continua vendo isso. Até hoje nós tamo vendo, essa cultura miserável, desculpa até o termo, miserável, de barbárie...

Dila: É isso mesmo, não tem outra palavra...

“J”: ... contra as mulheres, as pessoas acharem que são propriedades delas. Ninguém é propriedade de ninguém, não.

Dila: E acham mesmo, em pleno século 21.

“J”: Século 21, no século da internet, no século da modernidade, nós chegamos a esse ponto! Eu acho que li, foi assim, assim... Foi um momento, assim, muito, de uma felicidade [infelicidade?] incrível daquele rapaz, né... Então a gente vive isso...E aí não tem jeito pra nós não chegarmos a Belo Monte... Não tem jeito! É a liberdade, as pessoas lá eram livres, poxa! Eram livres! E o custo dessa liberdade teve seu preço, a tal da degola. Pois é. Aí lascou-se. Mais alguma coisa?

Dila: Só lhe agradecer imensamente...

João Batista: Ele falou o que é ser conselheirista?

“J”: Ô! Como é?

Dila: Não, ainda não, mas falou sobre Conselheiro!

João Batista: Pra você o que é ser conselheirista?

“J”: Ah... É resistência. Acho que ser conselheirista é resistência. Ser conselheirista é... não tem explicação, pra gente dizer o que é, né!? Tem algum adjetivo? [risos] acho que ser conselheirista é resistência, eu acho que... quando eu dou minhas palestras, assim... Um dia alguém me perguntou, um jornalista me perguntou, qual era a diferença que eu achava entre quem mora na favela, já que o tema era oriundo

de favela, né, e o termo favela foi por conta da favela [planta], né? A primeira favela que se tem hoje é o Morro da Providência, né? Em relação a Canudos... Eu usei um termo bem popular. Cê sabe qual é a grande diferença? É que o povo de Belo Monte foram pro pau, meu amigo! Foram pro cacete! E acabou! Lá na favela as pessoas se acomodam! São muito acomodadas, também... É difícil? É! A gente sabe que o que tá lá é a lei do tráfico... Você, tá entendendo, você tem que ter resistência. Você tem que ter! Eu costumo dizer o seguinte, brigar contra o poder tem que ter coragem. Eu não sou uma pessoa muito bem quista aqui em relação a alguns picaretas que estão aí no poder...

Dila: Que bom! É dos meus... [risos]

João Batista: Os poderosos...

“**J**”: Eu não sou muito bem quisto.

Dila: É resistência.

“**J**”: Porque, assim, quando eu vejo um esgoto caindo dentro do açude, já falei isso, sem querer ser redundante, mas tem que ser dito!

João Batista: Um paredão no aniversário da cidade...

“**J**”: Minha gente, quando eu vejo um paredão no aniversário da cidade, quando eu vejo, com todo o respeito, não tenho nada contra esse rapaz aí não, esse tal desse Esticado, aí, numa FLICAN? No final duma FLICAN? E eu fui botar no facebook ainda veio um rapazinho, um menino dizer que tô é com inveja, ó... [risos] Não é? Disse que eu tô guardado de ódio, né? Que eu tô pensando no poder... Foi um negócio assim, né?

João Batista: Ele botou aqui assim: não entendo tanto ódio! [risos]

“**J**”: Certo? Quando eu vejo, no dia do aniversário da cidade, numa terra de Bião de Canudos, de tanta gente boa que se tem... Tanta coisa pra se fazer sobre Canudos... Ó, eu vou ser sincero, o que mais me indignou, o que mais me indignou, não é, nesse dia foi bom que eu dei uma palestra na praça pública, o que mais me indignou foi eu saber que no dia 5 de outubro de 2018 ia ter uma passeata de Bolsonaro. Não foi, João?

João Batista: Foi! Isso aí foi um absurdo.

Dila: É sério isso? E teve?

“**J**”: Foi, esse mesmo rapazinho que diz que eu tô doido...

João Batista: Teve, em pleno 5 de outubro...

“J”: Eu dei a palestra no dia 4, não foi? Eu dei a palestra no dia 4. Mas eu também desabafei... Eu queria que me aparecesse um naquele dia ali, mas não apareceu nenhum! Então quando eu vejo, em pleno 5 de outubro...

Dila: Isso é de um desrespeito que não tem medida um desrespeito desse.

“J”: É, eu disse tanta coisa nesse dia que eu nem me lembro mais... [risos] Então quando você vê isto, né, no 5 de outubro, um desfile, uma carreata dum rapaz desse, 25 de fevereiro... E a moda agora é paredão... Então vão surgindo esses conselheiristas pra falar isso. É eu, é João Batista e outros... que não pode! Era Padre Alberto, que era uma pessoa, você precisava ter conversado com esse senhor, que era um padre fantástico, lutaram até quando expulsaram ele daqui.

Dila: Expulsaram?

“J”: É porque ele foi embora motivado pela... ele é uma pessoa muito doente, é diabético, e ele era aquela pessoa altamente conselheirista, a família dele... Ele tem uma capacidade, uma habilidade incrível de associar as passagens da bíblia com Belo Monte...

Dila: Ele foi pra onde?

“J”: Paripiranga. Tinha uma capacidade incrível de associar... ele pegava a história de Moisés e trazia pra dentro do Belo Monte, mas assim um negócio fantástico! Um negócio assim impressionante. Então quando você vê um padre Alberto, que foi perseguido por esses picaretas, que foi perseguido por esses caras, entendeu, que ia pra uma radio dizer... teve a coragem de dizer do paredão, que no aniversário de uma cidade ia gerar o que? Droga, prostituição, que é o que a gente sabe que acontece. Então eu acho que são esses conselheiristas, que são poucos, né, mas eu costumo dizer assim...

Dila: Mas que tem representatividade.

“J”: Eu costumo dizer que a gente... é difícil, sabe Dila, é difícil. Porque é como eu digo, só briga com o poder quem tem coragem. Não adianta. Eu me lembro um dia, eu achei tão engraçado, tinha uma reunião ali no, acho que era no Catechele [ininteligível], eu não me lembro de que era, isso tem um tempo, tem uns 5 ou 6 anos. E aí quando eu entrei, eu não bati o pé assim, não [e bate com o pé no chão], só fiz entrar. Aí quando viraram, aí viraram quase todo mundo, e é como se dissesse assim, cuidado que o diabo vem chegando...[risos] Foi, só pode ter sido isso! Oxe, e eu lá na maior cara de pau. Não me deem o microfone, porque se me derem... Cê tá entendendo? Então assim, eu acho que ser conselheirista não é mais nada do que essa resistência, né, eu acho que você saber que você vai ter problema, mas você vai ter representatividade. Eu sou uma pessoa que eu não ligo muito, assim, eu chego,

recebo, tá aí João Batista, eu recebo você, eu recebo. As pessoas vêm, se for pra falar de Canudos, se for pra levar ao Parque, é porque eu não tenho tempo. É pra falar da nossa história eu não tenho besteira. Eu sou uma pessoa que se disser vamos...

João Batista: É uma pessoa que não busca estrelismo nenhum.

“J”: Não, eu não tenho esse negócio. Se chegar pode... É agora? Pois, se é pra ir agora, eu só não vou descalço porque eu não sei andar descalço, mas pra o que tiver nós vamos. Cê tá entendendo? Porque, eu acho que também assim, quando o conhecimento é feito, aliás quando você utiliza pra oprimir as pessoas, isso não é conhecimento. E assim, você precisa passar uma mensagem também pras pessoas, né, porque não adianta você ser subjetivista com o seu discurso e ficar ali... não é nem subjetivista, ser egocêntrico naquilo. Mas você não tentar alimentar outras pessoas, porque não precisa dizer que isso aqui tá errado. Enquanto esse rapaz diz que eu tô ficando doido, né, que pra mim é um elogio, cê tá entendendo. Um senhor que, coitado, não sei nem se tem o ensino médio, com todo o respeito, que a vida é dele pra lá, mas se você é do contra vamos discutir, você tem sua ideia, vamos defender a nossa respeitosamente e vamos chegar, né, acho que as divergências também elas tem que existirem, agora as divergências que seja para o bem da coletividade. Não adianta você querer impor aqui aquela ideia, né, porque a partir do momento que ela é imposta você se torna ditador, também. Aí, o que nós estamos passando aí. Então acho que tem muito isso. Então eu fico feliz, nós orientamos aí duas equipes de jovens, um inclusive o estudo é a partir de seu bisavô, né? De João Batista, o Manoel Ernesto, o Manelzão. As meninas se saíram fantásticas, a minha cunhada que é esposa de meu irmão, ela é orientadora, aí ela fica virada porque eu só sou o coorientador desses projetos.

João Batista: Já vai começar sobre outra história aí já, viu?

“J”: Quem?

João Batista: A gente. Sobre o assassinato...

“J”: Ah, foi, ela já tava conversando com o pai dela, não é? Então, quer dizer, eu fiquei feliz quando eu vi essas meninas lá na FLICAN, as meninas, são até minhas alunas também, vão pra Salvador, você vê assim a felicidade delas. Umas são descendentes também. Até eu brinquei com uma e digo, ói, eu acho que você nem sabe essas histórias que sua avó tá contando da panela quente na cabeça. Então, quer dizer, aí tem outro ali que fez a literatura de cordel em versos... ou, a literatura a partir de... ser dada em versos nas escolas. Uma menina muito boa, também, já foi pra Salvador ano passado. Mais outro, é um casal de adolescentes. Então são esses meninos, esses jovens que vão começando a pegar gosto por essa resistência. Porque hoje se você ver, tem a história disciplina de Canudos, que é obrigatória, acho que João

já lhe contou, né. Mas a gente tá verde ainda, ainda precisa de um engajamento, às vezes há um certo acanhamento... Também falta um certo apoio, às vezes tem jovem que termina o ensino fundamental não sabe aonde é o Parque, porque às vezes o professor fica se humilhando a picareta pra ir correr, quer um carro pra levar o jovem. Tem João Batista que é outro menino que na hora que chamar, independente de valor, tá lá levando, né...Então não vai, porque...Eu acho que isso vai... Porque eu ainda vejo, assim, nossa cidade, ainda, eu vejo as pessoas ainda muito submissas a essa politicagem, né. Eu vejo ainda muito essa submissão, eu acho que isso ainda é muito preocupante. Eu acho que o que Manoel Neto nos disse e que tinha aquela picaretona lá, que é puxa saca do prefeito, né, e parente, mas eu acho que ele diz, ói, melhorou, tem um calçamento aqui, melhorou ali, e o saneamento, cadê? E a saúde, como é que está? A gente vive num caos ainda, a saúde de Canudos é um caos, a educação é um caos, ainda. A educação canudense ainda é muito preocupante, é muito preocupante! Você chega em Canudos não tem uma entrada “bem-vindos a Canudos, bem-vindos”! Você chega... Juliana Pessoa, aquela menina artista plástica, ela disse, e eu comentando esse mesmo caso em uma conversa formal, mais informal do que formal, eu ela e o marido dela, mas ficamos mais de 3 horas ali conversando, e ela disse: e eu percebi isso, professor, cheguei no Bendegó e não tinha uma placa dizendo onde era pra entrar pra Canudos! Não tem um portal, uma coisa simples! A cidade tão histórica que nem a nossa!

Dila: Quiçá das mais históricas do Brasil!

“J”: E assim, você vê a FLICAN, tantos intelectuais que foram reunidos, né. Aí você vê... Amizade, amizade é a parte, nós temos um secretário de cultura que não tem coragem de protestar contra o paredão, porque o diabo da política atrapalha, né. Você vê, veio uma banda filarmônica de fora! Tem a nossa! Pois nós não vamos fazer banda filarmônica não, sabe o que é que nós vamos fazer? Vamos fazer uma banda de pífanos! Seu Manoel dizia a Nininho [ininteligível] uma semana dessas, “eu não sei o que será da banda de pífanos de Canudos quando vocês se forem”!

João Batista: A única pessoa que aprendeu a tocar foi João Filho.

“J”: O filho. Foi embora pra Juazeiro. Um jovem. E os outros que já têm 60, 70 anos?

João Batista: Seu Carlinhos daqui a pouco...

“J”: Vai embora. Esse aqui, coitado, vai doente... Tô dizendo a ele, e ele... Quer dizer, eu não sei o que será da banda de pífano de Canudos...E o secretário de cultura não tá nem aí, porra. Paga o João Filho e devolva [ininteligível] trabalho em Juazeiro e diga “olhe, João Filho, seu emprego vai ser esse. Vou lhe dar aqui, o salário é esse, dá? E vai criar uma escola de banda de pífanos! Na Paraíba tem escola de sanfona, porra, uma orquestra de sanfona! Cê tá entendendo? Nosso amigo ali Reginaldo,

foi feito um trabalho aqui na escola sobre a valorização do Lundum. Lundum é uma dança que é tocada no Santo Antônio, oriunda da África, mas ela adquiriu um estilo próprio em Canudos. Só tem nós.

Dila: Como é que chama?

“J”: Lundum. Você vai achar com U, é Lundu ou Lundum, com M no final. Você vai ver lá em Salvador deve ter em outro ritmo, lá no Maranhão tem em outro ritmo, agente orientou os jovens...

João Batista: Eu tava dando uma pesquisada, e é uma dança sensual, né. A nossa aqui é diferente.

“J”: É diferente. Ela é uma dança sensual, é. Que, inclusive, uma das primeiras origens dessa dança, tem toda essa sensualidade, dos participantes. E a nossa... E vem da Segunda Canudos! Eu tentei pesquisar, que alguém me fez a pergunta, se na primeira Canudos tinha. Nós não conseguimos, não foi conseguido. E lá se festejava Santo Antônio também, lá na Canudos de Conselheiro. Festejava Santo Antônio. Quando ele vem em junho ele já vem pra os festejos de Santo Antônio, disse que é uma festa muito bonita. E o Lundum é implantado nos festejos de Santo Antônio, junto com a banda de pífanos na segunda Canudos! E é como ele diz, totalmente diferente [ininteligível]. E nesse trabalho, que Reginaldo vai nos dar um depoimento fantástico, ele nos deu uma aula, já tem transcrita, eu consegui transcrever, um rapaz também muito estudioso da nossa cultura, e ele vai dizer que, lá nas suas considerações ele vai dizer: e porque não criar um concurso de Lundum? E isso na feira de ciências nós fizemos questão de...

Dila: Tanta coisa pode ser feita, né, pra incentivar essas coisas tão particulares...

“J”: Perfeitamente. Aí aqui ainda foram entrevistar o secretário de cultura. Venha depois! Acho que foi ler alguma coisa, por lá, acho que ele não sabia nem o que era Lundu. E aí, aquilo de Reginaldo me trouxe uma inquietação, entendeu, o Reginaldo tá tão certo nisso... É tão verdadeiro, que as nossas autoridades vão tomar vergonha na cara e vão dizer “não, vamos fazer mesmo”. Quando você chega aqui no Santo Antônio, tem umas crianças desse tamanhinho dançando Lundu! Meninos! Eu costumo dizer, a gente tem um projeto numa escola [ininteligível] em Salvador, um intercâmbio, e o que eu achava mais interessante em Salvador é que os meninos pequenininhos já sabem a capoeira. É um negócio assim impressionante! Eu ficava assim, eu digo, parece que já vem no sangue daquele povo! Não tem jeito! Quando eu vi os meninos ali, o neto, filho de Malacir [ininteligível], mas rapaz, ói, isso é tão nosso, a cultura é tão poderosa, que por mais que queiram destruir, não consegue porquê... eles viram... ficaram observando, e disse “vamo dançar”. É um negócio assim, impressionante. Aí eu fui lembrando das palavras de Reginaldo. Que uma

criança dessas vai chegar adolescente, vai querer namorar, tem o tal do whatsapp que é um câncer, o diabo do whatsapp que é um câncer, cê tá entendendo?

João Batista: “J” não tem whatsapp, não...

Dila: Rapaz, isso aí é resistência! [risos]

“J”: Aí, quer dizer, quando vai chegando uma certa idade, ele não vai querer mais dançar Lundu... Porque ele não foi estimulado. Ele foi estimulado quando era criança, porque... entendeu? E cadê os concursos?

João Batista: Eu vou te dar um conselho sobre o whatsapp...

“J”: Quando eu tiver tempo eu vou criar um, é que eu não tenho tempo.

João Batista: Você vai comprar um chip novo, que eu sei que você não quer ser incomodado com tanta gente...

“J”: Quando eu tiver tempo eu vou criar um, eu digo aos meus colegas...

João Batista: Você vai criar um whatsapp com esse número novo, e você só dá às pessoas de confiança...

“J”: Não, quando eu tiver tempo aí eu vou criar tudo isso, né, porque eu tô sem tempo...

Dila: Mas é uma boa ideia, uma excelente ideia.

“J”: Aí eu fiquei assim olhando, quer dizer, são essas coisas que vão morrendo porque não tem um estímulo. Olhe, de que foi feito os instrumentos da banda filarmônica, que eu não fui porque tava cansado por causa do jogo do Flamengo? De sisal! [ininteligível] As pessoas na Bahia se conhecem [ininteligível] na terra do sisal. Poxa. É o resgate! Quando alguém chegar lá vai dizer “saia lá com o instrumento” [ininteligível] O que é isso aqui? Isso é sisal meu amigo, você não conhece não, home. Turista vai, isso aqui é sisal. A gente trabalha nisso. Passamos anos e anos...

João Batista: Eu tô com cem cordas lá de sisal...

“J”: Aí. Cê tá entendendo? Então a ideia de Reginaldo tá lá, discutindo, os meninos apresentaram belíssimo na feira, não me lembro quem era a equipe, deram um show, a gente orientou, Manoel Neto tinha que passar um email e ele prontamente me respondeu outro dia que podia ajudar, e trouxe isto, quer dizer, pegaram o secretário de cultura lá na prefeitura... Então são essas coisas, Dila, que a gente...é... a cultura, eu costumo dizer o seguinte, tem uma palavra que é muito perigosa que nós chamamos de acultramento. E os picaretas, eles adoram esse acultramento. Que o acultramento é a forma que se tem de destruir aquela cultura dos antepassados e daquela própria comunidade.

Dila: E silenciar também...

“**J**”: E silenciar. Quando você vê um tal de um Esticado, que eu não sei como é, não sei nem como é o nome desse rapaz...

Dila: Eu também nem sei, eu nunca nem tinha ouvido falar...

“**J**”: Avemaria, quando eu cheguei no Luiz Cabral que eu ensinava no Luiz Cabral, foi na quinta feira, que eu fui lá orientar os meninos, que tinha umas oficinas de fotografia e eles iam participar, né, na disciplina de redação. Menina, chegou umas meninas “professor, domingo vai ser – é Jonas Esticado, parece...” É o que, minha filha? Me diga aí de novo? Na FLICAN? Oxe professor, você não sabe o quanto vai ser bom... É, não tô dizendo nada não, só quero saber se essa história realmente é verdade. É, professor!

Dila: Mas isso foi da FLICAN, mesmo?

“**J**”: Aí depois eu fui ver... Foi o que esse rapaz botou. Ele botou com [ininteligível]. A FLICAN botou uma nota, emitiu uma nota...

João Batista: A Secretaria de Cultura divulgou esse evento com Jones Esticado, dizendo que era o encerramento da FLICAN. Aí a UNEB emitiu uma nota imediatamente dizendo que qualquer evento de encerramento após as 11 horas divulgado como encerramento não faz parte, entendeu? Aí eu botei, eu lancei no facebook, aí “**J**” foi e fez um comentário, né?

Dila: Porque eu falei, não é possível, que isso não tem a ver com a FLICAN...

“**J**”: Não, não tinha não. Os poderosos aproveitaram o momento que tinha muita gente...

Dila: Que coisa feia!

João Batista: Aí “**J**” botou “os picaretas estão querendo se aparecer!” Aí o Saulo [ininteligível] que é da patota, né, é bolsonarista e uma série de coisas, aí disse “não entendo tanto ódio e quanta gana a voltar ao poder”. “**J**” nunca fez parte de nada de poder, de secretaria... [risos]

“**J**”: Não, nunca fui. Então quando você vê um secretário de cultura, que já fomos colegas de escola, formamos juntos, quando eu fui formado no magistério, tá entendendo... Uma situação dessas, João. Não temos. Quer dizer, o cara é um pra nada! Rapaz eu fiquei, eu tava dizendo a Adriano, você chegou a ver o nosso secretário de educação e de cultura lá, você viu?

João Batista: Não. O de educação eu ainda vi...

“**J**”: Não foi um dia! Ele apareceu lá um dia, não foi? Pascal de Ilana me disse que ele apareceu um dia...

João Batista: O secretário de cultura é assim, ele chega lá, pede a uma pessoa pra tirar uma foto dele lá e vai embora. E aí divulga “tive lá”.

“**J**”: Mas eu acho que ele não foi nem um dia. E esse ele nem divulgou, não foi?

João Batista: Eu não vi nenhuma foto dele, não...

“**J**”: Então por aí você tira. A nossa cultura que é riquíssima... Estudar Canudos é como se a gente estudasse pra médico. Que médico se especializa em urologia, não sei o que, não sei o quê... A mesma coisa é Canudos. Você não consegue, você tenta, você não consegue... Se você for estudar a religiosidade de Canudos você vai passar anos, só a religiosidade. Se você for estudar Belo Monte, aí é que vai ser um problema... Se você for estudar a economia de Belo Monte, pior ainda. Se você for estudar Antônio Conselheiro, toda a sua vida e a guerra dos Araújo e Macieis, de sua família com os seus inimigos, é outro... aí é que é problema! Minha gente, é coisa demais!

João Batista: Só Calasans se dedicou 50 anos...

“**J**”: Então você tira pelo Lundu... Esse trabalho do Lundu deu trabalho! As meninas, a gente orientando era eu e Betânia! Ela era a orientadora, eu só era o intruso. Ela orientando, quer dizer... As meninas foram buscar tanta coisa, as indagações, porque alguém chegou em Canudos, a gente não sabe, deve ter sido eles mesmo, senão nosso Lundu não vai ser... por ser uma dança, um festejo religioso, não pode ter essa sensualidade toda. Essa sexualidade toda. E o que é interessante é que Reginaldo vai dizer é o seguinte: Santo Antônio teve na África. Então se ele teve na África e a dança é oriunda da África, os negros que trouxeram, então obviamente, querendo ou não, temos uma influência, temos uma transformação. Então Canudos, olhe, você pega um temazinho assim, aí quando você olha... Aí Manoelzão aí e as meninas aí. O tanto que essas meninas tão descobrindo de coisa aí.

Dila: Não, e eu confesso que quando eu... meu início foi uma coisa muito ampla: cidades inundadas por barragens no sertão. Eu ia ter que escolhe uma cidade, aí minha orientadora falou “porque não Canudos?” E eu fiquei assim “eita, Canudos... Eu não sei se eu vou amarrar meu jegue aí não, que é tanta coisa!” Só que aí eu vim pra cá e me apaixonei e falei assim “não saio mais”. [risos]

“**J**”: Não, quem vem aqui é assim...

Dila: É, e foi na época da eleição do coiso lá, e aí foi que eu comecei, ela falou assim “ó, assista aqui o documentário de Antônio Olavo”. Ela tem um artigo sobre Canudos também, vou até lhe mandar...

“**J**”: Pois leia A Construção do Medo, que cê vai ver...

João Batista: Como é o nome de sua professora?

Dila: Lídia Cardel. Canudos: a essência do sertão baiano. É o artigo dela. Eu tenho, eu mando por você por email. Aí eu falei, rapaz... Eu fiquei assustada quando ela falou Canudos. Mas aí também quando eu comecei a ler que eu vi Antônio Conselheiro... Na época daquela eleição, aquela coisa do ódio, aí que eu vi Canudos como uma força de resistência, aí eu falei “É Canudos, eu vou encarar”.

“**J**”: Eu sei que nesse dia foi assim, uma barbárie. Foi assim, um absurdo, um absurdo.

João Batista: Pior que a Romaria foi em plena... A Romaria foi uma coisa durante as eleições, né. E aí você tem uma... a questão da Romaria que foi vista como – por esses picaretas que promoveram esses desfiles aí no dia 5 – a Romaria foi vista como uma... uma... tipo um movimento pró-Lula. Porque toda Romaria é um movimento popular, e todo o movimento popular traz em sua essência os exemplos de resistência. Aí o pessoal “ah, porque tavam lá falando de Lula, de não sei o quê, falando mal de Bolsonaro...”

“**J**”: Ser conselheirista aqui, meu filho, tem que ter coragem! Porque é complicado. Agora eu, graças a Deus, e João Batista tá aí também [ininteligível] E eu não tenho nada contra eles não, sabe. Eu acho uma certa idiotice... Quando você tem algo para oferecer de conhecimento, é bom que você busque fulano, quem sabe você não pega alguma coisa dele, não é? Eu passei quase 13 anos da minha vida sem fazer um desfile de Canudos. Eu. Quem fazia era eu! Aí eu cheguei em um certo momento e eu disse, eu não vou ficar mais [ininteligível]. Quando eu vi um desfile que começou a entender a essência do que realmente é, porque todo ano a gente trazia um tema, e que começou a perder a essência, agora ói, vocês já tão aí decidindo, eu já tenho 3 anos [ininteligível]. Esse ano já foi meio preocupante.

[áudio interrompido – fim da gravação.]

APÊNDICE E - ENTREVISTA “M”

Entrevista concedida por “M” (mulher, 71 anos) no dia 19 de novembro de 2019, numa tarde de terça-feira, na casa dela, na região central de Canudos, enquanto ela usava uma máquina artesanal de tear.

Dila: A senhora morou na Canudos Velha!

“M”: Eu morei...

Dila: Achei que a senhora tinha vindo pra nova, já... E como foi lá?

“M”: Morei lá e morei cá nessa daqui. Morei aqui quando eu era criança. Estudei aqui, eu fui até professora de onde eu estudei. Lá em cima, no prédio ali do DNOCS. Não tem a igrejinha?

Dila: Sim, sim, eu já fui lá.

“M”: Pois é lá.

Dila: Eu fui lá no DNOCS hoje de manhã.

“M”: A pois lá eu fui aluna e fui professora.

Dila: E gostava da vida lá?

“M”: Eu gostava... E lá em Canudos Velho, nós passamos 9 meses lá. [rangido da máquina de tear]

Dila: Ah, foi pouquinho tempo...

“M”: Foi pouquinho tempo. Mas não gostei de lá, e queria voltar pra Rodelas. E foi assim...

Dila: Mas Rodelas foi inundada antes de Canudos ou depois?

“M”: De que?

João Batista: Foi depois.

Dila: Canudos inundou primeiro?

João Batista: Rodelas foi antes? Inundou quando?

“M”: Rodelas foi depois.

João Batista: Foi depois, é. Foi com a CHESF, já.

“M”: É, Rodelas foi há pouco tempo. Tem poucos anos, assim. A minha menina, a nova, tava pequenininha de braço, aquela que eu contei do ventilador. A pois, eu fui lá com ela já pequenininha. Menor de que ele. Lá, na nova [cidade]. Caminhava, não.

Ficava no braço pendurada. Ele completou 1 aninho, ela não tinha nem 1 ano ainda. Só fez 1 aninho agora. Então. Painho trabalhava lá de guarda...

João Batista: Fique à vontade aí, viu?

Dila: Não, tranquilo.

“M”: Painho trabalhava de guarda lá no Canudos Velho. Tinha até muita casa, aquela que tem... Não tem uma igreja, até no livro tem aquela igreja.

Dila: Sim, eu sei qual é. A que tá debaixo d'água? Eu fui lá.

“M”: É, que tem debaixo d'água, que você vê aquelas coisa lá. E eu tava pensando que lá era um cemitério, mas Batista disse que era igreja.

Dila: É a igreja. A senhora já foi lá visitar?

“M”: Já, muitas vezes. Eu já até fui anjo naquela igreja! Não tinha um negócio de anjo, assim, antigamente?

Dila: Sim.

“M”: No mês de maio? Aí a professora lá que chamou pra ser anjo. Eu lembro que a gente subiu lá no altar dessa igreja. Que botaram lá. Eu sei que as velas... [risos]. Vai ver quase iam incendiar aquela igreja... [risos]

Dila: É mesmo?

“M”: E como é ver ela embaixo d'água?

“M”: A vela pegou na asa do... não tem a asa do anjo?

Dila: Ah, foi? Eita! Tem!

“M”: Eu sei que tiraram o menino rapidinho, pegou sem nem dar fé.

Dila: E como foi ver ela debaixo d'água?

“M”: Tinha um mercado... Um mercado não, é um mercado assim um negócio no meio da rua?

Dila: Feira? Tipo Feira?

“M”: Não, era um... Não sei nem dizer como era a coisa, assim. Nos livros a gente vê. Um barracão! Que a pessoa sentada ia brincar acolá. Eu ainda lembro que eu vi ainda a coisa, o canhão. O canhão da guerra eu ainda vi. Painho me amostrava tudo, assim.

Dila: Tá lá perto...

“M”: Tá lá mais, não, tem muitos anos, quando eu era menina quando eu vi.

Dila: Sim. Ele tá lá perto... Perto da Canudos Velha hoje... [na verdade está em Monte Santo, e eu confundi]

“M”: Tá lá aonde?

Dila: Ali perto do... Tem o museu histórico que é uma casinha pequenininha. Tá ali na frente, eu acho.

“M”: E trouxeram?

Dila: Trouxeram.

“M”: O dito canhão velho? O dia que eu andei lá eu não vi esse canhão, não.

Dila: Falar com João pra levar a senhora lá. É porque é mais distante dos arcos.

“M”: Então chegou há pouco tempo, né?

Dila: Não sei, aí só João Batista pra dizer...

“M”: Porque o canhão mesmo, minha filha, o da guerra era todo pretão velho, todo cheio de óleo que eu lembro.

Dila: Depois eu vou procurar nas fotos aqui. Acho que eu tenho até umas fotos... Mas, xô ver aqui.

“M”: Eu sei que pai gostava muito de lá. Mas eu... Tem o Alto da Favela acolá.

Dila: É, dentro do Parque, né?

“M”: É, nós morava por lá por perto, não sei aonde era. Porque tinha o negócio da favela e painho mostrava aqui que tinha muito pé de faveleira praquelas banda. As favelas, eu andei lá e ainda tem. Aí ele gostava de tirar umas favelas pra gente, eu lembro quando eu era menina. Cê já comeu aqueles negócios?

Dila: Não, nunca comi. É bom?

“M”: É gostosa. Cê pega aquelas favelas e quebra, sabe?

Dila: Sim. E é bom pra quê?

“M”: É bom!

Dila: É gostoso?

“M”: É que nem você estar comendo um...

Dila: Uma acerola?

“M”: Não! É porque é com óleo. Você sente o gostinho assim, que nem o licuri, um negócio assim.

Dila: Ah, não, não conheço não! Nunca comi. Mas eu gosto de experimentar.

“M”: Tira a casquinha que tem e come. O miolinho que tem dentro. Pai tirava pra gente, assim. Pai era um homem que gostava muito da família, demais. Quando ele

não tinha um presente pra dar a gente sabe o que ele fazia? Ele pegava e roubava uma flor do jardim. Tava solto na rua, não tem essa, ele levava pra gente.

Dila: Ah, que lindo...

“M”: Ele roubava uma flor e trazia. Beijava a gente na cabeça e nos pé. Quando a gente tava deitada ele ia na cama, ou em rede ou no que tivesse, e ele ia beijar os filhos. A gente. Até depois de casada, ele morava aqui comigo. Ia passear, aí passava um dia. Logo que eu cheguei aqui, quando eu vim ensinar aqui. Já tinha dois filhos, os primeiros. “M(a)” [refere-se à sua filha] mesmo quando ele morreu ela tinha... Ele conheceu ainda “M(a)”. Só não conheceu a mais nova, já tinha falecido. Ele chamou até o nome dela de corujinha. “M(a)” gosta muito de coruja mesmo. “M(a)” parece que puxou a inteligência dele, que meu pai tinha uma inteligência máxima. Ói, ele dizia assim, minha inteligência não é mínima e nem mediana, minha inteligência é máxima. Quando eu tava estudando, eu pegava o livro, ele pegava meu livro e ele dizia “quer que eu dê uma pista dessa leitura e você me pergunta, minha filha?” Assim que ele passava, ele entendia tudo. Agora eu não! Eu pra entender eu lia 3, 4, 5, 6 vezes. Mas eu também não fui muito mal... assim, eu não puxei a ele, sabe, muito inteligente, mas eu era uma pessoa...

Dila: Gostava de estudar.

“M”: De tudo. E eu gostava de aprender. Tudo eu era curiosa, eu gostava de aprender de tudo. De tudo eu gostei de... Aí eu aprendi a fazer isso [se referindo ao tear]. De minhas irmãs quem aprendeu só foi eu.

Dila: Quando a pessoa gosta, gosta né.

“M”: E fazer uma bainha, e fazer um bordado, e fazer um ponto de cruz, de fazer qualquer coisa, costurar... Se tiver uma pessoa nua, assim, na minha frente e eu tenho essa máquina aqui véia – que é minha e de “M(a)”, “B(a)” foi que deu essa máquina aqui, que deram a ele lá não sei aonde, no Bendegó – Se der o pano, pega uma tesoura, tem uma linha, eu deixo a pessoa vestida. E um elástico. Fazer um shortinho, botou o elástico e uma camiseta, tá vestido.

Dila: Costura eu sei tão pouco, sei quase nada.

“M”: Eu sei fazer qualquer besteirinha assim, agora eu não sei fazer roupa de festa, roupa fina...

[fim da gravação]

APÊNDICE F - ENTREVISTA “D”

Entrevista concedida por “D” (mulher, 82 anos) no dia 19 de novembro de 2019, numa tarde quente de terça-feira, na casa dela, na região central de Canudos. Entrevista filmada e com a presença de João Batista.

Dila: Aqui tá bom, tô de frente pra porta pegando um ventinho... Às vezes entra um ventinho bom, né? Aí assim, “D”, o que eu queria saber e ouvir um pouquinho da senhora, porque o seu pai ele foi uma figura muito importante, a senhora é muito importante também, porque assim, eu li muita coisa, muita coisa de Calasans, né. Acho que eles foram muito amigos, não foi?

“D”: Ah, foram muito amigos. Uma vez pai tava aniversariando aí ele foi lá. Aí eu fiz uma batida de maracujá com mel, cachaça, aí perguntei a ele: o senhor quer um pouquinho? Ele disse “quero”! Aí ele tomou uns dois goles e menina, aí ele “ainda tem mais”? [risos] Aí ele tinha aquele lambido, assim.

Dila: Gostava então de uma cachacinha, o Calasans? [risos]

“D”: Gostava!

João Batista: A boca mole, né “D”? [risos]

“D”: Ô, acho que aí tá gravando, não tá?

João Batista: Tá, mas tem problema não, “D”.

Dila: Não, mas olha. Isso aí também, assim, eu não sou do cinema, eu fiz... minha formação é arquiteta. Então eu não vou publicar em nada.

João Batista: É pro arquivo pessoal dela.

Dila: É arquivo pessoal, porque eu gosto de ver as imagens, eu gosto de me lembrar, de ouvir de novo, sabe? As histórias... Não se preocupe que não vai ser pra filme, não vou botar em Youtube... [risos]

“D”: Aí era muito amigo de pai, ele ia lá pra casa, ainda foi umas duas vezes lá em casa. Foi. Aí conversava e a mãe. Ele gostava muito da conversa de pai, pai era muito conversador. Conversava! Quando ele chegava esse pessoal aí em casa ele recebia com tanto... com tanta alegria! Avemaria, ele era uma pessoa... Tinha vez que eu

tinha... Ah, eles judiavam, esse pessoal eles judiavam muito ele. Ele já tava assim meio velho, cansado.

Dila: Foi mesmo, Dona “D”? Mas judiavam, assim, como?

“D”: Assim de botar ele pra conversar demais, pra botarem arma...

João Batista: Botar pra ele andar no meio do riacho...

“D”: É, no riacho...

Dila: Ah, aí já é demais, né?

“D”: Menina, judiavam demais. E tinha vezes que eu reclamava. E botavam ele pra se abaixar, ele se abaixava, e se arqueava, e ficava de lado...

João Batista: Fazendo pose, né?

“D”: Menina... E eu reclamava muito. Mas ele gostava. Ele gostava. Ele tinha a maior alegria quando vinha esse povo.

Dila: E a senhora foi nascida na Canudos Velha?

“D”: É... Não era mesmo na... Eu morava assim nas fazendas, nera?

Dila: Mais perto, na região. Então a senhora acompanhou o processo todo da barragem, da inundação, a senhora tem lembranças de como foi?

“D”: É, a lembrança é que a gente morava pra lá, né, eles trabalhavam pra cá... Aí não tinha muita...

Dila: Mas chegou a frequentar um pouquinho, chegou a ir na igreja?

“D”: Na igreja daonde?

Dila: Na igreja da Canudos Velha.

“D”: Ô, muié, mas eu fui criada lá, minha filha! [risos].

Dila: Ah, mas era isso que eu tava perguntando! Você foi criada lá na Canudos Velha? [risos].

“D”: Eu não fui criada lá, mas eu participava das festas, de Santo Antônio, de tudo lá, das rezas, das feiras, de tudo lá, nera? Dos movimentos que eu via em Canudos. Era... Minha avó, minha mãe, minhas avó eram muito religiosas, nera, elas gostavam,

participavam das rezas, das missas, das festas de Santo Antônio... Aí eu acompanhava, né?

Dila: E como foi, assim, pra senhora, o processo da inundação? Né, quando anunciaram que ia ficar tudo embaixo d'água.

“D”: A gente quase que a gente morava lá, quase que a gente não tinha nem... A gente ficou assim muito triste porque iam tirar a... ia acabar lá com a vila, com o lugarzinho que a gente frequentava, que ia pra feira, a gente se encontrava com o pessoal, a gente foi criado ali vendo aquele movimento ali, e ia se acabar, é uma situação assim muito triste né. De se acabar aquele lugar aonde a gente viu, aonde a gente nasceu e se criou vendo aquele movimento ali de nossos avós, nossos filhos...

Dila: E era boa a cidade?

“D”: Era. Era muito...

Dila: E a senhora já chegou a visitar as ruínas depois que elas... que elas de vez em quando aparecem né? A senhora chegou a ir?

“D”: Ia, ia. Os pessoal lá me levava pra lá, pra eu contar história lá. Menina... [risos].

Dila: Era coisa então, né?

João Batista: Lhe judiavam também, né, “D”?

“D”: Ói, judiavam! Agora eu era mais esperta, nera? [risos].

Dila: Do que pai?

“D”: Eu era mais esperta do que pai! Quando queriam me judiar eu dizia “não!”. Eu já tava assim, tinha aquele Dionísio, não sei se vocês conhecem Dionísio.

João Batista: Dionísio eu conheço. O Dionísio eu até brinco com ele, o nome dele é Dionísio Nóbrega, né? Aí eu digo: Dionísio no brega! Aí ele “bota o acento rapaz!”

“D”: Mas rapaz... Por falar em Dionísio, eu tive tanta dó, uma vez ele andou aqui, a última vez que ele andou aqui, assim com o juízo meio...

João Batista: Abilolado...

“D”: Ave Maria, conversava alto! Ô meu pai do céu...

João Batista: Ele tem um trabalho de pegar as famílias e ir fazendo a genealogia das famílias de Canudos, né. Os Regis, os Ernesto, os Canários. Ele vai pegando todo

mundo assim, os fiozinhos assim, as descendências. Tem uns trabalhos dele bem interessantes.

Dila: Ah, legal, vou procurar.

João Batista: Ele vai estar, acho, que na FLICAN, também.

“D”: Ói, foi quem primeiro deu a iniciativa assim de pai, assim, e da gente, assim de conhecer foi ele. Uma vez ele chegou lá em casa, ah, e conversando mais pai, pegou a conversar e foi conversando, conversando, e aí, oxe! Aí a história foi crescendo e aí que pai se tornou um grande... um grande... Como é que diz? Historiador, né? É... Por causa dele. Agradeço a ele. Ele foi uma pessoa muito importante.

João Batista: Foi fazendo um resgate, assim.

Dila: É, seu pai é uma grande figura mesmo. E a senhora também, outro dia eu li uma reportagem, não se eu mandei pra você, na internet, eu tava pesquisando, né, que eu gosto muito de ler sobre as coisas de Canudos. Aí tinha uma foto da senhora! Se chama “Canudos a cidade do fim do mundo”. É uma reportagem muito bonita. Tem umas fotos, assim. Aí entrevistaram outras pessoas. Acho que foi de jornalismo, mesmo. E aí tinha uma foto linda da senhora, falando também de Canudos. Eu acho importante, né. Não sei, eu fico às vezes com medo de as histórias se perderem... Eu não sou daqui, né, mas cheguei e me apaixonei pela cidade. Acho que não tinha como ser diferente. Aí fui lendo e procurando saber. E assim, xô ver uma outra coisa que eu queria perguntar, pra entender melhor né, como é. Que não tem como falar de Canudos sem falar na figura de Antônio Conselheiro. É impossível. Aí queria saber o que é, pra senhora... Porque a senhora teve parente que lutou na guerra.

“D”: Tive, tive.

Dila: E como é isso, o que a senhora sente, como é? Se quiser falar, também, não se preocupe. Quem manda é a senhora.

“D”: Olhe... Logo no começo a gente... Pai sempre dizia, e eu agora também... Eu também aprendi com meu pai. Ele dizia que ele era uma pessoa que ele podia ter aprendido muita história de Canudos. Porque a gente teve pessoas que participou da guerra, que viu como era do começo até o fim. Mas a gente não... Não dava muita importância, não. Eu mesmo, eu era revoltada com Antônio Conselheiro!

Dila: É mesmo?

“D”: Era! Era, quando eu era jovem, eu falava “Ah, Antônio Conselheiro nada! Antônio Conselheiro, por causa de uma pessoa dessa haver tanto derrame de sangue, por causa de uma pessoa!” Eu era revoltada, eu não gostava dele de jeito nenhum!

Dila: E aí mudou?

“D”: Mudou! E como mudou, minha filha! A minha avó mesmo ela não gostava muito de conversar não, a minha vó paterna. Ela não gostava muito de conversar não, porque era uma vida muito sofrida. Ela sofreu muito. Que ela participou da guerra, desde o começo, ela morava mesmo lá no arraial, ela ajudava, era uma das... como é que diz... das beatas. A avó dela era muito católica e rezava querendo o final dessa guerra. E aí, minha filha, era muito amiga de Antônio Conselheiro. Aí, por sinal, ela casou no arraial de Antônio Conselheiro, meu avô foi pra lá e meu avô era carpinteiro, o pai do meu pai. Ajudava a fazer aquelas casinhas e era... ajudava. Que esse pessoal lá cada qual tinha a sua tarefa, tinha a obrigação de fazer, nera? Uns plantava, outros colhia, outros fazia artesanato de fazer panela, fazer pote, naquela época... Era como se viravam, nera? Uns teciam redes, faziam aquelas redes crauá, outras de fio... Menina, todo mundo trabalhava.

Dila: Quem tinha seu ofício fazia, né?

“D”: Era, era. Quem tinha o seu ofício, cada qual tinha o seu trabalho. E aí, quando foi no... Eles viviam muito felizes. Aí era uma vida que gostavam muito. Minha avó materna ela também participava, ela tinha um filho que até é bisavô seu né? Manelzão, né?

João Batista: É tio-bisavô. É irmão de minha bisavó.

“D”: É, tio-bisavô. Nasceu lá no arraial... Mas quando a guerra tava quase no fim aí eles saíram. Eles saíram. Aí eles tiveram medo.

Dila: Foi muita violência, né?

“D”: E até, menina, teve a Maria José, Maria José teve aqui essa semana e nós conversamos, viu?

João Batista: Sim, Maria José. Ela já tem quantos anos, “D”, uns 70?

“D”: É, ela tem uns 70 e poucos anos.

João Batista: Ela falou pra Joana que quer escrever um livro. Ela disse que ainda quer escrever um livro ainda!

“D”: Oh, eu dei tanta risada, domingo ela andou aqui, aí nós falando sobre esse povo... Aí disse: “Eita que Canudos se fechou, ninguém entra nem sai! Vamos sair senão nós morre!”. Aí disse que tava umas panela no fogo... Mas você veja, tavam aquelas panelas frevendo... “Chega, vamo simbora, vamo sair daqui senão nós morre”. Aí fizeram aquela rudiona bem grande e botaram na cabeça e botaram a panela. [risos]

João Batista: E com essa panela quente na cabeça, hein, Deus me livre...

“D”: Frevendo. Com a rudiona bem grande e botando na cabeça, e saíram aí correndo...

“D”: Quando tiraram a panela do fogo disse que o caco da cabeça chega tava frevendo. Minha fia, tempo de guerra a gente ia achar graça com o que? [risos]

João Batista: Maria José é parente de quem? Lá no Rosário.

“D”: Maria José, a mãe dela era filha duma irmã de mãe véia. Ela era neta da finada Luiza. A mãe de mãe véia. A mãe dela era prima carnal de minha mãe. E aí, minha fia, ela disse que a mãe dela, o que tinha de coisa, negócio de carne, de comida, naquela época as véia, aquelas mulher, usavam aquelas anágua de cordão, era de cordão! Menina... Aí o que pôde encher nessa anágua de comida. Foi levando, porque naquele tempo a disponibilidade era grande. Não tinha as coisas que a gente tinha hoje não, minha fia. Tranquilidade, naquela época, e enchiam de tudo, era carne, era farinha, era feijão, tudo na anágua. [risos]

João Batista: Eita, meu pai do céu.

“D”: Pra sair correndo pro mundo da guerra. Pra não morrerem.

Dila: Era fugindo pra salvar a vida, né.

“D”: Ói, é tanto que dessa família, de nossa família, Batista, não morreu ninguém. Não morreu ninguém. Agora da parte de meu pai morreu dois tio dele. Na guerra. Mas a parte de minha vó, porque era muito católico, elas rezavam tanto ofício, de madrugada, e aí as Ave Maria, elas rezavam o terço, elas eram muito católicas, não morreu nenhuma família.

Dila: Olha só, que coisa, né?

“D”: É. E agora a parte de meu pai morreu dois tio.

Dila: Agora até que foi pouco né, comparando, porque tinha famílias que morriam todinhas, que nem ficou pra contar história.

João Batista: Os Macambira mesmo sobrou poucos, né. Os Macambira...

“D”: Esse povo era muito afoito! Do lado da monarquia! Quando dizia “viva a República!” Diga Viva a República! – Viva a monarquia! Aí tudo morria... Menina, era muita fé.

Dila: Mas e foi quando, então, que você fez as pazes com Antônio Conselheiro?

“D”: Ah! Eu fiz as pazes com Antônio Conselheiro, minha fia, depois que chegou as irmã aqui em Canudos. Aí, minha fia, a gente foi descobrindo. Ói, minha vó ela não gostava de... Esse pessoal daqui de Canudos, esse pessoal mais velho que participaram da Guerra, eles não falavam muito da guerra, não... Porque ficou muitos coronéis, muitas pessoas que eram do lado do exército.

Dila: As pessoas tinham medo de falar, né...

“D”: Eles tinham medo! Aí eles tinham medo de falar. Eles falavam era baixo. Contavam assim aquelas coisas assim de cabeça baixa, porque tinham medo. Eles amedrontava mesmo. “Vocês querem que ainda venha outra guerra?!” Eles amedrontavam, era... Eles tinham muito medo.

Dila: É, eu ouvi dizer que foi depois de Calasans que o pessoal começou... Na década de 40, assim...

“D”: Foi, de 40 a 50...

Dila: Com Calasans e com outros pesquisadores também que começaram, né, a...

“D”: É, foram começando devagarzinho, devagar...

Dila: É, e aí as pessoas foram perdendo o medo. Morreu muita gente...

“D”: Era.

João Batista: Mas é, essa cultura do medo ficou durante muito tempo.

“D”: Mas depois que as irmãs chegaram aqui, o padre, aí começou com as romaria, aí o pessoal foram perdendo o medo... Ói, tem muito aqui de Canudos, as pessoas velhas, que não gosta de romaria, não, não gosta desses movimentos, não. Não gosta não, de jeito nenhum. As Romarias, o pessoal de Canudos tão mais gostando de uns certos anos pra cá. Mas antigamente não davam atenção, não. Tem pessoas que ficam lá, eu tenho mesmo meus parentes, eles nem vêm pra romaria, não vem não.

Dila: E as romarias são pra Antônio Conselheiro? Tem a relação?

“D”: É, assim...

João Batista: A romaria é uma espécie de resgate da história do Belo Monte, do Conselheiro. Ô “D”, aquele texto que você fez, que você falou lá na Romaria, você guardou esse texto?

“D”: Guardei.

João Batista: Depois eu quero que você... Tirar uma foto do texto, ou você lê depois.

“D”: Eu disse agora eu vou escrever... Porque assim é melhor, né? Porque a gente vai dizer uma coisa, aí repete muitas vezes, se perde, não é? E tanto escrito... Quando a gente vai ficando veio, a gente vai ficando com o juízo meio maluco! [muitos risos]

João Batista: “D” foi professora lá na... durante 19 anos, né “D”.

Dila: Foi, eu vi... E gostava, “D”, de dar aula?

“D”: Eu gostava... Ói, e fui assim uma pessoa, assim, eu nunca tive escola. Foi. Quando eu era pequena meu pai gostava muito de trabalhar nas mina, de Campo Formoso, de Mimoso, mina de cristal. Aí lá eu fui, a gente passou 3 anos lá. Aí na idade de... duns 6 anos. Passamos 3 anos lá. Aí tinha uma professora, e ia pra escola. Professora particular, naquele tempo a gente só aprendia a ler. O ABC...

Dila: O básico, né?

“D”: É, só assim o básico. Sem explicação nenhuma, né? Mas quando a gente tem, sei lá... Toda vida eu tive assim... Tive vontade, assim, de aprender. E aí eu não tive nem o segundo ano completo. Foi. Aí vim pra cá, e quando cheguei aí, avemaria, que a gente sabia ler, minha vó botava a gente nas nuvens. Chega, pra essa menina ler! Avemaria! Aí lá nas minas teve uma missão, veio uns padre pra lá, aí eu fiz a primeira comunhão lá, e aí deram o catecismo, e aí tinha o bendito da Nossa Senhora do Perpétuo do Socorro, e quando nós chegamos. Aí nós passamos 3 anos. Quando chegemo aí, minha vó tinha comprado uma imagem de Nossa Senhora do Perpétuo do Socorro. E aí, menina, quando eu cantava o bendito de Nossa Senhora do Perpétuo do Socorro que aprendi lá nessa missão, eita que elas... Avemaria! Chega “D” de você cantar esse bendito! E aí, minha fia, aí eles gostavam... Era uma benção. Que naquele tempo o pessoal... Meu pai mesmo sabia ler bem pouquinho. E minhas vó não sabia ler de jeito nenhum. Mas em sabedoria de saber reza, de saber o santo ofício todinho, aquelas oração mais lindas do mundo. E aí foi indo, e aí a gente... Sim, aí quando Antônio Conselheiro, quando eles chegaram aqui, foram falar de Antônio Conselheiro... Aí a gente foi perdendo, foi aprendendo um pouco mais. Ói, porque saía muita história de Antônio Conselheiro! Que Antônio Conselheiro ele era um assassino, saía aqueles romances... De primeiro saía aqueles romances, que era o nosso divertimento era

aqueles romances. Aqueles romances bonitos, de histórias bonitas, de história de... de... de amor. Era! Não havia televisão, não havia essas coisas!

Dila: Aí tinha que ler os romances, né?

“D”: Avemaria! Aí, minha fia, apareceu esse romance de Antônio Conselheiro, que ele tinha matado a mãe. Quem é que ia acreditar num homem desses?! Que ele tinha matado a mãe. Não era? Uma pessoa que mata sua mãe é gente?

Dila: Mas depois até comprovaram que foi mentira né? Inventaram muitas calúnias...

“D”: Foi...Foi mentira, minha fia. Muitas calúnias sobre Antônio Conselheiro!

Dila: Eu fico pensando assim, que o que me emociona assim na história dele foi o acolhimento, sabe? De todas as pessoas, ele não... O que eu acho que é o grande princípio de Jesus Cristo, inclusive. Que é acolher a todos sem distinção! E ele acolhia escravo, que tinha acabado de abolir a escravatura, sertanejo, índio, quem chegasse... Branco, preto, amarelo...

“D”: Aquele pessoal pobre, minha fia, aquele pessoal pobre!

Dila: E ele acolhia. Isso pra mim é muito forte. E aí eu ficava, também, porque eu também li essas histórias... Disse que ele matou a mãe, e que depois matou a mulher, foi tanta coisa que inventaram. E eu fico pensando, como é que um homem desse fez o oposto, né?

“D”: [risos] não é? Mas depois que a gente viu que aquilo tudo era mentira, avemaria...

João Batista: Hein, “D”, e sobre... “D” ela, assim, eu considero como uma líder comunitária que trabalha muito com a questão da liderança das cantigas de Reis, né?

Dila: Ah, é? Oh, eu acho tão lindo...

João Batista: É. E tem os reis de Santo Antônio, né?

Dila: Ah, ano que vem eu venho pro Santo Antônio.

João Batista: E aí “D” tem esse envolvimento com...

“D”: Aí, rapaz, eu tava tão triste. Eu digo, meu Deus, será que esse ano será que vão cantar os Reis de Santo Antônio? Com esse padre assim, meio doente, aí ninguém nunca falou sobre esse rei de Santo Antônio, porque esse Rei de Santo Antônio foi tangido mais por João Filho. E João Filho...

João Batista: Esse cara é um jovem.

Dila: Ah, é um jovem?

João Batista: É um jovem.

“**D**”: E aí eu fiquei assim pensando, mas quando foi de manhã que eu fui pra missa, eles [ininteligível] os reis, ô, mas eu fiquei alegre! Aí disse, é, nós vamos fazer uma feijoada, pra ver se a gente tira mais um dinheirinho, que vai ter o rei de Santo Antônio..., mas, ô, menina, mas eu fiquei alegre! [risos]. Mas viva Deus! Não é, que vai acontecer, se Deus quiser!

João Batista: E das cantigas do rei de Santo Antônio, não pode tirar uma aí pra nós, não? Uma cantiga dos reis?

“**D**”: Deixe estar que quem for pra lá vê...

João Batista: Tire só uma tirinha, aí. Uma tirinha!

“**D**”: Ah, de Santo Antônio tem a serenata, é, porque esse rei lá em Canudos, quando Santo Antônio veio aqui pra Canudos, quando a finada Zefinha era viva, cantava com reis. Mas depois que ela morreu, ficou aí Pombinha, ficou Helena... Aí não foram mais ligando. Aí cantavam, era esses reis “um de casa outro de fora”. Esse rei do de casa e do de fora não era rei de Santo Antônio, não. Foi um reis inventado depois que...

Dila: Foi? Inventaram?

João Batista: É que esse reizinho “de casa ou de fora”, né, que era “ô de casa, ô de fora!” [*cantando*], é aquele que geralmente celebra no dia 6 de janeiro, né. Que é aquele Reis, que é aquele “São José também...” [*cantando*]

“**D**”: É, porque naquele tempo atrás, em Canudos Velho, não tinha esse Reis, não. Era só o de Santo Antônio. Não tinha essa música, não. Essa música foi feita depois que as irmãs vieram pra vá e trouxeram de outro lugar essa música. É um Reis novo, é uma música nova. Não é dos nossos antepassados, não.

João Batista: E o de Santo Antônio, como é?

[“**D**” limpa a garganta e canta o Reis de Santo Antônio – “E bendito, louvado seja, o menino Deus nascido, o menino Deus nascido, que no ventre de Maria, nove mêis andou escondido, nove mêis andou escondido...”]

Dila: Ai, que lindo...

“D”: É, ele é muito bonito.

Dila: E tem escrito essas músicas todas?

João Batista: Vocês escreveram, não foi, “D”? Você tem a cópia?

“D”: Foi, tem a cópia. Tenho, tenho a cópia.

Dila: Ah, isso é importante pra essas coisas não se perderem, pra ir passando de geração pra geração. É lindo. Adoro cantiga, acho a coisa mais linda.

“D”: É, não pode, não. E a serenata, minha filha? Tem a serenata, a serenata que é bonita, que é acompanhada da banda de pífano, de sanfona, de pandeiro...

Dila: Vai ter a banda de pífano aí na feira?

João Batista: Vai ter.

“D”: Ói, tanto quando tavam lá em Canudos Velho, como minha avó cantava lá na fazenda Umburana. Minha avó. Era, ela cantava.

João Batista: A fazenda Umburana foi onde “D” nasceu e se criou.

Dila: Foi onde a gente foi? Perto do negócio de Moreira César?

João Batista: Exato, aquela casa lá! Foi onde “D” nasceu e seu “J(a)” morou.

Dila: Ah, eu fui lá!

“D”: Cê andou lá!

Dila: Andei, andei...

“D”: Pois aquela casinha ali foi aonde eu nasci e me criei ali, minha fia.

Dila: Que coisa linda. É perto, entendi agora que você disse que não era lá dentro da Canudos Velha, mas era bem pertinho.

“D”: É, é distante 6 km.

Dila: Ah, é perto, eu me lembro, João me levou lá. João andou aí comigo!

João Batista: Ela já veio aqui 3 vezes na cidade, “D”!

Dila: 3 vezes, é. E dessa vez vim passar 1 mês!

“D”: Ah, vai vir morar! [risos]

Dila: Vontade não me falta, viu, não vou lhe mentir! Mas aí tem as coisas lá em Salvador, né, ainda..., Mas quem sabe não venho morar pra cá? Eu fiquei encantada. Porque, assim, a minha pesquisa é sobre as cidades que foram inundadas por barragem. E aí eu poderia, tem tantas cidades, né, no Brasil afora, eu vi até em Pernambuco, em Alagoas... Em tudo que é canto tem cidade. Mas aí eu fui nas pesquisas e cheguei em Canudos. Aí eu fiz, rapaz, aí um negócio me chamou a atenção, eu fiz, qual cidade que eu escolho, e agora? Pra poder pesquisar, né. Aí eu fiz, ói, quer saber, eu vou fazer uma viagem pra Canudos, pra conhecer a história, né. Aí, pronto! Não saí mais!

“**D**”: Ói, esse açude que fizeram, minha fia, muitas pessoas são revoltadas, porque esse açude não era pra ter inundado ali o local da guerra, não.

Dila: Eu também acho que não.

“**D**”: Era nada! Não era, não. Aquilo ali foi feito pra acabar a história de Canudos... Ali foi feito pra... Aí foi que a história! [risos]

Dila: É, e as pessoas, eu conversei com outras pessoas, também, conversei ontem com “L”, não sei se a senhora conhece, é da Ilha do Monte...

João Batista: “L”... Mora na ilha ali do...

Dila: É, eu tava conversando com ela, e ela também revoltada, assim, e dizendo que... Uma coisa que ela falou que me chamou a atenção, e eu já vi outras pessoas falando também, que os mortos ficam embaixo... Como é que tá o cemitério dentro d’água, que você não pode visitar!

“**D**”: É! Fizeram isso pra...

Dila: Você não poder visitar seus parentes, seus mortos... Não poder levar uma flor, uma coisa. E ficar dentro d’água.

“**D**”: Uma falta muito grande daquela época, não tinha, assim, as pessoas que falassem, não tinha Isaías Canário, que era um mandatário lá de Canudos, quando o governo, o Presidente da República veio aí, Getúlio Vargas, aí falou sobre uma barragem... É, aí escolheram muitos lugares, mas disse que o lugar melhor que acharam foi aquele ali. Por que? Porque era o lugar da guerra! Era da Guerra, era...

Dila: Aí quer apagar, né, a todo custo...A gente foi até atrás, não foi, João, no DNOCS, né, pra ir atrás dos documentos, não tem mais nenhum aqui, tudo foi pra Salvador. Eu falando, eu acho que devia era estar aqui, né? Os documentos de Canudos têm que estar em Canudos, não tem que estar em Salvador. Eu vou lá em Salvador atrás. Se eu achar alguma coisa eu lhe digo.

João Batista: Como você vê, “D”, essa história hoje? Esses jovens, todo mundo...

“D”: Esses jovens, rapaz, não dão um pingão de valor. Não dão, não. De jeito nenhum. Ói, é muito bonito, João, esse desfile que fazem. É muito bonito. Mas os jovens ligam enquanto tão ali, com aquelas fantasias bonitas tudo bem, passou dali ói.... O celular não deixa! [risos] Apaga todas as memórias, as belezas! Agora quando eles ficarem velhos, é que eles vão se lembrar... Quando eles tiverem na meia idade, quando eles tiverem de 70 anos, 50 anos que passar a fase do...

[vídeo interrompido automaticamente].

APÊNDICE G - ENTREVISTA “Z”

Entrevista concedida por “Z” (homem, 54 anos) no dia 29 de novembro de 2019, numa tarde quente de sábado, com a presença de João Batista.

Dila: Vou lhe contar um pouquinho da minha pesquisa. É assim: eu me apresentei, né, meu nome é Dila, eu me formei em Salvador como arquiteta, mas tô fazendo um mestrado que é uma mistura de coisas lá na UFBA, que é multidisciplinar. Então eu tenho colegas de tudo que é área: de história, de sociologia... Então é até difícil eu dizer em que área eu tô, porque a minha pesquisa vai misturar história, vai misturar antropologia, vai misturar estudos de cidades, um monte de coisas. Mas porque que eu tô fazendo essa pesquisa? Aí vem os afetos, né, meu pai ele nasceu no sertão do Ceará e ele, na década de 70, antes de eu nascer, ele foi migrando e foi parar em Salvador e lá ele se tornou pescador, quando eu nasci ele já era pescador. E eu ficava muito intrigada porque como é que uma pessoa que nasceu em um lugar que tinha uma carência tão grande de água, sai desse lugar, mas precisa ainda daquela relação com a água, né? Então eu costumava dizer que a imagem do sertão nasceu em mim através do meu pai: cheia de água, cheia de mar. Aí eu fui crescendo e vendo aquelas fotos do sertão, tudo seco, esturricado. Aí fui criando consciência das coisas e percebendo que esse não é o sertão, que é uma representação, um estereótipo. Aí na faculdade eu me encantei com o estudo das cidades e misturei essas três coisas: cidade, sertão e água. Meu pai infelizmente faleceu quando eu tinha 17 anos então eu carreguei muito esse afeto, essa busca por tudo o que ele me ensinou do sertão, e com essa ideia de estudar as cidades, tive a ideia de estudar as cidades inundadas por barragens no sertão. E aí vim parar em Canudos! Então essa é a minha pesquisa, basicamente, e eu tenho feito nas minhas entrevistas duas perguntas principais, e não tem resposta certa, não tem resposta errada, é como cada um sente. Eu tenho perguntado para as pessoas e vou lhe perguntar também: o que Conselheiro significa pra você, o que é o conselheirismo, como você vê isso, e queria que você falasse um pouquinho sobre isso.

“Z”: Eu sou conselheirista, né. Conselheiro, essa cara que andou pelos sertões no século XIX, nos sertões fome, miséria, escravidão, escravidão do homem pelo homem, grandes fazendeiros, essa pequena parte da elite burguesa desse país, branca, quer dizer, que acha até hoje que é branca, e até hoje ainda continua escravizando, ainda, nos chicoteiam. Então Antônio Conselheiro ele passa a ser mais que um líder, né, muito mais do que isso, ele é aquele cara que desperta nas pessoas o sentimento de que estão vivas. Ele desperta nas pessoas o sentimento de liberdade dentro de cada

um. Porque essa liberdade, essa tal liberdade, estava sufocada, né, pelos açoites, né, pelos grandes coronéis e latifundiários, a repressão. Antônio Conselheiro ele vagueia pelos sertões. Ele disse que é em busca dos mal-aventurados, ele falou isso pra um amigo. Esses mal-aventurados são essas pessoas, né, esses pobres miseráveis. E a palavra desse homem liberta, a liberdade que começa de dentro, né, de saber que você existe. Aí depois que você descobre que você existe, que você é alguém, que você começa a ir buscar frutos dessa liberdade. Então ele, nessa peregrinação de 20 anos, o que me encanta muito nele não é que ele coloca só a questão da religião, muitas pessoas, historiadores, acham que é um movimento messiânico, como se ele fosse um messias, mas não... Ele não era um messias, ele era um seguidor de um messias. Ele era um seguidor de Cristo. Porque Cristo pregou o amor, pregou o respeito e igualdade entre todos. Respeito do irmão para com o irmão. A partilha, a formação de um lugar especial que nem aquela terra prometida. Aquela busca daquela terra aonde todo mundo vai plantar e colher e partilhar os sonhos, os frutos, as alegrias e tristezas.

Dila: Tanto que quando chamavam ele de Jesus ele falava: “levante-se” ...

“Z”: Levante, não, Jesus é outra coisa. Eu sou apenas um peregrino aqui que tô levando uma mensagem. Então, eu tenho até uma coisinha que eu recitei naquele dia, lá na FLICAN, né, que retrata muito... que nas andanças dele ele foi encontrando essas pessoas. “Nos caminhos do sertão, em passos lentos andava. Sentia indignação, em tudo o que encontrava. O sofrimento do povo os coronéis provocavam. Olhavam um sertão triste, sem lágrimas, desanimado, E os rostos, perdidos, como o chão pelo sol rachado. Antônio levava esperança àqueles homens honrados. Antônio parou um dia, viu um lugar belo e cercado. Por serras em cordilheira, espécie de santuário. Ali descobriu a mais bela de todas as comunidades. O lugar era Canudos e por ele foi encontrado, depois passou a se chamar Belo Monte, assim por ele batizado. Mas provocou a ira do governo e por isso foi degolado.” Então esse homem representa pra mim, esse homem me ensinou a busca por justiça e por igualdade. Esse homem me ensinou que eu tenho que olhar o outro irmão com respeito, seja da criança até uma anciã. Esse homem me ensinou que a caridade está acima de qualquer coisa, e a gratidão. Antônio me ensinou a lutar. Antônio me ensinou a olhar as coisas e dizer “isso tá errado”, reivindicar direitos, cobrar aquilo que é meu de direito. Justiça, igualdade. Antônio revelou ao mundo, principalmente ao Brasil, o outro Brasil. O Brasil real. Foi Antônio que falou. Há dois momentos da história do Brasil, há o momento antes e outro depois de Canudos. Quando Antônio Conselheiro com seus conselheiristas, nós, juntos, nos rebelamos e falamos que nós existíamos e que queremos mais. Igualdade e justiça pro outro lado do país. A civilização que até então era distante, percebeu que tinha. Mas ao invés de mandarem uma luz, que nem disse Rui Barbosa, a luz da civilização, nos mandaram carregamento de balas de fuzil e de canhões.

Por que? Porque aquela ideia não podia se espalhar pelo país. A ideia de Antônio, a ideia de igualdade e justiça. Mas o mais importante nisso tudo é que pra eles não deu certo. Porque Canudos se espalhou pelo país. Canudos hoje está nos movimentos dos Sem-Terra, Canudos está nos movimentos dos Sem-Teto, Canudos está nas periferias, quando se luta por justiça, por igualdade. As balas de fuzil ainda ardem hoje no descaso da pátria mãe gentil. Ainda somos fuzilados. Ainda somos fuzilados nas favelas. Ainda somos alvejados nas ruas e esquinas. Aquela mesma elite burra, atrasada, que continua no poder até os dias de hoje, e continua nos matando. Mas nós continuamos à luta. Porque Canudos não se rende. E Canudos é todo dia. Todo dia é dia de lutar.

Dila: Canudos não se rendeu nem se renderá.

“Z”: Não. Canudos não se rende. Canudos é resistência. Lá no meu facebook eu boto assim, eu tenho facebook! Eu fiquei chique!

Dila: Ah, vou lhe procurar!

“Z”: Eu fiquei chique demais! Relutei muito pra botar esse troço, mas é bom! Porque aí a gente fica divulgando as coisas né. Os trabalhos da gente. Mas não foi eu que fiz não, foi um amigo meu que fez e disse: “ói, já tá feito!” Não teve jeito! Mas eu acostumei e ficou bom! Eu assino ele, sempre em minhas postagens eu boto “Z” – Resistência Conselheirista. É assim que eu me assino.

“Dila”: E o que é ser conselheirista pra você?

“Z”: Ser conselheirista é ser livre. E é lutar por justiça e igualdade. Isso é ser um conselheirista. Resumindo, um conselheirista ele luta por igualdade, justiça e liberdade. Isso é um conselheirista. E luta, luta sempre. Porque Canudos é todo dia! E nós carregamos essa marca que poucas pessoas aqui, infelizmente, no nosso município, ainda... Eu não culpo essas pessoas. Eu culpo os poderes públicos que não levaram isso, né, demoraram muito a levar isso, a questão da nossa história, da nossa identidade, quem nós somos e tal. Isso, pra algumas pessoas, isso começou há 20 anos atrás. Pra mim não, começou já há 34 anos, há 36 anos que eu já tô nessa luta, eu tô ficando velho! Eu tô nessa luta cara, já há 36 anos, na resistência. Um belo dia eu encontrei um livro, na capa desse livro tava escrito “Memória de Canudos” e tinha a figura de Antônio Conselheiro, aquele cara, assim, eu não sabia que era Antônio Conselheiro. Eu tinha 14 anos, na época. Quando eu vi aquilo ali eu falei “poxa”, eu peguei aquele livro e comecei a ler e lá no livro me dizia a história até do meu pai. E era a segunda Canudos já, a construída pelos descendentes e sobreviventes. Mas eu me empolguei muito pela figura do cara, daquele personagem, aí comecei a buscar

quem era aquele homem. E aí fui me encontrei que era Antônio Conselheiro, e aí pronto, cabou. Aí eu só me joguei mesmo nisso aí. Foi a partir daí. E aí eu me joguei né, me joguei. Aí eu escrevi a primeira poesia. Antes eu escrevia uns versinhos pras meninas. Mas a partir desse dia eu comecei a escrever umas coisas assim mais... não é que eu não escreva mais sobre as meninas, mas eu foquei mais na identidade do meu povo, pra descobrir quem eu era, eu descobri a minha música que é a banda de pífano, eu descobri a minha dança que é o lundu, aí eu fui me deliciando com aquilo e eu fui me envolvendo, me envolvendo, aí eu descobri como nós somos belos, lindos e fortes. Como nós somos maravilhosos. Aí eu fui buscar minha fauna, minha flora. E aí eu fui me encantando, aí eu fui entrando nesse universo, aí não parei mais nunca. É muita coisa! E eu foco muito, a minha questão pra os meus personagens, nas minhas poesias eu falo muito do meu povo e da minha flora, assim, mais pesado, e é assim que eu me sinto bem. A primeira coisa que eu escrevi sobre Canudos, interessante: “Canudos, como é linda a minha terra, cheia de encantos e mistérios, seus cactos, seus belos montes, seus riachos que no passado usaram como trincheiras, e ao invés de água, sangue descia nas ribanceiras. Mas como é linda a minha gente, que apesar do sofrimento, não te negam o seu riso e te apertam junto ao peito. Como são lindas as minhas flores, flor de mandacaru, flor de umbuzeiro, e para os mais apaixonados tem a flor de juazeiro. Canudos, minha terra, Canudos minha paixão, te amo.” A primeira coisa que eu escrevi!

Dila: Que coisa linda!

“Z”: E eu gostei, eu gostei dessa! Então, Antônio Conselheiro foi quem me ensinou tudo isso, né. E outra coisa importante que ele me ensinou e que eu aprendi muito com ele que é a questão da caridade. Da caridade. O conselheirista ele tem que ser caridoso, tem que olhar pro próximo sempre. Ele tem que aprender, isso é um ensinamento de Cristo, também, você só vive um dia de cada vez. Então, eu quando eu faço umas palestras que a gente recebe, o Batista também faz, trabalho lá no parque, eu quando eu recebo as pessoas eu costumo falar, eu abordo Canudos e trago para os dias atuais e eu digo com muito sentimento, porque não basta você falar lá, você tem que trazer agora, você tem que trazer um paralelo, traçando Canudos de lá para os dias de hoje, porque a luta é a mesma, a luta continua, as mesmas repressões, os mesmos... Então você tem que abordar sempre essa questão da caridade. Por exemplo, um exemplo bem claro, eu digo, se você tá morando, se você tá um dia numa noite fria, aí você sai bem agasalhada pra rua, aí quando você chega numa calçada você vê uma pessoa lá tremendo de frio, você tá bem agasalhada. Na tua casa tem mais de duas dentro do armário. E você simplesmente ignora, passa... Não, então, você tem que exercitar o lado da caridade, volte lá, pegue uma das coisas e acolha, vá lá e agasalhe o teu irmão. Quer dizer, Canudos é tudo isso, o que as pessoas têm que aprender é

isso, porque são esses valores que Antônio Conselheiro pregava. Porque se reunia as pessoas tudo em volta? Por causa disso. É um fundamento né, a gente não pode olhar pra Canudos e simplesmente dizer “ah, coitado, morreu 25 mil sertanejos”. Primeiro, eu detesto quando alguém vem “ah, os bichinho...” Não! Não é bichinho, são figuras fantásticas, maravilhosas, guerreiras, filhos da luta da resistência, que lutaram contra o sistema opressor, cara! Que falou não ao sistema escravocrata! Então você tem que olhar pra essas pessoas com um olhar sim diferenciado, e dizer “poxa, que maravilha esse povo!” E não coitado, que coitado, não me chame de coitado que eu não gosto! Diga “pô, que cara retado, aquele povo!” Joga pra cima, e absorva essa energia desse povo e faça alguma coisa! Essa que é a questão! Então Conselheiro pra mim representa isso.

Dila: É tanta coisa, né?

“Z”: É muita coisa. É indescritível. Ele é maravilhoso!

Dila: Pra mim é indescritível, que tô mergulhando agora nessa história...

“Z”: É, e todo dia você, eu mesmo particularmente, todo dia eu descubro uma coisa nova, né, porque eu tô sempre olhando, eu tô sempre. E eu me lembro de uma coisa interessante, eu aprendi a olhar Canudos, o meu povo, através do meu povo. Não foi através de escritores de lá de fora. Eu comecei a ver Canudos a partir do olhar e dos relatos de pessoas que eram, que beberam a história oral, que eram descendentes diretos dos sobreviventes, que passaram... Dona Isabel, Dona Zefinha, Paulo Monteiro, João Régis, Zé de Isabé, morreu com 103 anos ali no Riacho de Pedra... São personagens que foram me enchendo desde menino.

Dila: Eu vi Zé de Isabé no documentário de Olavo...

“Z”: Pois é, e eu tava junto! Ali gravamos 3 horas com ele! Eu participei da produção desse documentário.

Dila: Eu já perdi as contas de quantas vezes assisti esse documentário.

“Z”: Ele é fantástico. Olavo tá lá em casa agora!

Dila: É, eu até falei com ele na FLICAN, mas eu sou meio tímida, mas eu me apresentei e quero ver se eu consigo marcar uma entrevista com ele lá em Salvador.

“Z”: Ele é fantástico, ele é maravilhoso. Você pode procurar ele que a melhor coisa da do mundo que você vai fazer na vida ele é você procurar ele pra falar sobre Canudos. Ele vai te agradecer pro resto da vida! Então, é isso, né. Eu ouvi muito isso, né. A minha avó morreu com 95 anos de idade. Uma tia dela foi ferida em combate, quer

dizer, lá dentro do cenário. A minha tia, tem 90 anos, tá viva ainda, ela foi casada com um filho de um cara chamado Santinho, que era, assim, braço direito do Conselheiro lá dentro do arraial. Quer dizer, então, nós aqui na região, a maioria aqui daqui de Canudos, filhos dessa terra, tudo tem a descendência direta desse povo de lá. É, a gente tem essa coisa, essa, essa... É que a gente não gosta de falar muito, né, só quando perguntado. Eu falei agora não sei nem porquê! Escapuliu!

Dila: Ah, é? Que bom!

“Z”: Mas, é isso, né.

Dila: Mas é motivo de orgulho, né? Como você falou, bater no peito e dizer “sou descendente”.

“Z”: Sim, sim, nós somos filhos dessa resistência. Estamos aqui ainda.

Dila: Que honra! Tô aqui com dois filhos dessa resistência, então. [referindo-me a João Batista, presente na entrevista]

“Z”: Sim, a outra pergunta foi o que?

Dila: A outra pergunta tem a ver, como eu falei também e expliquei um pouco, meu trabalho tem um pouco a ver com essa inundação. Eu fico um pouco mexida por um paradoxo que eu vim percebendo na medida em que fui pesquisando, que é o paradoxo da seca e das chuvas, porque quando chove, que eu acho que é um ponto máximo de alegria e de necessidade aqui, a cidade se esconde embaixo d’água. E é protegida também, porque fui percebendo que quando ela reaparece às vezes tem a coisa do vandalismo, e tudo mais. E ela foi inundada por uma decisão humana, por uma decisão desse mesmo governo que mandou essas tropas todas, por assim dizer, esse mesmo poder que decidiu e falou “vou inundar”. Quando vem a seca, que eu acredito ser uma coisa difícil, ela mostra a cidade, e a cidade ela pode provocar essas memórias. Eu tenho a sensação que a cidade diz “eu tô aqui”. E ninguém manda, ninguém diz “agora apareça, cidade”, ninguém tem esse poder, nem mesmo esse desgoverno. Então eu fico, assim, um pouco mexida por esse paradoxo, né, dessa cidade que se revela com a seca e que se esconde com as chuvas, e queria perguntar o que você sente quando a cidade reaparece, se você já foi visitar as ruínas, e se sim, o que você sente quando ela tá ali, o que você pensa sobre isso?

“Z”: Olha, primeiro um pouco de relato a respeito desse açude, né. O açude, de certa forma a gente tem certeza que foi bem intencional mesmo, foi intencional de cobrir mesmo o cenário. Isso aí não há dúvidas. Eu acho que o governo ele pensou assim: “nós temos uma chance de matar dois coelhos com uma porrada só. Agente dá água, no

meio dum sertão desse, e a gente cobre.” Mas o que eu tiro de aprendizado disso tudo aí é o seguinte: cem anos depois, as ruínas conselheiristas das igrejas e do cruzeiro se revelaram, se mostraram com a seca, né, fizeram um trabalho de arqueologia, e essas ruínas, que é da segunda Canudos, já construída por descendentes, sobreviventes e tal. Aqueles 100 anos, eu acho que foi uma coisa fantástica aquele momento mágico, misterioso, quando ela se mostra, né, se revela, bem nos 100 anos, que depois disso nunca mais ela mostrou, né, porque ela tá coberta de lama. Na primeira descoberta, ela mostrava ainda, tinha um cemitério ainda, a base do cruzeiro ficou bem à mostra e tal, só as ruínas das igrejas velha e nova que ficaram cobertas pela lama e tiveram que remover a lama pra poder fazer o trabalho. Mas eu não tiro muito, assim, não tenho muito mistério depois disso, não vejo muito. Porque eu acho que tem uma coisa mais forte. Mais forte de que as ruínas que se revelam com as secas é a nossa resistência dia a dia. Porque você pode apagar, você pode destruir, a madeira você pode queimar, você pode espatifar aí as paredes de concreto, despedaçar, jogar tudo no lixo, deixar um limbo. Mas a memória ninguém tira. A memória, ela continua viva! É tanto que eu e Batista estamos ali. Recebendo pessoas de tantos lugares do mundo. Ói, ói a magia onde tá! Pisando no solo, se emocionando... Fazendo as pessoas se emocionarem. Fazer as pessoas entrar na realidade. Ainda hoje Canudos ainda mostra o Brasil real. Ainda hoje! Porque nos sertões ainda há fogo. Porque nos sertões há escuridão. Porque nos sertões ainda há o analfabetismo. E essa memória do nosso povo é que ninguém consegue apagar. É a maior resistência que tem. Tudo bem, as ruínas é como uma coisa que... um assombro. Um assombro pra eles. É uma pequena coisa, né. Mas a coisa mais forte mesmo é a memória, que continua viva.

Dila: E pode se destruir essas ruínas, mas a memória vai ficar, né.

“Z”: Vai ficar pra sempre. Nós estamos fazendo um trabalho aqui, eu e Batista nós fazemos um trabalho sério, de responsabilidade, nós levamos pessoas ali com responsabilidade. [refere-se ao parque estadual de Canudos]. Não é falar só por falar de Canudos. Porque Canudos é maior do que qualquer coisa! Tá entranhado no sangue. E a gente vive Canudos e respira todo dia. E quando a gente começa a se indignar com as coisas é porque tá mais vivo do que nunca. No dia que a gente simplesmente aceitar as coisas, Canudos morreu dentro da gente. No dia que eu não conseguir reclamar de uma coisa e reivindicar um direito e cobrar algo que tá errado, eu tô morto. Eu não existo. E essa chama de Canudos tá sempre viva pra além disso. Daquilo que a gente reivindica todos os dias. Daquilo que a gente escreve. Daquilo que a gente fala. Daquilo que a gente questiona. As denúncias. Canudos é denúncia. Canudos é tocar na ferida. Todos os dias. Canudos é denunciar os nossos irmãos pretos, pobres, favelados, fuzilados todos os dias no Rio de Janeiro. Canudos é nossos irmãos sem-terra que foram agora em Juazeiro aqui devassado. Ali tá Canudos. Uma

resistência. Aí eu digo que sim. No dia que a gente parar de falar isso, ruínas não vai representar nada.

Dila: Tem toda a razão. E como você acredita que... Eu sou alguém de fora, né. E, diga-se de passagem, muito bem acolhida por essa cidade, por todas as pessoas. Como que você acredita que esses pesquisadores, essa gente que vem de fora, pode contribuir e pode somar, pra que Canudos não morra? Nem tava no meu escopo essa pergunta, mas às vezes a coisa vai fluindo...

“Z”: Eu já fiz uma cobrança dessa uma vez. Isso não me é novo. Mas partiu de mim, agora você partir uma coisa... Eu acho que tem muito a contribuir, essas pessoas beberam e bebem aqui, que vem buscar isso. Além de manter a nossa história, tudo bem. Mas eu acho que Canudos merece uma reparação. E esses intelectuais, essas pessoas que aqui vêm beber dessa fonte, já que tão no Rio, em São Paulo, esses lugares mais longínquos que for, se formassem uma associação de grupos de estudantes, de historiadores, de pesquisadores e tudo, e provocassem um evento grande, reivindicar direitos pra nós. Em cima de quê, essa reparação viria? Saúde, educação, universidade pro povo de Canudos, pra reparar o erro. Uma bela duma universidade. Saneamento básico pra nossa comunidade ter saúde. Saúde preventiva, que é muito importante. Essa reparação poderia vir dessa forma. Esse grupo de pessoas se unirem e formarem uma comitiva, uma coisa especial, começar a reivindicar, começar a denunciar o crime e cobrar uma reparação. Porque de outra forma eles já fazem quando eles escrevem, quando eles divulgam e quando questionam. Mas uma coisa mais pontual e objetiva pra fazer um reparo pra a comunidade hoje, esses descendentes terem a sua universidade, ter uma qualidade de vida melhor, é o mínimo que a gente poderia fazer no caso, por essa comunidade. E que daria muito certo, ela é muito forte! Cê já pensou se todas as pessoas que escreveram Canudos, que ainda estão vivas ainda aí, se reunirem e cobrar isso, fazer um documento, uma coisa, reivindicando, ficaria muito forte, eu acho que isso poderia acontecer. Eu acho que é a forma, porque o outro lado vocês já fazem, quando vocês vêm aqui, quando vocês nos ouvem, e vocês vão lá e dá voz pra nós, pra outras pessoas que ainda não nos ouviram. É uma colaboração fantástica, vocês tão dando voz a nós, pra que as pessoas nos escute. Aqueles que não conseguem vir até aqui, mas através de vocês nos escutam. Nos ouvem. Então eu agradeço muito a essas pessoas que mesmo que nunca vieram aqui, mas escrevem.

Dila: Acho que essas pessoas é que têm que agradecer a vocês...

“Z”: Porque, de certa forma, ou bem ou mal, de qualquer forma tá mantendo uma chama acesa, tá mantendo essa coisa, né. Só que eu... é aquilo que eu digo, né, eu

acho que a gente tem que transferir mais essa coisa pra hoje, mas pra reparação mesmo, porque Canudos, cara, é uma cidade que é isolada. Hoje nós não temos um saneamento básico, nós não temos banco, nós não temos um fórum, nós não temos nada, tudo que a gente quer resolver as coisas tem que sair! Então nós continuamos, nós ainda somos massacrados.

Dila: Às vezes parece que o apagamento ainda...

João Batista: Somos reféns, ainda.

“Z”: Ainda é... Ainda. A gente tá ali resistindo, e continuam nos massacrando, e a gente resistindo ainda. Porque é incrível! Você vai aqui em Uauá tem um Banco do Brasil, tem uma Caixa Econômica, agência... Você vai em Euclides da Cunha tem um Banco do Brasil, lá em Jeremoabo tem Banco do Brasil, não sei o quê... Só nós que não temos, gente! Canudos! Com essa marca tão fantástica, um povo que é estudado pelo mundo todo! E nunca houve uma preocupação pra reparar isso... Então, nós temos que continuar a reivindicar e a brigar contra isso.

Dila: E é no mundo todo mesmo, olhe, eu conheci, eu tive um amigo da Holanda, outra área, ele me falou “leia aqui minha tese”, era de uma outra área, e aí uma vez que eu tava no site da universidade dele lá da Holanda, eu fiquei curiosa e falei “xô olhar aqui Canudos...” Tinha uma dissertação sobre Canudos! Numa universidade que eu nunca nem tinha ouvido falar, numa cidade do interior da Holanda. Era uma, mas tava lá.

“Z”: Tem umas meninas aqui que fizeram um trabalho, de lá da Holanda, teve uma menina de Québec, no Canadá, que fez também uma dissertação aqui, tem uma menina da Estônia que teve aqui... Quer dizer, então, é o mundo todo, o mundo todo estuda! Então, nós... século XXI... Eu costumo dizer que eu não quero que Canudos cresça muito não, senão vai ficar ruim... Eu quero Canudos bem gostosinha de viver. Limpinha, com tudo bonitinho, pra gente receber o povo... Não precisa “buuum”, não, eu não quero! Eu quero ela pequenininha, aconchegante! Ela gostosa. Que você possa caminhar na rua com tranquilidade, sem esgoto aí no chão, as pessoas tudo felizes, tudo bem de vida, ô que maravilha! Sorrindo todos os dias, porque felicidade é isso. Felicidade não é um dinheiro no banco, felicidade é um sorriso todo dia, você olhar pra pessoa e ela estar sorrindo. Então é legal, de bem com a vida. Porque a gente só vive um dia de cada vez. Eu vivo cada dia. Aí quando eu vou dormir, é assim, quando eu vou dormir, eu durmo cedo, eu durmo cedo, Batista, quando dá 9:40 eu já tô deitado! Quando dá ali 10 horas eu já apaguei! E aí, rapaz, eu durmo um sono todinho, de vez, pummm, quando eu acordo é cinco e meia da manhã, cê acredita? Direto. Agora quando eu quero escrever, eu faço o seguinte, eu deito sete. Aí quando é lá pra umas duas e meia da manhã, três horas eu acordo. Aí levanto e vou escrever!

Aí eu vejo a aurora, vejo o nascer do sol... Por exemplo, aquele negócio que eu fiz daquela poesia que diz: “Canudos tem a magia do luar encantador, tem a brisa que acaricia, o orvalho sobre a flor, e o sol depois da aurora, espalha por toda a flora a energia do amor”. Eu fiz lá de casa, cara, lá em cima da laje, olhando, assistindo o sol! Quer dizer, é assim, eu sou preguiçoso, viu Batista, pra escrever...

João Batista: Imagine se não fosse! [risos]

“Z”: Agora, tem uns fato interessante assim, comigo. Tô contando as coisas, hein, pode contar?

Dila: Ô, claro!

“Z”: Teve uma coisa interessante, aquela coisa, eu não tinha geladeira ainda não, não tinha geladeira... Então a gente comprava o bode ali no açouguinho ali, comprava um bodinho, que vende bode, botava no fogo, comia, almoçava, quando era de noite eu esquentava pro outro dia, né, pra não ficar ruim. A gente tem a mania de esquentar o bode pra no outro dia estar bonzinho. E aí, nessa ida à cozinha, acendi o fogo, botei a panela, e quando eu venho voltando pra sala aí estalou uma onda. Eu disse, porra... Alguma coisa, assim, um verso, me veio um começo de uma coisa na cabeça. Aí eu voltei, sentei na cadeira, uma cadeira de balanço, que já tenho papel e caneta ali do lado, porque eu tô ali, qualquer coisa dá um estalo, eu já pego logo. Aí eu peguei o bicho do negócio, comecei a escrever, menina, aí cabou. Fui lá pra dentro do Canudos, cheguei lá batendo papo com meu cumpade Pajeú, com aquele povo, com o Pedrão, conversando com um e com outro dando risada, batendo papo ali em volta de uma fogueira de noite... Menina, quando eu dei conta, a casa só tinha fumaça! Quando eu me alertei, o bode já tava todo torrado! [risos] Pegou fogo! E a casa ficou que só tinha fumaça! E eu parti pra lá, quando cheguei lá só tinha os pedacinho desse tamanho, preto... Até a panela eu perdi! [risos] Mas ainda ficou quase uma semana o fedor de queimado dentro de casa! Eu digo, eita gota serena...!

João Batista: Meu pai do céu... Passou da conta, não foi?

“Z”: Passou... E aí eu viajei, meu amigo, saí da onda! Então acontece, essas coisas...

João Batista: Saiu do corpo!

“Z”: Saí, pô, foi! Tava lá no arraiá... E aí a vizinha disse: tá pegando fogo! Gritou lá, né, a mulher do [ininteligível], “tá pegando fogo aí!!”, eu digo: “tá, não! Já passou!”

João Batista: O fumaceiro comendo...

“Z”: É, então, é porque essa coisa de você viver as pessoas, viver o meu povo, né, o nosso povo, né, eu vivo todo dia, toda hora, eu penso neles o tempo todo, eu olho pras coisas eu vejo... Sou feliz demais, sabe? Quando eu lembro do meu povo, eu tenho muito orgulho do meu povo. Tenho muito orgulho. Naquele dia lá da FLICAN lá, eu homenageei Dona Isabel, eu tenho essa mania, eu tô agora descobrindo mais gente. Agora eu vou começar a homenagear assim um monte de gente do meu povo, vou homenagear agora todo mundo.

João Batista: Dona Isabel foi quem ergueu o cruzeiro...

Dila: Lá no Alto da Favela, sim...

“Z”: Eu tenho uma poesia pra ela, que eu recitei lá, você lembra dela?

Dila: Acho que me lembro, eu tava lá em todas!

“Z”: Cê tava lá! Foi a segunda, foi a segunda. Xô ver... Assim, a Dona Isabel, Batista já falou a respeito, né, ela era moradora ali, descendente direta. E aí ela prestou homenagem lá, aquele cruzeiro... Batista, tô até com uma briga aí pra botar uma placa com essa poesia lá e uma foto de Dona Isabel...

João Batista: Isso é importantíssimo.

“Z”: Que é uma homenagem, eu falei já com a família lá...

João Batista: Porque tem a placa e eu acho que a poesia é uma forma de... Homenagearia ela... É linda a poesia.

“Z”: Ali com uma foto dela... Cê é doido, rapaz, é um negócio... Aí eu fiz assim: “Em cada palmo desse chão, lavado com sangue e lágrimas, faz nascer a cada dia, com encanto e magia, a liberdade tão sonhada. Aos que tombaram na luta, sem temer a tirania, verdadeiros mártires da terra, bem no Alto da Favela, o cruzeiro é seu guia. O sol, caindo lentamente, e um cenário desolador, dona Isabel com um terço, o horizonte fitou. E rezou, por todas as almas, que agora passeiam calmas, por esse gesto de amor.”

[palmas]

Aí eu falei com a família dela, né. Disse, eu vou botar, eu tenho esse poema aí, essa poesia, e eu tenho uma foto dela, né, tava lá na exposição, viu? Ela assim, sentada assim... Aquela foto ali Olavo tirou no dia que a gente tava entrevistando ela pro Paixão e Guerra.

Dila: Na década de 90!

“Z”: A gente tava gravando com ela ali aí Olavo foi e tirou a foto na cozinha.

Dila: E você acompanhou Olavo o tempo todo?

“Z”: Sim, o tempo todo.

João Batista: É amigo, amicíssimo aí.

“Z”: É, Olavo é igual a um pai pra mim, já passou até de amigo, já.

João Batista: Olavo quando vem pra cá não quer saber de canto nenhum, ele fica na casa de “Z”.

“Z”: É, vai lá pra casa, é. [risos]

Dila: Que coisa boa! Ele ficou dessa vez lá?

“Z”: Ficou! A equipe dele todinha! Uma bagunça danada dentro de casa! É gostoso demais. Então é isso. Cê quer mais saber, perguntar mais alguma coisa? Tá bom?

Dila: Não. Acho que... Só lhe agradecer! Se você não se importar, eu queria filmar você recitando alguma coisa...

“Z”: Tá, tudo bem! Pode ser!

[fim da gravação]

APÊNDICE H - ENTREVISTA “K”

Entrevista concedida por “K” (mulher, 16 anos) no dia 19 de novembro de 2019, numa manhã ensolarada de terça-feira, com a presença de João Batista.

Dila: [...] então não se preocupe de se atrapalhar, eu mesma me atrapalho.

João Batista: E nada do que se diz é errado.

“K”: Cê faz o que na Ufba?

Dila: Eu fiz arquitetura e urbanismo, trabalhei muito tempo na área, mas aí agora eu tô, assim, migrando pra antropologia. Tá um bolo doido!

“K”: Muito bom.

Dila: Mas profissionalmente eu sou arquiteta e urbanista. Trabalho ainda, mas acho que eu gosto mais da coisa da história...

João Batista: E como boa arquiteta, desenha muito bem.

Dila: Você tem quantos anos, “K”?

“K”: Dezesesseis.

Dila: E você é daqui mesmo de Canudos?

“K”: Daqui mesmo.

Dila: Pronto. Deixe eu ver qual é a primeira pergunta...

João Batista: [ininteligível]

“K”: Minha mãe e meu pai, não, mas eu...

Dila: Seus pais são de onde?

“K”: Meu pai ele nasceu no Rio, mas a família dele vivia migrando, tipo, ah, tava em São Paulo, tá com oportunidade de trabalho. E vovô era daqui de perto, da Ema... Aí ele foi acabar aqui.

Dila: Parar aqui em Canudos, e você nasceu aqui... Você gosta daqui?

“K”: Gosto muito.

Dila: Qual é assim, como é...? Oh, as perguntas, antes até de eu começar, eu tenho um guia, assim, beeem, com umas perguntas anotadas, a ideia é ser bem fluida, assim. Queria que você me falasse um pouco qual é a sua relação com Canudos, com a história de Canudos, assim... O que é que lhe chama a atenção, você aprendeu isso com o seus pais ou foi uma coisa que...na escola, ou... você consegue perceber?

“K”: Assim, quando eu era pequena, tipo, na escola, tinha a matéria História de Canudos, mas não tinha muito interesse, porque não era uma coisa que eles... Não era uma coisa muito desenvolvida, era aquela coisa didática, de “ai, a guerra não sei o que, quem foi que dirigiu toda a expedição...” Só que aí, chega no ensino médio, né, eu me deparei com muita coisa, foi um ano – todo o terceiro ano – foi um ano de muito aprendizado e crescimento. Lá eu encontrei professores que me mostraram a história de Canudos com outros olhos, com outros pontos de vista. Mostraram, como João, João Ferreira, que é um grande professor, Uberlam... Eles, na questão da história de Canudos, né, falaram sobre a importância da história de Canudos, o que ela representava. Inclusive João adora dizer que pra poder entender o Brasil você precisa estudar Canudos. Foi um exemplo de que povo reunido tem voz, independente dos ganhos ou perdas, das injustiças cometidas pelo governo... E a partir desses pontos de vista que eles começaram a me mostrar e do quanto era importante essa história, que não era só uma cidadezinha e tal, porque a gente... a maioria da população não tem tanto valor pela história. Eu comecei a valorizar muito, né, e procurar estudar... Foram criados pela UNEB um cursinho de guia e aprimoramento em história de Canudos, e eu participei, sem pensar duas vezes, eu adquiri mais um pouquinho de conhecimento e ainda tá acontecendo, né...

Dila: Que fantástico...Então você participou desse?

“K”: Tô participando. Tem uns encontros por mês e a gente tá indo e tá sendo muito incrível, né. A gente foi, eu, canudense, nunca tinha ido no Parque Estadual...

Dila: É mesmo? Eu não posso nem dizer nada, porque lá em Salvador tem tanto canto que eu não fui ainda...

“K”: Sim... E aí a gente foi lá a cada... sabe? É incrível você chegar lá e sentir tudo o que aconteceu, você sentir aquela coisa pesada...

Dila: É, eu me arrepio. Eu fui duas vezes lá e as duas vezes... Uma vez com João e a outra com Paulo Régis, me arrepiei todinha.

“K”: Então. É, a energia de lá...

Dila: É, é muito forte.

“K”: E falando mais de Canudos, eu acho que as coisas que me... é... que eu mais gosto daqui eu fiz questão de coloca-las na música. Uma das coisas que mais eu acho incrível é o pôr do sol. O céu de Canudos. Mas pra mim é uma das coisas mais importantes porque, tipo... Outra coisa que eu também coloquei na música foi a frase do Euclides que o sertanejo é antes de tudo um forte. Eu acho que essa frase vai além de dizer que só por ser sertanejo você é forte. Mas tá relacionada também à capacidade de o sertanejo adquirir força dentro das coisas mais improváveis... Como o pôr do sol. Né, às vezes eu me sinto revigorada, se eu tenho um dia muito ruim eu olho praquilo e falo “nossa...”. E eu acho que os laços afetivos, cada pedacinho da cidade tem uma história, ainda mais sendo uma cidade pequena, ah o IPMC, alguma apresentação, ou algum, sei lá, passeio, ou amigos... Então eu acho que cada pedacinho da cidade é um pedacinho de mim, assim.

Dila: Que lindo, isso...

“K”: Eu tô no terceiro ano, já tô trabalhando o psicológico desde o início, porque eu sei que eu vou ter que sair daqui, né, pra poder estudar mais, que aqui ainda não tem muitas oportunidades...

Dila: Qual é a sua ideia, assim, qual é o seu sonho?

“K”: Eu tenho muitos planos, assim. Porque eu vejo que os jovens de Canudos ainda não têm muita noção do tamanho disso, né, e do que a arte pode trazer pra eles, trazer pra Canudos. Então, assim... Eu planejo entrar em alguma faculdade, né... Eu não... Eu gosto muito de música, mas eu ainda não vou entrar de cabeça nisso. Quero entrar em alguma faculdade que eu goste, mas que me dê estabilidade financeira pra poder existir na arte. E de lá eu quero, tenho um sonho, assim como eu combinei com minhas amigas, de trazer isso pra Canudos, como, sei lá, ela quer montar um edital e eu quero montar alguma coisa relacionada à música que incentive os jovens daqui a desenvolverem o senso artístico deles através da história, também...

Dila: Fantástico.

“K”: Fazer com que eles tenham noção do tamanho disso. Porque quando você tem uma noção... Eu não tinha noção no ensino fundamental, quando eu cheguei no ensino médio e teve uns projetos que você faz um projeto artístico, vai lá pra Juazeiro, né, vai lá pra Salvador... Foi lá que eu tive, Lequinho chegou lá e começou a falar da importância daquilo, acho que se todos os alunos, eles têm muito potencial, se eles dedicassem, aprimorassem isso, Canudos ia...

Dila: Pro mundo, né...

“K”: Sim! Por isso eu tenho tanta vontade de voltar e fazer florescer isso.

Dila: Que bom, que lindo, isso, realmente. Fico até, não é impressionada, é feliz de saber que... Eu acho que a arte salva muito, também... E, eu mesmo, e aí falando um bocadinho de mim, que nem tem a ver também com a minha pesquisa... Eu nasci em Salvador e tudo mais, e eu me lembro que eu acho que só fui me apaixonar por Salvador já perto dos 30 anos... E eu sempre gostei, mas assim...

João Batista: Você já tem 30 anos?

Dila: Tenho! [risos] Acho que foi com uns 27, 28 que eu...

“K”: Foi se dar conta...

Dila: Fui me dar conta... E aí museus que eu nunca tinha ido, às vezes, até hoje eu ainda faço turismo na minha cidade... E aí vou visitar uma igreja que eu nunca fui, um museu que eu nunca fui... E bom que chegou isso pra você mais cedo ainda, porque a gente quer sempre devolver, né... E acabei vindo parar aqui em Canudos, e vim a primeira vez aí me apaixonei, né? Não tem como não ficar voltando! E ainda foi com João, me passaram o contato dele e ele foi meu guia, e aí pronto...

“K”: Não tem como não gostar...

Dila: Aí ele foi contando com tanta paixão tudo que eu falei “meu deus, essa terra aqui é muito incrível!” E é um pedaço de mim, muito embora eu não tenha nascido aqui em Canudos, mas eu sou baiana né, então essa... enfim, a importância... Enfim, tô aqui viajando... Xô lhe perguntar assim outra coisa: o Conselheiro, o que é que você sente em relação a ele, o que é que lhe diz a imagem, a figura de Conselheiro, o que é que representa... Lhe vem alguma coisa assim na cabeça?

“K”: A figura de Conselheiro me dá uma imagem de resistência, de luta... Sem revolta não há comunistas, né? Você precisa batalhar pelo que você quer, se jogar de alma, se submeter à resultados bons ou ruins. Mas... E não permanecer naquela mesmice doentia a que tavam sendo submetidos. E muita gente, às vezes a gente se vê em situações da vida que a gente sabe que é errado, mas não tem força, tem medo. E ele é a prova viva que ele não tem o medo, ele se joga de cabeça, e mesmo chegando na 4ª expedição eles derrotados, nas 3 ele teve resistência e tudo isso não foi em vão. A história hoje valoriza. Então acho que é um exemplo pra todos nós, aí...

Dila: Eu acho. E não só aqui em Canudos, acho que na vida e no mundo...

“K”: Sim...

Dila: Eu fico muito emocionada, ontem eu fui entrevistar e achei a coisa mais linda... Uma senhora, “L”, você sabe quem é, João?

João Batista: Assim, tenho na mente....

Dila: Ela mora perto do açude... E ela disse que o avô dela lutou na guerra e ela tava contando...

João Batista: É no Trabucu?

Dila: Eu anotei... Ilha do Monte. Onde ela mora, chama Ilha do Monte. Aí foi o “C” que me levou lá, aí ela contando... eu achei tão lindo... E o avô dela dizia que, na verdade, Conselheiro foi levado por um beija-flor!

“K”: ô, gente...

Dila: Eu não tinha ouvido essa história ainda, cê já ouviu?

João Batista: Essa eu também, não...

“K”: Nem eu...

Dila: Eu vou ver se eu recorto depois um pedacinho que eu gravei e mando pra vocês.

João Batista: Tem até um texto que diz que ele não morreu, que chegou uma estrela cadente e... Eu ouvi essa.

Dila: Pois.. Foi, disse que o avô e o pai diziam que na verdade o que aconteceu com Conselheiro foi que chegou o beija-flor e ele desapareceu...

“K”: Todas essas criações você vê que são bonitas... Estrela cadente, beija-flor... Porque? Porque Conselheiro deu voz àquelas pessoas, então foi uma imagem de representatividade...

Dila: E deu uma voz poética, né?

“K”: Sim.

Dila: E uma das frentes assim, do meu trabalho, da minha pesquisa tem a ver com a cidade que reaparece. E eu me vejo, assim, numa contradição muito forte que é: a cidade ela foi inundada pela barragem, ou seja, é um processo de silenciamento muito grande, mas o governo decidiu, né, o humano decidiu “vou inundar”. E a cidade ela reaparece... Ninguém decide, ninguém fala “agora a cidade vai reaparecer”. E de repente vem uma grande seca e a cidade se mostra, né, aquelas ruínas, eu acho isso

muito forte, mas por outro lado, eu acho tão contraditório, porque assim, quando ela tá coberta ou escondida ou apagada, é porque tem água e chuva e isso é bom. Por outro lado, ela reaparece ali, aquilo também traz coisas positivas porque provoca as memórias...

“K”: No entanto, a seca...

Dila: No entanto a seca. Aí eu fico... Ainda não tenho uma resposta pra isso... Acho que essa é a grande... agonia, assim, talvez que eu sinta... Mas nisso eu queria lhe perguntar se você já foi ver as ruínas, você já visitou no momento em que elas estavam aparentes, e o que você sente, se você sentiu alguma coisa, se emocionou, ou se foi especial pra você de alguma forma...

“K”: Bom, quando eu fui lá eu era bem menor... Mas lá eu achei uma coisa comum. Mas hoje, agora, eu acho que as ruínas, como quase tudo aqui em Canudos, as memórias representam uma resistência, elas tão ali, e a água cobre, mas elas tão ali, e elas aparecem pra mostrar que elas ainda não caíram, que aquele povo que tava ali, toda a história que tava ali, sei lá... Representa, aqueles tijolos... É tanto que eu fico muito triste quando eu vejo aquilo sendo degradado pelas pessoas, alguém pichando, destruindo... E teve até um trabalho no colégio, numa feira de ciências, abordaram essa temática. Inclusive vai ser apresentado lá com os stands da FLICAN, falando sobre isso.

Dila: Ah, vou procurar, então...

João Batista: Sobre a preservação das ruínas...

Dila: Ah, depois me mostre... Então você vai participar, também.

“K”: Não, disso aí não porque eu já tô participando de muita coisa...

Dila: Não, mas da feira...

“K”: Da feira eu vou!

Dila: Ah, então a gente vai se ver ainda... Mas então acho que era, assim... Basicamente essas perguntas, não tinha assim grandes perguntas pra fazer, mas ouvir mesmo qual é a sua perspectiva em relação à Canudos, à história, o que é que você sente, as ruínas ou, enfim...

João Batista: Não sei se eu mandei pra você o vídeo lá de “K” cantando lá na apresentação no IPMC...

“K”: Um que eu tava com uma roupa com umas folhinhas, assim...?

João Batista: É, um no IPMC... Aí gravei você cantando e tal, aí mandei pra ela o vídeo, pra ela ouvir um pouco a sua música assim, né, pra entender

Dila: Me arrepiei todinha, achei muito lindo! Ah, então você tava cantando também! Você compõe e canta também. Que lindo, não perca não isso, leve isso pra longe...

“K”: É uma coisa que eu quero desenvolver...

João Batista: Ela canta muito bem...

Dila: Ela canta muitíssimo bem!

“K”: Você ouviu a composição?

Dila: Ouvi.

João Batista: Assim, ela ouviu o vídeo, né, toda ela não ouviu, não...

“K”: Ah! Da Romaria, então, agora eu lembrei...

João Batista: É, a sua música, aquela que você fez...

Dila: Muito linda...

“K”: Eu vou apresentar ela, também.

Dila: Você vai apresentar na Flican? Então estarei lá de frente assistindo.

“K”: Vai ser no sábado, na abertura das apresentações artísticas.

Dila: Você sabe a hora mais ou menos?

“K”: Acho que sete da noite.

Dila: Vou anotar aqui. Pronto, então é isso, não era nada muito elaborado, lhe agradeço muito, a sua disponibilidade, disposição pra falar, e tô aqui à disposição também pra o que precisar! Tô lá na universidade em Salvador, se você precisar de qualquer coisa, qualquer dica, contato, ou quiser ir pra Salvador, tem minha casa lá, pode ficar lá! E o que precisar, viu, conte comigo.

“K”: Pode deixar. Fico feliz com essa disponibilidade sua também, e de você ter me escolhido pra participar!

Dila: Pra mim é isso, é o que eu tava falando com João outro dia... Não sei se você já assistiu Narradores de Javé, um filme muito bom... Acho que eu tenho ele no pen drive.

“K”: Não conheço... Se eu assisti acho que não lembro...

João Batista: Aquela história da cidade inundada, que as pessoas começam a contar... A Idalina... Um bocado de gente começa a contar a história pra cidade não ser inundada... Foi interessante. No youtube tem, Narradores de Javé. É meio engraçado, é uma comédia, e assim, e tem uma temática bem bacana. Parece um pouco com Canudos, com as outras cidades que foram inundadas por uma represa.

“K”: Eu acho que o que você tinha perguntado antes das belezas de Canudos e tal... Quando você for na apresentação de sábado, né, quero que você ouça com atenção a música porque nela eu quis retratar uma pessoa, um canudense que teve que sair daqui porque... pelo baixo desenvolvimento daqui, ou por baixas condições, acho que fica da interpretação de quem ouvir... porque teve que estudar, trabalhar, enfim... E essa pessoa conta... olhe, de onde eu vim... começa dizendo sobre... Eu começo a música dizendo que é de uma terra não tão distante. Esse não tão distante eu não me refiro à distância material, de quilometragem... Eu quis colocar como não tão distante da realidade de lá da guerra, o motivo da guerra, né, não ser uma realidade distante do que se vive no Brasil, que já se viveu. Então não é uma realidade distante, não é uma coisa isolada. É uma coisa que está aí latente.

Dila: Fantástico

“K”: Eh... E o sol, a cada pedaço da música, quem é canudense vai ver isso na mente, vai ter nostalgia. E eu fiz essa música com muita emoção, tipo... Foi muito inesperado porque, era assim, desde o início do ano eles falaram ““K”, tem uma competição, faça uma música, seu pai canta, seu irmão também, e a ajuda deles, só que são pessoas assim, um pouco... “se for pra fazer eu faço”. E aí eu deixava, deixava... fui procrastinando, e passou o primeiro e segundo ano, e chegou no terceiro eu falei, não, no terceiro eu vou dedicar o meu ano pra participar de tudo, porque é o meu último ano do ensino médio né, aí no dia que era pra apresentar a música, eu falei [ininteligível] Aí no dia que era pra você chegar no colégio com o que você fez, né, 1 hora antes de ir pro colégio, minha mãe falou ““K”, me ajuda aqui a lavar o banheiro...” Nisso, acho que 11:30, onze e meia eu tava lá começou a vir a música...

João Batista: As melhores músicas nascem no banheiro! [risos]

“K”: E aí fui jogando a água lá e pensando, e falando “meu deus eu tenho que...” e eu nem tava tendo noção que daqui a poucos minutos eu teria que apresentar ela! Então eu fiz metade dela, né, que foi a primeira parte, lá no banheiro! E cheguei lá e apresentei como se tivesse passado 1 mês fazendo música... [risos]

Dila: Adorei!

“K”: E aí a segunda parte eu já quis enriquecer, e eu falei “não, preciso de mais conhecimento”, aí eu fui procurar ele [João Batista], fazer uma entrevistinha [risos], procurar quem eu pude achar assim, que sabia da história de Canudos, algum detalhezinho que eu podia colocar e que podia dar uma diferença né... E aí, tanto que no banheiro enquanto eu tava fazendo eu chorei muito! Eu tava cantando aquilo que vinha e tentando associar, aquilo me trouxe uma emoção muito grande. E essa emoção que trouxe eu acho que já supriu porque às vezes a gente necessita de alguém falar “ah, ficou bonita”, pra você achar bonita... Então aquilo já me fez achar a minha obra especial, muito bonita, por causa do que ela representa pra mim. Porque me tocou. Então, eu já vou pra essa competição que vai ter, de mente preparada. Primeiro porque eu sei que lá tem muita corrupção de professores que priorizam alunos e de alunos que nem fazem, né, que outra pessoa faz... Enfim, independente do ganho ou perda, eu queria ganhar muito pra chegar lá, pra poder expor, pra poder as pessoas sentirem o que eu senti quando eu tava fazendo. Então independente de ganhar ou perder, eu acho que eu já ganhei de eu ter conseguido produzir isso, de ter conseguido sentir. E meu objetivo com a música é fazer com que as pessoas sintam.

Dila: Mas eu acho que, assim, se você já sentiu essa emoção toda, as chances de isso ser transmitido, e o outro sentir o que você sentiu, são muito grandes, porque vem da alma mesmo, né, às vezes a gente faz aquela coisa no automático, por exemplo, faz um trabalho de escola ou coisa assim, e sai ali no automático... Mas quando a coisa sai assim de dentro, cara.. é... E continue, continue com esse motor, com essa vontade, porque acho que isso leva a gente muito longe.

João Batista: A alma fala. E quando fala, não tem como não ser tocada.

Dila: E com emoção, né, você foi fazendo chorando e se emocionando, porque é muito forte. Eu me emociono muito com a história daqui, com as coisas daqui, com as produções daqui, não só com o passado, mas com o presente também, e é isso também que eu quero tentar trazer na minha pesquisa, e ouvir tanto os idosos quando os jovens, eu acho que isso traz muita riqueza. Muita gente tem uma ideia, que não é a minha, que é assim: como se os mais idosos fossem os guardiões da memória. Então eu acho que eles são extremamente importantes, porque eles transmitem.

“K”: Sim, são importantes.

Dila: Sim, importantíssimos, por muitas coisas!

“K”: Mas não só eles...

Dila: Mas não só eles! Eu acho que uma pessoa de 16 anos tem muito a me dizer, uma pessoa de 30 tem muito a me dizer... Não importa a idade, eu acho que é o interesse.

“K”: Eu acho que são pontos de vista diferentes e que isso enriquece...

Dila: Exatamente. Esse é o caminho que eu venho tentando traçar aí nessa pesquisa...

“K”: Pois é, eu acho que tanto quem vem em Canudos e quem mora aqui principalmente, vai lembrar de tudo quando vê lá. Lá tem comida, lá tem dança, lá tem fogueira e tem alvorada! Lá na música! Então quero que você ouça de peito aberto.

Dila: Não tenha dúvidas, vou ouvir de peito muito aberto! E depois quero acompanhar, você tem facebook...

“K”: Tenho instagram também.

Dila: Ah, ótimo, xô pausar aqui...

[fim da gravação]